JULIE MURPHY

1º LUGAR NA LISTA DE BEST-SELLERS DO NEW YORK TIMES



DUMPLIN'

CRESÇA E APAREÇA. FAÇA E ACONTEÇA!

valentina

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DUMPLIN'

“Estou obcecada com este humor ferino, este realismo comovente. Personagens por quem nos apaixonamos e torcemos. *Dumplin’* é uma verdadeira estrela.
”Katie Cotugno, autora de *Duas vezes amor e 99 Days*



“*Dumplin’* deveria ser leitura obrigatória para qualquer pessoa, mulher ou homem, que já tenha se sentido desconfortável – mesmo que só uma pontinha – com o próprio corpo. A estrela de Julie Murphy continua a brilhar com esta história revolucionária e comovente que mudará muitas vidas.”
John Corey Whaley, premiado autor de *Quando tudo volta* e *Noggin*



“O livro retrata e desafia os esteeótipos dos concursos de beleza, dos problemas com a obesidade e da aceitação feminina. De maneira delicada e maravilhosa, *Dumplin’* expõe questões de gênero e mostra que mesmo pessoas aparentemente autoconfiantes sofem com o bullying e vivem momentos de dúvida.”
VOYA



“Julie Murphy conectou todas as peças da história, de forma que, quando unidas, criaram um livro afetuoso, engraçado e que nos faz refleti.”
Publishers Weekly, resenha estrelada



“A voz autêntica da protagonista leva o leitor a pensar sobre tudo que constrói – e destrói – a autoestima.”
Booklist, resenha estrelada



“Uma leitura gostosa e agradável para todos os adolescentes que, em algum momento, não se sentiram bem na própria pele.”
School Library Journal

JULIE MURPHY

DUMPLIN'

CRESÇA E APAREÇA. FAÇA E ACONTEÇA!

Tradução
Pedro Maia Soares

valentina

Copyright © 2015 *by* Julie Murphy
Publicado mediante contrato com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
Dumplin'

CAPA
Raul Fernandes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Daniel Stolle

DIAGRAMAÇÃO
Fatima Agra | FA studio

ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M96d

Murphy, Julie
Dumplin' [recurso eletrônico] / Julie Murphy; tradução Heloísa Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2017.
recurso digital

Tradução de: Dumplin'
Formato: ePub
Vl Vivi star
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 9788558890328 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Leal, Heloísa. II. Título.

17-41325

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Dedicado a todas as gordelícias.



Descubra quem você é e faça isso de propósito.
Dolly Parton

UM



As melhores coisas que aconteceram na minha vida começaram com uma música da Dolly Parton. Até mesmo a minha amizade com Ellen Dryver.

A canção que nos uniu foi “Dumb Blonde”, do álbum de estreia, *Hello, I’m Dolly*, de 1967. Foi no verão anterior ao primeiro ano do ensino fundamental, quando a minha tia Lucy e a Sra. Dryver resolveram trocar figurinhas, já que ambas eram fãs da Dolly. Enquanto bebericavam chá gelado na sala, Ellen e eu assistíamos a desenhos na tevê sentadas no sofá, sem saber o que pensar uma da outra. Até que numa tarde ouvimos aquela música tocando no som da Sra. Dryver. Ellen começou a marcar o ritmo com o pé enquanto eu cantava, e, antes mesmo do refrão, já estávamos girando pela sala e soltando a voz. Felizmente, tanto essa amizade quanto a admiração por Dolly duraram mais que uma música.



Estou esperando por Ellen na frente do Jeep do namorado dela, e o sol no meu rosto me obriga a recuar o tronco cada vez mais ali no asfalto do estacionamento da escola. Tento não ficar me contorcendo enquanto a vejo passar pela saída e abrir caminho pela multidão de alunos que deixam o prédio.

El, o apelido que lhe dei, é tudo que eu não sou: alta, loura e com o dom de ser desajeitada e sexy ao mesmo tempo, paradoxo que só parece existir nas comédias românticas. Ela sempre se sentiu confortável no próprio corpo.

Não estou vendo Tim, o namorado dela, mas não tenho a menor dúvida de que deve estar alguns passos atrás com o nariz enfiado no celular, conferindo os resultados dos jogos que perdeu durante a aula.

A primeira coisa que eu notei ao conhecer Tim foi o fato de ele ser, no mínimo, uns dez centímetros mais baixo do que El, mas ela nunca deu a mínima. Quando mencionei a diferença de estatura, ela sorriu, o rubor no rosto se espalhando pelo pescoço, e disse: “Fofo, né?”

El freia os passos ao chegar diante de mim, ofegante.

— Você vai trabalhar hoje à noite, não vai?

Pigarreio.

— Vou.

— Nunca é tarde pra descolar um emprego de verão no shopping, Will. — Ela se recosta no Jeep, seu ombro cutucando o meu. — Comigo.

Faço que não com a cabeça.

— Eu gosto do Harpy’s.

Um caminhão passa voando à nossa frente, em direção à saída.

— Tim! — grita Ellen.

O distraído para bruscamente e acena para nós no instante em que o caminhão tira um fino dele, a um triz de achatá-lo feito panqueca.

— Pelo amor de Deus! — murmura El, num tom de voz que só eu posso

ouvir.

Acho que eles foram feitos um para o outro.

— Obrigado pelo aviso — agradece ele ao longe.

Mesmo que estivéssemos no meio de uma invasão alienígena, Tim diria: “Tranquilo.”

Depois de atravessar o estacionamento, ele guarda o celular no bolso traseiro e dá um beijo em El. Não daqueles nojentos, de boca aberta, mas um selinho que mostra que sentiu saudades e que ainda a acha tão bonita como no primeiro encontro.

Deixo escapar um longo suspiro. Se pudesse olhar para o lado todas as vezes que vejo um casal se beijando, tenho certeza de que minha vida seria, pelo menos, dois por cento mais feliz.

Não que eu sinta inveja de Ellen e Tim, ou que ache que ele está roubando minha amiga de mim, ou mesmo que o queira para mim. Mas quero o que eles têm. Quero alguém que me beije sempre que me encontrar.

Dou um jeito de passar espremida entre os dois, indo até a trilha que cerca o campo de futebol americano.

— O que aquelas garotas estão fazendo ali? — Várias meninas de shortinho e regata rosa-choque se movimentam pelo local.

— Elas organizaram um *boot camp*, um campo de treinamento para o concurso — responde Ellen. — Vai durar o verão inteiro. Uma das minhas colegas de trabalho na Sweet 16 vai participar.

Não faço o menor esforço para não revirar os olhos. Clover City não é famosa por grandes feitos. De tantos em tantos anos, nosso time de futebol americano consegue chegar às finais, e de vez em quando alguém dá um jeito de sair da cidade e realizar algo digno de reconhecimento. Mas a única coisa que põe a nossa cidadezinha no mapa é o fato de sediar o concurso de beleza mais antigo do estado, o Miss Jovem Flor do Texas, que começou na década de 1930 e vem se tornando mais popular e mais ridículo a cada ano. Estou por dentro porque a minha mãe dirige o comitê organizador há quinze anos.

Ellen tira as chaves do bolso traseiro da bermuda de Tim antes de me dar um abraço.

— Tenha um bom-dia. Se liga, vê se não deixa respingar gordura em você na lanchonete. — Em seguida, ela destranca a porta do motorista e diz para Tim, que está do outro lado: — Deseje um bom-dia para a Will.

Ele levanta a cabeça por um momento e abre o tal sorriso que Ellen tanto ama.

— Will. — Tim pode passar a maior parte do tempo com a cara no celular, mas quando abre a boca... aí é que a gente entende por que uma garota como a El não quer saber de outro cara. — Espero que tenha um bom-dia. — E faz uma reverência até a cintura.

El revira os olhos, senta-se ao volante e enfia um pedaço de chiclete na boca.

Aceno para os dois, e já estou quase chegando no meu carro quando eles passam por mim e Ellen grita *tchaaau*, com o megassucesso da Dolly “Why’d You Come in Here Lookin’ Like That” jorrando dos alto-falantes.

Estou procurando as chaves na bolsa, quando vejo Millie Michalchuk vindo pela calçada em passos pesados, atravessando o estacionamento.

E imagino a cena antes de acontecer. Recostado à minivan dos pais está Patrick Thomas, um garoto que deve ser o maior babaca de todos os tempos. Seu maior talento é pôr apelidos nas pessoas e fazer com que peguem. Um ou outro até se salva, mas em geral são coisas do tipo *Haaaaaaaannah* pronunciado com um relincho de cavalo, porque a garota é... dentuça. Pois é, o cara é esperto.

Tenho vergonha de admitir que Millie é o tipo de pessoa que a vida inteira me fez pensar: *As coisas poderiam ser piores.* Sei que sou gorda, mas a gordura de Millie é do tipo que exige elástico na cintura, porque não fazem calças com botões e zíperes no seu tamanho. Ela tem olhos muito próximos e narinas largas. Ainda por cima usa camisetas estampadas com cachorrinhos e gatinhos, e não é por ironia.

Patrick fica na frente da porta do motorista, ele e o barulhento grupo de amigos que já estão grunhindo como porcos. Millie começou a dirigir há algumas semanas, e quem a vê se exibindo naquela minivan pensa até que é um Camaro.

Ela está prestes a dobrar a esquina e deparar com os palhaços reunidos em volta da van, quando grito:

— Millie! Chega aqui!

Abaixando as alças da mochila presa às costas, ela muda de direção e se aproxima, o sorriso fazendo as bochechas rosadas chegarem quase às pálpebras.

— Oiê, Will!

Sorrio para ela.

— Oi. — Nem pensei direito no que lhe diria quando estivesse na minha frente. — Parabéns por ter tirado carteira de motorista — improviso.

— Ah, obrigada. — Ela torna a sorrir. — É muito gentil da sua parte.

Atrás dela, vejo Patrick Thomas achatar o nariz com o dedo, para ficar igual a um focinho de porco.

Fico ouvindo Millie me contar como teve que reprogramar toda a memória das estações no rádio da mãe e como foi sua primeira vez num posto de gasolina. Patrick me dá uma geral. Ele é o tipo de cara que você torce para nunca te notar, mas não adianta eu tentar ficar invisível. Um elefante não tem como se esconder.

Millie conversa comigo por alguns minutos, e então Patrick e os amigos desistem e vão embora. Ela faz um gesto, indicando a van às suas costas.

— Porque, afinal de contas, eles não ensinam a gente a abastecer nas aulas de direção, e aquele negócio...

— Olha... — interrompo. — Desculpe, mas já estou atrasada para o trabalho.

Ela faz que sim.

— Mais uma vez, parabéns.

Fico vendo Millie caminhar até o carro. Ela ajusta todos os espelhos antes de dar marcha à ré e sair da vaga no meio do estacionamento quase deserto.

Estaciono nos fundos da lanchonete Harpy’s Burgers & Dogs, corto caminho pelo drive-thru e toco a campainha. Como ninguém atende, toco de novo. O sol a pino do Texas castiga minha cabeça.

E eu lá parada, esperando, quando um sujeito com uma pinta esquisita, usando um chapéu de pescador e uma camiseta suja, passa pelo drive-thru e solta

um pedido quilométrico e cheio de detalhes, chegando a mencionar o número exato de picles que quer no hambúrguer. A voz no alto-falante anuncia o total. Ele olha para mim, abaixando os óculos de lentes alaranjadas, e solta na lata:

— E aí, delícia.

Dou meia-volta, segurando o uniforme com força ao redor das coxas, e toco a campainha quatro vezes. Meu estômago dá voltas e mais voltas de vergonha.

Eu não *tenho que* vir trabalhar de sainha. Também posso usar calça comprida. Mas o cós da calça de poliéster não era elástico o bastante para passar pela minha cintura. Ponho a culpa na calça. Não gosto de pensar nos meus quadris como um estorvo e sim como um atrativo. Afinal, se estivéssemos, digamos, em 1642, esse popozão de parideira valeria muitas vacas.

A porta se entreabre e escuto a voz de Bo do outro lado:

— Eu já tinha ouvido nas outras três vezes.

Sinto um arrepio. Não vejo Bo até ele abrir um pouco mais a porta para eu entrar. A luz do dia ilumina seu rosto. A barba está por fazer. Um sinal de liberdade. As aulas na escola em que ele estuda — um colégio católico grã-fino, onde os alunos são obrigados a usar um uniforme todo elegante — acabaram no começo da semana.

O cano de descarga do carro solta um estouro no drive-thru às minhas costas, e eu entro correndo. Meus olhos demoram um segundo para se acostumarem com a penumbra.

— Desculpe o atraso, Bo — digo a ele. Bo. A sílaba pula no meu peito, e eu adoro. Adoro o tom categórico desse nome tão curto. É o tipo de nome que diz: *Sim, tenho certeza absoluta.*

Sinto um incêndio nas entranhas que me sobe até o rosto. Passo os dedos pelo queixo, os pés afundando no concreto como se fosse areia movediça.

A Verdade: sou totalmente apaixonada pelo Bo desde que o conheci. Ele tem um cabelo castanho despenteado que se enrola no maior ninho de rato no alto da cabeça. E fica ridículo naquele uniforme vermelho e branco. Parece um urso num tutu de bailarina. As mangas de poliéster superjustas nos braços me fazem pensar no quanto seus bíceps e meus quadris devem ter em comum. Menos a capacidade de fazer musculação, é claro. Uma correntinha de prata aparece acima da gola da camiseta, e os lábios estão melados de corante, graças ao seu estoque infindável de pirulitos vermelhos.

Ele estende o braço para mim, como se fosse me abraçar.

Respiro fundo.

E solto o ar quando ele estica o corpo à minha frente para passar o trinco na porta de entregas.

— Ron está doente e não veio trabalhar, por isso hoje vamos ser só eu, você, Marcus e Lydia. Acho que ela foi obrigada a emendar dois turnos, portanto, já estou avisando.

— Obrigada. Você não vai mais à escola, não é?

— Não, as matérias já acabaram.

— Acho legal você dizer “matérias” em vez de “aulas”. É como se já estivesse na faculdade e só tivesse duas matérias por dia, e o resto do tempo pudesse dormir à vontade num sofá e... — Caio em mim. — Vou guardar minhas coisas.

Ele aperta os lábios num meio sorriso.

— Vai lá.

Entro correndo na sala dos funcionários e guardo a bolsa no armário.

Nunca fui do tipo que fala muito, mas o que sai da minha boca na frente de Bo Larson põe uma diarreia verbal no chinelo. É mais como uma erupção vulcânica verbal, uma coisa grotesca.

No dia em que nós nos conhecemos, quando eu tinha acabado de ser contratada, estendi a mão e me apresentei: "Willowdean. Caixa, fã da Dolly Parton e gorda de plantão." E esperei pela resposta... que não veio. "Bem, também sou outras coisas. Mas..."

"Bo", a voz foi seca, mas os lábios se curvaram num sorriso. "Meu nome é Bo." Quando ele apertou minha mão, mil lembranças que nunca tive se acenderam num flash. Nós dois de mãos dadas no cinema. Andando pela rua. Juntinhos num carro.

Ele soltou minha mão.

Naquela noite, enquanto relembrava nosso primeiro contato, percebi que ele não tinha ficado constrangido ao me ouvir dizer que era gorda.

E gostei disso.

Porque a palavra *gorda* deixa as pessoas constrangidas. Mas, quando alguém me vê, a primeira coisa que nota é o meu corpo. E o meu corpo é de uma gorda. Por exemplo, eu posso notar que algumas garotas têm peitos grandes, cabelos oleosos ou joelhos ossudos. São coisas que é permitido dizer sem rodeios. Mas a palavra *gorda*, que é a que melhor me descreve, deixa as pessoas desconfortáveis.

Mas essa sou eu. Gorda. Não é nenhum palavrão. Não é nenhum insulto. Pelo menos, não quando eu digo. Por isso, sempre me pergunto: por que não chutar logo de uma vez para longe essa pedra do caminho?

DOIS



Estou passando um pano no balcão, quando entram dois caras e uma garota. A loja está tão sem movimento que já quase removi o verniz da madeira, de tanto esfregar..

— Em que posso servi-los? — pergunto, sem levantar os olhos.

— Bo! Armador dos Buldogues, o time de basquete da Holy Cross! — grita o cara à direita, fazendo uma voz de locutor, mãos em volta da boca.

Como Bo não aparece imediatamente, os dois ficam repetindo seu nome sem parar:

— Bo! Bo! Bo!

A garota entre os dois revira os olhos.

— Bo! — grita Marcus. — Vem logo, pros seus amigos calarem a boca.

Bo contorna o balcão, enfiando a viseira no bolso traseiro da calça. Cruza os braços sobre o peito estufado.

— Fala, Collin. — A garota ele cumprimenta com um aceno de cabeça. — Amber. Rory. — Recosta-se no balcão atrás de nós, aumentando o espaço que o separa dos amigos. — O que estão fazendo por essas bandas?

— Dando um rolé — responde Collin.

Bo pigarreia, mas não faz comentários. A tensão vibra entre os dois.

O outro cara, acho que Rory, fica estudando o menu no balcão.

— Oi — diz ele para mim. — Será que pode me trazer dois cachorros--quentes? Só com molho e mostarda.

— Hum, claro. — Digito o pedido no computador, tentando não deixar que meus olhos se desviem.

— Faz muito tempo — comenta Amber.

Como isso é possível? Todos os anos umas trinta pessoas por turma se formam na Holy Cross.

Collin passa o braço pelos ombros de Amber.

— Temos sentido a sua falta lá na quadra. Por onde tem andado?

— Por aí — responde Bo.

— Quer beber alguma coisa? — pergunto.

— Quero — responde Rory, e estende uma nota de cinquenta diante do meu rosto.

— Só tenho troco pra vinte, no máximo. — Aponto para um pequeno cartaz escrito à mão na frente da caixa registradora.

— E eu só trouxe o cartão de crédito, Bo — avisa Collin. — Quebra essa aí pra gente, na moral.

Por um momento, faz-se um silêncio mortal, que parece não acabar nunca.

— Não trouxe a minha carteira.

Collin sorri.

Amber, a Incrível Reviradora de Olhos, enfia a mão no bolso e põe uma nota de dez no balcão.

Dou o troco a ela e digo a Rory:

— Seu pedido já vai sair.

Collin inclina a cabeça, me observando.

— Como é seu nome?

Abro a boca para responder, mas...

— Willowdean. O nome dela é Willowdean — responde Bo. — Tenho que voltar ao trabalho. — Bo se dirige à cozinha e nem se digna a virar-se quando os amigos pedem que volte.

— Gostei da barba — elogia Amber. — Ficou bem em você. — Mas ele já se foi.

Ela olha para mim com ar irritado, mas tudo que posso fazer é dar de ombros.

Já em casa, vou até os fundos e entro pela porta de vidro. A da frente está emperrada há anos. Mamãe sempre diz que precisamos chamar um marceneiro para consertá-la, mas Lucy achava que era a desculpa perfeita para não termos que atender a campainha. E não deixava de ter razão.

Mamãe está sentada à mesa da cozinha, ainda de uniforme, com os cabelos louros presos no alto da cabeça, assistindo ao noticiário na tevê portátil. Até onde me lembro, ela sempre viu tevê ali, porque Lucy costumava ocupar o sofá da sala. Mas já faz seis meses que minha tia morreu, e mamãe ainda está acompanhando a programação pela tevê menor na cozinha.

Ela balança a cabeça para o apresentador, e então diz:

— Oi, Dumplin'. O jantar está na geladeira.

Largo a bolsa na mesa e pego o prato embrulhado em plástico filme. O fim das aulas assinala o início da temporada de preparativos para o concurso de beleza, o que significa que ela está de dieta. E, quando minha mãe está de dieta, o mundo inteiro também está. Conclusão: o jantar é salada com frango grelhado.

Poderia ser pior. E já foi.

Ela solta um muxoxo.

— Você está com uma espinha na testa. Não tem comido aquelas coisas gordurosas que servem na lanchonete, tem?

— Você sabe que eu não morro de amores por hambúrguer e cachorro--quente — respondo. Sinto vontade de soltar um suspiro, mas me contenho porque ela vai ouvir. Por mais alto que esteja o volume da tevê. Mesmo que já se houvesse passado dois anos e eu já estivesse na faculdade ou morando em outra cidade, a centenas de quilômetros de distância, minha mãe me ouviria suspirar e me telefonaria para dizer: "Dumplin', você sabe que eu detesto esses suspiros. Não há nada mais desinteressante do que uma jovem reclamona."

Na minha opinião, essa tese está furada sob vários aspectos.

Sento-me para jantar e despejo uma generosa porção de molho ranch no prato, porque no oitavo dia Deus criou essa delícia.

Mamãe cruza as pernas e estende um dos pés, examinando o esmalte descascado nas unhas.

— Como foi o trabalho?

— Tudo tranquilo. Um cara no drive-thru me paquerou. Fui chamada de

delícia.

— Ah, que fofo! Até que é lisonjeiro, se você pensar bem.

— Ah, mãe, por favor. É grotesco, isso sim.

Ela gira o botão da tevê, desligando-a.

— Filha, acredite em mim quando eu te digo que o mercado masculino vai diminuindo à medida que a gente envelhece, por mais bem-conservada que a gente se mantenha.

Essa não é uma conversa que eu esteja a fim de ter.

— Ron ficou doente e não foi trabalhar.

— Tadinho. — Ela ri. — Já te contei que ele foi loucamente apaixonado por mim no segundo grau, não contei?

Pelo menos uma vez por semana, desde que comecei a trabalhar, ela refresca a minha memória. Quando me candidatei ao emprego no feriadão do Dia de Ação de Graças, Lucy me contou que sempre suspeitara ter sido o contrário. Mas, do jeito como minha mãe fala, é como se todos os caras da cidade tivessem sido vidrados nela.

"Todo mundo queria tirar uma casquinha da vencedora do concurso Miss Jovem Flor do Texas de Clover City", declarou certa vez, a voz arrastada depois de várias taças de vinho.

Esse concurso foi a única realização importante na vida da minha mãe. Ela ainda cabe no vestido — fato que não deixa ninguém esquecer, razão por que, na qualidade de chefe do comitê e apresentadora oficial, faz questão de se espremer no dito-cujo, numa espécie de bis anual para os fãs de carteirinha.

Sinto nos pés o peso de Riot, o gato da minha tia. Começo a balançá-los, e ele ronrona.

— Vi um monte de garotas organizando uma espécie de *boot camp*.

Ela sorri.

— Vou te contar... A competição fica mais acirrada a cada ano.

— E você? Como foi o seu dia na casa de repouso?

— Ah, não foi dos melhores, não. — Ela folheia o talão de cheques, e então massageia as têmporas. — Perdemos Eunice.

— Ah, não. Sinto muito, mãe.

Uma vez por ano, como Cinderela, minha mãe leva uma vida glamorosa, a vida que sempre quis viver. Mas, durante o resto do ano, ela trabalha como supervisora no Rancho Buena Vista, um lar de idosos onde faz coisas exóticas, como distribuir os medicamentos, alimentar os velhinhos e cuidar da higiene deles. Eunice era uma das residentes favoritas de mamãe. Sempre a confundia com uma das irmãs e sussurrava segredos de infância no seu ouvido quando ela se abaixava para ajudar a idosa a se levantar.

— Ela comeu uma tigelona de ambrosia na sobremesa, como sempre, e fechou os olhos. — Balança a cabeça. — Deixei que continuasse sentada por um minuto, porque pensei que estivesse cochilando. — Levanta-se e dá um beijo na minha cabeça. — Vou dormir, Dumplin'.

— Boa noite.

Espero até ouvir o som da porta se fechando, então despejo o prato na lata de lixo e cubro tudo com um daqueles jornais gratuitos que distribuem na rua. Pego um punhado de biscoitos e um refrigerante antes de subir a escada correndo.

Paro por um momento diante da porta fechada do quarto de Lucy e deixo que os dedos rocem a maçaneta.

TRÊS

— Acho que quero transar com o Tim nesse verão — declara Ellen, e então pega um cubinho de queijo e o enfia na boca. Todas as sextas-feiras, desde o ano passado, El vem "estudando a hipótese" de transar com Tim. Falando sério, antes do começo de cada fim de semana, nós discutimos os prós e contras de a dupla finalmente chegar às vias de fato.

— Acho estranho. — Não levanto os olhos das minhas anotações. Não sou má amiga, mas é que já tivemos essa conversa mil vezes. Além do mais, é o último dia de aula, e eu ainda tenho que fazer uma prova final. Estou tentando meter a cara nos estudos, mas El não precisa porque já fez todas.

Com a boca cheia daquelas nozes carameladas, ela pergunta:

— Acha estranho o quê?

— Me faz perguntas sobre a matéria? — peço, colocando um punhado de passas na boca, e estendo para ela uma folha com tópicos sobre escalões do governo. — Que não é nenhum casamento. Não é tipo... "Ahhh, eu gosto das cores do verão. Vou perder a virgindade no verão, pra poder combinar a lingerie com a minha estação favorita." A pessoa deve fazer sexo porque está a fim.

Ela revira os olhos.

— Mas o verão é um período de transição. Eu posso voltar das férias já sendo *mulher* — diz, esbanjando dramaticidade.

Reviro os olhos para minha amiga. Detesto falar por falar. Se El estivesse mesmo pensando em levar isso adiante, eu teria subido na mesa e engatinhado até ela para a gente ter uma conversa olho no olho sobre o assunto, nos seus mínimos detalhes. Mas ela nunca vai em frente. Não entendo como pode falar tanto sobre a *possibilidade* de transar.

Quando percebe que não mordi a isca, dá uma olhada na folha.

— Os três poderes do governo.

— Executivo, legislativo e judiciário. — Decido lhe dar uma migalhinha. — De mais a mais, transar não faz de ninguém uma mulher. Isso não passa de um clichê bobo. Se quiser transar, transe, mas não transforme o sexo numa coisa descomunal, com um significado histórico. Desse jeito, você vai acabar tendo uma decepção.

Ela curva os ombros e franze as sobrancelhas.

— Quantos senadores e deputados compõem o Congresso?

— Quatrocentos e trinta e cinco senadores e cem deputados.

— Acertou os números e errou os cargos.

— Tá. — Repito os números em voz baixa. — E a estação do ano também não importa, desde que você sinta que é a hora certa, concorda? Afinal, o inverno também é legal, pois você pode dizer... "Ai, estou com tanto frio... Vem me esquentar."

Ela ri.

— É, tem razão.

Mas eu não quero ter razão. Não quero que El transe antes de mim. Talvez até seja egoísta da minha parte, mas não vou saber lidar com o fato de ela já ter feito uma coisa que eu ainda não fiz. Acho que estou com medo de não saber ser uma boa amiga. Afinal, sexo é coisa séria, e como eu posso orientá-la num terreno em que nunca pisei?

Minha vontade é pedir que espere. Mas ela e Tim já estão namorando há quase um ano e meio, e El ainda fica vermelha toda vez que fala nele. Não sei como se mede o amor de uma pessoa, mas esse parece um bom ponto para começar. Também não sei se lhe pediria para esperar por qualquer outro motivo além de mim.

Enquanto dou uma olhada no meu resumo, Millie avança pela nossa fila com uma bandeja de almoço e a melhor amiga, Amanda Lumbard, alguns passos atrás. Juntas, Millie e Amanda formam uma espécie de alvo móvel gigante que só falta gritar: ZOEM A GENTE.

Amanda tem uma perna mais curta do que a outra, por isso é obrigada a usar botas ortopédicas que a deixam parecida com Frankenstein (pelo menos, na opinião do Patrick Thomas). Quando éramos pequenas e ela ainda não usava esses saltos especiais, Amanda mancava, balançando os quadris a cada passo. Ela nunca pareceu se importar, mas isso não impedia que as pessoas ficassem reparando e comentando. O apelido é bastante idiota, se a gente pensar bem. Frankenstein era o médico, não o monstro.

Millie acena, e eu levanto a mão depressa quando ela passa por nós.

El sorri.

— Amizade nova?

Dou de ombros.

— Às vezes, sinto pena dela.

— Pra mim, ela parece feliz. — El me faz mais algumas perguntas sobre a matéria, enquanto terminamos de almoçar. — Que sistema está em vigência para que nenhum setor do governo se torne poderoso demais?

— O sistema de freios e contrapesos.

— E aí, como foi o trabalho ontem à noite? Como vai o Garoto da Escola Particular?

Começo a enrolar no dedo uma ponta solta da espiral do caderno.

— Tudo tranquilo. — Dou uma olhada no meu almoço da cantina. — Ele está bem.

Tenho vontade de contar tudo sobre os amigos grosseiros e a barba por fazer que Bo está usando, mas não sei como tocar no assunto sem dar a impressão de que sou uma louca varrida que guarda as unhas cortadas do cara num pote de vidro debaixo da cama. Na noite passada, tive que recontar três vezes o dinheiro da registradora, porque ele não parava de passar na minha frente.

— Eu gosto da Sweet 16, mas sinto uma certa inveja de você por trabalhar com garotos. — Ela guarda a cenoura mordida no saco plástico e puxa o zíper. — Ainda não consigo acreditar que não estamos trabalhando juntas.

El nunca vai me deixar esquecer que estraguei nossos planos de fazer uma dobradinha depois da aula quando arranjei um emprego no Harpy’s. Se ela não teve sensibilidade para perceber por que eu não quis trabalhar numa loja cujas roupas não cabem em mim, eu é que não ia me dar ao trabalho de explicar.

— Por que você gostaria de trabalhar com garotos? Não foi você mesma que acabou de dizer que quer transar com o Tim?

Ela dá de ombros, como se o meu argumento fosse irrelevante.

— Seria divertido, só isso.

Terminamos de almoçar, e eu faço a prova sobre o governo. E ponto final. O segundo ano do ensino médio acabou. O estacionamento se enche de gritos de comemoração e pneus cantando. Mas não experimento a mesma sensação de progresso que os outros. O que sinto é que estou presa, esperando que a minha vida aconteça.

QUATRO

O carro da mamãe já está na porta da garagem quando chego em casa depois do último dia de aula. Estaciono o meu, puxo o freio de mão e recosto a cabeça no descanso do banco. *Adoooro* o meu carro. É um Pontiac Grand Prix vermelho-cereja 98, que ganhei de Lucy e batizei de Jolene.

Já em casa, subo a escada seguindo o ruge-ruge de tecidos no quarto da minha tia, onde mamãe está sacudindo sua bunda arrebitada. E isso porque está usando o agasalho de grife que um ex-namorado lhe deu há seis anos. Ela o chama de "loungewear" e é o seu bem mais valioso, só perdendo para a coroa de rainha do concurso Miss Jovem Flor do Texas.

— Cheguei — aviso, o pânico transparecendo na minha voz. — O que está fazendo aqui?

Ela se endireita e suspira, soprando os fios de cabelo da testa. O rosto está vermelho de calor, e os fios louros na testa se enrolaram em cachinhos.

— A funerária finalmente mandou aquela urna que encomendamos, por isso saí mais cedo do trabalho. Resolvi voltar para casa e começar a pôr as coisas em ordem.

Solto a mochila no corredor e entro no quarto.

— Que coisas?

Mamãe se senta na cama ao lado de uma pilha de vestidos de andar em casa, todos engomados e pendurados nos cabides adornados com fitas.

— Ah, você sabe, as coisas de Lucy. Nossa, como tinha mania de guardar tudo! Mal dá para abrir as gavetas. Acredita que encontrei até o véu da sua avó? Eu estava atrás dele há séculos.

Curvo os lábios num sorriso.

— Ah, é?

Mamãe reivindicou o vestido de casamento da vovó quando ela ainda estava no asilo. Não teria mesmo cabido em Lucy, por isso as duas nunca chegaram a discutir. Menos pelo véu, porque esse serviria para qualquer uma. Elas brigaram por causa dele durante meses, até que os nervos de Lucy ficaram tão abalados que ela desistiu. Então, há alguns anos, o bendito véu desapareceu.

Era minha mãe quem não largava do pé dela, mas é como se Lucy tivesse ficado com a última palavra.

Não costumava ser assim o tempo todo. As duas nem sempre viveram brigando, mas esses momentos se destacam mais na minha memória do que as noites de sexta em que eu chegava em casa e as encontrava juntas no sofá, aos risos, assistindo aos seus filmes antigos favoritos.

— E o que vai fazer com todas essas coisas? — pergunto.

— Bom, acho que vou doar. Você sabe como é difícil para as mulheres maiores encontrarem roupas, por isso tenho certeza de que alguém vai adorar tudo isso.

— Mas e se eu quiser algumas? Não pra usar. Só como lembrança.

— Ah, Dumplin’, você não quer esses vestidos velhos. E as gavetas só têm calcinhas, sutiãs, anáguas e recortes de jornais.

Eu sei que já deveria ter superado a morte de Lucy. Afinal, faz seis meses. E, ainda assim, estou sempre esperando vê-la com Riot no colo ou fazendo palavras cruzadas na cozinha. Mas não está. Ela se foi. E nem temos retratos dela. A realidade do seu corpo não era algo que ela gostasse de ver refletida sob a forma de fotografias.

Isso me assusta. Se não posso vê-la ou ouvi-la, vou acabar por esquecê-la.

Aos trinta e seis anos, pesando duzentos e vinte e cinco quilos, Lucy morreu. Sozinha, de um infarto fulminante, sentada no sofá enquanto assistia a um programa na tevê. Ninguém a viu morrer. Por outro lado, ninguém em casa jamais a vira viver. E agora não restou ninguém para lembrá-la. Não do modo como ela gostaria de ser lembrada. Porque mamãe, sempre que pensa na irmã, só consegue se lembrar de como ela morreu.

É por isso que a ideia de ela desmontar o quarto como se fosse uma exposição itinerante se reveste dessa dor e se transforma em algo totalmente novo.

Ela abre a gaveta da mesa de cabeceira e começa a separar papéis em várias pilhas. Posso ver sua cabeça trabalhando: o que guardar, o que descartar, o que deixar de lado para decidir depois. Alguns dias eu me pergunto em qual das categorias me encaixo.

— Por que não deixa como está? — pergunto. — Era o quarto dela.

Mamãe se vira para mim com uma expressão incrédula.

— Dumplin’, estamos deixando um quarto inteiro da casa se encher de poeira. E a temporada do concurso vai começar. Vou passar o verão todo trabalhando feito uma condenada. Vai ser bom ter um quarto para costurar trajes típicos ou montar um ou outro adereço de cenário sem que a casa inteira fique entulhada de coisas.

— Um ateliê? — Pronuncio a palavra com amargura. — Está pensando em transformar o quarto de Lucy num ateliê?

Ela abre a boca, mas saio antes que tenha tempo de responder.

No Harpy’s, Bo está fritando hambúrgueres no grill, usando fones de ouvido. Levanto a mão para acenar quando passo.

— Feliz verão, Willowdean — diz ele, a voz um pouco alta demais. Os lábios estão melados, vermelhos e com algum sabor que eu adoraria provar.

Beijar Bo. A ideia me mata de vergonha. Sinto vontade de me transformar numa poça e escorrer pelo ralo da cozinha.

Na frente da loja, Marcus já está diante do caixa.

— Chegou antes de mim? — comento.

— Tiff tem me deixado aqui mais cedo por causa dos treinos.

Marcus e eu nunca passamos de figurantes na vida um do outro. Ele está um ano à frente na escola que frequentamos desde a infância. Conheço o cara do mesmo jeito como a gente conhece o primo da melhor amiga: de nome e de vista. Quando comecei no Harpy’s, era legal trabalhar com alguém que pelo menos eu reconhecia, e agora acho que somos amigos. Ele e Tiffanie, a capitã do time de beisebol, começaram a namorar no início do ano, e em questão de

semanas suas vidas já tinham se colado feito velcro.

— Como foi nas provas finais? — pergunta Marcus.

Dou de ombros. Distraída, me viro para olhar e vejo Bo nos observando de trás do balcão. E ele não desvia os olhos. Meu estômago dá voltas de montanha-russa.

— Acertei meu nome — respondo. — Deve valer alguma coisa. E você?

— Fui bem. Estudei com a Tiff. Ela vai visitar várias faculdades nos próximos meses.

Percebo que provavelmente eu deveria estar pensando no que fazer quando concluir o ensino médio, mas não consigo me imaginar na faculdade e não sou capaz de fazer planos para algo que não consigo imaginar.

— E você? Também vai visitar alguma?

Ele vira a viseira de lado e concorda, pensativo.

— Acho que sim.

Os sininhos acima da porta começam a tilintar quando alguns garotos da escola entram em fila. Enquanto esperamos que terminem de ler o menu, Marcus olha para a vitrine e diz:

— Minha namorada vai embora da cidade, e só sei que eu vou com ela.

Clover City é o tipo de lugar que a gente deixa para trás. É um amor que te sufoca ou te expulsa. Poucas pessoas conseguem sair daqui e não voltar, enquanto que a maioria de nós bebe, procria e vai à igreja, e isso parece ser o bastante para nos manter vivos.

Como fechamos mais tarde nas sextas e nos sábados, mamãe já está dormindo quando chego. Depois de apagar as luzes e trancar a porta dos fundos, subo a escada pé ante pé e dou uma conferida para ver se ela não acordou. Roncos suaves saem de baixo da sua porta enquanto entro no quarto de Lucy, pisando com todo o cuidado para o assoalho não ranger, e começo a revirar as pilhas de objetos feitas por mamãe.

São mil quinquilharias inúteis, pilhas de recortes de jornais sobre pessoas e lugares que nunca farão sentido para mim. Detesto que haja coisas — coisas triviais, tipo qual a razão de ela guardar uma matéria sobre a autora de um livro de culinária que viria visitar a biblioteca — sobre as quais nunca pude lhe perguntar por nem ter chegado a tomar conhecimento.

A pior parte foi o serviço religioso. E não apenas pelos motivos óbvios. Metade de Clover City compareceu — afinal, o que mais resta a fazer numa circunstância dessas? Acho que todos esperavam vê-la num caixão, como uma espécie de advertência sinistra. Mas a triste verdade é que não pudemos pagar pelo caixão maior e mais caro. Por isso, apesar da crise nervosa de mamãe por não poder dar à irmã um “enterro decente”, Lucy foi cremada.

Mas não suporto me lembrar do serviço religioso. Prefiro recordar outras ocasiões, como o dia em que ela me levou à primeira aula de balé, quando eu estava no terceiro ano do ensino fundamental. Meu collant se esticava ao máximo sobre a barriga redonda, e as coxas roçavam, por mais que eu lhes implorasse para não fazerem isso. Já era bem gorda na época. E muito alta. Não me parecia em nada com as outras meninas que esperavam para entrar na sala de

aula.

Como me recusei a sair do carro, Lucy veio se sentar ao meu lado no banco traseiro.

“Will.” Sua voz estava doce como mel. Prendeu uma mecha solta dos meus cabelos atrás da orelha, tirou um lenço de papel do bolso do vestido de andar em casa e me entregou. “Eu perdi muito tempo na vida me preocupando com o que as pessoas diriam ou pensariam. E, às vezes, era em relação a coisas bobas, como uma ida à mercearia ou aos correios. Mas houve ocasiões em que me proibi de fazer coisas importantes. E tudo porque estava com medo de que alguém me olhasse e decidisse que eu não tinha valor. Mas você não tem que se incomodar com essas bobagens. Perdi todo esse tempo para que a minha sobrinha não tivesse que passar pelo mesmo. Se entrar lá e concluir que não é para você, então não volte mais. Mas a oportunidade você tem a obrigação de aproveitar, está me ouvindo?”

Acabei frequentando as aulas somente no outono, mas não foi isso o mais importante.

Na gaveta de meias de Lucy, encontro uma caixinha com fitas cassete — todas da Dolly. Escolho uma ao acaso e a ponho no som da mesa de cabeceira. Deito na cama e fico ouvindo com o volume tão baixinho que é quase um murmúrio. Lucy devia adorar Dolly mais do que tudo. E acho que Ellen e eu também adoramos.

Talvez a Sra. Dryver seja a melhor sósia da Dolly Parton por estas bandas do Texas, com o mesmo tipo mignon e timbre de voz. Como Lucy foi vice-presidente de uma seção regional do fã-clube da Dolly até alguns anos atrás, as duas sempre se encontravam. Acho difícil deixar de acreditar que a minha amizade com Ellen não tenha sido traçada muito antes de nascermos, nos tempos em que Dolly era uma ilustre desconhecida, sem um tostão, no Tennessee. Como se El fosse uma espécie de presente que Lucy sempre quis me dar.

Não foi só a aparência da Dolly que nos atraiu. Foi a atitude inspirada na consciência de que as pessoas achavam essa aparência ridícula, mas sem mudar nem um único detalhe, porque se sentia bem em relação a si mesma. Para nós, ela é... invencível.

CINCO

Já não acho mais a mesma graça das férias de verão que achava quando era pequena. Quando El e eu estávamos no ensino fundamental, Lucy nos levava a uma sorveteria. Com as mãozinhas meladas de calda, sentávamos no salão mal iluminado com um ventilador de teto girando na velocidade máxima, enquanto Lucy zapeava os canais na tevê até encontrar um daqueles programas de baixarias a que minha mãe nunca nos deixaria assistir.

O primeiro fim de semana do verão passa como um dia igual aos outros. Na manhã de segunda, acordo e encontro a tela do celular piscando.

ELLEN: NADAR. AGORA. VERÃO. MAIOR. CALOR.

ELLEN: AGORA.

ELLEN: AGORA.

Não posso deixar de sorrir ao ver as mensagens. Ellen vive num condomínio bem popular, que até tem piscina, mas é pra lá de maltratada. Contudo, durante o verão, o lugar é um verdadeiro oásis.

Sei que as garotas gordas deveriam ter alergia a piscinas, mas eu adoro nadar. Não sou boba: sei que as pessoas ficam encarando, mas não podem me culpar por eu querer dar uma refrescada. E por que isso deveria fazer alguma diferença? Por que ter coxas enormes e cheias de celulite me obriga a pedir desculpas à humanidade?

Paro na frente da casa da El e encontro minha amiga sentada na varanda, de biquíni, com uma toalha enrolada na cintura.

Nossas havaianas vão batendo pelas calçadas enquanto caminhamos três quarteirões até a piscina, e, embora ainda sejam dez da manhã, já estamos pingando (minha mãe diz *cintilando*) de suor.

— Ah, não! — exclama El, enquanto esperamos na fila. — Está um formigueiro humano. — E cruza os braços.

Dou o braço a ela.

— Vamos lá.

Por causa da multidão, só conseguimos encontrar uma espreguiçadeira vaga. El desenrola a toalha da cintura e corre para a piscina. Tiro o vestido pela cabeça, descalço as havaianas e acelero na pontinha dos pés.

El afunda até os ombros, enquanto a água bate na minha cintura, e a sensação de frescor e alívio me faz revirar os olhos. Ahhh, agora sim, é verão!

Ficamos boiando como estrelas-do-mar, e eu me lembro de que, quando éramos pequenas, íamos para baixo d'água com os óculos de natação e gritávamos segredos uma para a outra. Só que não tínhamos nenhum, então eram só coisas que já sabíamos. "CHASE ANDERSON É O MAIOR GATINHO!", gritava El. "ROUBEI DEZ DÓLARES DA CARTEIRA DA MAMÃE!", gritava eu.

Continuo boiando até o ombro roçar os ladrilhos da piscina e eu sentir uma sombra em cima de mim. Entreabro os olhos e vejo um garotinho agachado na

beira. Sua boca forma várias palavras.

Fico de pé, e o barulho estilhaça meus tímpanos, quase me dando uma concussão cerebral. Fecho os olhos com força por um segundo. Minha cabeça parece ter sido embalada a vácuo.

— Que é?

O calção vermelho do garotinho pinga numa poça d'água às suas costas.

— Pensei que você tivesse morrido. E tá toda vermelha. — Então, ele se levanta sem a menor cerimônia e vai embora.

Levo as mãos ao rosto, e a água escorre dos dedos para a pele como gotas de chuva por uma terra seca e rachada. Não sei há quanto tempo estou boiando. Olho ao redor à procura da El e me deparo com ela sentada na nossa espreguiçadeira, conversando com um casal. Caminho até a parte rasa da piscina o mais devagar possível, na esperança de que os pombinhos decidam ir embora, mas, depois de mais uns minutos tentando ganhar tempo, eles ainda não arredaram pé.

Vou logo me preparando e saio da piscina em alta velocidade. El está sentada na beirinha da espreguiçadeira, enquanto uma garota que não conheço se senta na outra ponta com um rapaz às costas, como se estivesse pilotando uma moto com ele na garupa.

— Oi — digo.

Por uma fração de segundo, El não responde, e a outra garota fica me encarando com um ar de quem diz: *Como posso te ajudar? Precisa de alguma coisa? Não? Então, pode ir embora.*

— Gente, essa é a Will, minha melhor amiga. — El se vira para mim. — Essa é a Callie. E o namorado... — Sua voz se arrasta por um segundo, e ela estala os dedos.

— Bryce — informa Callie. Ele faz que sim às suas costas. Está usando aqueles óculos espelhados ridículos estilo vôlei de praia, meio parecidos com os de *Star Trek*. Suas mãos seguram os ombros de Callie, e eu percebo que devem ser do tipo de casal que não desgruda.

— Prazer em conhecê-los — resmungo.

El me fuzila com os olhos.

Não é que eu não goste de conhecer pessoas. É que geralmente não me sinto à vontade com pessoas que ainda não conheço. E talvez seja essa a minha característica que mais irrita a El. Até onde me lembro, ela vive tentando estragar o nosso par perfeito com uma terceira pessoa. Talvez eu é que seja a chata, mas não preciso de outra melhor amiga. E menos ainda dessa garota que não desgruda os olhos de mim, como se eu fosse um acidente de trânsito.

El se afasta um pouco para que eu possa me sentar ao seu lado, mas continuo onde estou.

— Sabia que a Callie vai participar do concurso?

Bryce aperta os ombros da namorada, que solta um riso estridente.

— Pois é. Minha irmã foi finalista há uns anos. Acho que se pode dizer que está nos meus genes.

— Que bom pra você. — Minha voz sai grave e amargurada, embora sem a menor intenção.

El força um sorriso.

— Callie também vai participar daquele treinamento que a gente viu depois da aula na semana passada.

Não faço a menor ideia do que ela espera que eu diga. Essa conversa é um verdadeiro letreiro de néon piscando a mensagem BECO SEM SAÍDA.

— Aliás, Callie, você sabe que a mãe da Will é a diretora do concurso, não sabe? — pergunta El.

Aqui no Sul, os jogadores de futebol americano são idolatrados como deuses, e as cheerleaders não ficam muito atrás. Mas, em Clover City, as mulheres que reinam soberanas são as misses. Infelizmente, ser a filha gorda da miss mais querida da cidade não me confere tanto prestígio.

Callie bloqueia o sol com a mão ao levantar o rosto para mim.

— Sei. — Se eu pudesse mudar só uma coisa na mamãe, seria o status de ex-miss. Na verdade, tenho certeza de que minha vida inteira deslancharia tipo efeito dominó se eu pudesse dar um jeito de apagar esse evento anual.

Callie solta uma risada.

— Mas você não vai participar, vai?

Espero um segundo. Dois. Três. Quatro. Ellen não diz uma palavra.

— E por que não participaria? — Obviamente, eu nunca entraria num concurso de popularidade cruel daqueles. Mas e daí? Que tipo de imbecil faz esse tipo de dedução?

— Você não parece ser desse tipo de garota. Quer dizer, no bom sentido.

De repente, eu me lembro de que o meu maiô é minúsculo. Os elásticos das cavas marcam os quadris e as alças apertam os ombros. Sinto a ansiedade se emaranhar ao meu redor como mil barbantes.

— Pois é — continua Callie —, Bekah Cotter vai ser um páreo duro. A garota é a típica namoradinha da América.

O impulso de fugir começa a puxar meus pés.

Mas, obviamente, Callie resolveu fazer o meu vestido de toalha de praia, para que a sua preciosa pele não encoste no assento plástico quente.

Digo a Ellen:

— Vou dar um pulo na sua casa pra usar o banheiro. — Enfio os pés nas havaianas, pego a primeira toalha que vejo e me afasto o mais depressa possível.

— Tem alguma coisa errada? — Ouço a voz de Callie perguntar, como se dissesse: *Qual é o problema dessa garota?*

— Mas tem um vestiário aqui! — avisa El a distância.

A toalha mal dá a volta na minha cintura. Mas não me importo. Continuo caminhando.

Um carro cheio de garotos passa por mim e dá uma buzinada.

— Ah, vão se foder! — grita El às minhas costas.

Dou meia-volta. Ela vem correndo pela calçada, só de biquíni, carregando nos braços o vestido e a sacola que deixei para trás.

— Estou tentando te alcançar! — grita ela.

Abro a boca para falar, mas então lembro que estou furiosa com ela e continuo andando. El e eu nunca brigamos. Sei que é normal melhores amigas se desentenderem de vez em quando, mas não nós. Claro, podemos até discutir por causa de bobagens como programas de tevê ou o melhor visual da Dolly, mas nunca nada sério. Mesmo assim, estou zangada por ela não ter me defendido da

tal da Callie. Não deu nem uma palavra, poxa.

Talvez eu esteja fazendo uma tempestade num copo d'água. Talvez seja uma daquelas coisas que só eu noto. Como aquela espinha na testa que a gente acha que é a única coisa que os outros veem quando nos encontram.

Mas eu não fantasiei aquele olhar de cima a baixo que Callie me deu. Como se eu fosse uma aberração da natureza. E a verdade é que estou furiosa principalmente por ter sentido vergonha — afinal, por que deveria? Por que deveria me sentir mal só por estar a fim de cair na piscina ou de usar maiô em público? Por que deveria sentir necessidade de entrar e sair correndo, só para ninguém ver a atrocidade que são as minhas coxas?

— Will! Espera, caceta. Pelo amor...

Sem me dar ao trabalho de parar, respondo:

— Preciso ir pra casa.

— Mas será que não dá, pelo menos, pra me explicar o que aconteceu? Você ficou pau da vida. Por que isso?

Sou obrigada a parar porque cheguei à casa da El e, agora que os pés não têm mais para onde ir, é como se eu não conseguisse impedir a boca de falar.

— "Por que *isso*?" — repito a pergunta, também aos gritos. — Porque você me deixou sozinha na piscina. Porque me abandonou completamente. E quem era aquele palito escroto? — Assim que as palavras saem da boca, sinto um arrependimento mortal. A vida inteira tive um corpo digno de comentários, e se há uma coisa que viver na minha pele me ensinou foi que, se o corpo não é seu, você não tem direito de dizer nada. Seja a pessoa gorda, magra, alta ou baixa, não interessa.

Mas El se limita a explicar:

— Você parecia tão relaxada! De que jeito te deixar sozinha na piscina me torna má amiga? Você tem dezesseis anos e está zangada comigo por uma coisa dessas?

Já vi a El brigar com o Tim um monte de vezes, por isso sei que essa é a sua especialidade: simplificar ao máximo a situação, para que o outro se sinta idiota. Ela é o tipo de pessoa que a gente quer ter como advogada, não como adversária.

Nego com a cabeça, porque não quero dizer a verdade com todas as letras. Não quero dizer que estou zangada porque fiquei sem a minha muleta: ela. Ou que deveria ter tomado as minhas dores, em vez de se omitir.

— E o "palito escroto" — continua El — é minha colega de trabalho. Você não precisava ficar amiga dela, mas podia, pelo menos, ter sido gentil.

Levanto as mãos.

— Tá. Assunto encerrado. Não quero brigar.

Ela põe a sacola e o vestido no porta-malas da Jolene.

— Tudo bem.

Coloco o vestido, desenrolo a toalha da cintura e lhe entrego antes de tirar as chaves da bolsa.

— A gente se fala mais tarde. — Vou até o lado do motorista, mas ela continua parada no mesmo lugar.

— Espera... Entra um pouco.

Solto um suspiro pelo nariz.

— Ah, para de suspirar! Preciso da sua ajuda.

No quarto de Ellen, sento de pernas cruzadas no chão.

— Me deixa pegar o Jake?

Ela tranca a porta e caminha até o armário.

— Vai ter que ficar pra outra vez. Ele está trocando de pele.

Como qualquer pessoa com a cabeça no lugar, sempre senti um medo saudável de cobras, mas, quando estávamos com onze anos, os pais da El se separaram durante um tempo, e ela ficou no fundo do poço. Para levantar seu astral, o Sr. Dryver lhe prometeu um bicho de estimação. O que não iria imaginar nem em mil anos era que a filha fosse pedir logo uma cobra.

Quando El ganhou Jake, um macho albino de cobra do milho, ele não passava de um lápis, mas mesmo assim eu me recusava a chegar perto da casa dela. Não podia nem pensar em ficar debaixo do mesmo teto que o lápis. Mas então veio o aniversário de doze anos da El, e eu não poderia perder a festa. Lucy me levou até o pet shop para eu dar uma olhada nas cobras, e até pediu à vendedora para me deixar segurar uma. Como fiquei com medo, ela mesma fez isso. Dava para ver que estava com as mãos trêmulas, mas mesmo assim conseguiu me acalmar.

Agora eu sou capaz de passar horas vendo filmes com El, enquanto Jake passeia de um lado para o outro por cima das nossas mãos, como se fosse um fio de linha nos costurando.

Ellen tira uma sacola da Sweet 16 do fundo do armário.

— Preciso que você me ajude a decidir.

Sento-me sobre os joelhos enquanto ela despeja conjuntos de sutiãs e calcinhas de renda por toda a cama.

— Para o Tim. — Senta-se na beira do colchão. — Quero ficar sexy para ele.

Levanto um par transparente com a ponta do dedo mindinho.

— Você comprou tudo isso no trabalho?

— Callie me ajudou a escolher alguns, e eu preciso que você me ajude a eleger os finalistas, pra poder devolver o resto.

— Ah. — Sinto vontade de perguntar se ela contou a Callie que seria a sua primeira vez. Começamos a avaliar os candidatos. Rosa, branco, preto, vermelho. Até um verde. Claro que deve ter contado. Sei que estou fazendo uma tempestade num copo d’água. Não posso monopolizar as conversas da El sobre sua vida sexual com Tim, mas mesmo assim estou me sentindo como se tivesse sido traída.

— Tudo bem — começo. — Você é virgem, e não há nada de errado nisso. Nem haveria se não fosse, mas, na minha opinião, não faz sentido ficar com um ar de santa intocável. Afinal, a razão de ser do encontro é justamente você ser *tocada*, não é?

— É. — Sua voz soa categórica enquanto ela pega o conjunto de calcinha e sutiã branco. — Você acha que eu deveria ter escolhido alguma coisa mais careta?

Faço que não com a cabeça.

— Você acertou na mosca em relação ao estilo. Passa a mensagem de que está pronta pra se entregar, mas sem querer encostar o cara na parede.

— Eu morreria sem você. Simplesmente deixaria de existir.

Um sorriso se abre no meu rosto.

— O preto é muito intimidante. Quer dizer, é supersexy, mas talvez devesse

ficar mais pra frente.

Ela o enfia na gaveta de baixo da mesa de cabeceira.

— Eu gosto do verde, mas não é o ideal. — Ignoro o bege, o vermelho, o roxo e o azul. — Este aqui. — Empurro todos os conjuntos para o lado, deixando só um de listrinhas marrons e vermelhas. — Este só falta gritar: “Virgem, mas não por muito tempo!”

El dá um tapa no meu braço e então pega o conjunto. É todo debruado por uma renda bordada com botõezinhos de pérolas. Ela o leva até o peito e se senta no chão ao meu lado, enquanto me viro e me sento também.

Ela encosta a cabeça no meu ombro. Adoro o cheiro que fica no corpo quando a gente sai da piscina. Cloro e suor. O cheiro do verão.

— Vai ser hoje à noite — revela.

SEIS

Saio da casa da El me sentindo exausta, e passar a noite inteira anotando pedidos parece uma missão impossível.

Coloco o boné do Harpy’s prendendo o rabo de cavalo, enquanto assumo o caixa.

— Oi, oi, Will — diz Marcus, do balcão de condimentos. — Tá bem moreninha. Andou pegando uma cor?

— Parece.

— Está um pouco atrasada.

Dou uma olhada nos compartimentos de moedas para ver se preciso buscar troco no escritório.

— Olha só, eu andei pensando em fazer um bolão do concurso. Quer ser minha informante quando chegar a hora?

Faço que não com a cabeça, fechando a gaveta.

— Que é? — pergunta Marcus. — Greve de silêncio? O Fortinho Mudo lá atrás deve ter te contaminado
— diz ele, referindo-se ao apelido que deu para Bo.

Respiro fundo e dou uma olhada no suprimento de sacolas debaixo do caixa.

— Tive um dia muito cansativo. Preciso de um tempo.

Marcus resmunga não sei o quê sobre TPM e, para minha surpresa, vem a voz de Bo da cozinha:

— Por que ela não pode estar tendo um dia ruim? Não precisa inventar nenhum motivo idiota pra isso.

No escritório, Ron solta um assovio baixinho.

Marcus cai na risada.

— Eita.

— Talvez ela tenha visto a sua cara — continua Bo —, e aí soube que o dia estava perdido.

E dá uma piscadinha para mim, da janela de atendimento. Viro a cabeça e sorrio.

Mantenho as mãos ocupadas entre um cliente e outro, fazendo e refazendo estoques de guardanapos e condimentos. Bo está ouvindo música, mas agora só com um dos fones. Marcus passa a noite inteira ao celular e, pelo que percebo, está discutindo com Tiffanie por mensagens.

Bekah Cotter, com seus longos cabelos dourados e curvas enxutas, entra acompanhada de um vasto grupo de amigos, que montam um verdadeiro acampamento no Harpy’s entre batatas fritas e refrigerantes. Callie tem razão. Bekah vai participar do concurso e provavelmente vencerá. Ela é uma dessas beldades que a gente faz o possível para detestar. Mas é muito simpática, e até que tem talento. Se é que fazer malabarismos com bastões conta como talento.

Hoje Bo está trabalhando no salão, e, enquanto vai se movimentando com o aspirador sem fio, Bekah pega depressa um resto de comida numa mesa vizinha

e diz alguma coisa para ele. Nada que dê para ouvir. Mas Bo sorri, e é difícil não me sentir como se tivesse engolido um punhado de pedras. Não entendo por que chamam isso de paixão, quando se parece muito mais com uma maldição.

O sininho acima da porta começa a tilintar, e, em seguida, entram Millie e a amiga Amanda, com as botas ortopédicas do Frankenstein. Millie está usando um shortinho e uma camiseta amarelo-clara com a gola debruada de pedras de strass em formato de coração. Gostaria de encontrar um jeito de lhe explicar, sem parecer escrota, como ela dificulta desnecessariamente a própria vida de mil e uma maneiras.

Sua testa está toda suada, mas os lábios exibem um sorriso firme e forte.

— Ah, oi, Will! Não sabia que você trabalhava aqui.

Amanda balança a cabeça, parecendo muito impressionada. Está usando um short de futebol e uma camiseta com uma foto em silkscreen do irmão caçula vestindo o uniforme do time dente de leite. O tipo exato de camiseta que a gente vê os pais usando quando vão assistir ao jogão do filhote.

— Aposto que te deixam comer tudo de graça — diz Amanda, e então aponta o polegar para Bo, no salão. — E a vista também não é das piores.

Concordo com ela, tentando não rir.

— Ah, sim. Tenho passado muito bem por aqui.

Elas pegam as sacolas com os pedidos, e Amanda se demora um pouquinho demais, tentando dar uma boa espiada em Bo enquanto ele se dirige à cozinha.

Faço meu intervalo depois de Marcus e Bo. Quando abro o armário para pegar o protetor labial, encontro um pirulito vermelho. E daqueles mais caros, que a gente vê no display ao lado do caixa no supermercado. Hesito por um momento, torcendo a boca de um lado para o outro, antes de finalmente enfiá-lo no bolso, me esforçando para não dar bandeira, pois pode ter alguém olhando.

Quando eu era pequena, nós decorávamos caixas de sapatos na escola para usar como caixas de correios no Dia dos Namorados. Elas ficavam em cima das carteiras o dia inteiro. Eu não suportava que me vissem espiando a minha. Não por ter medo de não receber cartões, já que todos os alunos eram obrigados a trocá-los, mas porque sempre esperava receber algo mais. Queria ser a garota com um cartão especial, assinado *Do Seu Admirador Secreto*.

O pirulito pode não ser um cartão numa caixa de sapatos, mas mesmo assim me faz sentir como se o meu coração fosse feito de caramelo derretido.

Quando o desembrulho, penso em mandar uma mensagem para a El, mas acabo virando a tela do celular para baixo, sem conseguir decidir o que dizer. Desabo numa cadeira e saboreio o doce presente. Ela pode estar fazendo amor *neste exato momento*. Pode até já ser uma ex-virgem oficial, e eu nem saberia. Fico imaginando se falou com Callie depois que fui embora. Deve ter falado. Ela saberia o que dizer a El. Quando termino de chupar o pirulito, jogo o pauzinho e o celofane na lata de lixo. Enfio o celular no sutiã e, quando estou passando pela cozinha, meus peitos começam a vibrar. Paro bruscamente para ler antes de entrar.

ELLEN: Tô meio nervosa, te ligo mais tarde.

ELLEN: Quer dizer, depois.

EU: A gata supersexy vai pôr as garras de fora. Miaaaaauuuu.

ELLEN: Você é a melhor amiga do mundo. Talvez eu vá dormir na sua casa

aí a gente conversa. xo.

Um vago sorriso se esboça nos meus lábios melados. Levanto os olhos e vejo Bo me observando no instante em que enfio o celular no sutiã. Então percebo, dois segundos tarde demais, como é constrangedor a gente ser pega pelo cara por quem está apaixonada metendo a mão na blusa.

Já recebi olhares o bastante na vida para saber que, quando uma pessoa é flagrada encarando outra, desvia os olhos por instinto. Mas Bo continua me olhando fixamente, como se não tivesse nada do que se envergonhar.

Coro até a raiz dos cabelos. Limpo os lábios com as costas da mão e começo a cuidar das últimas tarefas do dia no salão.

Ron permite que Marcus saia dez minutos mais cedo no fim da noite, pois Tiffanie está esperando por ele, furiosa sei lá com o quê. Sentado lá no escritório, Ron termina de fazer os relatórios noturnos enquanto Bo passa o esfregão no piso da cozinha e eu limpo os tampos das mesas.

— Cuidado — avisa ele. — Acabei de lavar bem atrás de você.

Ando com passos leves, tomando cuidado para não escorregar, e lavo a gordura das mãos na ampla pia industrial.

Já cumpri com todas as minhas obrigações, mas começo a inventar mil coisas para fazer enquanto Bo termina de lavar o chão. Encho a pia para que ele possa deixar o esfregão de molho durante a noite, como Lydia gosta.

— Vão para casa, vocês dois — diz Ron, de longe. — E até amanhã.

Corro até o armário para pegar as minhas coisas, como se estivesse com medo de que Bo saia sem mim. Sigo-o pelos fundos da loja, e ele abre a porta para que eu passe, por isso tenho que me abaixar sob seu braço. Que não está cheirando mal, diga-se de passagem. Como é que ele consegue passar a noite inteira fritando hambúrgueres sem ficar com cheiro de gordura e temperos?

Enquanto caminhamos em silêncio até os nossos carros, a mão dele roça a minha sem querer e eu me pergunto qual seria a sensação se ele a apertasse, entrelaçando os nossos dedos.

Paro ao lado do carro, olho para ele por cima do teto e digo:

— Obrigada pelo pirulito.

Ele não se vira, limitando-se a inclinar a cabeça para o céu.

— Boa noite, Willowdean.

SETE



Sem eu ter que pedir, El me brinda com todos os detalhes picantes da perda da sua virgindade. Acabou rolando no quarto do Tim, porque a mãe dele tinha ido visitar a avó em outra cidade, e o pai, que é policial, estava trabalhando no turno da noite.

Deitamos na minha cama, nariz com nariz, as luzes apagadas.

— Como foi? Não o ato em si, mas como você se sentiu?

Ela fecha os olhos por um segundo.

— Eu me senti... no controle. Tipo assim, da minha vida. — Abre os olhos. — E amada. Mas também estou me sentindo estranha.

— Por quê?

— Porque nós fizemos uma coisa adulta. Extremamente adulta. Mas sem deixarmos de ser nós mesmos. Ainda estávamos rindo, fazendo piadas. Eu esperava me sentir uma pessoa totalmente diferente, mas era eu, a velha Ellen de sempre... tomando uma decisão de que não poderia mais voltar atrás.

Balanço a cabeça. E com a maior seriedade, porque, dito nesses termos, posso entender.

El toca o meu rosto com as pontas dos dedos e, pela primeira vez, noto as lágrimas esparsas que escorrem por ele. Ela encosta a testa na minha, e não sei qual de nós duas pega no sono primeiro.



Apesar da casa entulhada de sacolas com mil materiais para o concurso de beleza, as semanas seguintes passam sem maiores problemas. Trabalho a maior parte do tempo com Ron, às vezes com Lydia. As segundas e quartas são supertranquilas, mas as sextas e os sábados são uma loucura. Mamãe detesta o fato de ficarmos abertos até a meia-noite, mas, quanto a isso, não há nada que eu possa fazer.

Certa noite de sexta, enquanto fechamos a loja, Ron entra no salão carregando várias embalagens de copos plásticos.

— Copos novos — diz, colocando-os no balcão.

— Qual é o problema com os que estamos usando? — pergunto.

Ele rasga o plástico de uma das embalagens e me entrega um copo vermelho que tem o nosso logotipo, mas, logo abaixo, exibe em vermelho a frase *Patrocinador Oficial do Concurso Miss Jovem Flor do Texas*. Às vezes, tenho a impressão de que o concurso é como o Natal, e ficamos tentando comemorá--lo cada vez mais cedo, até se transformar num evento de ano inteiro.

— Uma das garotas do comitê da sua mãe veio até aqui, e, bem, a minha mãe foi a vencedora do concurso de 1977. Eu não poderia deixar passar a oportunidade de apoiar o evento mais importante de Clover City.

Sinto a minha testa franzir.

— Então nós vamos jogar fora todos os copos que estão em perfeito estado para usar esses?

Ele dá de ombros.

— Reabastece os dispensers antes de sair, tá?

Sempre me esqueço de como é horrível essa segunda metade do ano que antecede o concurso. É como se ela entulhasse a minha vida, mal me deixando espaço para respirar.

Quando terminamos de fechar o Harpy's, Marcus e Ron já estão dando marcha a ré nos seus carros muito antes de Bo e eu chegarmos aos nossos.

Enquanto destranco a porta — a chave do meu carro não tem aquele botão chique que basta apertar —, Bo anuncia:

— Vai ter uma chuva de meteoros daqui a pouco. Mas não das grandes.

Jogo a bolsa no banco do carona.

— Como é que você sabe?

— Minha madrasta disse. Ela adora estrelas, astrologia, essas coisas.

Não sei quase nada sobre astrologia, a não ser que, segundo a igreja da mamãe, é o mesmo que bruxaria. Num impulso, fecho a porta do carro.

— Nunca vi uma chuva de meteoros.

Ele meneia a cabeça na direção da traseira da caminhonete, enquanto as luzes do estacionamento começam a se apagar.

— Vamos esperar por ela?

Prendo o fôlego. Acho que deve ser essa a sensação que a pessoa experimenta quando a sua vida finalmente começa a acontecer.

— Tem algum cobertor pra gente se sentar?

Ele liga o rádio e pega um agasalho com as iniciais da Holy Cross no interior da caminhonete.

— Usa isso.

Bo fecha os olhos de um jeito bem ostensivo enquanto eu faço um baita esforço para subir na traseira. Espero que estejam mesmo fechados, porque a palavra *esforço* e o uniforme de poliéster não combinam na mesma frase. Ele me oferece a mão, e não tenho vergonha de admitir que finjo precisar dela.

Fico surpresa ao perceber que seus dedos estão calejados do trabalho. Gosto de sentir o contraste áspero na pele. Quando já estou acomodada, acho difícil soltá-los.

Ele demonstra dor por um segundo ao impulsionar o corpo.

— Você está bem?

— Joelho estourado. — Ele se senta perto de mim e estende a perna.

— Qual é o problema? Alguma lesão, ou sempre foi assim?

— Um pouco dos dois.

— Mas você está bem?

Ele tosse no punho.

— Estou.

Os últimos postes na rua se apagam. Vivemos dentro dos limites da cidade, mas, todas as noites, quando Clover City encerra as suas atividades, é difícil esquecer como estamos isolados. Longe do caminho de qualquer estrada ou rodovia maior, é o tipo do lugar que só pode ser encontrado por quem estiver muito a fim.

Bo dá uma olhada no relógio do celular.

— Já deve estar escuro o bastante para ver.

Consigo distinguir com a maior facilidade a forma de várias constelações.

— Você disse que a sua madrasta curte astrologia?

Ele esfrega os nós dos dedos no queixo.

— Hum-hum.

— Seus pais são divorciados?

Ele nega com a cabeça, mas não faz comentários.

— Ah, desculpe por perguntar. Eu sou educada feito um touro numa loja de cristais. Quer dizer, é um problema sério.

— Não, não é isso. Não me importo de contar pra você, por isso não precisa pedir desculpas. É que eu não sou de falar muito. As pessoas demoram um pouco pra se acostumar.

Encosto a cabeça no vidro traseiro da caminhonete e cruzo os tornozelos.

— Já eu falo como se o mundo só pudesse continuar girando se fosse ao meu redor.

— Eu gosto de te ouvir. — Ele ri. — Um lance assim tipo síndrome de Estocolmo, quando o sequestrado começa a gostar do sequestrador. No começo, era meio assustador, mas agora até acho reconfortante. Tipo, o mundo poderia estar acabando, mas se eu viesse trabalhar você estaria falando como se tivesse o dever de fazer isso.

— Desculpe, mas será que esse comentário sobre o sequestrador foi uma maneira desastrada de dizer que eu sou *cativante*?

— Boa tirada — responde ele.

Dou um tapa no seu braço. Ele segura a minha mão e não a solta. O rádio atrás de nós começa a tocar “Creepin’ In”, aquele dueto da Dolly com a Norah Jones. Nossa cidadezinha está totalmente às escuras, mas sinto os olhos de Bo se unindo aos meus.

— Está começando — sussurra ele, e finalmente larga a minha mão.

Solto um suspiro trêmulo que nem notei que estava prendendo.

— É uma chuva de meteoros bem pequena — diz, ainda sussurrando. — Desculpe por não ser mais impressionante.

Ainda estou totalmente fascinada com tudo. Raios remotos recortam o céu, deixando rastros roxos como hematomas. Faço que não para ele.

— Nunca tinha visto uma. Acho que isso a torna especial, não é?

Inclinamos ainda mais as cabeças para o céu. Passados alguns minutos, ele diz:

— A primeira chuva de meteoros que vi foi um espetáculo. Não queria que acabasse nunca.

— Não podemos ter coisas maravilhosas o tempo todo — comento. — Esqueceríamos o quão maravilhosas elas são.

Ele faz que sim. Continuamos sentados ali por um bom tempo, como se tudo que está acontecendo fosse uma música feliz tocando no rádio sem interrupções.

— Você não se sente um pouco como se nós fôssemos as únicas pessoas no mundo que estão vendo isso? — pergunto depois de algum tempo, quase com medo de quebrar o encanto do momento.

— Não sei. — A voz de Bo sai grossa e baixa. — Minha mãe morreu. Há cinco anos. Gosto de pensar que, onde quer que ela esteja, seu céu também tem chuva de meteoros. — Cada palavra é um pedacinho de si que ele expõe, e estou

louca para juntar as migalhas que já tenho para poder compreendê-lo.

Fico esperando que ele faça algum adendo, que diga que essa teoria é absurda, ou que se desculpe por tocar num assunto meio deprimente. Porque é o que eu faria. Mas Bo não se desculpa. E eu gosto disso. Gosto do fato de ele não ter pelo que se desculpar. Sinto vontade de dizer que lamento muito pela sua mãe e que também gosto de pensar o mesmo em relação a Lucy, mas me limito a observar:

— Acho que o céu é grande demais para não ser compartilhado.

OITO



Na manhã seguinte, quando mamãe pergunta a que horas cheguei, invento que o Harpy’s estava ainda mais lotado que de costume. Não paro de mexer os lábios, lembrando os momentos passados na traseira da caminhonete de Bo.

Sei que deveria ligar para Ellen e contar tudo, nos mínimos detalhes. Mas ainda não estou pronta para me abrir sobre o que aconteceu. Gosto da ideia de guardar meu mundo em pequenos compartimentos, para evitar qualquer risco de colisão.

O movimento da noite de sábado é meio insano. Sempre fica fraco entre as dez e meia e as onze e meia, mas, perto da hora de fechar, recebemos uma última manada de clientes.

Ron está lá nos fundos, ajudando a preparar os pedidos, enquanto me encarrego de anotá-los. Hoje, Marcus está no drive-thru. Os fones de ouvido mal conseguem se ajustar nas orelhas com aquela cabeleira atrapalhando. Entre um pedido e outro, ele dá uma corridinha para me ajudar a arrumar as bandejas da clientela, mas a fila continua quilométrica.

Já nem estou mais me dando ao trabalho de levantar os olhos do caixa, quando de repente escuto alguém dizer:

— Ah, meu Deus. Esqueci totalmente que a Ellen tinha dito que você trabalha aqui.

Meus ombros se curvam de desânimo quando reconheço a voz.

Callie se debruça no balcão e solta na lata:

— Desculpe a franqueza, mas esses uniformes são horríveis.

— Bem-vinda ao Harpy’s Burgers & Dogs. Em que posso servi-la? — pergunto.

O namorado, Camdon, Brandon ou seja lá qual for o nome do cara, atira a carteira para Callie e informa:

— Preciso dar uma mijada.

Os dois trocam um beijo. Na boa: precisava? Será que ele vai se afogar na privada? Callie olha para mim com um sorrisinho compreensivo.

— Tudo bem, ele vai querer um número 1 com Dr. Pepper. Sem tomate e com cebola extra bem douradinha. E, se for possível, troca a batata frita por bolinho de batata? Eu vou querer um hambúrguer. Sem queijo. E batata pequena. — O sorriso se torna cúmplice. — Já estou dando balão na dieta para o concurso. Homens são uma péssima influência.

— Dez dólares e setenta e quatro centavos.

— Talvez a pergunta pareça um pouco estranha, mas será que um dia eu e a El-bell poderíamos dar um pulinho na sua casa? Eu adoraria... tipo assim, conversar com a sua mãe sobre o concurso e o ano em que ela venceu. Um papo informal.

Mal conheço essa garota, e ela já está tentando invadir a minha vida, como se

tudo no mundo estivesse à sua disposição.

— Tenho andado muito ocupada — respondo, sem alterar a voz.

Ela franze os olhos para mim por um segundo antes de sorrir e checar as notas na carteira do namorado, até tirar uma de vinte.

— Aliás, menina! Você não levou um choque quando... — abaixa a voz — ... Ellen te contou sobre o desastre que foi o lance *oral* dela com o Tim?

— O quê...? — Eu *sabia* que a El conversaria sobre essas coisas com a Callie e não comigo. Mas não deixo que a surpresa transpareça. — Ah, sim. Que loucura, né? Seu pedido já vai chegar.

Estou furiosa. Sabia que isso iria acontecer. Sabia que o sexo criaria uma barreira entre mim e Ellen. Mas, acima de tudo, eu estou me sentindo inferiorizada.

Ron sai da cozinha e avisa:

— Pessoal, nós vamos fechar. Ou levam os pedidos pra viagem, ou vão embora sem eles. — Coloco o da Callie numa sacola e lhe entrego no instante em que seu namorado está saindo do banheiro.

Depois de trancarmos as portas do salão e o caixa, dou um pulo na cozinha para pegar o lixo.

— Vou levar lá para os fundos.

— Me dá só um minutinho — pede Bo. — Eu te ajudo.

Quando ele termina e Marcus apaga as luzes do drive-thru, Bo me segue pela porta dos fundos, cada um de nós segurando várias sacolas que quase transbordam de lixo. Quando a porta de vaivém está prestes a se fechar às nossas costas, Bo encaixa uma pedra com o pé entre ela e o batente. Coloca as sacolas no chão, pega a minha, levanta o braço acima da cabeça e a atira na caçamba. Em seguida, faz o mesmo com as dele.

— Obrigada. — Dou meia-volta para entrar.

— Espera. — Seus dedos roçam meu cotovelo, e eu prendo a respiração. — A noite passada. Gostei muito da sua companhia.

— Tá. Quer dizer, também gostei da sua. — E estendo a mão para a maçaneta.

— Willowdean. — A voz de Bo me assusta. Ele está tão perto que dá para sentir o cheiro da pele, encharcada de suor.

Chego a entreabrir os lábios para responder, mas ele se inclina para mim, hesita por um segundo e me deixa sem palavras quando mergulha a boca na minha. Nem tenho tempo de pensar na sua língua e no jeito como a minha reage. Sem saber o que fazer com os braços, deixo-os estendidos ao longo do corpo, as mãos fechadas em punhos. O beijo tem um gosto de cereja artificial e pasta de dentes. Sinto vontade de beijá-lo até os lábios caírem.

Ele finalmente se afasta.

Meu primeiro beijo. Um breve momento que dura para sempre.

O ar da meia-noite está quente e seco, mas isso não impede que eu me abrace. Espero pelas palavras — dele ou minhas —, mas nenhuma vem. O choque que sinto está estampado na minha expressão. Passo o polegar pelo lábio inferior e volto para a loja. Ele não tenta me impedir.

Fechar a loja demora uma eternidade. O salão está um caos, a cozinha também, mas nem noto, porque Bo e o meu primeiro beijo dão voltas e mais voltas pela minha cabeça. Meu primeiro beijo, que aconteceu nos fundos do Harpy's Burgers & Dogs, perto de uma caçamba abarrotada de lixo.

Mesmo assim, foi perfeito. Cada osso do meu corpo está doendo, como se eu tivesse sofrido um acidente de carro sem ter qualquer ferimento, mas ainda sentisse o impacto da cabeça aos pés.

No fim da noite, entro no carro e saio do estacionamento antes mesmo de Ron trancar a porta da loja.

Paro diante do sinal na esquina e passo as mãos pelo rosto várias vezes, tentando assimilar tudo o que aconteceu.

Um carro dá uma buzinada, e levanto os olhos para o sinal, mas ainda está vermelho. Escuto um grito abafado à direita.

Na outra pista, Bo acena com os dois braços, apontando para a minha janela. Esse não é o caminho que ele pega ao voltar para casa. Sempre viramos em direções opostas — ele vai para a Zona Leste e eu moro na Zona Oeste.

No instante em que abaixo o vidro, ele começa a falar:

— Me perdoe. Eu não devia ter... — *beijado você*, minha cabeça completa a frase — ... feito aquilo. Eu só... — Ele ergue os olhos, e percebo quando vê que o sinal no cruzamento ficou amarelo. — Segue o meu carro. Por favor.

Dou uma olhada no relógio. Já é uma e trinta e cinco da manhã.

O motorista atrás dele dá uma buzinada.

— Por favor. — Ele troca de pista, pondo o carro na frente do meu.

Provavelmente, eu não deveria seguir de madrugada um cara que mal conheço por uma rua escura. Afinal, ele poderia até me matar, de repente, e aí já não faria a menor diferença se eu sou gorda e o meu primeiro beijo aconteceu ao lado de uma transbordante caçamba de lixo, porque eu estaria totalmente ferrada.

Quando a avenida se bifurca e eu deveria pegar a direita, desvio para a esquerda e sigo um estranho garoto pela rua escura, enquanto o céu acima de nós dorme profundamente.

NOVE



Seguimos até os limites da cidade, bem onde fica a velha escola primária que pegou fogo há alguns anos e desde então está abandonada.

Isso deveria ter bastado para me fazer sair correndo. Acho que eu nasci desprovida de um eficiente alarme de autopreservação na cabeça, porque o negócio está com toda a pinta de ser uma cilada de psicopata.

Quando estacionamos, espero que ele saia do carro primeiro. Se a El estivesse aqui, ela me diria para pegar a chave de roda no porta-malas ou esquentar o isqueiro do carro, mas não está. Então, procuro algo que sirva de arma no banco da frente, mas tudo que encontro é um pote vazio de manteiga de amendoim, um dólar e trinta e dois centavos, e uns folhetos publicitários que há semanas me esqueço de jogar no lixo. Fico pesando o chaveiro na mão por um momento.

A-há! Separo as três únicas chaves (carro, casa, El) e fecho a mão num punho, fazendo com que cada uma se projete dentre os dedos. Lembro que vi isso num programa, uma matéria sobre defesa pessoal. A televisão salva vidas.

Estou me sentindo ridícula, mas, enfim...

Bo está encostado no capô da velha caminhonete. Na lateral, vejo resquícios de letras, como se ele a tivesse comprado do dono de algum estabelecimento comercial e pintado por cima para apagar antigos dizeres.

— Isso é meio esquisito — observo, indicando a escola com a mão desarmada. O lugar inteiro está chamuscado, mas ainda dá para ver o arcabouço da construção, menos a parte do meio, que foi totalmente destruída. A natureza não foi nada generosa com a estrutura exposta. De onde estou, devido ao brilho do luar, dá para ver a silhueta dos brinquedos no pátio, enegrecidos. No estacionamento inteiro há apenas a luz de um único poste. E estamos muito longe da iluminação.

— Desculpe. — Ele tirou o uniforme do Harpy’s, que noto jogado no banco da caminhonete, e está usando só a camiseta de baixo. A correntinha que sempre vejo aparecendo acima da gola tem uma medalha de um santo padroeiro. — Eu estudei aqui. Até a escola ser destruída pelo incêndio. Foi o único lugar por perto que me ocorreu a essa hora da noite.

— Ah. — Tenho vontade de perguntar o que aconteceu com a mãe dele, qual era a sua professora favorita, se vinha à aula no ônibus escolar ou se os pais o traziam todas as manhãs. Mas não pergunto. Fico só na vontade. E que vontade.

Ele começa a rir, e não é um riso baixinho. Chega a perder o fôlego.

— Você veio preparada — observa, apontando o meu punho.

Levanto a mão que está pronta para me defender.

— Hum, é que você me trouxe a uma escola abandonada. Isso estava com toda a pinta de convite de psicopata que quer matar a mulher para passar semanas brincando de boneca com o cadáver.

Ele para de rir por um momento e diz:

— Está certo. Faz sentido. Mandou bem.

Guardo as chaves no bolso do vestido e começo a chutar pedrinhas no chão.

— Não me mata, hein?

Ele esboça um breve sorriso antes de responder:

— Não devia ter te beijado daquele jeito. Sem pedir.

— Então. Por. Que. Fez. Isso? — Cada palavra cai como uma gota num balde vazio.

— Sabe quando a gente é criança e está tendo um dia maravilhoso? Gosta da professora, tem amigos legais, não é mau aluno. Mas aí faz uma coisa que nunca seria capaz de controlar, mesmo que soubesse que teria o impulso?

Ele percebe a confusão no meu rosto.

— Tipo... chamar a professora de mamãe.

Não consigo esconder a expressão horrorizada.

— Espera aí. Como assim? Desculpe, mas você comparou o impulso de me beijar ao de chamar sua professora de mamãe?

Ele passa as mãos pelos cabelos, lamentando.

— Não. Quer dizer, sim. Foi como essa reação que eu tive. Uma coisa que não deu pra controlar.

— E agora está envergonhado?

— Não, não! — Ele levanta as mãos, como se pudessem apagar suas palavras. — O que eu quero dizer é que o impulso foi irresistível. Só estou envergonhado por não ter nem me dado ao trabalho de ver se você estava a fim. E peço desculpas por não ser uma coisa que você queria que eu fizesse.

— Não tem problema — respondo, principalmente porque ele não costuma falar muito e estou meio fascinada com isso.

Ele dá um passo na minha direção.

— Você quer dizer que me perdoa, mas não quer que se repita nunca mais ou... que gostou?

Dou de ombros, porque o resto do corpo está paralisado.

Ele avança mais um passo. Tudo fica em silêncio por um momento. É a minha chance de recuar e impedir que isso, seja lá o que for, aconteça. Mas sinto o autocontrole começar a fugir.

— Porque eu tenho a impressão de que você também me beijou.

Meu rosto começa a arder. Agora ele me pegou.

— Não foi ruim. Só não foi nenhuma bomba atômica — minto.

— Basicão?

Mordo os lábios, fazendo-os desaparecerem. Dou três passos, diminuindo a distância entre nós.

Ele apoia os cotovelos na caminhonete e inclina a cabeça para trás.

Faço o mesmo e, por um momento, ficamos observando o céu, até eu romper o silêncio.

— Quer dizer que você me beijou por impulso? — A tensão que contrai meus músculos diminui quando me sinto mais à vontade com ele. — Mas por quê? — Só que o zum-zum continua. A vibração da adrenalina.

Gotas de chuva pingam na gente, fazendo com que o ar fique instantaneamente carregado de umidade. Bo olha para o alto, como se estivesse tentando descobrir um jeito de fazer com que parem.

— Vamos entrar na caminhonete. — Abre a porta do carona para mim e eu

me sento, enquanto ele dá uma corrida até o outro lado e entra.

Por pouco o temporal não nos pega. As gotas batem furiosas no para--brisas. O barulho é tão alto que ele é quase obrigado a gritar:

— Que nota você daria, de um a dez?

— Você não vai mudar de assunto, vai?

— É que eu sou meio egomaníaco.

Estou me sentindo corajosa. Ou melhor, eu sou corajosa.

— Talvez você devesse me dar outro. Para eu dizer qual o melhor.

Ele pigarreia, e eu o observo intensamente.

— Bom, geralmente eu prefiro acertar de primeira, mas detestaria privar você de um bis. — Ele se afasta do volante na minha direção. Sua mão aninha meu rosto. Abaixando a cabeça, seus lábios quase encontram os meus.

— Tem certeza?

Surpreendendo até a mim mesma, não respondo. Apenas beijo Bo Larson. E, quando ele entreabre os lábios junto aos meus, não penso nisso. Porque, pela primeira vez na vida, eu sou aceita. Totalmente aceita, sem nenhuma pergunta.

Ele segura meu rosto com as duas mãos e me puxa para mais perto.

Se El sente um décimo disso quando está com Tim, então não sei como pode ter esperado tanto para transar com ele, porque, quando os lábios de Bo se movem sobre os meus, não consigo pensar em mais nada além de nós dois.

Suas mãos passam para meu pescoço e ombros. Seu toque faz com que ondas de emoção percorram meu corpo. Excitação. Terror. Euforia. Tudo ao mesmo tempo. Mas então ele vai descendo os dedos pelas minhas costas até a cintura. Prendo o fôlego. A sensação é como uma verdadeira punhalada nas costas. Minha cabeça trai o corpo. A realidade de Bo me tocando. A ideia de Bo sentindo a gordura nas minhas costas e o pneu na cintura me dá ânsias de vômito. Pois na mesma hora eu me comparo com todas as garotas que ele já deve ter tocado. Todas com as costas retas e a cintura fina.

— Desculpe. — Seu fôlego sai quente e rápido.

— Não, não, não se desculpe. — Não sou desse tipo de garota. Não passo horas me olhando no espelho, pensando nas mil e uma maneiras como poderia ficar ainda mais bonita. A ideia de fugir dos seus braços me envergonha de um jeito que não entendo totalmente.

Ele nega com a cabeça.

— Não, quer dizer, eu não devia ter... Acho que não... deveria namorar ninguém no momento.

O estranho é que, até ele tocar no assunto, a ideia — a possibilidade — de namorarmos nem tinha me passado pela cabeça.

— Ah. — Minha resposta sai como um suspiro.

— Estou com mil problemas na minha vida. E não devo namorar ninguém. Ou, pelo menos, não namoro há algum tempo.

Faço que sim com a cabeça.

Se qualquer garota me contasse que um cara tinha dito isso, eu a aconselharia a pisar no freio e dar marcha à ré. Porque esse papo é de um espertalhão. E eu não consigo pensar isso de Bo. Mas acho que é assim que todas as mulheres já apanharam na guerra dos sexos. Porque as regras se aplicam a todo mundo, menos à gente.

Abro a porta.

— É melhor eu ir para casa. — A chuva molhando o interior da caminhonete.

— Já é tarde. — Pois é. A única coisa que ele tem a dizer.

— Te vejo no trabalho.

A chuva leva dois segundos e meio para me encharcar. Lá se foi minha dignidade por água abaixo, literalmente. Entro no carro e saio do estacionamento a toda velocidade. Ligo o rádio no volume máximo, na esperança de que abafe o vozerio na minha cabeça. Lucy, mamãe, Ellen, Bo. É como se eu tivesse versões em miniatura de cada um deles dentro de mim, uma mais barulhenta que a outra. A única voz que me falta — e a de que mais preciso — é a minha.

DEZ

Agora é oficial: está quente demais para ir nadar. Até Ellen concorda. Jake fica indo e vindo por baixo das nossas mãos enquanto assistimos a um programa de baixarias que exibe o caso de uma mulher que se apaixonou pelo irmão sem saber quem ele era, pois não foram criados juntos.

— Eles só podem estar mentindo — comento.

El balança a cabeça, discordando.

— Não, não, eles podem ser esquisitos, mas acho que estão dizendo a verdade. De mais a mais, por que mentiriam?

— Hum, porque são nojentos e sabem disso. Provavelmente foram pegos em flagrante e precisavam de uma desculpa, ou algo do gênero.

— Santo Deus. — Ela solta um bufo. — Você é tão cética. Que é que te custa acreditar que nem todo mundo é mal-intencionado?

Jake se enrola em volta do meu pulso. Suas escamas estão lisinhas por ter acabado de trocar de pele.

— Nem sempre sou cética, mas as probabilidades de eles estarem dizendo a verdade são praticamente nulas. Seria o mesmo que dizer que Tim pode ser seu irmão.

Ela está tão absorta no programa que nem responde.

Seria uma boa hora para eu contar o que aconteceu com Bo. Mamãe já estava dormindo quando eu voltei, mas disse que tinha me ouvido chegar depois das duas e que da próxima vez que isso acontecesse ligaria para o meu patrão. *Isso não é hora de uma moça de família chegar em casa*, decretou. Fiquei meio irritada por ela automaticamente presumir que eu tinha vindo direto do trabalho. *EU ESTAVA AOS BEIJOS COM UM GAROTO NUM ESTACIONAMENTO ABANDONADO*, tive vontade de gritar. Mas isso é espantoso demais. Até para mim. E eu estava lá.

Não sei como formar as frases para explicar a El que não apenas ganhei o meu primeiro beijo, como ele terminou numa pegação forte, com tudo a que tinha direito. El já ficaria bastante chateada comigo por eu não contar o que eu sentia por Bo desde o começo. E, embora nenhuma de nós tenha dito que o que aconteceu na noite passada deveria ser mantido em segredo, essa é a sensação que tenho.

É uma besteira, eu sei, porque a El nunca pensaria isso, mas tenho a impressão de que a noite passada foi totalmente inexplicável. Um garoto — um garoto lindo de morrer, que as garotas ficam secando — me beijou, e me beijou *pra valer*. Um daqueles beijos que deixam a gente sem fôlego. E eu não sei como contar isso à minha melhor amiga. Fora o fato de que, se falasse sobre a noite passada, também teria que dizer como a noite acabou. Com Bo prometendo que isso nunca mais aconteceria e eu morta de vergonha ao pensar nas mãos dele alisando o meu corpo.

Mas não estou a fim de contar nada disso para a El. Mesmo que seja uma

bobagem, quero preservar a boa impressão que ela tem dele, porque acho que, no fundo, no fundo, ainda sinto a esperança de ter uma chance com ele, apesar do jeito como a noite terminou.

Mas uma chance de quê? De namorarmos? Essa ideia me parece tão ridícula que nem consigo imaginar como seria aparecer em público de mãos dadas com alguém.

Não é que eu não tenha autoestima. Sei que mereço o meu final feliz. Mas e se Bo for o ponto alto da minha vida e eu não passar de um tropeço na dele?

Sinto falta de Lucy.

Os créditos do programa começam a passar, e El seca as lágrimas no rosto.

— Ah, meu Deus — exclama. — Ah, meu Deus. Que história mais triste. Eles se amam tanto que não conseguem se afastar. E a sociedade nunca vai aceitar.

— Você está menstruada, ou o quê?

— Você é muito chatinha às vezes, sabia? — Ela se levanta com Jake. — Vou colocá-lo na gaiola. Quer ficar para o almoço?

Sorrio.

— É melhor eu ir para casa. Quero dar uma olhada nas coisas de Lucy antes da mamãe chegar. Ela começou a limpar o quarto da minha tia há umas semanas.

Sigo El até o quarto, e ela põe Jake na gaiola. Ele se acomoda por baixo da luminária que aquece as suas escamas, deliciado.

Após alguns minutos, El me chama.

— O que é?

— Tia Lu costumava usar um broche de abelha quando nós éramos pequenas. Lembra? Aquele que ela colocava no sobretudo quando ia buscar a gente na escola?

Minha boca fica seca. Balanço a cabeça. Ela o usava na gola. Isso foi antes de atingir o peso máximo, mas já estava bem gorda. O sobretudo era preto, banal, obviamente comprado pela praticidade, sem qualquer pretensão de ser chique — o tipo de sacrifício que a gente faz quando é bem maior do que a média. Mas o broche era como um raio de sol brilhando por entre nuvens escuras. Ela nos chamava de *minhas abelhudas* e nos levava para tomar chocolate quente às segundas, porque não achava justo que a gente só recebesse uma atenção especial às sextas.

Era engraçado: eu me imaginava como uma segunda e Ellen como uma sexta. Mas a segunda e a sexta são só períodos de vinte e quatro horas com nomes diferentes.

— Se encontrar aquele broche, e só se não quiser pra você, se importaria de guardar pra mim? Não que você me deva isso, mas é que eu sempre adorei aquela abelha.

— Pode deixar. Vou procurar por ele, sem falta.

Desde o dia em que Lucy morreu, tive a sensação de que eu era a única responsável por manter viva a sua lembrança, e que, se não conseguisse, estaria falhando com ela da pior maneira possível. A conscientização de que ela não era só minha me vem como um doloroso alívio.



ONZE

Não vou beijar Bo Larson. Não vou pensar em Bo Larson. Não vou beijar Bo Larson. Não vou pensar em Bo Larson. É um mantra que fica se repetindo sem parar na minha cabeça e que chego mesmo a recitar em voz alta, quando estou sozinha.

Horas antes de ir para o trabalho na tarde de segunda, mamãe me pede para aviar uma receita para ela, pois está com medo de encontrar a farmácia fechada quando sair do trabalho.

Vou até o Centro da cidade, onde fica a drogaria Luther & Sons. Como não encontro onde estacionar, sou obrigada a parar numa vaga na frente da All That Shines, uma loja de bijuterias quase tão velha quanto Clover City, que é a distribuidora oficial das coroas dos concursos em todo o estado do Texas.

Sinto os ombros arderem de calor enquanto tranco a porta da Jolene.

— Ah, que merda — murmuro. Bem na frente da vaga, preso num bloco de concreto, há um cartaz com os dizeres: EXCLUSIVA PARA CLIENTES.

Dou uma olhada, mas não vejo nenhuma outra vaga, por isso decido dar uma corridinha até o interior da loja.

Por trás do empoeirado balcão de vidro, sentada num banquinho de madeira que range, está Donna Lufkin. Os Lufkin têm tanto orgulho da sua família que nem mesmo a tradição e o conservadorismo conseguem convencer uma Lufkin a trocar de nome quando se casa. Mas Donna nunca se casou.

É uma mulher corpulenta, de porte robusto. Está vestindo uma bermuda cargo com bainha desfiada, e, pelo cheiro das galochas de jardinagem, foram usadas exatamente para o que se destinam. Ela é o oposto do que se poderia esperar de alguém que vende coroas para concursos de misses. Claro, ela vende outras coisas também, mas são as coroas que fazem da loja um monumento cultural.

— Willowdean Dickson! — exclama ela. — Não te vejo desde... — E se cala.

— O serviço religioso de Lucy — termino.

Ela concorda, mas não tenta sorrir, e fico-lhe mais grata por isso do que ela pode imaginar.

— Sua mãe te mandou buscar alguma coisa? Acabei de receber as novas coroas.

— Não, senhora. É que eu não achei vaga, e aí pensei se poderia deixar o carro na da loja enquanto dou um pulo na farmácia.

Ela me despacha com um gesto.

— Esses cartazes não servem pra nada mesmo.

— Obrigada — respondo, já com a mão na porta.

— Quer dar uma olhada nelas?

— Nelas o quê?

Ela abre um sorriso.

— Nas coroas, é claro.

Pode não parecer grande coisa, mas as coroas de zircônia cúbica são

guardadas com mais segurança do que seriam no banco do outro lado da rua. Por mais que eu despreze esse concurso, não é uma oferta que se possa simplesmente recusar.

Donna tranca a porta da loja e eu a sigo, atravessando a cortina que leva ao estoque. Temos que passar por dois escritórios até ela destrancar um pequeno armário com prateleiras cheias de caixas. Cada uma está marcada com os nomes das cidades do estado, mas na frente e no centro três delas têm etiquetas que dizem CLOVER CITY.

— Espera aí. Por que três?

Ela enumera nos dedos.

— A primeira é a original. Às vezes, é exibida na prefeitura. A segunda é a que é dada à vencedora. E a terceira é a que fica de reserva, para o caso de a segunda ser roubada.

Ela tira as três caixas e as coloca lado a lado na escrivaninha. A que é dada à vencedora e a sobressalente são quase idênticas, mas a original... bem, essa parece o tipo de preciosidade que você encontraria na caixa de bijuterias da sua avó. As pedras de strass estão embaçadas e o metal, oxidado de velhice, mas ela ainda tem qualquer coisa de nobre. Gosto do fato de não ser brilhante ou altiva demais como as mais novas, e, ainda assim, ter personalidade.

Donna me vê observando a original.

— Também é a minha favorita.

Por um momento, o concurso faz sentido, e eu entendo por que mamãe lhe dedica metade da sua vida e a maioria das garotas na cidade sonha com vestidos de gala e refletores nas noites em que o céu está cravejado de estrelas.

— A senhora dá uma experimentada de vez em quando?

Suas faces se cobrem de um rubor claríssimo.

— Muito cá entre nós, uma vez ou outra. — Com grande cuidado, ela põe as mãos na caixa que contém a original.

— Experimenta.

— Tem certeza? — Com minha sorte, vou ser logo eu a quebrar a coroa original.

Ela me olha fixamente.

— E eu pareço ser do tipo de mulher que não tem certeza de alguma coisa?

Faço que não.

Ela me leva até a frente do espelho que fica atrás da porta. Prendo a respiração quando põe a coroa no alto da minha cabeça. Sei que é bijuteria, todas as pedras são falsas, mas isso não me impede de sentir seu peso como uma responsabilidade. Gostaria que Lucy, Ellen ou mesmo a minha mãe estivessem aqui para me ver com o uniforme vermelho e branco do Harpy’s e o bem mais precioso de Clover City na cabeça.

— Verdade seja dita, não acho que a sua mãe a tenha sequer experimentado. É melhor não contar isso a ninguém.

Digo que sim apenas com os olhos, porque estou com medo de balançar a cabeça.

— Por que me deixou experimentá-la?

Ela dá de ombros.

— Talvez porque nem sempre seja preciso vencer um concurso para se pôr

uma coroa na cabeça.



Não vou beijar Bo Larson. Não vou pensar em Bo Larson.

Marcus ligou para avisar que está doente e não vem trabalhar, como se estivesse pressentindo que o clima hoje vai ficar superpesado.

O brilho da coroa já desbotou, e nós estamos até o pescoço de trabalho. Bo acaba tendo que ser desentocado da cozinha para me ajudar no caixa. Pelo que vejo, as únicas frases em seu vocabulário são: “Vai comer aqui ou é pra viagem?” e “São... [o valor do pedido]”.

De vez em quando, nossas mãos se roçam ou esbarram. E cada toque faz com que eu sinta um choque elétrico correr pelas minhas veias. Mas, quando ele começa a discutir com um cliente por causa de picles, Ron o manda de volta para a cozinha.

No fim da noite, Ron despacha todo mundo para casa mais cedo e promete vir amanhã de manhã para fazer a checagem final. Eu até protestaria, pois minha mãe me ensinou que uma dama do Sul sempre bate o pé quando outra pessoa se oferece para fazer a faxina, mas estou louca para ir embora.

Tento ser rápida e chegar à porta antes de Bo, mas ele acompanha cada passo que dou, rente nos meus calcanhares.

Vou ter que arranjar outro emprego.

Já estou com a mão na porta do carro e quase livre para dar o fora.

— Willowdean.

Dou meia-volta.

Ele se aproxima tão depressa que chego a ter a sensação de que também estou me aproximando dele.

Nossos narizes se encostam e seus lábios param a um milímetro dos meus. Minha retina mental ainda precisa avançar no tempo e assimilar que ele está aqui, no meu espaço, redefinindo tudo o que achei que sabia sobre mim mesma. Minha discrição. Meu orgulho. Ambos se evaporaram, e é como se eu estivesse usando antolhos de cavalo.

Estou beijando Bo Larson. Estou pensando em Bo Larson.

Pela primeira vez na vida, eu me sinto ínfima. Minúscula. Mas não de um jeito que me intimida, e sim me torna livre e poderosa.

— Quero te beijar — anuncia ele, seus lábios roçando os meus a cada palavra.

Perco a capacidade de falar e, desistindo, entrelaço os dedos nos seus cabelos e puxo até sua boca se colar à minha.

DOIS MESES DEPOIS

DOZE

Quando fico na ponta dos pés para alcançar a prateleira mais alta, sinto o nó na cintura se desfazer e o avental cair. Olho para trás, à direita e à esquerda, e vejo Bo sorrindo.

Ele dá uma piscadinha.

Bo se tornou a melhor parte do meu dia — e a pior também.

Meu relógio de pulso marca seis e dois da tarde. Hora do intervalo. Enfio o último saco de pães de hambúrguer na prateleira, na certa amassando-os com o gesto descuidado, e me viro para segui-lo. Os pés me carregam sem que a cabeça possa dar qualquer palpite. A barulheira às minhas costas silencia até só restarem os ecos do Harpy's: pedidos gritados, clientes reclamando, o assobio do Marcus, a chiadeira da fritura — tudo se transforma no mais absoluto silêncio.

Até o começo do verão, eu não conhecia nada parecido com isso. É o momento antes de eu pegar o saco de lixo que fica em cima dos engradados e escancarar com o pé a porta entreaberta dos fundos.

É o segundo antes de eu largar o saco transbordante perto da caçamba quando Bo Larson me dá uma prensa contra a porta de metal e só seus lábios me tocam. É aquele milissegundo sem as mãos. Só os lábios.

E então, como se as comportas de uma represa se abrissem, suas mãos se mexem e o momento passa. E eu me lembro do constrangimento que sinto quando elas passeiam pelo meu corpo flácido.

Quando essa consciência me atinge, minha cabeça liga de novo, como se estivesse num timer. Cada momento parece ensaiado, porque, à medida que as coisas foram avançando entre nós, comecei a me concentrar cada vez mais em prever o que ele faria em seguida. E agora eu já sei. Sei que, quando ele me empurra lentamente em direção à caçamba tampada e passa a mão pela minha cintura, é porque quer me levantar. Por isso, sempre me apoio e faço isso eu mesma, porque me apavora a ideia de que ele possa tentar e me deixar cair. Quando sinto seus dedos descendo pelo meu peito, vou logo contraindo a barriga. O que é uma perda de tempo, já que nunca faz a menor diferença nas fotos, portanto duvido que faça agora.

É nesses momentos que eu me torno uma sombra da mulher que fui. Da mulher que Lucy sempre quis que eu fosse.

Mas, quando ele diz meu nome, é sempre uma surpresa. "Willowdean", diz ele, e cada letra me corre como um arrepio até os dedos dos pés.

Toda noite, quando Ron nos manda para casa, caminhamos até os nossos carros, separados por alguns passos. Depois que saímos da luminosidade avermelhada do Harpy's para a escuridão, Bo roça os dedos nos meus antes de se dirigir à porta da caminhonete.

"Me segue."

Nem me dou ao trabalho de balançar a cabeça, porque vou segui-lo e ele sabe disso.

Ele dá a partida na caminhonete e eu na Jolene. Nossa relação é como um passeio de montanha-russa. Os freios podem estar quebrados e os trilhos em chamas, mas não consigo escapar do carrinho.

TREZE

Fiquei sabendo muitas coisas sobre Bo. E mesmo assim ele ainda é um mistério para mim. Como o lance dos pirulitos vermelhos. Ele tinha dificuldade para controlar a raiva quando era pequeno, por isso a mãe lhe dava um pirulito desses e dizia: *Se você ainda estiver zangado quando terminar de chupar esse pirulito, pode espernear e gritar à vontade.* Mas houve outras coisas, como a correntinha que ele sempre enfia de volta quando sai de baixo da camiseta. Quando eu perguntava por quê, ele sempre desconversava e dizia que era uma medalhinha com o santo padroeiro da Holy Cross.

A velha escola se tornou o que se poderia chamar de "nosso cantinho". Eu estava uma pilha de nervos na primeira vez que fomos até lá. Mas, agora, essa escola arruinada se tornou o nosso santuário.

Estaciono atrás da caminhonete, tiro a chave da ignição e destranco o carro, tudo praticamente ao mesmo tempo. Ele abre a porta da Jolene para mim.

Entro na caminhonete.

Ele dá um beijo na ponta do meu nariz. De baixo do banco, retira uma sacola de presente vermelha, toda amassada, e a coloca no painel.

— Feliz aniversário.

Fiz anos há três dias. Não contei para ninguém no trabalho. Não porque não quisesse que ficassem sabendo, mas porque pareceria que eu estava pressionando o pessoal (principalmente Bo) a fazer alguma coisa para mim. E não é assim que as coisas funcionam entre nós. Não há qualquer compromisso. Nem responsabilidades.

— Como você descobriu?

Ele deu de ombros.

— Ouvi Ron te desejar um feliz aniversário.

— Posso abrir?

— Não. O presente é a sacola. Não estou te dando mais nada além dela.

Revirando os olhos, pego-a no painel. Meu estômago dá voltas e mais voltas de excitação. O peso da sacola afunda no meu colo. Uma sacolinha onde cabe toda uma história de verão.

Ele pigarreia.

— Eu não tinha papel de seda.

Seu olhar queima a minha pele. Fecho os olhos e retiro aleatoriamente um item da sacola.

— Uma Bola 8 Mágica — diz ele.

Um sorriso se abre no meu rosto. Estou me sentindo uma boba.

— Bem, nunca mais vou ter que sofrer com o peso de uma decisão.

— Olha o resto.

Obedeço. Uma Mola Maluca de metal, uma massinha Silly Putty e um saquinho de caramelos.

Bo sopra bolhas na massinha e a usa para tirar a tinta do seu manual de

usuário, enquanto brinco com a Mola Maluca, deixando que deslize pelas minhas mãos, como Jake.

— Obrigada. Não precisava ter comprado nada.

Ele dá de ombros e observa os objetos espalhados entre nós.

— Você esqueceu uma coisa. — Ele enfia a mão na sacola. — Fecha os olhos.

Obedeço.

Sinto suas mãos no meu rosto enquanto ele ajeita um par de óculos no meu nariz. Meu cabelo prende numa reentrância da armação, mas ele tem o cuidado de colocar as hastes direitinho nas orelhas.

— Pronto. Pode abrir.

Ajeita o espelho retrovisor na minha direção, e vejo um par de óculos de um vermelho vibrante em formato de coração. Como as lentes são tingidas e escuras, meus olhos demoram um momento a me reconhecer. Tiro o cabelo de onde ficou preso.

Os óculos são para ser engraçados. Isso eu entendi. Mas adorei mesmo assim! Eles me transformam. No espelho, vejo uma mulher que acho que ainda não tive o prazer de conhecer.

— São lindos — declaro, para logo em seguida me sentir boba. São óculos baratinhos, de loja de 1,99. Uma coisa que ele deve ter atirado na cesta na última hora, quando já estava na fila do caixa.

Ele inclina o corpo na minha direção e pressiona os lábios nos meus. Meu corpo inteiro fica mole ao sentir o peso daquela musculatura.

— Você precisa ir pra casa — sussurra ele, entre beijos.

Faço que sim. E continuamos nos beijando.

Fico no estacionamento com Bo por tempo demais, mas tenho sorte de encontrar mamãe dormindo a sono solto com a porta fechada quando chego. Tenho passado o verão inteiro inventando mil desculpas para ter que “trabalhar” até mais tarde do que o normal. Ela não parece acreditar em nenhuma, mas nunca me interroga. Além disso, está confeccionando banners, entrevistando novos jurados e procurando patrocinadores para o concurso, por isso tirou licença do cargo de mãe por alguns meses.

A porta de Lucy está fechada, como nos últimos dois meses. Toco na maçaneta ao passar, mas não abro. Desde o dia em que mamãe começou a arrumar o quarto e tivemos aquela briga, ela resolveu deixá-lo em paz, como se tivesse esquecido o incidente. E eu nunca toco no assunto, por medo de que ela recomece o que interrompeu.

Quando estou quase pegando no sono, o celular começa a vibrar.

ELLEN: Mentirosa.

Merda. Ela deve ter descoberto. Mas também tem guardado seus segredinhos de mim. Não posso mais ouvi-la falar do Tim sem me lembrar do comentário que a Callie fez naquela noite no Harpy’s sobre o tal “lance oral”. Sei que foi uma coisa sem importância e que, com o tempo, não vai fazer diferença, mas não posso deixar de me perguntar o que mais ela não me contou. Agora, virei a amiga virgem que não manja dessas coisas.

ELLEN: Sua cachorra mentirosa. Você prometeu passar no Tim quando saísse

do trabalho.

Ah, graças a Deus. Eu tinha me esquecido totalmente da festa do Tim, mas isso ela vai perdoar muito mais fácil do que se descobrisse sobre os meus pegas com Bo.

O celular vibra de novo.

ELLEN: Você perdeu um senhor E-S-C-Â-N-D-A-L-O.

Viro de lado e digito uma mensagem rápida para me desculpar e dizer que a gente se fala amanhã, antes de passar para a seguinte.

BO: Boa noite.

Solto um longo suspiro. E não tô nem aí pra isso.

QUATORZE

Acordo com a campainha tocando.

Antes de me levantar da cama, dou uma olhada no celular.

ELLEN: Tô aqui abre a porta.

Visto um shortinho de lycra surrado e desço a escada aos tropeções para abrir a porta dos fundos. Encontro Ellen com a cara colada no vidro, fazendo barulhos de pum com a boca.

O verão inteiro tem sido megabizarro, um universo totalmente novo para nós. Sempre fomos diametralmente opostas. Lucy costumava dizer que as melhores amigas têm tudo e nada em comum. *Cada menina é só uma versão diferente da mesma história*, afirmava. Mas, nestes últimos dois meses, eu me sinto como se estivéssemos sendo puxadas em direções opostas, e sou a única que parece ter consciência disso.

Deslizo a porta e, por um segundo, El desliza o rosto junto com ela. Por fim, entra na cozinha e se joga numa das cadeiras ao redor da mesa.

— Minha nossa, Will. Eu estava derretendo lá fora.

Dou uma olhada no relógio do micro-ondas.

— É muito cedo — resmungo, me jogando numa cadeira. Contenho o impulso de dizer que fiquei até as duas da manhã com o Bo da Escola Particular.

— Hoje é dia de pagamento. Nunca é cedo demais para receber minha grana. — Ela se levanta e abre alguns armários, procurando um pacote de biscoitos ou um saco de batatas fritas para beliscar. — E são onze da manhã. Não é tão cedo assim. Sua mãe teria um troço se soubesse que você dormiu até essa hora.

— Paciência. — Cruzo os braços sobre a mesa e encosto a cabeça neles. — Você está com uma cara feliz. Por que essa euforia toda?

— Sei lá. Porque estou viva. Porque está tudo correndo bem. Porque as aulas vão começar daqui a uma semana. — Ela fecha a porta de um armário e se vira para mim. — E de repente porque não sou mais tão ruim fazendo sexo.

— A coisa não pode ser tão complicada assim, pode? — Mas, para ser sincera, a ideia de fazer AQUILO me deixa apavorada.

— Um dia você vai ver. — Ela balança a cabeça.

Não vou não, penso. *Vou ser virgem a vida inteira. Este hímen veio pra ficar.*

— Vai se vestir. Está na hora de eu receber o meu dindim!

—Tem uns sacos de batatas fritas na despensa — aviso, enquanto me dirijo à escada. — Me dá quarenta e cinco minutos.

— Você está com sorte, tenho um monte de programas de baixarias gravados na sua tevê a cabo para assistir — grita ela às minhas costas.

Tomo um banho rápido e seco os cabelos com uma toalha antes de prendê-los num coque frouxo. Dou uma boa olhada no armário, mas então decido que está fazendo muito calor para me preocupar com roupas e escolho um shortinho e uma camiseta de um dos concursos da mamãe.

— Tô pronta — digo, correndo pela escada. — Tenho que deixar um pouco

de ração na tigela do Riot...

— Já fiz isso — anuncia Ellen.

Vou na direção da cozinha e a encontro guardando um saco de batatas fritas, que só comeu até a metade.

— Minha mãe vai pensar que fui eu — comento. Claro que ela nunca faria qualquer comentário, e nem seria preciso.

— Sua mãe anda precisando transar. — Riot pula na bancada da cozinha e Ellen faz uma festinha vigorosa atrás de suas orelhas. — Peguei o carro da minha mãe já na reserva. A gente pode ir na Jolene?

— Pode, claro. — El me segue pela porta dos fundos e, quando estou trancando o portão, pergunto: — E o que é que tem sexo a ver com o que a minha mãe diria sobre as batatas fritas?

El dá de ombros e puxa a maçaneta, esperando que eu destranque o carro. Desde que perdeu a virgindade, está se achando uma verdadeira sexóloga, e que a cura para tudo é fazer sexo adoidado. Isso me deixa louca. Sou virgem, não burra.

Quando destranco o carro e sento ao volante, soltamos assovios involuntários ao receber uma baforada de ar quente na cara.

— Minha nossa — exclama El —, abre logo essas janelas!

O que sempre achei irônico na Sweet 16 é que o maior manequim que eles têm é 44. Até comentei isso com a Ellen uma vez, mas acho que ela fingiu não ouvir.

Na primeira vez que entrei lá, fiz um esforço consciente para não deixar que o meu constrangimento transparecesse. Mas, depois de voltar com a El todas as quintas para ela receber o cheque, posso afirmar com segurança que já disponho de evidências suficientes para formar uma opinião científica sobre esse lugar.

Minha Opinião Científica: esse lugar é uma merda, e todas as garotas que trabalham aqui são umas escrotas sebosas que me tratam como se eu fosse uma obra de caridade da El.

As paredes da Sweet 16 são cobertas de espelhos e manequins com os ossos dos quadris salientes, jeans Saint-Tropez e camisetinhas baby look com dizeres do tipo *Sou gata demais para fazer dever de casa*. Sigo Ellen por entre as araras lotadas de roupas, tomando cuidado para não derrubar a porcaria da loja inteira com os meus culotes.

— El-bell! — grita Callie, que já elegi como minha inimiga mortal. — Momô — ela chama alguém que deve estar às suas costas, a mão em volta da boca. — A El-lefantinha veio pegar o dindim! — Retira debaixo do caixa um envelope branco novinho em folha e o entrega a El. — Oi, Willow! — Inclina-se para mim e acrescenta: — Menina, nem te conto! O campo de treinamento do concurso faz milagres. Estou quase com uma barriga de tanquinho. Mas não quero ficar muito musculosa. Acho grotesco.

— Meu nome é Willowdean — murmuro, mas ela não me ouve porque Morgan, a gerente, uma mulher velha demais para ser universitária e nova demais para ser mãe de garotas da nossa idade, sai em passos despreocupados da sala dos funcionários. É alta e longilínea, tudo que a El está começando a se

tornar.

— Minha filha, nem te conto. Chegou a coleção nova, foférrima e eu estou aqui morrendo com M maiúsculo. Sério, gastei quase todo meu salário! Quem quer saber dessas ilustres desconhecidas chamadas “contas a pagar”?

El cai na risada. O que me deixa furiosa. Que graça isso teve?

— El — continua a criatura, usando o apelido que *eu* dei para a *minha* melhor amiga —, você tem que vir aqui experimentar esses modelitos!

El dá meia-volta e olha para mim.

Concordo com a cabeça, de má vontade.

Ela bate palmas.

— Tá, mas não posso demorar! — Torna a se virar. — Prometo que vai ser vapt-vupt. Aposto que nenhum vai caber mesmo em mim.

Sorrio com os lábios apertados. Sigo-a até os fundos da loja, mas sou paralisada pela sobrancelha arqueada de Morgan.

— Sinto muito — diz ela, os lábios se torcendo num sorriso. O tipo de sorriso que mostra que a pessoa não sente nem um pouco. — A área é restrita a funcionários.

— Você vai ficar bem aqui? — pergunta El, seus olhos buscando os meus.

— Vou. Mas anda logo.

Ela segue Morgan até os fundos, enquanto Callie se posta atrás do balcão, balançando os quadris no ritmo de uma música pop que sai dos alto-falantes, fingindo ler um calhamaço com pinta de relatório de vendas.

Espremida entre mil araras, fico pensando que este lugar deve virar um inferno aos sábados. Callie aumenta o volume quando o rádio começa a tocar um dance, e encaro isso como uma deixa para me esconder num dos provadores. Cada um consiste em uma cortina, um banquinho e mais nada. O único espelho é o que fica no corredor, e tem que ser compartilhado pelas clientes. Deve ser um saco ter que sair do provador toda vez que a gente quer ver se uma roupa ficou boa.

Do outro lado da cortina, som de cabides arranhando metal.

— Aonde foi a amiga da El? — pergunta Morgan.

— Sei lá — responde Callie. — Não vi ela sair, mas não é do tipo que passa despercebida.

— Ah, que maldade — diz Morgan. Pode até parecer que tentou ser gentil, mas a voz foi de sarcasmo.

— Sabe se a El-bell encontrou alguma coisa?

— Ela está experimentando uns vestidos na sala dos funcionários.

Mais cabides arranhando metal.

— É muito generoso da parte da El sair com aquela menina, mas a coitada não faz outra coisa senão ficar atrás dela de um lado para o outro, feito um cachorrinho. Deveria ter vida própria, não? É meio deprimente.

Basta eu ouvir isso para o meu corpo inteiro se retesar de raiva. Empurro a cortina e tropeço no tecido ao sair.

Quatro olhos me seguem até o banco que fica na frente da Sweet 16, onde me sento e me abaixo o máximo possível para não ter que ver as duas.

Se a minha pele tivesse um zíper para eu abrir e fugir, é o que eu faria.

Todas as vitrines do shopping estão lotadas de trajes de gala para o Baile de

Homecoming e a temporada do concurso. Diante da Sweet 16 há uma loja chamada Frills que exibe um longo azul-claro de lantejoulas. De ponta à ponta da vitrine, em graxa de sapato, veem-se os dizeres: *Clover City só pode ter uma Miss Jovem Flor do Texas. Faça com que seja você. Confira os nossos modelos exclusivos!*

Odeio o sentimento de desprezo que esse concurso me inspira, mas ele parece uma verdadeira epidemia. E a cidade inteira está doente.

— Oi.

Viro a cabeça e vejo Bo sentado do outro lado do banco.

— O que está fazendo aqui? — pergunto em tom de acusação.

— Compras com minha madrasta e meu irmão. — Ele aponta para a sapataria ao lado da Sweet 16. — Vi você sentar aqui. Meu irmão caçula está experimentando tênis de basquete há quarenta e cinco minutos. — Ele sorri e abaixa o queixo até o peito. — E você, Willowdean, o que está fazendo aqui?

Sinto vontade de tocá-lo. De me aproximar, de dar um beijo no seu rosto e dizer oi. Mas não faço isso. Porque não estamos abraçados no escurinho atrás do Harpy's nem atracados na caminhonete, e porque, embora nenhum de nós tenha chegado a dizer isso com todas as letras, nosso caso é um segredo.

— Vim aqui com uma amiga. Ela veio receber o salário.

— Ellen?

Faço que sim. Já falei sobre a El com Bo, mas conjugando todos os verbos no passado. Não sei como explicar esse estranho abismo que se abriu entre nós, por isso foi mais fácil falar sobre ela do mesmo jeito como falei sobre a Lucy — como se ela pertencesse à minha vida antes de eu o conhecer.

Noto que ele está usando um short e uma camisa de um antigo campeonato de basquete.

— É estranho te ver sem o uniforme. Quase não te reconheci.

— Ah, mas eu te reconheci. — Ele estende as pernas sobre o banco. E que pernas... Nunca as tinha visto expostas antes. — E aí, onde sua amiga trabalha?

Aponto para a Sweet 16.

Ele fica boquiaberto, e sei que agora vou passar a julgá-lo baseada no modo como reagiu a essa informação, mas uma voz o interrompe.

— Bo — chama uma mulher alta e magra, com cabelos castanhos brilhantes cortados em longas camadas. É jovem demais para ser a mãe e velha demais para ser uma irmã.

Ele olha para trás, e de novo para mim.

— Minha madrasta — sussurra.

Fico com a cara no chão. Sempre morri de medo do momento em que os nossos mundos se chocariam.

Atrás da madrasta de Bo está o irmão. É tão alto quanto ele, mas o rostinho redondo mostra que é, pelo menos, um ano mais novo.

— Perdi a noção da hora, não foi? — pergunta a madrasta. — O Sammy tem basquete à uma da tarde. Estamos em cima da hora. — Os olhos dela se fixam em mim, que estou sentada do outro lado do banco. — E quem é essa?

— Como vai? — Levanto e estendo a mão, porque sou uma sulista e, embora a minha mãe diga o contrário, sou muito bem-educada.

— Essa é a Willowdean — responde Bo. Olha ele dizendo meu nome todo

outra vez. — É minha colega de trabalho.

— Willowdean. Um nome... bem comprido, não é?

Esboço um sorriso, prestes a agradecer — pelo quê, não faço a menor ideia —, quando Ellen aparece ao meu lado e diz:

— Mas pode chamá-la de Will.

Engulo em seco e balanço a cabeça.

A madrasta de Bo inclina a cabeça para o lado, como se tivesse acabado de ver a coisa mais adorável do mundo.

— E você é...?

— Ellen — respondo por ela. — Minha melhor amiga. — Respiro fundo. — Ellen, esse é Bo. Ele trabalha comigo no Harpy's.

Bo dá um aceno curto para Ellen, mas ela pousa a mão no braço dele e diz:

— Muito prazer em conhecê-lo.

A madrasta sorri.

— Você é uma simpatia!

Eu sei que Ellen ama Tim. E, mesmo assim, sinto um calafrio de ciúme na espinha que me paralisa. Desde o começo do verão, tenho encontrado mil motivos para não contar a Ellen sobre meu caso com Bo. Mas, por mais que eu enrole, sei que, para ela, a omissão vale por uma mentira. Na verdade, é até capaz de achar que é pior do que uma mentira.

— Imagino que vocês duas estudem na Clover City High?

El e eu balançamos a cabeça.

— Ah, é maravilhoso saber que Bo vai encontrar tantas conhecidas já no primeiro dia!

— Como? — deixo escapar. Há mil coisas erradas na minha relação com Bo, mas, se há uma que está certa, é o fato de nossos mundos não terem qualquer área de interseção fora do trabalho. E, enquanto for assim, será fácil fingir que sou uma garota normal, ficando com um cara normal.

— Pois é, Bo e Sammy não vão voltar para a Holy Cross este ano. — Ela franze um pouco a testa. — Vai ser bom. Uma mudança é sempre bem-vinda, não é, meninos?

Nenhum dos dois responde. Os lábios de Bo se apertam num traço fino, e entendo que ele já sabia desde o começo do verão e não quis me contar.

— Loraine — diz à madrasta —, é melhor a gente ir andando. Sam tem treino. — Ele pega as sacolas no chão, e a madrasta segue à frente, os quadris balançando. E só. Nem um olhar, nem um dar de ombros. Nada que me prometa uma explicação.

Sinto a raiva me ferver da cabeça aos pés.

— Nossa! — exclama El. — O cara é ainda mais gato do que você disse!

— Vamos. — Saio pisando duro à sua frente em direção ao estacionamento.

— Você notou aquela cabeleira sexy que ele tem? E a barba por fazer?

Notei. É claro que notei. Mas não importa. Porque vou ter que dar um basta nisso. Minhas ilusões em relação ao nosso romance clandestino estão se evaporando rapidamente.

Eu tinha uma imagem muito definida de como a nossa relação poderia sobreviver até o fim do ano. Eu e ele iríamos trabalhar e deixaríamos nossas vidas reais do lado de fora da porta. Sem perguntas, só nós dois. Mas deve haver

alguma razão para Bo não ter me contado que mudaria de escola. Tem que haver. E, mesmo que não haja, nós temos que terminar, porque não posso deixar que esse rolo invada a vida real.

Não vou ser ridicularizada. Não quero ser a metade de um casal que todo mundo fica encarando e se perguntando: *Como foi que ela pegou esse cara?*

QUINZE



Desde o início do verão, tenho passado todas as noites livres em casa, entocada no quarto com o laptop e os livros que eu já havia deixado separados nas prateleiras. Mas hoje mamãe botou na cabeça que eu tenho porque tenho que assistir a um programa com ela, enquanto confecciona adereços para o número de dança que vai abrir o concurso.

Eu me sento no sofá, no lado oposto ao canto onde Lucy sempre se sentava, com o meu laptop apoiado em cima de um travesseiro. Mamãe guardou na cristaleira a coroa que costumava ficar no centro do aparador da lareira, para dar espaço à urna com as cinzas de Lucy. É bem pequena, mas basta para me lembrar de que minha mãe é mais do que o concurso.

Ela está usando um tipo de papel-manteiga para colar uns remendos com o ferro de passar em toalhas de brim. É para o almoço do concurso, tenho certeza.

— Então, eu vi uma chamada desse especial outro dia.

Ela zapeia os canais até parar na MTV.

A câmera segue uma garota que anda de costas pela rua de um bairro com as calçadas cobertas de neve. É corpulenta, com a barriga pendurada sobre o jeans. Na mesma hora sei aonde mamãe está querendo chegar.

Detesto ver gordas na tevê ou no cinema, porque parece que o único jeito de o mundo aceitar um gordo é se ele estiver infeliz com o próprio peso ou se for o melhor amigo piadista. E eu não sou nenhuma das duas coisas.

A voz de um locutor inicia a narração, enquanto a garota é mostrada fazendo coisas normais, tipo caminhar e comer. “Priscilla, de dezesseis anos, que mora em Bridgeport, Connecticut, pode ser louca por doces, mas isso não significa que seus dezesseis anos de vida tenham sido doces. Provocada e ridicularizada a vida inteira, ela já está farta de carregar os quilos extras. Ela ainda não sabe disso, mas nós da MTV resolvemos atender ao seu pedido.” A câmera dá um close no traseiro da vítima, o tipo de bunda que afina na base e sempre faz a pessoa parecer que acabou de levar um cuecão. De repente, a câmera corta para uma tela roxa com o nome do programa estampado como um selo de rejeição: **ME TRANSFORMEM: ODEIO SER GORDA.**

Dou uma olhada na mamãe, mas ela continua prestando atenção no seu projeto. Minha vontade é me levantar e ir me trancar no quarto, mas agora fiquei curiosa para saber qual será o destino da Patética Priscilla, por isso decido assistir mais um pouco. Talvez sua vida seja ainda mais complicada do que a minha, e no fim vou sentir que, pelo menos, estou numa situação melhor do que a pobre garota.

Essa estratégia da mamãe não é nenhuma novidade. Antes mesmo de eu chegar aos onze anos, ela já havia me obrigado a fazer mais dietas da moda do que posso enumerar. E isso sempre foi um motivo de discórdia entre ela e Lucy. Eu ouvia as duas batendo boca na cozinha, muito depois da hora em que já deveria estar dormindo.

“Ela é só uma criança”, argumentava Lucy.

“Pois quero que seja uma criança saudável”, retorquia mamãe. “É claro que você entende por que estou fazendo isso, não entende, Lu? Eu só não quero que ela cresça e fique...”

“Como eu? Pode dizer, Rosie. Você não quer que ela cresça e fique como a sua irmã mais velha. Mas ela me vê todos os dias, pelo amor de Deus. Acho que a minha simples existência já basta para desestimular qualquer um.”

“Você sabe muito bem o que enfrentamos quando éramos pequenas. Você se lembra.”

Mamãe nunca falou sobre sua vida antes da adolescência. Ela era gorda como eu. E não era algo de que se orgulhasse. Mas, no verão antes de começar o ensino médio, ela perdeu toda a gordura, como Jake trocando de pele. Lucy, que já estava no último ano, não teve tanta sorte. Por fim, ela acabou desistindo de me obrigar a fazer dieta quando cheguei à sexta série. Não sei exatamente por que motivo, mas só pode ter sido coisa da Lucy.

Na tevê, Priscilla é abordada na escola por uma mulher atarracada e agressiva, que se anuncia como personal trainer. Apesar de ter sido ela mesma que se inscreveu no programa, Priscilla entra em pânico na hora H, resolve se trancar no banheiro e tem uma violenta crise de choro. Por fim, a personal vai até ela e mostra que tem coração, batendo um papo carinhoso com a garota para animá-la. Taí... sinceramente, até fiquei meio entusiasmada. Em relação ao quê, não faço a menor ideia.

Eu nem preciso virar o rosto para saber que os olhos da mamãe estão úmidos. Esse momento “É sua vida que está em jogo, pare de sabotar a magra que existe dentro de você” é o favorito dela em qualquer programa sobre perda de peso.

Passo uma hora inteira saindo do ar a maior parte do tempo, mas não consigo desgrudar os olhos da tela quando, durante uma sessão de exercícios na pista de corrida da escola, a personal de Priscilla pega tão pesado que a garota vomita na arquibancada — diante do time inteiro de futebol.

Depois disso, a carrasca da Priscilla decide que ela deve malhar numa academia. Mas a garota se recusa a se matricular. A personal perde a cabeça e a enche de desaforos.

“Vou me sentir muito sozinha”, desabafa Priscilla, entre soluços. “Você já entrou num lugar que é dedicado a tudo que você não é? Quero ser saudável, mas também quero ser feliz.”

No final, Priscilla perde seis quilos. A personal a aplaude durante a última pesagem, mas dá para ver seu olhar decepcionado. Os créditos passam e as legendas explicam que, seis meses depois, Priscilla ainda está comprometida em manter um estilo de vida saudável, mas que já se resignou com o fato de que terá problemas com a balança pelo resto da vida.

Se El estivesse aqui, conversaríamos sobre o ridículo de um programa desses ser considerado entretenimento.

— Bem — diz mamãe —, foi inspirador.

Não tenho nada a declarar que ela esteja disposta a ouvir.

— Vou para o quarto. Já acabou aí?

Ela pega o controle remoto e sintoniza o noticiário da noite.

— Não, não. Tenho um monte de coisas para fazer antes da reunião de

amanhã com a diretoria do concurso.

— Vou dormir.

— Boa noite, Dumplin’.

Já no segundo andar, paro diante da porta de Lucy por um momento longo demais antes de ir para o meu quarto. Tiro o celular do carregador e vejo que não recebi nenhuma mensagem de Bo. Desabo na cama e seguro entre as mãos a Bola 8 Mágica que ele me deu. Tenho perguntas demais para me contentar com uma só, mas sacudo a esfera três vezes e olho a resposta. *O prognóstico não é bom.*

O celular vibra.

ELLEN: Acabei de sair do trabalho. Você está bem? Pareceu meio estranha quando a gente veio embora do shopping.

Decido contar mais uma mentira, porque agora é tarde para voltar atrás.

EU: Estou bem. É que o concurso tomou conta da minha casa. “Peito pra cima! Bunda pra fora!” Um saco.

ELLEN: Grotesco. Quer que eu vá aí?

EU: Acho que prefiro ir dormir.

ELLEN: Tudo bem. Tim comprou uns óleos de massagem. Acha bizarro?

Reflito sobre a pergunta por um segundo.

EU: Não, a menos que tenham cheiro de algodão doce. Cês dois são um nojo. Boa noite.

DEZESSEIS

A raiva furiosa de ontem deu lugar a uma triste frustração. Não tenho motivos para pensar que Bo me deve alguma coisa.

Beijos trocados diante de uma caçamba de lixo e no estacionamento de uma escola abandonada não significam nada. Se é só isso que nós temos — momentos na sombra e uma sacola de presentinhos cômicos —, fui muito idiota em pensar que merecia algo mais dele.

Essa é a conversa que tenho comigo mesma a caminho do trabalho.

Guardo minhas coisas no armário e saio da cozinha o mais depressa possível. Anoto os pedidos com toda rapidez e eficiência, e nem me dou ao trabalho de olhar para os clientes. Bo fixa os olhos bem na minha testa enquanto coloca sanduíches sob a lâmpada que mantém a comida aquecida ou cola adesivos desnecessários nas embalagens dos sanduíches, algo que sempre me faz sorrir. Mas continuo diligente, com os olhos fixos em qualquer coisa, menos nele.

Posso sentir a mudança entre nós, concreta e palpável, mas Marcus e Ron não estão nos tratando diferente, porque, para eles, não há nenhum problema visível. Meu mundinho de verão está desabando em cima de mim e eu sou a única testemunha. *É isso que acontece,* penso, *quando um segredo se transforma numa mentira.*

Depois do corre-corre da hora do jantar, a cozinha fica um caos, como se dois exércitos tivessem travado uma batalha de vida ou morte pela comida. Quando Ron pede um voluntário para reabastecer o balcão de condimentos, eu me ofereço com o maior prazer.

Fico esperando que a porta da despensa se feche atrás de mim, mas, como isso não acontece, compreendo a razão.

— Oi — diz Bo.

Não me viro para ele.

Tirando produtos de várias prateleiras, começo a arrumar as pilhas de suprimentos para levar para o balcão.

— Olha... — começa ele. — Eu ia te contar.

Escuto o som dos passos e o hálito no meu pescoço. Ele põe a mão na minha e sinto a secura das luvas de borracha que ele usa na cozinha, mas, mesmo assim, ele ainda me seduz.

— Não surgiu uma oportunidade. — Seu nariz roça minha nuca e pressiona os fios de cabelo soltos do rabo de cavalo. — Não fica zangada.

— Não... Eu não posso conversar sobre isso agora. — Nem mesmo sei como conversar com ele. Não sem os nossos lábios colados.

Ele beija meu pescoço, a região sedosa na base da orelha.

— Por favor. Por favor, para. — Arranco a mão, aperto contra o peito as caixas de guardanapos, utensílios e condimentos e passo bruscamente por ele.

— Willowdean.

Quero pegar meu nome de volta. Apagar o momento do nosso primeiro beijo,

de que ele se apropriou indevidamente.

— Poxa, por favor... — pede ele, um pouco baixo demais, como se já estivesse resignado a perder uma briga que ainda nem começou.



No fim da noite, começo a completar os saleiros e pimenteiros. A campainha acima da porta tilinta, e deixo que Marcus atenda.

— Ei, Bo — chama ele. — Seu amiguinho tá aqui.

Dou uma olhada no outro canto e vejo Collin, o mesmo garoto que visitou Bo no começo do verão.

— Veio fazer o quê aqui, cara? — pergunta Bo. Está parecendo exausto, com olheiras fundas.

Collin abre um sorriso.

— Vim só fazer uma visita ao meu velho amigo. A Holy Cross não vai ser a mesma sem você.

— Vocês vão sobreviver.

— Aliás, Amber mandou um abraço. Está passando muito melhor. A distância fez bem pra ela. — Collin dá de ombros. — Distrações sempre ajudam.

— Bom pra ela — murmura Bo entre os dentes.

— Você deveria pintar lá na quadra uma noite dessas. Para assistir na arquibancada, sei lá.

Alguma coisa faz cócegas na minha mão. Dou uma olhada e vejo que entornei sal em cima do balcão.

Os dois se viram para mim.

Collin sorri.

— Ah, eu me lembro de você. Como é mesmo o seu nome?

Abro a boca para responder, mas...

— Will. O nome dela é Will — adianta-se Bo.

É uma navalhada no rosto ouvi-lo me chamar por outro nome que não Willowdean. Deixo o sal e a pimenta no balcão e saio pela cozinha para pegar o lixo. Passos me seguem.

— Por favor, fala comigo — pede Bo.

Saio apressada pela porta dos fundos, sem responder. Estendo o braço e tento destampar a caçamba alta uma, duas, três vezes. Ele estende o dele e consegue de primeira.

— Precisamos conversar. — Bo tira os sacos das minhas mãos fechadas e os joga na boca da caçamba.

Esfrego as mãos suadas nas coxas.

— Sobre o quê? E a tal garota? Hein? O que eu fui? Seu casinho de verão?

Ele dá um passo à frente e eu quase dou um atrás para manter a distância, mas não estou disposta a mostrar uma gota de fraqueza.

— Você não foi um casinho, tá legal? Não é isso que a nossa relação foi. O que a nossa relação é. — Sua voz despenca uma oitava. — Mas a comunicação nunca foi exatamente o forte da nossa relação.

— Você podia, pelo menos, ter me contado que não voltaria para a Holy Cross.

Ele se cala por um momento, e eu interpreto seu silêncio como uma confissão.

— Por que não quis me contar, Bo? Por quê? Estava torcendo para que eu não descobrisse?

— Não, é que...

— Não importa. — Suspiro. — Nem sei por que estamos nos dando ao trabalho de discutir. Nós nos beijamos atrás da caçamba e num estacionamento abandonado. Não é o tipo de relação que valha a pena discutir.

Para não falar no jeito como a minha autoestima vai por água abaixo sempre que ele encosta em mim. Como se meu inconsciente dissesse: não tenho valor. Não sou bonita. Não sou magra.

— Eu pensava que você fosse incompreendido. Que as pessoas não te entendessem. Mas estava enganada. Você é um babaca, Bo Larson. — Agora dou um passo atrás, afrouxando a linha entre nós que nos manteve tensos o verão inteiro. Gostaria de poder contar tudo isso a Ellen. — E pra mim já chega de ser o seu segredo.

DEZESSETE

Mal dou uma olhada na minha agenda antes do primeiro dia de aula.

Fico esperando pela El na frente da sala durante o segundo tempo. É a única aula que temos em comum este semestre. Quando a campainha toca pela segunda vez e já estou prestes a entrar sozinha, lá vem ela voando pelo corredor na minha direção, com Tim atrás.

— Me desculpe, Will! — pede El, ofegante. Tim dá uma apertadinha na mão dela e continua correndo até a próxima sala, onde será a aula dele.

— Que é que vocês estavam fazendo?

Ela mexe as sobrancelhas, maliciosa, e dá de ombros.

Balanço a cabeça e entro na sala atrás dela.

Só encontramos duas carteiras vagas. Uma atrás da Callie, a colega da El, que acena para ela ir sentar ali, e outra nos fundos da sala, uma carteira dupla, ao lado de Mitch Lewis.

El se vira para mim e sussurra:

— Me perdoe, Will, de coração. A gente chega mais cedo na próxima aula. Prometo.

Vou me arrastando até os fundos da sala para me sentar ao lado de Mitch.

Quando me acomodo, Mitch retira a mochila para eu ter mais espaço do meu lado da carteira. Mitch é um gigante. É meio barrigudo e tem os ombros mais largos que uma porta, mas ninguém olha para ele e diz que é gordo, e sim atlético. O que faz sentido, já que é zagueiro do CCHS Rams.

— Oi — sussurra ele com o típico sotaque sulista que a gente ouve os atores de Hollywood imitarem. É quase simpático. — Will, não é?

Faço que sim com os olhos fixos no Sr. Krispin, como se não pudesse suportar que me distraiam da sua fascinante chamada.

— Eu seria capaz de apostar que não assistimos a uma aula juntos desde o sexto ano.

— Sra. Salisbury. — Sorrio, surpresa por ele se lembrar de uma coisa dessas. Foi a melhor professora que já tive. Eu me lembro de Mitch porque ele fazia as perguntas mais burras do mundo, tipo “Por que o ar é invisível?”, e, enquanto o pessoal ria baixinho, ela dava uma resposta tão inteligente que todo mundo percebia que a pergunta não tinha sido tão burra assim.

O Sr. Krispin dá início às atividades do dia e, no fim da aula, quando a campainha toca, ele anuncia:

— Espero que nenhum de vocês tenha problemas para assumir compromissos. Os lugares onde se sentaram hoje serão os mesmos que ocuparão durante o resto do semestre.

Enquanto o restante da turma avança em peso para a porta, El abre caminho pela multidão para chegar até mim.

— Me perdoa? — pede.

— É a única aula que vamos ter juntas, e não vamos nem poder sentar ao lado uma da outra.

Callie atravessa a multidão e nos interrompe.

— El-bell, você vai para o corredor C, não vai? — E para mim: — Oi, Willow.

Finjo um sorriso quilométrico, até onde o rosto se estica.

Ellen aperta a minha mão.

— Falo com você mais tarde, tá? — Ela já deu três passos na direção oposta, quando se vira e acrescenta: — E pode deixar que eu converso com o Krispin sobre os lugares onde a gente vai se sentar.



Não vejo sinal de Bo o dia inteiro, só o irmão caçula, quando passo pelo corredor onde estão os alunos do nono ano. Embora saiba que vou vê-lo no trabalho à noite, sinto um alívio imenso ao seguir para o estacionamento, à procura do Jeep do Tim.

— Will!

Levanto os olhos. A cabeça de Mitch se agita no meio da multidão.

Para minha surpresa, sorrio quando ele se aproxima.

Mitch começa a caminhar ao meu lado e diz:

— E aí, o que você costuma fazer?

Quase dou uma risada, mas então sinto a lembrança da Sra. Salisbury pousar no meu ombro como um passarinho.

— Além de vir à escola?

— É.

— Bom, eu trabalho. — Meus ombros se erguem, em dúvida. — Vejo tevê... É isso que você quer saber?

— Onde você trabalha?

— No Harpy’s. Por quê?

Ele passa à minha frente e abre a porta para mim.

— Eu queria saber aonde te levar no nosso primeiro encontro, e aí pensei que deveria descobrir um pouco mais sobre você antes de escolher o lugar.

— Nosso primeiro encontro? — Aguardo enquanto ele segura a porta para uma manada de alunas do nono ano passar.

Bem-educado. Pai do céu. Ele é bem-educado.

— Exatamente. O encontro para o qual estou prestes a te convidar. E então, quer me conceder a honra de sair em minha companhia?

— Eu... Mas por quê?

— Por que eu te convidei?

Faço que sim.

— Bem, porque você é bonitinha. E porque me traz boas lembranças da sexta série.

— Ah, tá. — O “bonitinha” não chega a me encantar, mas é melhor do que outros adjetivos que já ouvi. — E você já convidou alguma menina pra sair antes?

— Uma ou outra.

— E alguma aceitou? — Paro e me viro para ele, mãos levantadas. — Espera

aí. Não. Sabe de uma coisa? — A imagem de Bo no restaurante se acende na memória. Ouço-o dizer meu nome, e penso que a nossa situação não tem futuro. — Sim. A resposta é sim. Eu aceito sair com você.

Ele estende a mão para um aperto e eu a seguro. Fico esperando que esteja suada, mas não está. Como em Cachinhos Dourados e a terceira cama. Bem sequinha.

Mitch digita meu número no celular e promete me mandar uma mensagem para que eu possa salvar o dele. Então, segue em direção ao vestiário, que fica na frente do estádio.

Acho que é capaz de ser uma má ideia, mas eu vivo achando mil coisas. E preciso esquecer o Bo. Parece um bom começo.

— Will! — chama El bruscamente. Ela vem avançando pelas fileiras do estacionamento dos alunos, rebolando os quadris como uma corredora durante uma prova de marcha atlética nas Olimpíadas. — O. Que. Foi. Isso?

Dou de ombros.

— Sua galinha! Deu o telefone pra ele!

Tim se aproxima atrás dela, o celular na mão.

— Espera aí — diz ele. — Aquele era o Mitch Lewis?

Ellen responde antes mesmo que as palavras me ocorram:

— Em carne e osso. E essa periguete acabou de dar o número dela.

— O cara joga muito. Ouvi dizer que as gatas vivem em cima dele.

Esse é o problema de todos os jogadores de futebol americano decentes de Clover City. De vez em quando, o namoro se transforma em algo mais. A única coisa que se aproxima do futebol americano por aqui é o concurso. Os dois são a razão de ser da cidade. E digo isso no bom sentido. O concurso e o futebol americano obrigam nossa cidadezinha a sair da própria casca e florescer. Porque, quando as luzes do estádio se acendem e as cortinas do palco se abrem, estamos no ápice de nós mesmos.

— Não importa se ele joga bem ou não — decreta Ellen. — É amigo do Patrick Thomas.

— Ah, meu Deus. Aquele babaca, não. — Ainda vejo o cara me fuzilando com os olhos depois da aula no dia em que salvei a Millie das garras dele.

Tim balança a cabeça.

— É verdade. Eles são amigos desde pequenos.

Caminhamos até a Jolene, Tim atrás de nós, novamente enfronhado no celular.

— Então, talvez o esquema das carteiras na aula do Krispin não vá ser tão mau assim — diz El. Se ela soubesse tudo que aconteceu entre mim e Bo, bancaria a voz da minha consciência e diria que é cedo demais. Que primeiro preciso esquecê-lo.

Estendo a mão às costas e procuro as chaves no bolso frontal da mochila.

— É, eu acho que sim, mas ainda preferiria me sentar com você — respondo.

— Vocês não vão se sentar juntas no segundo tempo?

— Não. Graças a essa aí — aponto para El —, chegamos atrasadas.

— Desculpe — repete ela. — Eu já pedi desculpas?

— Bom, pelo menos você tem a Callie — provoco.

— Ah, por favor. Não seja assim.

— Fala sério, gata — diz Tim. — Você sabe que aquela garota é a maior mala sem alça do mundo, não sabe?

— Me deixem em paz, vocês dois. Ela é minha amiga, tá legal?

— Nós somos seus únicos amigos — diz Tim, um sorriso curvando seus lábios. — Você não precisa de outros amigos. — Dá um beijo no rosto de El.

— É isso aí — meto minha colher torta. — Só da gente. — E estou quase falando sério.

El bate com o ombro no meu.

— Senti a sua falta hoje.

— Eu também. — Embora ela esteja parada bem ao meu lado, parece tão distante. Mais distante do que posso ver.

DEZOITO

À noite, quando já estou no trabalho, o celular toca. Deixo Marcus no balcão e atendo, enquanto caminho até a sala dos funcionários.

— Oi, tudo bem? Aqui é o Mitch. — A linha fica em silêncio por um segundo. — Estou te ligando para combinar nossa saída. — Ele já não está mais parecendo tão confiante no telefone. O que até seria fofo, se não tivesse também certa pinta de propaganda enganosa. Mas acho que foi simpático da parte dele telefonar em vez de mandar uma mensagem.

— Ah, sim. Claro.

— Que tal no sábado? — pergunta ele. — Nossa primeira partida vai ser na sexta.

— Claro, no sábado está ótimo.

— Tudo bem, então. — Posso ouvir seu sorriso. — Maravilha.

— Então está combinado, no sábado. Mas vou te ver na escola antes disso — relembro a ele.

— Certo. Sim, vamos nos ver antes. Porque estudamos na mesma escola. E porque pareceria estranho se eu te evitasse até lá.

Dou uma risada.

— Hum-hum. Claro. Muito estranho.

Depois de desligar, volto a atravessar a cozinha, onde Bo está encostado no fogão, com os braços cruzados, mordendo o lábio inferior, enquanto seu olhar me segue até eu contornar a parede.

Estou me sentindo ótima. É algo que me faz muito bem. Ser desejada sem ser possuída.

No fim da noite, saio com Bo e Marcus, já que Ron ainda está preenchendo os cheques dos funcionários. Marcus entra no carro da namorada e some do estacionamento em questão de segundos.

Bo não diz uma palavra, apenas espera para ir embora enquanto ligo a Jolene e saio de ré da vaga.

O carro passa pelo quebra-molas na saída e os faróis iluminam as vitrines do Chili Bowl, o restaurante que fica do outro lado da rua. Emoldurado pela vitrine, está um grande cartaz que diz ESTAMOS CONTRATANDO. O chili até pode ser uma especialidade da culinária sulista, mas a Opinião Oficial de Willowdean é a seguinte: se parece comida de cachorro e cheira a comida de cachorro, então deve ser comida de cachorro. Há uma longa lista de coisas que eu prefiro fazer a trabalhar lá.

Bo passa por mim, mas continuo olhando para frente. Sempre para frente.

E agora cá estou eu, esperando para falar com o gerente do Chili Bowl.

O lugar foi construído para se parecer com uma cabana de brinquedo, daquelas bem rústicas, feitas de toras empilhadas. As paredes são cobertas por

mil e um estilos de molduras com fotos de moradores de Clover City dos últimos sessenta anos fazendo de tudo, desde curtir um piquenique ao lado do carro até beber cerveja na varanda ou se esparramar na grama para assistir à parada do Quatro de Julho.

Entro numa baia para esperar o gerente, com o Harpy's bem do outro lado da rua me atormentando.

A culpa é toda do Bo. As coisas estavam indo muito bem até o quinto tempo. Eu estava tendo um ótimo dia. Tudo normal no trabalho na véspera, e talvez eu estivesse me sentindo meio envaidecida demais por causa disso. Um primeiro dia de aula bastante razoável. Um primeiro encontro à vista. E uma relação profissional relativamente amigável com Bo.

Mas, quinze minutos depois de começar a aula de história, Bo entra na sala com um papel amarelo dobrado ao meio. Um aviso de transferência.

— Turma — chama a Srta. Rubio —, gostaria que dessem as boas-vindas a Bo Larson. Ele vai participar da nossa aula pelo restante do ano.

A melhor amiga da Millie, Amanda, que senta perto de mim, solta um assovio baixinho.

Ele foi se sentar na fila ao lado, duas carteiras à minha frente. Enquanto se acomodava, deu uma olhada para trás e piscou para mim sem a menor cerimônia.

— Esse não é o cara com quem você trabalha? — cochichou ela.

— É. — A sensação de pavor foi tão violenta que eu cheguei a ficar nauseada.

— E como é que você consegue trabalhar olhando *praquela* bundinha que parece um pêssego?

— O quê?

— Parece direitinho o emoji do pêssego — explica ela. — *Bundinha de Pêssego* suculenta...

Depois da aula, saí em campo como quem realiza uma missão. Nem esperei por El e Tim. Entrei no carro, botei no drive e saí do estacionamento o mais depressa possível. Milagrosamente, não atropelei nenhum pedestre no caminho.

Portanto, foi isso que me trouxe ao Chili Bowl.

— Está aqui por causa do emprego? — Um cara que não deve ter mais de vinte e cinco anos, com cabelos pretos lisos e escorridos, senta numa cadeira à minha frente. — Meu nome é Alejandro.

— Hum-hum. — Balanço a cabeça.

— O salário é uma merda.

— Eu preciso de um emprego.

— Tudo bem. — Ele se inclina para mim, como se alguém pudesse ouvi-lo, embora o lugar esteja deserto. Acho que ele é do tipo ansioso, e por isso prefere trabalhar num lugar sem movimento. — O negócio é o seguinte: já foi presa?

— Não.

— Já trabalhou num restaurante?

— Mais ou menos. Eu fui caixa no Harpy's.

— Chega perto. E, finalmente, foi demitida do último emprego?

— Não.

Ele gira os polegares em volta um do outro e respira pausadamente várias vezes.

— Quando pode começar?

E esse é o fim da entrevista.

Eu me recosto na baia. Diante do Harpy’s, Ron está sentado no meio-fio, fumando um cigarrinho no seu intervalo. Estou me sentindo uma idiota por deixá-los desse jeito, sem qualquer aviso, mas não posso enfrentar Bo quatro noites por semana.

— Agora mesmo — respondo.

A porta do escritório de Ron está aberta. Ele está sentado atrás da mesa, vestindo uma bermuda cáqui e uma camisa polo do time do colégio.

— Will.

— Eu... Podemos conversar? — Abro a porta mais um pouco, as dobradiças rangem.

— O que é que manda, menina?

Prendo a respiração e então solto o ar.

— Preciso ir embora.

Ele aperta os lábios, franzindo as sobrancelhas grossas. Vejo as dúvidas no seu rosto, mas ele se limita a perguntar:

— Aconteceu alguma coisa?

Faço que não com a cabeça.

— Vou devolver o uniforme depois que lavar.

Ele assente.

— Não tem pressa.

E, exatamente como aconteceu com Bo, fico triste por ele não ter insistido mais.

Nenhum de nós diz uma palavra.

— Mas... muito obrigada — acrescento, rompendo o silêncio. — Pela oportunidade.

— Vou sentir falta de ver o seu rosto por aqui — diz ele.

Volto para casa em silêncio, com as janelas abaixadas, os pensamentos sendo engolidos pelo vento.

DEZENOVE

Na sexta, vou para a casa da El depois da aula. Sentamos à mesa da sala de jantar, dividindo um saco de batatas fritas, enquanto a mãe dela abre embalagens de materiais para trabalhar no seu scrapbook. Espalhadas sobre a mesa à nossa frente estão várias fotos da Sra. Dryver exibindo mil e um visuais da Dolly Parton. Depois de limpar os dedos no jeans, observo uma das fotos em que ela aparece vestindo um casaco de camurça com mangas franjadas e uma longa saia lápis jeans. Os cabelos estão lisos, com um topete bem alto, como os da Dolly nos primeiros anos da sua carreira.

— Gosto deste — digo a ela.

A Sra. Dryver pousa a mão no meu ombro.

— Ah, eu também. Acho que é o meu penteado favorito. Foi uma drag queen em Odessa que confeccionou a peruca para mim. Ele demorou uma semana para acertar.

El pega uma fotografia da mãe envergando um longo de lantejoulas vermelhas.

— Belo permanente, mãe. Muito chique.

— Ellen Sadie Rose, você não reconheceria uma coisa chique nem em um milhão de anos. — Faz cócegas na nuca da El com as unhas compridas.

Enquanto Ellen é alta e magra, a mãe é atarracada e curvilínea. Mas dá para ver que são mãe e filha pelo jeito como elas enrolam o cabelo no dedo, mordem o lábio inferior e assobiam pelo canudinho antes de dar um gole.

— Leva esta de lembrança — diz a Sra. D, entregando-me uma foto em que aparece com Lucy, tirada há anos. Elas estão diante de um letreiro de néon que diz THE HIDEAWAY. Atrás delas há um estabelecimento lotado de gente e fumaça. Parece ser um bar ou uma boate, mas, seja lá o que for, é o tipo de lugar aonde Lucy nunca teria ido desacompanhada. A Sra. Dryver está usando um macacão com uma camiseta vermelha justinha por baixo, enquanto Lucy usa um dos vestidos bem largos que eram sua assinatura, mas com um toque de sombra azul nos olhos. Eu nunca a tinha visto maquiada. A Sra. D despertava o lado mais arrojado de Lucy. Sei que ela era importante para a Sra. D, mas, para Lucy, era uma amizade eterna.

Guardo a foto no bolso da mochila. Adorei, mas também me entristeceu. A Sra. Dryver é a Dolly perfeita, e era impossível para Lucy, com as pernas grossas e pálidas e o cabelo escorrido, não parecer deprimente em comparação. A fina camada de sombra azul nas pálpebras foi um apelo silencioso à mulher que ela sempre quis ser. Mesmo posando de queixo empinado, não posso deixar de ver o que ela não era. E me sinto uma traidora por isso.

— Por que você nunca participou do concurso, mãe? — pergunta El.

Está aí uma coisa que eu sempre quis saber. A vida da Sra. D é praticamente concurso atrás de concurso. Ela teria tirado de letra o de Clover City.

Ela dá de ombros.

— Eu até pensei em participar. Acho que todas as garotas da cidade pensam. Mas eu não era a mesma pessoa que sou hoje. Na época, eu não tinha coragem para fingir que sou segura de mim o bastante para entrar num concurso de beleza.

Suas palavras calam fundo em mim. E me pergunto se é por isso que o concurso mexeu mais comigo este ano do que no ano passado. As candidatas devem se orgulhar de si o bastante para acharem que *merecem* competir. Esse tipo de autoconfiança inabalável está me deixando insegura de um jeito como eu nunca tinha me sentido.

Ellen enfia um punhado de batatas fritas na boca.

— Vamos lá pra cima.

Pego a tigela e a sigo até o quarto. Deitamos em direções opostas, ela com a cabeça aos pés da cama e eu com a minha nos travesseiros empilhados.

— Quer dizer então que você saiu do Harpy's? Assim, sem mais nem menos? — pergunta ela, de boca cheia.

— O Chili Bowl estava precisando de atendentes.

— O Chili Bowl sempre está precisando de atendentes — rebate ela.

Pego um punhado de batatas na tigela.

— Sei lá. Estava cansada de usar aquele uniforme.

Acho que El se dá por satisfeita com essa explicação, porque na mesma hora passa para um assunto muito mais picante.

— E aí, quando é que vai ser o seu encontro?

— Amanhã.

— Está nervosa?

— Acho que sim. Mas não muito.

— Mitch... Eu nunca teria adivinhado. Você gosta dele?

— Gosto. Sei lá, acho que preciso de algo novo. — Cubro o rosto com um dos travesseiros, abafando as palavras. — Não teria aceitado o convite, se não gostasse.

— Algo novo? Você nem nunca foi beijada. — Ela dá um laço frouxo nos cadarços do meu tênis. — Ele não parece fazer o seu tipo.

Estou sufocando de culpa. Não posso mais contar a ela sobre Bo. É tarde demais, e, de todo modo, não há mais nada a contar.

— Eu não tenho um tipo.

— Ainda não.

Mais tarde, quando estaciono o carro na frente de casa, a primeira coisa que noto é a janela acesa do quarto de Lucy.

Eu até deveria me demorar mais um pouco e me preparar para o que a minha mãe estiver fazendo com aquele quarto, mas, em vez disso, tiro a chave da ignição e avanço a passos furiosos para os fundos. Riot está esfregando o corpo na porta de vidro. A primeira coisa que ouço é Olivia Newton-John no volume máximo no segundo andar.

Jogo a bolsa na bancada da cozinha enquanto Riot corre pela escada, alguns passos à minha frente.

Não sei o que espero encontrar, mas não é mamãe sentada por trás de uma

mesinha dobrável e todos os móveis de Lucy empurrados até as paredes.

— O que está fazendo? — pergunto à queima-roupa. Os discos emoldurados da Dolly Parton que enfeitaram essas paredes durante a minha vida inteira estão empilhados na ponta da cômoda, e o iPod da mamãe, jogado em cima do toca-discos rosa-claro de Lucy.

É o pior que poderia ter acontecido.

— Bem — responde ela, os olhos fixos na máquina, enquanto costura uma linha reta. — Eu sempre precisei de um ateliê. Nós já conversamos sobre isso. E o meu quarto não está mais dando conta do recado.

— Seu quarto? Você tem a casa inteira!

Ela empurra os óculos de leitura até o alto do nariz.

— Eu sei que você está aborrecida, Dumplin'. Eu sei. Mas não podemos deixar este quarto fechado como um mausoléu. Temos que seguir em frente. Lu compreenderia.

Sou eu que não compreendo.

— Mas você mudou tudo. Será que não pode trabalhar aqui sem virar o quarto do avesso? Até tirou as capas dos discos das paredes. Por que fez isso?

— Ah, querida, esses discos já estavam tão velhos... E também vamos ter que trocar o papel de parede, por causa das manchas quadradas que deixaram.

Pego o maior número possível de discos e os carrego até meu quarto. Se me restassem mãos livres, também bateria a porta. Solto os discos em cima da cama e volto para buscar mais.

— Dumplin'...

Dou meia-volta, apertando contra o peito os discos embolorados.

— É como se você estivesse tentando se livrar dela.

— Você sabe que isso não é verdade — murmura mamãe, uma agulha presa entre os dentes.

— Afinal, no que está trabalhando?

— Cenários. Este ano, o tema será "Texas: Somos Ou Não Somos Os Bão?" — Ela traça uma linha no cetim com um pilô vermelho. — E você não deveria estar trabalhando?

— Eu me demiti.

— Se demitiu? — Sua voz sai mais alta do que o normal.

Por fim, ela endireita um longo pedaço de cetim na máquina de costura, o pé suspenso acima do pedal.

A minha vida inteira, esse bendito concurso invadiu cada centímetro do meu mundo, menos o quarto de Lucy. Porque, no mundo em que eu vivia com ela, ninguém dava a mínima para coroas e faixas.

— É extremamente desrespeitoso da sua parte vir costurar essas fantasias ridículas logo aqui. Afinal, o que pode ser tão difícil assim numa fantasia de Estátua da Liberdade? Basta jogar um pedaço de pano em cima do ombro. — Minha voz começa a falhar. Mantenho os olhos bem abertos, com medo de piscar e rios de lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

A máquina de costura trepida num ritmo metódico, implacável, mas que vai ficando mais forte a cada ponto. A agulha incessante perfura minha cabeça, esperando que eu entregue os pontos.

— Dumplin' — ela me chama sem tirar os olhos da máquina, ignorando

totalmente o que acabei de dizer. — Por que não vai à cozinha e toma um copo de água gelada para se acalmar?

O desespero cresce no meu peito, e eu penso que seria capaz de fazer qualquer coisa para tirá-la deste quarto.

Caminho em passos duros até a cômoda e arranco a gaveta de cima. Sem qualquer hesitação, encho o interior vazio com tudo em que consigo pôr as mãos — principalmente discos.

— Willowdean Dickson, acho bom rezar para não ter quebrado o trilho da gaveta.

— É como se a morte dela não bastasse! — grito. — Você não vai se sentir satisfeita até dar sumiço em cada parte de Lucy e encher este quarto com tudo que ela não era!

A máquina finalmente para. Minha mãe se levanta sem dizer uma palavra.

Levo a gaveta para o quarto e bato a porta. Torvelinhos de poeira giram no ar, fazendo cócegas nas minhas narinas. Solto um espirro violento nos álbuns.

— Saúde — diz ela, do corredor. Sua voz sai tão baixa que mal dá para ouvir.

VINTE



Os preparativos para o meu encontro com Mitch mais parecem um processo de transformação total que acontece no meu quarto. El me faz experimentar mil e um vestidos, desde o que usei na festa de formatura da oitava série até essa túnica trapézio de chiffon com estampa floral que mamãe me deu no Natal passado. “Você fica tão madura com ela”, foram suas palavras. Que eu não recebi como um elogio.

Por fim, o visual escolhido é um jeans com uma camisa de listrinhas brancas e pretas, arrematado por meus cabelos castanho-claros soltos sobre os ombros.

Digo a Mitch para vir me buscar às cinco, já que mamãe ficou presa na reunião com a diretoria do concurso até as seis, e eu não estava a fim de ouvir um discurso quilométrico sobre como ser uma moça fina e quais são as expectativas dos rapazes. Fora o fato de que eu ainda estava furiosa com ela, é claro.

Após trancar a porta dos fundos, sento-me no meio-fio ao lado da caixa de correio. Ouço e sinto o cheiro do carro antes mesmo de dobrar a esquina. Ele dirige um velho Suburban vermelho-tijolo que não deve passar por uma revisão há uns cinco anos. Estaciona à minha frente e sai no instante em que desliga o motor.

— Estou atrasado? — Ele segura a minha mão e me puxa... Nossa, que força.

— Não, nem um pouco.

— É que eu não entendi por que você está sentada aqui fora, já que normalmente os rapazes vão buscar as moças na porta de casa.

— Ah. — Aponto o polegar para a varanda. — É que nós não usamos a porta da sala. Está emperrada há séculos.

Ele inclina a cabeça de lado.

— Você está muito bonita.

— Você também. — E está mesmo. Com uma camisa social, comprida até mesmo para um cara alto como ele, e um jeans engomado, com vinco e tudo. E botas. Não daquelas de bico fino de caubói que a gente vê no cinema, mas esportivas, com bico arredondado. Minha avó costumava dizer que nunca se deve confiar num homem com botas limpas.

O interior do carro de Mitch está relativamente limpo, mas não há um sulco à vista que não esteja entupido de pó e sujeira. O banco traseiro é um verdadeiro mar de roupas — calças com estampa de camuflagem, botas — e copos descartáveis.

Ele me leva a um restaurante chamado Mr. Chang’s Chinese Palace, um point badalado num velho shopping que abriga várias financeiras, companhias de seguros e a filial de uma empresa que faz declarações de imposto de renda e obriga os funcionários a se fantasiarem de Estátua da Liberdade.

A hostess nos acomoda numa cabine de “madrepérola” como uma daquelas conchas gigantes de *A Pequena Sereia*, em que a Ariel ficava com as irmãs. Para

minha surpresa, Mitch senta ao meu lado e não à minha frente, e um “ah” involuntário me escapa dos lábios.

A garçonete aparece para anotar nosso pedido e Mitch pergunta:

— Sabe aqueles negocinhos crocantes que vocês têm? Podia trazer uma porção, com molho de maçã?

— Hum, claro — responde a garçonete, uma menina que reconheço como sendo uma das alunas do último ano quando eu estava no nono ano, o primeiro do ensino médio.

Assim que ela se afasta, Mitch se vira para mim.

— Eu detestava ir a restaurantes chineses quando era pequeno, porque o couvert não tinha pão nem torradinhas, por isso minha mãe sempre pedia aqueles negocinhos crocantes...

— Rolinhos primavera. — Tenho que me controlar para não sorrir. — É assim que se chamam.

— Hum-hum. Pois é, são uma delícia.

Estudamos o cardápio em silêncio. Quando a garçonete se aproxima com nossas bebidas, Mitch se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Pode pedir o que quiser.

Fico tentada a responder que todos os pratos no cardápio têm mais ou menos o mesmo preço, mas me limito a agradecer.

Assim que a garçonete anota os pedidos, Mitch estende um rolinho para mim.

— Aceita?

Faço que não.

— Eu soube que o seu time ganhou ontem.

Ele concorda.

— Foi meio apertado, mas, enfim, vitória é vitória.

Ficamos em silêncio por um momento, enquanto o rádio toca nos alto-falantes e nossos pés se roçam.

Mitch dá uma tossida no punho.

— Quer dizer então que a Ellen Dryver é a sua melhor amiga.

Pego o copo d’água e minha boca fica de um lado para o outro, sem conseguir encontrar o canudo.

— É, sim. — Conto a ele sobre Lucy e a Sra. Dryver, e como a Dolly Parton nos aproximou.

— Você é fãzaça da Dolly Parton? Mas ela não está caquética?

Não sei se existe algum manual ensinando a gente a sair com um cara sem pagar o mico do século, mas, se existe, tenho certeza de que confessar uma obsessão bizarra por Dolly Parton não está na lista do que se deve fazer. Mesmo assim, não consigo trair o intenso sentimento de lealdade que tenho em relação a ela.

— Vamos aos fatos. Sim, eu sou fãzaça da Dolly Parton. E há uma coisa que você precisa entender sobre os fãs da Dolly: a maioria de nós é louca de pedra. Então, considerando essa alta taxa de loucura entre nós, eu, em comparação, não sou tão pinel quanto os outros. Afinal, há pessoas no mundo que dedicaram a vida a fazer bonecas de porcelana da Dolly Parton. Algumas até abandonaram a família e o emprego só para ficar perto dela.

— Tudo bem — diz Mitch, as sobrancelhas franzidas. Dá para ver que ele

está fazendo um grande esforço para compreender. — Tudo bem, mas, numa escala de um a dez...?

— Numa escala de um a dez, sendo dez o grau de louco varrido, acho que Ellen e eu somos quatro. Ou talvez cinco. A Sra. Dryver não é menos de oito, mas não chega a nove, porque não fez plástica. Pelo menos, ainda não. E acho que a minha tia Lucy era sete.

— Era? — pergunta ele.

A lembrança da minha tia se apodera de mim e se entranha até o fundo dos ossos.

— Era. Ela morreu em dezembro do ano passado.

Mitch se recosta no sofá.

— Ah, puxa. Sinto muito. Sinceramente.

— Obrigada. Tudo bem. — Pego um rolinho. — E você? Quem é o seu melhor amigo?

Por favor, não diga que é o Patrick Thomas. Por favor, não diga que é o Patrick Thomas.

Ele estala as juntas da mão direita, depois as da esquerda.

— Sou muito amigo de todo o pessoal do time. É difícil não ser. Mas acho que o meu melhor amigo mesmo é o Patrick Thomas.

Mordo o lábio e me dou cinco segundos para pensar numa resposta. Um... Dois... Três...

— Você se encolheu toda — observa ele.

— Hum? Não me encolhi, não.

Ele ri.

— Se encolheu, sim. Mas não tem problema.

Meus ombros se curvam.

— Tá. — Troco de posição no sofá para olhá-lo melhor. — É que aquele cara é um...

— Escroto.

— Exatamente. E você não é.

— Eu conheço o Patrick há séculos. Às vezes, ainda penso nele como o mesmo garotinho que era na nossa infância, e aí me lembro de que ele sempre foi assim.

Entendo o que Mitch quer dizer. Quando a gente conhece alguém há muito tempo, não vê as mesmas coisas na pessoa que os outros veem. Mas quando a amizade se baseia em quem vocês foram e não em quem são, é difícil não procurar o fio comum que os une. Mesmo assim, acho que não tenho o direito de policiar a vida social do Mitch.

— Sim, eu entendo.

Ele dá de ombros e tamborila com os dedos na mesa.

— Hum... E aí, qual é o seu feriado favorito?

— Acho que é o Quatro de Julho.

Ele seca o suor da testa com um guardanapo.

— Já eu prefiro o Halloween.

A garçonete aparece e põe duas tigelas de sopa de ovo na nossa frente.

— Detesto o Halloween. — Sempre detestei. El adora, e me arrasta para mil festas todos os anos. Mas, quando eu era pequena, nenhuma fantasia cabia em

mim e eu acabava tendo que me contentar com o que encontrasse nos armários da mamãe e de Lucy. Acho que a magia de ser outra pessoa se perde quando você não pode sair totalmente da própria pele. Para mim a gota d'água foi no quinto ano, quando mamãe me mandou para a escola fantasiada de Rainha Elizabeth, com um velho tailleur amarelo, o cabelo todo cacheado e branco de spray. Todas as meninas na turma foram de princesa, pop star ou bruxa. Os gordos já têm bastante dificuldade para encontrar roupas, não precisam do estresse extra do Halloween.

— Você não sabe o que está perdendo.

Sinto vontade de dizer a Mitch que detesto o Halloween porque tenho a impressão de que, sendo um cara corpulento, ele vai entender, mas não sei como formar as palavras ou mesmo se estou pronta para despir essa camada de mim mesma e deixar que ele me veja. Só porque é um cara grandão, isso não significa que posso lhe contar todos os meus Segredos de Garota Gorda.

Tomamos a sopa em silêncio até a garçonete trazer o jantar. Quando terminamos de comer, Mitch paga pela refeição com notas de cinco.

Já em casa, ele sai do carro e abre a porta para mim.

— Obrigada pelo jantar.

— O prazer foi todo meu. — Ele estende a mão e eu a observo por um momento, antes de ele apertar a minha vigorosamente.

— Hum... boa noite.

E esse é o fim do meu primeiríssimo encontro oficial: Dolly Parton, minha falecida tia, nossos feriados favoritos, nossos melhores amigos e um aperto de mão. E agora vou ter que me sentar ao lado dele pelo resto do ano.

Não tenho forças para ligar para Ellen e contar tudo em detalhes. Trocar beijos com Bo encostada naquela caçamba parecia mil vezes mais romântico do que esse encontro. Gosto de pensar que não sou muito exigente, mas será que é pedir demais que role uma química entre mim e o cara? Um toque de magia que me faça sentir como se nós fôssemos as únicas pessoas no mundo durante dez minutos?

Em casa, mamãe está sentada à mesa da cozinha falando ao celular, enquanto toma notas num caderno com a capa coberta de glitter.

— É que nós não podemos coreografar o número de dança antes da abertura das inscrições. — Ela faz uma pausa. — Sim, eu confio nas suas habilidades, mas este ano só tem gente nova, Judith. E eu... Só um minuto. — Ela tapa o fone e se vira para mim. — Quem foi que te trouxe em casa?

— Um amigo. — Do outro lado da linha, Judith continua soltando o verbo sobre a coreografia do concurso, que nunca passou de meia dúzia de passos cadenciados. — Vou dormir.

Já no quarto, dou uma vasculhada nas pilhas de discos de Lucy antes de colocar um no toca-discos. E fico observando a agulha seguir os sulcos da voz da Dolly.

VINTE E UM



A noite passada foi a minha estreia lá no Chili Bowl. Ninguém, e quero dizer ninguém mesmo, entra no Chili Bowl. Se esse primeiro dia de trabalho serve como indicador, é impossível que a luz daquele restaurante ainda não tenha sido cortada.

No fim da noite, quando Alejandro trancou a porta da loja, ele soltou um suspiro e disse:

— É que ainda não chegou a época em que o pessoal come chili.

Nem imagino qual seja a época do ano que faça tanta diferença assim, quando todo mundo sabe que no sul do Texas só temos duas estações: Quente Como Um Forno e Quase Tão Quente Como um Forno.

Como eu não tinha nada para fazer a não ser ficar relembrando o encontro mais constrangedor de todos os tempos, compilei uma lista de prós e contras em relação à minha mais recente escolha de vida.

Os prós e os contras de trabalhar no Chili Bowl

PRÓS

- Posso trabalhar de calça jeans. Não tenho que usar aquele uniforme de poliéster com zíper na frente.
- Não gosto de chili, por isso não vou ter com o que me empanturrar tão cedo.
- Não vejo Bo.
- Não recebemos adolescentes bêbados que resolvem fazer pedidos cinco minutos antes de fechar.
- A limpeza é facílima por causa da clientela inexistente.
- O lugar é silencioso.

CONTRAS

- Minhas roupas ficam com cheiro de chili.
- Menor carga horária = salário baixo.
- Não vejo Bo.
- O lugar é silencioso demais.

Bo está em toda parte. Com os lábios vermelhos de sempre. No quinto tempo, sinto seus olhos me seguindo como uma sombra. Às vezes me vejo vagando pelos corredores, sem ter plena consciência do que estou fazendo até perceber sua presença.

Mas não é só isso. Minha cabeça inteira se voltou contra mim. Toda vez que pisco, só consigo enxergar defeitos. Meu corpo virou um daqueles espelhos de parque de diversões. Os quadris são muito largos. As coxas são muito grossas. E a cabeça é muito pequena em relação ao resto do conjunto. Até o começo do verão, eu me sentia totalmente à vontade no meu corpo. Até mesmo orgulhosa dele.

Mas aí, Bo aconteceu. Desde a primeira vez que nós nos beijamos na caminhonete dele, foi como se eu desmoronasse. Alguma coisa no contato da sua pele com a minha fez aflorarem todas essas dúvidas que eu nem sabia que tinha.

E eu achava que, quando ele se afastasse, esses sentimentos passariam. Mas eles continuam firmes e fortes, e o máximo que posso fazer é tentar ignorá-los.

Peço licença à Srta. Rubio para ir ao banheiro. Não por necessidade, mas porque preciso sair. O quinto tempo se tornou um verdadeiro inferno, e o volume na minha cabeça já está no máximo.

Deixo que o cheiro híbrido de metal e suor dê um bom choque nos meus sentidos enquanto passo pelos corredores em direção ao banheiro mais próximo.

Estou jogando água no rosto, quando a porta de vaivém se escancara e uma voz pergunta:

— Tem alguém aí?

— Hum, tem. — Puxo uma folha de papel-toalha do rolo.

— Willowdean? — Bo mantém a porta aberta e dá uma olhada no corredor. — Tem mais alguém?

— Tá brincando? É o banheiro feminino!

— Preciso conversar com você. — Ele entra.

— Pode ter gente aqui.

Ele abana a cabeça, os cabelos castanhos balançando.

— A pessoa já teria dito alguma coisa.

— Você não pode ficar aqui.

— Me dá só cinco minutos.

Solto um suspiro pesado e me encosto à porta, preparada para bloquear qualquer garota que tente entrar.

— O que é?

— Você foi embora. — Ele cruza os braços e mantém as pernas bem afastadas. — Que foi que eu fiz?

Desfaço o rabo de cavalo para dar uma arejada nos cabelos.

— Está querendo ganhar um beijo, é? — pergunta ele.

— Como assim? Claro que não. Por que perguntou isso?

— Então, prende o cabelo.

Boquiaberta, olho para Bo, esperando que diga mais alguma coisa.

Ele não desvia os olhos.

— Estou falando sério.

Jogo os cabelos para frente e os prendo num rabo de cavalo, para que ele não possa ver o rubor que se espalha pelas minhas bochechas e desce para o pescoço. Com os dentes, puxo o elástico do pulso e torno a levantar a cabeça, esperando que a vermelhidão tenha passado. Ou que talvez ele pense que é por eu ter abaixado a cabeça.

— Olha, você está numa das minhas aulas. As coisas não deram certo entre nós. Mas eu não posso trabalhar *e* estudar com você — digo.

— As coisas não deram certo? Mas foi você quem terminou com tudo. Eu nem tive escolha.

— Teve, sim. Você passou o verão inteiro fazendo escolhas. — *E eu também*. — Olha, pra mim não dá mais. Tá? Não dá mais.

Ele discorda com a cabeça, mas isso não o impede de ir embora.

Lavo as mãos uma vez atrás da outra, tentando silenciar o vozerio na cabeça.

A porta do reservado para deficientes se abre, e meu coração dá um pulo. Hannah Perez, com sua boca cheia de dentes enormes. Seus coturnos saem batendo nos ladrilhos até ela chegar ao meu lado. Enquanto me observa no espelho, estende o braço e abre a torneira.

Eu deveria ficar com medo de que Hannah conte a alguém sobre mim e Bo. Mas a triste verdade é que ninguém acreditaria numa garota como Hannah Perez. O que não me impede de me sentir totalmente exposta.

Saio sem secar as mãos, esfregando-as na calça jeans. Já no corredor, respiro fundo várias vezes, como se estivesse sufocando.

VINTE E DOIS

— Não. Não. Não. — Encosto a cabeça no volante e tento dar a partida mais uma vez. — Peeeeegaaaa! — Endireito as costas e dou um tapa no volante, mas a única resposta da adorável Jolene é uma buzinada fraquinha.

Ela não quer pegar. Minha filhota está com a bateria arriada. É terça de manhã, e o universo me odeia.

Vejo mamãe atravessar o jardim e passar pelo seu carro, segurando a bolsa e a marmita. Ela bate na minha janela com a dura unha de acrílico do indicador. Uma vez. Duas.

Como não me movo um centímetro, ela escancara a porta.

— Vem. Eu te dou uma carona até a escola.

Encosto a cabeça no descanso e solto um suspiro totalmente justificável.

— Você está estressada, não está? — pergunta ela sem olhar para trás, voltando a cruzar o jardim em direção ao seu carro. — Vou ligar para o Bruce e pedir que dê uma olhada no carro, mas, até lá, esses suspiros de alma sofredora não vão ajudar em nada.

No percurso até a escola, mamãe sintoniza ora uma estação que só toca flashbacks, ora uma evangélica. Não somos muito religiosas, mas ir à igreja faz parte da vida dela. Não me parece ser exatamente uma manifestação de religiosidade e sim uma forma de expressão social.

Na escola, ela me deixa na entrada, onde ficam os alunos até o nono ano e os demais pobres coitados que não têm ou estão sem carro.

— Ellen pode te dar uma carona na volta? Tenho uma reunião com o comitê.

— Pode deixar, eu me viro.

Já estou na metade do caminho quando escuto:

— Dumplin’! Dumplin’! Você esqueceu o celular!

Meu corpo inteiro se retesa como um cabo de vassoura. Alguns garotos espinhentos caem na gargalhada. O apelido que mamãe me deu é... enfim. Não me lembro de nenhuma ocasião em que ela não tenha me chamado de Dumplin’. Não que ele me incomode, nem penso nisso. Mas ela nunca me chama assim fora de casa — por motivos óbvios. Afinal, quem gostaria de ser chamada de bolinha de queijo, risole, almôndega, coxinha ou pastel em público?

Volto depressa até o carro, e ela me entrega o celular.

— Por favor, não me chame assim fora de casa, tá?

Ela sorri.

— É um apelido carinhoso, só isso. E aí, pode jantar sozinha hoje?

Faço que sim.

— Época de concurso... — acrescenta ela, como uma explicação.

Pego o celular e caminho depressa pela calçada. Perto da entrada, encostado a uma coluna, está Patrick Thomas. Ele sorri, mas de desprezo. Gostaria de ser invisível. Mas ele me vê. E, qualquer que seja a decisão que acabou de tomar a meu respeito, é irrevogável.

Depois do segundo tempo, Mitch me segue até o corredor.

— Eu te mandei cinco mensagens ontem. Pensei que talvez a gente pudesse dar uma saída no domingo. Pegar um cineminha, sei lá. Até preferiria que fosse no sábado, mas o técnico quer que a gente vá assistir a um vídeo para a partida da semana que vem.

Continuo andando. Ele segura a minha mão, me obrigando a parar.

— Tá namorando, Mitch? — pergunta um garoto do nono ano, com as mãos em volta da boca.

— Nós não estamos namorando! — grito.

Mitch cora até a raiz dos cabelos.

Arranco a mão e sigo na direção oposta. Estou me sentindo um ser humano horrível. Mas hoje não é o meu dia, portanto eu não tenho que dar corda a ele fingindo que podemos ser mais do que amigos.

Ainda assim, eu lhe devo um pedido de desculpas.

— Will! — chama ele às minhas costas.

Mas não me viro. Quando estou contornando uma parede, escuto:

— Ei! Dumplin'! — Patrick Thomas arrasta cada sílaba do bendito apelido. Abre um sorriso e aponta por cima da minha cabeça. — Aí Mitch, meu camarada! Finalmente encontrou uma mulher do seu tamanho.

Já fui provocada o bastante na vida para saber que há várias maneiras de reagir a um bully. Só precisei chorar uma vez, no segundo ano, para compreender que as lágrimas só servem para excitar a violência dessas pessoas.

Lucy sempre me disse para ignorar os bullies. Que eles só querem atenção, e que, se você não passar recibo, tira todo o gás deles. Acho que, na maioria dos casos, até é verdade. Mas Patrick Thomas é um desses imbecis que não precisam de uma razão para continuar falando. Ele é apaixonado pelo som da própria voz.

Contudo, seu rosto parece um tanto chocado quando ele me vê avançar deliberadamente na sua direção. Lembro os grunhidos que soltou ao lado do carro de Millie Michalchuk. E como ele inventou que as botas ortopédicas de Amanda Lumbard a deixavam parecida com o Frankenstein. O pior é que ninguém tenta se defender de Patrick Thomas. Nem mesmo Hannah Perez, que é mais casca-grossa do que um lutador de MMA. O cara bota um apelido na pessoa e o troço pega. Mas não vou ser chamada de Dumplin' por ele. Ah, não vou mesmo!

Patrick é pego totalmente de surpresa quando acerto uma joelhada violenta nas suas bolas. Sua expressão se transforma, todo o sangue fugindo do rosto para o sul do corpo. Ele solta um uivo de dor, mas o som é mais parecido com o ganido de um cachorrinho. Levo as mãos à boca.

Estou tão chocada quanto ele. Já tinha imaginado essa cena: eu indo até o infeliz, brandindo o dedo na cara dele e dizendo tudo o que pensava. Mas aí meu corpo assumia o controle e um mecanismo de defesa primitivo decretava: *Não vamos apoiar essa iniciativa.*

Mitch me puxa pelos ombros. Os professores lotam a *cena do crime*, e sou empurrada na direção oposta.

Isso parece não ser nada bom.

VINTE E TRÊS

Mamãe fica pê da vida, lívida. E morta de vergonha. E muitas outras coisas também. Mas já desisti de prestar atenção.

Seus dedos apertam o volante com tanta força que é de admirar que as unhas postiças não saltem fora. Depois de sair da sala do Sr. Wilson, ela foi desabalada para o estacionamento dos visitantes. Eu tive até que acelerar para acompanhar seus passos.

Voltamos para casa em silêncio. Ela nem reduz a velocidade quando vira no jardim e freia a centímetros da cerca.

Ainda nem desligou o motor, e eu já abri a porta e estou indo para os fundos. Fecho a porta de vidro ao entrar, embora ela só esteja alguns passos atrás de mim.

Desabo no sofá e só se passam alguns segundos até Riot se aninhar no meu colo.

— Está de castigo.

Mamãe nunca me pôs de castigo. Nunca. Nem bateu em mim. Nada. Não sou nenhum anjo, mas nunca fiz nada que merecesse tal punição.

Pego Riot e o coloco na almofada ao lado antes de me levantar. Não quero que ele fique no fogo-cruzado da cena que está prestes a se desenrolar.

— Por quê? — Minha voz soa alta demais na casa deserta. — Só porque reagi quando um cara me chamou daquele apelido insuportável que você me obrigou a ouvir a vida inteira?

Ela apoia as mãos nos quadris e nega com a cabeça. Noto alguns fios grisalhos nas têmporas que eu nunca tinha visto antes.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água.

— Talvez você não tenha notado, mãe, mas a questão vai muito além daquele apelido idiota. Você nunca vai assumir isso e dizer com todas as letras, mas sei que não suporta que a sua filha tenha essa aparência. — Meus braços se agitam, frenéticos.

— Do que você está falando?

— Não se faça de desentendida. Eu vejo, toda vez que você liga a tevê em algum programa sobre garotas perdendo peso, ou me fala de alguma amiga que emagreceu horrores porque fez a última dieta da moda, ou quando faz uma lista com os itens da despensa ao chegar em casa, para ter certeza de que eu não me empanturrei com eles.

Seu queixo treme, e a possibilidade de ela chorar nesse exato momento me deixa furiosa.

— Eu só quero que você seja feliz.

— Eu *sou* feliz — digo, pronunciando cada sílaba com a máxima clareza. Não sei o quanto de verdade há nesta declaração, mas não posso imaginar de que modo uma perda de cinco quilos, ou mesmo de vinte e cinco, poderia amenizar a saudade brutal que sinto de Lucy, ou a confusão em relação a Bo, ou a distância

cada vez maior entre mim e El.

— Isso é o que você pensa porque ainda não conhece o mundo. Você está perdendo tanto! — Ela dá um passo na minha direção. — Rapazes, namoros... Esse tipo de coisa.

Passo as mãos no rosto.

— Você só pode estar brincando. Extra, extra! Um homem não vai resolver os meus problemas.

— Eu só... — Ela se cala.

— Mas eu quero namorar sim, mãe. Quero ter namorados. Mereço isso. Mesmo que você ache que não. — Desejo que isso seja tão verdadeiro quanto soa.

Ela levanta as mãos.

— Você está fazendo o que a Lu fazia quando éramos meninas. Está distorcendo totalmente o sentido das minhas palavras.

Balanço a cabeça sem a menor hesitação.

— Não, mãe. A única coisa que Lucy fazia era mostrar a você como a sua visão de mundo é ridícula.

— Isso não tem nada a ver com Lu, está bem? Ela morreu, e foi graças ao modo como viveu. Gostaria que você não a idolatrasse tanto. — Seus olhos se enchem de lágrimas que não chegam a se derramar. — Ela ainda estaria aqui, se tivesse perdido peso.

Meu corpo é o grande vilão da história. É assim que ela o vê. Uma prisão que encarcera a parte melhor e mais magra de mim. Mas está redondamente enganada. O corpo de Lucy nunca foi um obstáculo para a sua felicidade. Por mais que eu sempre vá amar Lucy, foi decisão exclusiva dela se manter trancada nesta casa.

— Eu também era grande. Você sabe disso. Lu e eu éramos.

— Eu já ouvi tudo isso, tá? Já ouvi todas essas histórias de como você perdeu peso antes de começar o ensino médio. Parabéns! Entrou num concurso de beleza de uma cidadezinha do interior e venceu. Isso se tornou literalmente a realização que coroou a sua existência. Dane-se a faculdade, danem-se os empregos que não exigiriam que você viva limpando o rabo de gente velha. Dane-se tudo isso. Porque você emagreceu o bastante pra ganhar uma porcaria de uma coroa de strass! Deve estar muito orgulhosa de si!

Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Pois eu diria que essa coroa é muito mais do que você jamais realizou na vida. — Ela seca a lágrima.

— Lucy foi muito mais minha mãe do que você jamais será.

Seus lábios se apertam.

— Você não pode ir trabalhar. Nem sair. Até o fim da suspensão. Vou chegar às seis.

Subo para o quarto e Riot me segue rente nos calcanhares. Deito enroscada na cama e fico ouvindo o som do celular que vibra na escrivaninha, enquanto recebo uma mensagem atrás da outra. Imagino que sejam todas da El. Pego a Bola 8 Mágica na mesa de cabeceira, o oráculo que contém as respostas para todas as perguntas que não chego a fazer, e aperto-a com força contra o peito.

VINTE E QUATRO

Passo o dia inteiro no quarto. O encanamento decrépito me avisa que mamãe já está de volta do trabalho, lavando a louça, e depois as tábuas do assoalho anunciam que vem subindo a escada. Antes de se trancar no quarto, sua sombra para diante do meu, escurecendo a fresta entre a porta fechada e o chão.

Riot estica as patas e empurra meu peito, antes de pular da beira da cama e se esfregar na porta. Como não me movo, ele começa a miar, avisando que a sua paciência comigo se esgotou.

Entreabro a porta e deixo que saia, enquanto acendo a luz.

No espelho, vejo uma versão de mim mesma com os ombros curvos e o rímel borrado. Pego uma caneta na cômoda e escrevo um lembrete no braço para avisar Alejandro que não vou trabalhar nos próximos dois dias. A julgar pelos primeiros, não acho que a minha ausência será um grande problema.

Tomando cuidado para não fazer barulho, desço a escada no escuro e tomo um bom copo d'água gelada em três goles. Parece uma bobagem, mas mamãe me condicionou a sentir essa necessidade toda vez que choro. Era o remédio que sempre me receitava. *Acalme-se e tome um copo d'água, Dumplin'.* Como se eu precisasse reabastecer o poço de lágrimas antes que secasse.

No quarto, a Bola 8 Mágica ficou em cima da cama, onde a deixei. O celular vibra, então olho as mensagens.

ELLEN: Ah, meu Deus. Você tá bem?

ELLEN: Já devo ter te ligado umas oito vezes, e você sabe como detesto falar no telefone. ME LIGA. MANDA UM TORPEDO. SINAIS DE FUMAÇA. MENSAGEM EM CÓDIGO MORSE.

ELLEN: É verdade aquele lance com o Patrick Thomas? Mandei o Tim matar o desgraçado.

ELLEN: Ele disse que talvez faça isso depois do jantar.

ELLEN: Droga. Agora estou me borrando de medo.

Estou bem, digito. *Foi só...*

Paro e aperto a droga do botão de Chamar, porque no momento só quero a minha melhor amiga. O toque nem chega a soar até o fim, pois ela atende correndo.

— Que merda. Ah, meu Deus. Que merda.

— Oi — digo, a voz rouca contra o fone.

— Você está bem? O que aconteceu?

Suspiro no celular, e como é bom não levar um esporro por causa disso. Então, conto tudo a ela. Que mamãe me chamou de Dumplin' no estacionamento na frente da escola, diante de todos os alunos do nono ano e de Patrick Thomas, que esperavam a aula começar. Conto sobre o incidente no corredor, e como nunca alguém tinha feito com que eu me sentisse tão pequena por ser tão grande. El solta mil palavrões, mil palavras carinhosas e faz tudo que me leva a pensar

que o telefonema foi a decisão certa.

Ela solta um desaforo sobre “os merdinhas do nono ano com aqueles pintos minúsculos”, e conta que Patrick Thomas levou pau em tantos testes de direção que agora só pode tentar de novo quando fizer dezoito anos.

Conto a ela sobre a briga que tive com a mamãe.

— E estou suspensa pelo resto da semana. Felizmente, isso vai dar ao pessoal na escola tempo bastante para esquecer esse barraco lamentável. — A televisão da mamãe se silencia bruscamente. — E também estou de castigo.

— Nossa. Puxa, foi o pior dia da sua vida, hein? Mas a boa notícia é que, já que foi o pior, o de amanhã só pode ser melhor. Mesmo que só um pouquinho.

Dou uma risada. Sinto que as coisas estão melhorando.

— Amanhã... vamos descobrir. — Um bocejo me sobe do fundo do peito. — Não entendo por que chorar deixa a gente tão cansada.

— Deve ser a adrenalina, ou algo assim.

— Boa.

— Olha, eu sei que provavelmente você não quer conversar sobre isso agora, mas você não me deu nenhum detalhe sobre o seu encontro.

— Pois é, não tinha muita coisa pra contar. Foi extremamente... banal.

— Ah, amiga. Eu estava cheia de esperanças em relação ao Mitch.

— A gente se fala amanhã.

— Te adoro, viu? Ouve um pouco de Dolly. Ela vai fazer você se sentir melhor.

VINTE E CINCO

Passo os dias da suspensão de bobeira no sofá. Depois da aula, Ellen vem me trazer o dever de casa antes que mamãe chegue. Ficamos assistindo à tevê em silêncio e, embora eu esteja louca para perguntar se alguém falou sobre mim, fico na minha. É sempre o Tim quem a traz e vem buscar, mas nunca entra. Eu já gostava dele, mas agora gosto mais ainda por não se convidar e me deixar passar essas horas a sós com a El.

No começo, mamãe e eu temos horários diferentes, e à noite é como se alguém dividisse a casa com cordões de isolamento. Quando saio do quarto, ela se mantém a distância e, quando é ela quem sai, eu me tranco no meu. Mas, pouco a pouco, nossos caminhos começam a se aproximar, até que, na manhã de sábado, ela avisa:

— Hoje tenho uma reunião de planejamento que vai durar o dia inteiro. Estamos nos preparando para a abertura das inscrições. Tem salada de atum na geladeira.

Não é uma trégua, mas, pelo menos, serve para quebrar o gelo entre nós.

Mitch manda algumas mensagens, pedindo desculpas pela cena que provocou e dizendo que o Patrick é um bocudo. Respondo que prefiro não falar sobre o assunto, mas sei que sou eu quem deveria se desculpar.

El passa o sábado inteiro trabalhando e vai a uma festa depois, por isso fico sozinha. Já estou há tanto tempo presa em casa, que chego a ter a impressão de que o papel de parede está derretendo.

Detesto o fato de não passarem nada de bom na tevê nas tardes de sábado. É como se até as emissoras estivessem tentando fazer com que eu mexa a bunda e vá cuidar da vida. Acho que esse pessoal que faz a programação nunca deve ter ficado de castigo num fim de semana.

Talvez seja o tédio, mas o quarto de Lucy me chama como uma sereia.

A cama está feita e impecável, com a colcha de patchwork musgo e bege que vovó fez dobrada aos pés, e o ferro de passar de mamãe no canto.

Na mesa de cabeceira de Lucy, encontro mais recortes de jornais, mas esses são quase todos de artigos sobre a mamãe. Ela vive aparecendo no *Clover City Tribune*. Acho até que já namorou o editor durante um tempo, mas o cara acabou se casando com a dona da lavanderia.

A grossa pilha de recortes contém dezenas de fotos amareladas de mamãe envergando a coroa e o vestido de vencedora. E posando com eles todos os anos, ao lado de cada Miss Jovem Flor do Texas. Vasculho mais fundo na gaveta e encontro um saco envelhecido lotado de documentos, gigante. Contratos, panfletos, contas. Até que me deparo com um formulário de inscrição do concurso, totalmente em branco. Datado de 1994, três anos antes da vitória da mamãe. Ela era muito jovem na época para participar. Mas não pode ser esse o motivo. Lucy achava esse concurso o fim da picada. Ou, pelo menos, eu pensava que achasse.

Minha tia não era uma mulher tímida, mas não consigo imaginá-la se inscrevendo no concurso, nem mesmo na ocasião em que esteve mais magra. O formulário em branco tem esse ar de promessa vazia, de algo que poderia ter sido e não foi. Observo o papel e imagino sua letra ali. Os campos são os de praxe: nome, data de nascimento e endereço. Mas há outros que me dão calafrios, como altura, peso, cor dos cabelos e dos olhos, projetos profissionais e talentos.

Tento montar mentalmente as peças do quebra-cabeça, mas é inútil. Faltam algumas.

O único objeto que restou nessa gaveta de itens pessoais é uma caixa de veludo vermelho contendo um enfeite de Natal: um globo branco iridescente com um beijo de batom ao redor da circunferência e a assinatura da Dolly em dourado. Um suvenir de Dollywood — um lugar que Lucy sempre quis visitar. A mãe da El ganhou duas passagens de avião no emprego, e imediatamente ofereceu uma a Lucy. As duas iriam para Dollywood, como sempre tinham sonhado.

Fizeram mil planos. Pesquisaram hotéis e carro para alugar. Passaram três horas na estrada indo até o aeroporto mais próximo, só para descobrirem que Lucy teria que comprar mais uma passagem, já que não caberia numa poltrona só. Ela contou que a atendente da companhia aérea foi extremamente gentil, mas se mostrou irredutível. No fim, Lucy ficou tão envergonhada que preferiu voltar para casa a ocupar duas poltronas no avião. Na volta, a Sra. Dryver trouxe esse enfeite para ela. Dá para ver que custou caro, porque tem uma fita de veludo vermelho em vez de um ganchinho de metal.

Me arrasto de volta para o quarto, levando o velho formulário de inscrição e o enfeite. Passo o resto da tarde estudando o primeiro, e qual não é a minha surpresa ao descobrir que as únicas exigências são que a candidata tenha entre quinze e dezoito anos e uma autorização dos pais. Diante dos mil e um requisitos que eu tinha imaginado, mal consigo acreditar que seja tão simples assim participar de um concurso, e quantas garotas podem se inscrever.

Uma ideia obscena me passa pela cabeça e, antes que ganhe força, vou logo escondendo o formulário na gaveta de baixo da cômoda.

A voz da mamãe se espalha pela casa quando ela entra pela porta dos fundos.

— Não creio que ela esteja em condições mentais de ser um membro ativo do comitê. Sinto muito, mas a nossa cidade não está pronta para um número de abertura ao som de Beyoncé. — Não consigo deixar de rir da sua pronúncia, “Beionsei”. — Embora seja uma das músicas mais light... ou, pelo menos, é o que ela diz... não vou correr esse risco.

Despenco na cama. Riot entra no quarto e se esparrama à minha frente, até eu fazer festinha no seu queixo.

— Bem, prontos ou não, as inscrições serão abertas esta semana — diz mamãe.

Pego a Bola 8 Mágica na mesa de cabeceira e dou uma boa sacudida nela.

Todos os sinais indicam que sim.

VINTE E SEIS

Na manhã de domingo, uma tremenda ressaca emocional me pega de jeito. Tomei uma decisão na noite passada — uma decisão pra lá de estúpida. Digo a mim mesma que posso desistir a qualquer momento, porque ninguém além de mim está sabendo. Se na hora H eu perder a coragem, serei a única testemunha.

É mais ou menos como quando alguém deixa cair a bandeja com o almoço na escola e você é a única que nota. Ninguém vai saber se não for lá ajudar. Mas você vai.

Passo o dia inteiro andando de um lado para o outro, sem prestar a menor atenção ao fato de que hoje mamãe e eu até fomos gentis uma com a outra.

Depois do jantar, eu me tranco no quarto para ler alguns livros de leitura obrigatória da escola. Mas o que acabo mesmo fazendo é namorar o bendito formulário. Não posso imaginar que tenha mudado muito desde 1994. Eu com um vestido de mangas bufantes e saia rodada, avançando pelo palco em passos altivos como se fosse a dona do pedaço, é uma ideia grotesca.

Há muitas coisas que Lucy nunca fez. Não porque não pudesse, mas porque estava convencida de que não poderia, e ninguém conseguiu tirar essa ideia da sua cabeça. Não vou mentir para mim mesma e dizer que ela esbanjava saúde nos últimos anos, mas essa é uma razão inaceitável para ter se privado de fazer as coisas que mais queria. E eu nem ao menos sinto tanta vontade assim de participar do concurso. Mas é que, mesmo que ela sentisse, não teria participado.

Pego o telefone e aperto o botão de chamar.

— Oi! Sua suspensão já está quase acabando — relembra El.

— Preciso te contar uma coisa.

— Diga.

Eu até poderia mudar de ideia e dizer “deixa pra lá”. Ou contar sobre Bo e como não consigo esquecê-lo totalmente. Mesmo agora, com tudo que está acontecendo na minha vida. Mas, em vez disso, anuncio:

— Vou participar do Concurso Miss Jovem Flor do Texas de Clover City.

A linha fica em silêncio por um segundo quase longo demais para me deixar tentada a dizer: “Brincadeirinha!”

— Que. Ideia. Genial.

— Você não acha que eu enlouqueci?

— Bom, doida de pedra você já é, mas isso vai ser o máximo.

— Não sei, não.

— Você contou pra sua mãe?

Esfrego a testa.

— Caramba. Não. Ainda não pensei na logística da coisa. Eu só sei que quero participar do concurso. Não que vá poder esconder isso dela.

— Ela vai pirar.

— Claro, sempre teve vergonha de mim. Por que não dar a ela um bom

motivo?

Ellen não diz que estou errada, mesmo que seja o que pensa.

— Precisamos bolar um plano. O que você vai fazer amanhã?

— Trabalhar, mas não acho que Alejandro se importaria se você aparecesse pra bater um papo comigo.

— Tudo bem. Eu e você. Amanhã à noite.

Desligo e guardo o velho formulário. Agora que já contei a Ellen, ela não vai me deixar voltar atrás.

Tento dormir, mas nem mesmo a Dolly consegue acalmar meus nervos.

VINTE E SETE

Ellen e Tim vêm me buscar em casa de manhã para eu não ter que enfrentar a galera na entrada, pois agora me tornei oficialmente a inimiga pública número um de Patrick Thomas.

Mas, salvo por um ou outro cochicho, encontro as coisas relativamente calmas na escola. Todo mundo parece já ter esquecido ou posto de lado o que rolou na semana passada.

Pelo menos, é o que penso até a hora do almoço. As pessoas se reúnem em grupos, os celulares passando de mão em mão. A maioria está rindo. Alguns balançam a cabeça, com ar de nojo. Na fila da cantina, olho por cima do ombro de uma garota. Ela se vira para mim, com voz de riso, e pergunta:

— Já deu uma olhada nisso? — O braço está estendido, exibindo a tela de um celular a centímetros do meu nariz.

Hannah Perez. Sua foto escolar está ao lado da imagem de um cavalo, a gengivona cheia de dentes gigantes bem à vista. Igualzinha à de Hannah. Só que os dela são ainda mais tortos. A legenda da foto é *HaaaaaAAAaaannah*. Chego a ouvir na cabeça a voz relinchada do Patrick Cérebro de Titica.

— Não tem a menor graça — disparo à queima-roupa.

Na mesma hora, a garota retira o celular da minha frente, apertando-o contra o peito, o rosto contraído de perplexidade.

— Hum. Tudo bem.

Sei muito pouco sobre Hannah, a não ser que é uma garota caladona e cabeça-dura. Quando éramos do terceiro ano, um dia, na aula de artes, estávamos colorindo aqueles perus que as crianças desenham contornando a mão com o lápis, para o Dia de Ação de Graças. Eu não tinha ouvido Hannah dar um pio o ano inteiro, mas aí peguei o pilô que estava na sua frente — e que ela nem parecia estar usando —, e ela deu um tapa na minha mão, gritando que eu deveria ter pedido licença. A única outra lembrança que tenho dela é do quinto ano, quando ela perdeu a paciência com uma professora que não parava de chamá-la de afro-ame*nicana*. O que foi perfeitamente compreensível, já que ela é dominicana.

Quando estou a caminho da aula seguinte, ouço comentários do tipo “Que horror”, “Desculpe, mas ela é hedionda” e “Por que não usa aparelho?”.

Esse último é o pensamento que passa o resto do dia na minha cabeça, pois Hannah não deveria ser obrigada a usar aparelho. Talvez ela não possa pagar por um, ou tenha medo de usar. Seja como for, ela não deveria ser obrigada a entupir a boca de metal só para alguns imbecis a deixarem em paz.

No quinto tempo, Bo cruza os braços com força sobre o peito. Está com um hematoma no rosto e a casca de um corte cicatrizando no canto do lábio. Quero saber o que aconteceu. Com quem ele andou brigando.

Mas isso não é da sua conta, relembro a mim mesma.

Quando ele me vê, a testa se enruga e os lábios se franzem tanto que chegam

a romper a casca. Ele puxa a manga do agasalho sobre a mão e limpa a boca.

Depois da aula, encontro Ellen no estacionamento.

— Você viu a montagem com a foto da Hannah?

Faço que sim.

— Ela deve ter ficado uma fera quando descobriu. Alguém sabe quem fez aquilo?

— Tim disse que foram uns caras da equipe de golfe, mas que não vai dar em nada já que ninguém pode provar e não aconteceu na escola.

— Que palhaçada.

Tim e El me dão uma carona para casa e ficam esperando enquanto visto a camisa do Chili Bowl. Eles me deixam no trabalho, e Ellen promete voltar mais tarde com o carro da mãe para me buscar.

E eu me preparo para enfrentar Alejandro. Ele só pode estar furioso por eu ter faltado dias seguidos ao trabalho, mas, quando entro, ele se limita a perguntar:

— Você não está mais de castigo, está?

Faço que não.

— Ótimo. Porque eu não compro briga com a mãe de ninguém. Portanto, se estiver mentindo, pode voltar para casa.

— Não estou — afirmo. — Estou totalmente liberada.

Por volta das sete, Ellen entra no Chili Bowl.

— Desculpe, minha mãe disse que eu só poderia usar o carro se jantasse em casa.

— Não tem problema.

Ela se senta na outra ponta do balcão e cochicha:

— Este lugar cheira a cebola e cecê. Ainda não entendo por que você trocou o Harpy's por este muquifo.

— O salário é melhor — minto, enquanto me inclino para frente, praticamente estendendo a parte superior do corpo no balcão. — Por quanto você acha que eu descolo um vestido de baile? Aquele concurso não vai sair barato.

Ela dá de ombros.

— Uns duzentos paus, de repente. Você também pode procurar num brechó.

Os mensageiros do vento acima da porta começam a tilintar. Eu me levanto, pega totalmente desprevenida pela perspectiva de um cliente. Ellen não se move um milímetro.

Millie Michalchuk acena para nós ao entrar. Ela sorri para mim, e, na mesma hora, a culpa pelo pensamento maldoso que seu peso sempre me inspirou afunda meu astral como uma âncora.

— Oi, Millie. — Ellen a cumprimenta com um breve aceno.

— E então, em que posso ajudar? — pergunto.

Ela põe as chaves no balcão, e vejo que há, pelo menos, vinte e seis elos no chaveiro com duas chaves.

— Uma porção de chili da casa. — Ela faz uma pausa. — E uns cream crackers. Pra viagem.

— Tá na mão.

Depois de pagar, Millie pega alguns potes plásticos no balcão de condimentos, enquanto tiro o chili da panela.

— Então — começa Ellen —, a taxa de inscrição não pode ser mais de duzentos dólares, certo?

— Acho que sim. Tenho quinhentos e sessenta e oito na poupança, portanto, se todas as despesas juntas passarem disso, vou ter que arranjar mais um emprego. — Pressiono a tampa no pote da Millie. — Prontinho!

Seus olhos passeiam entre a El e eu antes de ela pegar o chili e deixar a loja.

El fica vendo Millie sair do estacionamento.

— Isso foi meio esquisito.

— Foi, sim — concordo. — Mas ela é esquisitona mesmo.

Passamos a noite conversando e, quando Alejandro sai do escritório, Ellen desce do balcão e finge ser uma cliente. Ele faz o relatório de fechamento do caixa e, quando está voltando para o escritório, pede, sem se virar:

— Diz pra sua amiga que estamos precisando de atendentes!

VINTE E OITO

Entro na escola correndo, a cabeça coberta com a mochila para me proteger da chuva. Dou uma parada rápida para esfregar os pés no capacho.

— Will? — Millie está alguns passos ao lado, encostada nos armários, usando uma legging florida com uma túnica combinando.

Vou até ela para não ficar no caminho dos alunos que entram.

— Oi! E aí, o que me conta de novo, Millie?

Ela puxa as alças da mochila, que afundam nos seus ombros.

— Eu ouvi você conversando ontem com a Ellen. Sobre o concurso.

Sou pega totalmente de surpresa.

— Sim, nós...

Ela se inclina para mim e sussurra:

— Você vai participar, não vai?

— Eu... Bom... Vou, sim.

Um largo sorriso se abre, empurrando suas bochechas para cima e para os lados. Ela bate palmas como se eu tivesse feito algum tipo de truque.

Eu me viro para ela, dando as costas ao fluxo de estudantes.

— Presta atenção. Isso não é nenhum grande segredo, mas também não quero que caia nos ouvidos de todo mundo, entendeu?

— Claro, com certeza. Entendidíssimo.

Alguma coisa no seu sorriso me deixa nervosa.

— Obrigada.

Quando me encontro com El horas mais tarde, conto sobre o estranho diálogo com Millie.

Ela me segura pelos ombros e se inclina para mim.

— Will, você é a inspiração dessa menina.

Balanço a cabeça com veemência.

— Não sou, não.

— Ah, meu Deus, você tem um fã-clube!

— Ah, sai pra lá. — Um grãozinho de mim se enche de orgulho.

A chuva faz com que apareçam alguns clientes a fim de saborear um chili. É o maior movimento que já vi no restaurante até hoje. Sirvo um bowl atrás do outro, e, sem levantar os olhos para ver quem é o próximo na fila, vou logo perguntando:

— Gostaria de experimentar o novo chili de feijão branco?

— Ah, sim. Um pote, uma tigela, um bowl, o que for. — Aquela voz.

Não levanto os olhos.

— O que você quer, Bo?

— Comer chili. Este é um restaurante especializado em chili, não é?

Mil palavras borbulham no meu peito, mas nenhuma é adequada, nenhuma diz exatamente o que eu quero. Porque a verdade é que não sei o que eu quero.

— Deseja mais alguma coisa?

Ele morde o lábio inferior. Que desaparece sob os dentes. Adoro esses dentes. São perfeitos, menos os dois da frente, que são trepados. Mas só um pouquinho. É como se o universo tivesse decidido que ele havia ficado perfeito demais e que precisava de algum defeitinho para compensar.

— Não — responde Bo.

Fico olhando enquanto ele atravessa a rua com a tigela de chili para viagem. Ele tira o boné do bolso traseiro e o coloca, antes de entrar correndo no Harpy's.

Nos dois dias seguintes, abro a boca pelo menos uma dúzia de vezes para contar a mamãe que vou participar do concurso. Mas não consigo. Não posso ter essa conversa com ela. É como se ainda tivesse uma pontinha de esperança de que no dia em que for fazer a inscrição ela dê um grito de alegria. Que diga que sempre sonhou que eu participasse e seguisse sua carreira de miss. Mas que não queria me pressionar, porque achava que eu deveria descobrir o meu próprio caminho.

É um sonho do qual não quero acordar.

VINTE E NOVE



Eu sempre soube que o concurso era uma parte gigantesca da vida da mamãe, mas nunca saiu de segundo plano para mim. Quando eu era pequena e ela precisava comparecer a alguma reunião ou ensaio, geralmente eu ficava em casa com Lucy, ou então ia para a casa da El. O concurso e tudo que ele incluía eram território exclusivo da mamãe.

As inscrições estão rolando no Centro da cidade, mais precisamente no Centro Comunitário de Clover City. Logo em frente há uma pracinha pitoresca com um coreto. O quarteirão sempre cheira a frango frito, graças ao Frenchy's Fried'n' Such, o restaurante que põe todos os concorrentes no chinelo.

El e eu nos sentamos num banco, enquanto conto as notas dos duzentos dólares da taxa de inscrição.

— Por acaso você não pediu à sua mãe para assinar o formulário, pediu? — pergunta ela.

— Não. — Menores de idade só podem participar do concurso com a autorização dos pais. E, no momento, o meu maior medo é que mamãe diga não. Na frente daquelas mil pessoas.

De lá do outro lado da praça, vem uma garota baixinha e gorducha agitando os braços freneticamente.

— El... — Franzo os olhos. — Não é a...?

Ellen levanta o rosto. E seu queixo cai.

— Ah, que bom que você ainda não entrou! — grita Millie. — Timing perfeito!

— Ela te adora — diz El. — É fascinada por você. — Ela se levanta e faz sombra aos olhos com a mão. — Aquela ao lado é... Amanda Lumbard?

Faço que sim.

— Nós também vamos nos inscrever — declara Millie.

— Vai demorar muito? — pergunta Amanda. — Minha mãe vai me matar se eu me atrasar pra pegar o meu irmão.

Olho para Ellen. Ela dá de ombros.

Millie põe as mãos nos quadris.

— Eu entendi que você não quer que a sua participação se torne um acontecimento, Will. E, para ser honesta, eu nem mesmo sei quais são seus motivos pessoais para participar. Mas você vai participar. E é isso que importa. Quero fazer parte disso. Nós duas queremos.

— Ela me obrigou a vir — resmunga Amanda.

Millie revira os olhos.

— Eu tentei convencer a Hannah Perez a participar também, mas ela não quis.

— Aliás — começa Amanda —, ela te mandou enfiar uma faixa de miss no seu rabo gordo.

Eu tinha dito a Millie que queria que isso ficasse entre nós, mas, com essas

duas, foi o mesmo que pôr um anúncio na primeira página do *Clover City Tribune*. Não vou fazer isso para me tornar uma espécie de Joana D'Arc das Gordas. Vou fazer isso por Lucy. E por mim. Estou pronta para voltar a ser a garota que eu era antes de conhecer o Bo. Participarei desse concurso porque não há qualquer motivo para não fazer isso. Vou em frente porque quero cruzar a fronteira que me separa do resto do mundo. Não para me tornar a salvadora de alguém.

— Não é uma boa ideia — digo, balançando a cabeça.

— As melhores coisas na minha vida nunca começam com uma boa ideia — declara Millie.

— Millie, as pessoas são muito cruéis — respondo. — Eu sei disso. E tenho certeza de que Amanda também sabe.

Amanda concorda.

— *Haters gonna hate*.

— E participar desse concurso é como colar um cartaz gigante no traseiro com os dizeres ME CHUTA. Você não precisa da minha permissão, mas não quero ser responsável pelo que vai fazer.

Os ombros de Millie se curvam de desânimo.

Ellen escava a terra com o dedão do pé.

— Elas devem participar. Se Millie e Amanda querem entrar no concurso com você, então é o que devem fazer. *Viva la revolución*, e coisa e tal.

— Não — insisto. — Vocês devem é ir para casa.

Amanda dá de ombros e começa a se afastar, mas Millie não arreda pé da calçada, num pedido silencioso.

Ellen segura a minha mão e a aperta com força.

Suspiro.

— A taxa de inscrição para *la revolución* custa duzentas pratas.

A barulheira no salão do Centro Comunitário é igual à que reina no ginásio da escola durante a aula de educação física das meninas. Conversas em tom estridente reverberam no teto, ecoando e se multiplicando, até as vozes de vinte garotas se transformarem nos gritos de cem.

Grupinhos se sentam em volta de mesas redondas com toalhas, as mesmas que mamãe passou a ferro na sala ontem à noite. As "herdeiras", com as mães e as irmãs que já foram coroadas. As atletas, que estão tentando incrementar o currículo para impressionar as universidades. A mesa das cheerleaders e da torcida organizada, que abriga qualquer garota que faça algo num jogo de futebol americano que não inclua uma bola. E, naturalmente, as alunas do curso de teatro e as do coral. Todas estão de vestido. Aqueles modelos chiques que a gente usa na Páscoa, de saia rodada. Preciosos vestidinhos floridos com cardigãs combinando. Enquanto nós estamos na base do jeans e da camiseta.

Olho para Amanda e Millie e tento lhes dar um sorriso encorajador que não diga "Não sei o que estou fazendo, estou me sentindo nua".

El aperta a minha mão.

— Vamos lá.

Passamos pelo labirinto de mesas e, quando chegamos à frente, o silêncio

começa a se espalhar pelo salão, até as vozes não passarem de um murmúrio abafado de perguntas.

Sentadas à mesa de inscrições estão duas ex-rainhas, Judith Clawson e Mallory Buckley. Só as vencedoras são convidadas a se tornar membros do comitê organizador. Judith é, no mínimo, vinte anos mais velha do que Mallory, mas as duas têm o mesmo sorriso branco, tão cintilante quanto os broches em formato de coroa que usam nos cardigãs.

— Olá. Vim me inscrever.

As duas me dão um sorriso forçado. Judith cochicha no ouvido de Mallory, e então se levanta e pergunta:

— Perdão, como disse?

Judith examina meu formulário.

— Seu talento precisa ser aprovado até a primeira semana de novembro.

— Claro. Sem problemas.

Seus olhos pulam do formulário para mim, enquanto ela lê meu peso e altura.

— Vou precisar da assinatura da sua mãe, querida.

— Willowdean. — Como se tivéssemos combinado, mamãe segura meu braço no exato instante em que Mallory passa apressada por ela para recuperar seu posto.

Mamãe me puxa para o lado e atravessamos uma série de portas de vidro. Vejo por trás delas Amanda e Millie entregando os formulários. Tenho o impulso de voltar para lhes dar uma força, como se de certo modo as tivesse abandonado.

Ellen, que está atrás das duas, levanta o polegar para mim.

— O que pensa que está fazendo? — A voz de mamãe é um sussurro ríspido.

Endireito a coluna, fincando os punhos nos quadris.

— Estou me inscrevendo.

— Esse concurso não é uma piada.

— Está me vendo rir?

— E quem são aquelas moças com você?

— Minhas amigas. E elas também querem participar.

— Isso é algum tipo de manobra para chamar atenção? Está tentando se vingar de mim por algum motivo? — Sua voz se ergue a cada palavra e, embora eu não tenha a menor intenção de abaixar o rosto, sinto que os olhos de todos na sala de inscrições estão fixos em nós.

— Ah, então são essas as perguntas que você faz às concorrentes? Engraçado, não vi nenhuma no formulário.

Ela aponta uma impecável unha rosa perolada para o meu rosto.

— Não faça isso. Não arraste essas pobres meninas para os nossos problemas. Esse concurso não é uma piada pra você usar como um castigo contra mim.

— E por que teria que ser? Por que tem que chegar a essa conclusão, mãe? Por que não posso participar sem que você encare isso como uma piada ou uma vingança?

Ela cruza os braços, os lábios franzidos num nó apertado.

— Você não pode se inscrever, a menos que eu assine a autorização.

Eu sabia que esse momento era inevitável.

— E por que não assinaria?

Sua voz se suaviza.

— Além do fato de eu não ter certeza de que as suas intenções são honestas? — Ela lambe o polegar e esfrega um ponto na blusa acima do meu peito. — Não quero que você passe por uma terrível humilhação.

Abro a boca, prestes a rebater.

— E nem tem o direito de submeter aquelas meninas a isso. Elas vão ser ridicularizadas, Dumplin'. — O apelido é uma navalhada funda na minha carne, de um jeito como nunca senti antes.

Há muitas coisas que eu poderia responder, mas resolvo ir direto ao ponto.

— Mãe. — Minha boca está seca. — Se não assinar este formulário, vai ser como se estivesse me dizendo que acha que eu não tenho valor. Que cada garota no salão é mais bonita e digna de vencer do que eu. É essa que vai ser a sua mensagem.

Faz-se um longo silêncio entre nós.

Mamãe nunca me encorajou a participar do concurso. Ainda me lembro do dia em que eu estava sentada na cozinha com El, no verão antes do primeiro ano do ensino médio, decorando nossas agendas novas, iguaizinhas, quando dei um pulo no quarto para pegar mais pilôs. Quando voltei, parei entre as sombras do corredor ao ouvir mamãe dizer: "Você pode pensar em participar do concurso quando fizer quinze anos, querida." El respondeu que não estava interessada, e esperei mais alguns segundos antes de voltar a me sentar à mesa. Aquele dia representou para mim a conscientização de que a visão de mundo sustentada por nossos pais não serve para nós.

Fico olhando para mamãe, esperando que entregue os pontos.

— Tudo bem — concorda ela, após um longo momento. — Mas não se atreva a esperar um tratamento especial, ou qualquer mordomia.

É com os olhos arregalados que El nos vê passar pela porta. Leio a pergunta que me faz por mímica labial.

Balanço a cabeça uma única vez.

Mamãe passa por mim em direção à mesa e assina o formulário.

TRINTA



Sento a uma das mesas com Ellen, Millie e Amanda, enquanto mamãe, diante da mesa de inscrição, bate palmas, silenciando o salão.

— Bem-vindas, minhas amigas. — Ela pigarreia. — Vocês estão prestes a embarcar numa jornada que muitas já trilharam no passado e outras tantas trilharão no futuro. O concurso Miss Jovem Flor do Texas de Clov...

A porta pesada nos fundos do salão se abre com um rangido, e todas as cabeças se viram, inclusive a minha.

— Cheguei muito tarde para me inscrever? — pergunta Hannah Perez, com a voz mais natural do mundo.

Meu queixo despenca. Junto com os de todas as mulheres no salão.

Segurando uma prancheta, a ex-miss mais jovem da mesa de inscrições vai apressada até Hannah. Dá uma olhada no formulário e pede que ela se sente.

Hannah se senta sozinha a uma mesa vazia.

Minha mãe torna a pigarrear.

— Um, dois, três. Sua atenção, por favor. — Ela hesita por um momento. — Como eu estava dizendo, o concurso Miss Jovem Flor do Texas é uma estimada tradição da nossa cidade, com uma história riquíssima. As vencedoras se tornaram empresárias, médicas, mães e esposas amadas. Temos até mesmo uma prefeita entre nós. — Em seguida, ela explica as origens do concurso, e como foi suspenso durante a Segunda Guerra Mundial e no ano do assassinato de Kennedy.

Nunca tinha visto mamãe no comando de um salão como agora. Está com a coluna ereta, falando com a voz projetada. Ela está no seu habitat. Mas acho que o que mais me surpreende é o fato de todo mundo parecer cativado. Inclusive na minha mesa. Aqui, no seu reino, ela não é a minha mãe. Aqui, ela é Rosie Dickson, a Miss Jovem Flor do Texas de Clover City de 1997. Aqui, ela é uma rainha. *Todos saúdem Sua Majestade.*

— Se vocês ainda não declararam seus talentos, devem fazê-lo até a primeira semana de novembro. Não se esqueçam: o comitê deverá julgá-los apropriados. Portanto, nada de exibições de sensualidade, entendido? Vocês também vão precisar que os trajes de gala, de banho e de talento sejam aprovados até a quarta-feira anterior ao concurso.

Ela aguarda até que algumas pessoas balancem a cabeça na plateia.

— Muito bem. Gostaria de lhes apresentar minhas colaboradoras este ano. Esta é a Sra. Judith Clawson, que foi a vencedora do concurso em 1979. — A mulher mais velha se levanta e faz uma reverência. — E esta aqui é a Sra. Mallory Buckley, que conquistou o título em 2008. — Ela se cala e recebe aplausos discretos. — O que elas aprovarem, será como se eu mesma aprovasse. O que desaprovarem, será como se eu mesma desaprovasse.

As duas percorrem o salão, distribuindo pastas rosa-choque com o logotipo dourado do *Octogésimo Primeiro Concurso Anual Miss Jovem Flor do Texas de*

Clover City impresso na capa.

— Observem à sua volta por um momento. — Ela espera, enquanto trocamos olhares cerimoniosos. — Em algum lugar do salão, está a próxima vencedora. A má notícia é que apenas uma jovem usará a coroa. A boa notícia é que ela está aqui entre nós. Vocês devem ter notado que este é o octogésimo primeiro aniversário do concurso. Temos surpresas maravilhosas para vocês, inclusive um número de abertura lindamente coreografado...

— Ninguém falou que ia ter dança — murmura Amanda.

— ... e a promessa de fotos na primeira página do *Clover City Tribune*.

Mallory (ela é tão jovem que não consigo chamá-la de Sra. Buckley) contorna a nossa mesa, entregando uma pasta a cada uma de nós. Inclusive a El.

— Ah — sussurro. — Ela não vai participar do concurso. Só veio aqui para nos dar apoio moral.

Mallory, com seu cabelo castanho-avermelhado de mil cachinhos, sorri para mim como se eu tivesse falado grego e insiste em entregar uma pasta a El.

— Ellen — sussurro.

Ela se vira na cadeira e abre a pasta, folheando as páginas.

— Diga.

Mamãe ainda está soltando o verbo, por isso me inclino para El e digo:

— Isso foi meio esquisito, não foi?

— O quê?

— O que a Mallory fez.

— Por que foi esquisito? — sussurra ela, ainda folheando as páginas.

Sinto meus olhos se arregalarem.

— Você se inscreveu no concurso?!?

— Não foi para isso que viemos aqui?

— Obrigada, senhoras — diz mamãe, a voz límpida como um cristal. — Fiquem à vontade para conhecerem umas as outras. Não se esqueçam: só depende de vocês fazerem jus à expressão *competição amigável*. Serviremos um lanche naquela mesa dos fundos, cuja grande estrela, naturalmente, é o meu famoso chá gelado.

Aplausos ecoam nos meus ouvidos.

— Você não pode participar do concurso. Isso não fazia parte do plano.

Todos ao meu redor se dirigem aos fundos do salão.

— Como assim? — Ela não está mais sussurrando. — Nós não conversamos sobre outra coisa há dias.

— Você não pode estar falando sério.

— Por que não? Por que isso é um problema tão grave assim?

— Porque... você poderia vencer. Nós não estamos aqui para vencer. Não é esse o nosso objetivo. — Percebo como essa resposta soa ridícula.

— Você só pode estar de sacanagem comigo.

Não sei o que dizer. Não há o que dizer.

— Você levou em consideração o fato de que estou me sentindo tão deslocada aqui quanto você?

— Você tem que sair do concurso, El. Por mim, você tem que sair. Me deixa ter pelo menos isso.

— O quê? Deixar você ter o quê? Você não pode escolher quem se junta à

revolución. — Ela faz aspas no ar ao dizer *revolución*.

Percebo a lógica de suas palavras. E reconheço a verdade delas. Mas, se El participar do concurso, ela poderá vencer. E, se vencer, vai estragar tudo.

Ainda me lembro daquela noite, há dois anos, em que estávamos sentadas à mesa da cozinha e fingi não ter ouvido mamãe incentivando-a a se inscrever. Isso não deveria ter feito diferença para mim, mas fez. Foi um momento que enterrei muito fundo na memória, e agora era a única coisa que eu via. Como um círculo se fechando. Ela era minha mãe. Morávamos sob o mesmo teto, e, durante todo esse tempo, jamais estendera o convite a mim.

Então, penso que tenho o direito de ser egoísta. Que mereço fazer algo por mim mesma.

— Você já tem tudo — tento argumentar. Pais perfeitos. Um emprego perfeito. Um namorado perfeito. — Poxa El, deixa eu ficar, pelo menos, com o concurso.

El faz que não com a cabeça.

— Não é justo. Você não pode me impor isso. Talvez Callie tenha razão, Will. Talvez a nossa amizade tenha mesmo ficado no passado. Talvez estejamos empatando a vida uma da outra. Eu perco um milhão de coisas por sua causa. Nem acredito que você possa sequer pensar em me pedir para não me inscrever.

Toda a tristeza e a amargura que senti nos últimos meses culminam num único e violento acesso de raiva. *Empatando a vida uma da outra?*

— Callie? É mesmo? Não acredito que você fala com ela sobre nós. Desculpe se não posso ser uma amiga leviana pra você, dessas que só ficam por perto e dizem o quanto você é impecável. Anda, diz logo o que está pensando. Nós não empatamos a vida uma da outra. Sou *eu* que empato *a sua vida*, não é?

Ela não responde.

— Não sou sua discípula, nem fico do seu lado pra você parecer mais magra. — Dou um passo na sua direção. — Esse concurso é para mim, El. Estou fazendo isso por mim mesma.

Seu rosto fica vermelho de raiva.

— Você é um lixo como amiga, Will, e já estou cheia de perder meu tempo. Não vou sair, e ponto final. — Dito isso, ela vai embora.

TRINTA E UM

Na segunda, Ellen me ignorou. E eu mereci. Já esperava que ela me desse um gelo. Nós duas temos pavio curto, mas ela está sempre disposta a perdoar. É uma coisa que aprendi a dar como certa. Mas aí chegou o fim de semana, e ela não me mandou nenhuma mensagem. Na terça, nem Tim me cumprimentou. E foi então que a minha ansiedade se transformou em pânico total.

Hoje, não posso deixar de falar com ela. Não sei qual de nós está certa e qual está errada, mas não estou pronta para enfrentar o concurso sem ela. Tento escorá-la no corredor, depois do segundo tempo. E digo a mim mesma que tudo vai ficar bem. Que nós somos como um casal de velhinhos que de repente nem lembram mais por que brigaram.

— Oi, Ellen! Oi!

Ela para e se vira. Sua postura é defensiva e distante.

— Que talento você acha que eu posso exibir no concurso? — pergunto, tentando fingir que nada aconteceu.

Ela abre a boca, e meu coração fica aos pulos enquanto espero sua resposta. Mas ela apenas balança a cabeça e se afasta.

Callie passa por mim e me dá um olhar de nojo, antes de correr atrás da minha melhor amiga.

— El-bell!

As lágrimas se acumulam nos meus olhos o dia inteiro, esperando que as comportas da represa rebentem. Vou embora da escola o mais rápido possível. Mamãe resolveu permitir que eu vá e volte no carro dela, desde que antes a deixe no trabalho. No instante em que saio do estacionamento, liberto as lágrimas. Que escorrem pelo rosto. Grandes, grossas, pesadas. Como furiosos pingos de chuva fustigando o para-brisa.

Ela deveria compreender. Logo ela deveria compreender. Paro num sinal vermelho e fecho os olhos por um momento, mas, quando faço isso, a única coisa em que consigo pensar é naquele dia, quando estávamos com quatorze anos. Sei que é egoísta, sei que é errado. Mas eu não sou perfeita, nem ela. Quando a gente gosta muito de alguém tem que aceitar os defeitos da pessoa. Fazer sacrifícios pelo seu bem-estar emocional. E eu preciso dela para manter o meu. Preciso que ela sacrifique seus planos por mim.

Uma buzina berra às minhas costas, lembrando que estou ao volante de uma geringonça de metal que pesa mais de uma tonelada.

Em casa, estaciono na porta da garagem. Tenho duas horas para matar, antes de ter que ir buscar mamãe.

Viro o espelho retrovisor para mim e seco os olhos batendo neles com as pontas dos dedos. *Use as pontas dos dedos,* ensinou mamãe. *Secar com as mãos só serve para deixá-los ainda mais inchados.*

Saio do carro e paro bruscamente, com a mão na maçaneta.

— O que está fazendo aqui?

Mitch está parado na junção do jardim com o asfalto. As pernas do jeans estão enfiadas de qualquer jeito nas botas, e o boné de beisebol surrado exibe várias manchas de suor.

— Eu te vi chorando.

Bato a porta do carro.

— E aí resolveu me seguir?

Seu rosto fica vermelho.

— Só para ver se você estava bem. Não para te espionar.

— Tá. — Passo a mochila para o ombro. — Estou bem. — De repente me dou conta de que, tirando os cumprimentos, não chegamos a nos falar direito desde aquele pesadelo no corredor. Estou lhe devendo um pedido de desculpas. — Você não deveria estar treinando?

Ele dá de ombros.

— Vamos entrar — digo.

Ele me segue pelo quintal, e eu o convido a se sentar numa das cadeiras de metal enferrujadas.

— Aceita um copo de chá gelado de pêssego?

Ele tira o boné, deixando à mostra os cabelos desgrenhados, e seca o suor da testa com o antebraço.

— Aceito, obrigado.

Na cozinha, solto a mochila na mesa e sirvo dois copos. Estamos naquela época estranha do ano em que passamos por todas as estações ao longo do dia. Acho que a maioria das pessoas chama esta de “outono”, mas aqui no Sul o que temos é uma rebelde combinação de primavera-verão-outono-inverno. Mesmo assim, o chá gelado é uma delícia servida o ano inteiro.

Sento-me diante de Mitch e lhe entrego um dos copos.

— Feito pela minha mãe — informo. — Receita da vovó.

— Obrigado.

Ficamos bebericando o chá por alguns momentos.

— Me desculpe por aquele dia no corredor — peço. — Quando alguém disse que estávamos namorando.

— Tudo bem. — Ele massageia a nuca. Acho que toda mulher tem uma quedinha por alguma parte do corpo masculino. A de El são as mãos. A minha é no limite entre os cabelos e a nuca. Adoro a sensação de passar os dedos naqueles fios espetados do cara. E quando digo “cara”, estou me referindo a Bo, com a correntinha fina de prata aparecendo acima da gola da camiseta. Porque ele é o único cara no mundo.

Só que, talvez, não precise mais ser.

— Não sei por que as pessoas têm que ter encontros — observa Mitch. — Se a gente chamasse de “dar uma saída” ou algo assim, não haveria tanta pressão. Mas um encontro, minha nossa, é um verdadeiro evento, e a gente tem que ficar à altura.

— É verdade. — Deixando de lado o nosso, que foi péssimo, percebo uma característica muito confortante em Mitch: ele parece ser do tipo que a gente não tem que pedir para ficar, porque provavelmente nunca irá embora. Eu me abaixo para colher uma flor no canteiro da mamãe e fico torcendo-a entre os dedos até

amolecer.

— Eu me inscrevi no concurso Miss Jovem Flor do Texas.

— Pois sabe de uma coisa? Se você conseguir sorrir, é capaz de vencer aquele troço.

Dou um tapa no seu ombro.

— Você não acha estranho?

— Que você tenha se inscrito? — Ele abre um sorriso relaxado. — Por que acharia?

— Sei lá. Não faço muito o tipo de uma miss.

— Bom, o concurso em si não me parece ser a sua praia, mas, se quer saber a minha opinião, você tem todos os requisitos para brilhar.

Sinto meu rosto pegar fogo.

— Obrigada.

— Quero que sejamos amigos — diz ele.

Preciso de um amigo. Desesperadamente.

— Eu também — respondo, e me levanto.

Ele arremata o resto do chá e também se levanta, enfiando as mãos nos bolsos.

— Tenho que ir para o treino.

— Sábado é meu dia de folga. Vamos dar uma saída?

— Lamento que alguma coisa tenha feito você chorar — diz ele.

Eu fico esperando que pergunte o que aconteceu, mas ele não o faz, e acho muito gentil da sua parte.

TRINTA E DOIS



Amanda, Hannah e eu nos sentamos num reservado apertadíssimo nos fundos do Frenchy's, enquanto Millie ocupa uma cadeira à cabeceira da mesa. Quando fomos nos sentar, Millie deu uma olhada no reservado e disse:

— Parece bem apertado pra gente, hein?

Os lábios da garçonete se franziram numa expressão de "pudera", mas Millie não deu a mínima e pediu uma cadeira. É o tipo de coisa que teria feito com que Lucy parasse de frequentar o restaurante, mas Millie parece não se importar.

Depois de fazermos os pedidos, pergunto:

— E aí, já pensaram nos talentos que vão apresentar?

— Acho que quero fazer alguma coisa relacionada com futebol — diz Amanda. — Embaixadinhas, por exemplo. — E balança as pernas com tanta força que a mesa inteira trepida. Ela é desse tipo de pessoa que não consegue ficar quieta.

— Você joga futebol? — pergunto, enquanto Millie apoia os cotovelos na mesa. Nunca tinha imaginado que alguém como Amanda, com uma perna mais curta que a outra, pudesse praticar esportes.

— Bom, eu não estou na seleção da escola. Mas bato uma bola com meus irmãos de vez em quando.

Millie lhe dá um sorriso encorajador.

— Não vejo por que você não poderia fazer isso. Lembro que alguns anos atrás a irmã mais velha da Lacey Sanders fez uma demonstração de primeiros-socorros.

Hannah se recosta na cadeira, de braços cruzados. Seus cachos estão muito compridos e caem sobre os olhos, de modo que ela é uma cabeleira com uma boca. Uma verdadeira peruca falante.

— Talvez eu devesse vestir uma fantasia de cavalo e ficar trotando pelo palco durante cinco minutos.

Millie se vira para mim, morta de constrangimento, menos pelo sorriso.

— E você, Will?

— Sei lá. — Abandonei o curso de balé, não tive aulas de violino nem pratiquei qualquer esporte "formalmente". Meus talentos consistem em ver televisão, ser a melhor amiga de Ellen, suspirar e conhecer as letras de todas as músicas da Dolly Parton. — Mas nós também precisamos resolver outras coisas, como os vestidos e tudo que rola antes da entrevista.

— Não vou gastar mais dinheiro com essa merda — declara Hannah. — Vou de calça jeans, se for preciso.

— E se a gente fizesse um vestido pra você? — sugere Millie, a voz tão aguda que quase falha.

Hannah não responde. Acho difícil olhar para ela sem me perguntar o quanto ouviu da minha conversa com Bo no banheiro da escola naquele dia. Não

trocamos mais do que algumas palavras, mas ela ficou conhecendo um segredo meu tão grande que não contei nem mesmo à minha melhor amiga.

— E aí, o que precisamos saber? — pergunta Amanda, mastigando uma mecha de cabelos. — Tipo, da última vez as meninas estavam todas produzidas e a gente ficou com cara de idiota. A hora das amadoras.

— Bom — respondo —, tem os trajes, o talento e a entrevista. Não muito mais do que isso. O objetivo é subir naquele palco e não cair de cara no chão nem deixar que percebam que os cílios postiços estão quase furando os olhos. Ah, e os trajes de banho. A gente tem que escolher um também.

Millie rói a pele em volta da unha do polegar.

Hannah cruza os braços e esparrama o corpo todo, tomando cada vez mais espaço de Amanda no reservado.

— Estamos fodidas e mal pagas. É sua mãe que dirige o concurso e você não sabe mais nada?

— Não sou nenhuma tiete das misses, tá? Nunca dei a mínima pra esse troço... até a semana passada. Desculpe se é uma coisa que você acha que não tem condições de fazer, mas agora é tarde demais, meu bem.

Millie faz um barulhão com o canudo ao terminar de tomar o refrigerante.

— Hum... Will, se não se importa, tenho algumas coisas a acrescentar. — Ela põe o copo na mesa e se endireita. — Um concurso não é só uma exibição de vestidos e talentos. É presença de palco. E autoconfiança. Muitas vencedoras se destacam em outras áreas depois. Como a Srta. Hazel, por exemplo — ela se refere à locutora da nossa rádio local —, ou a Dra. Santos. É um conjunto de atributos.

E só então a ficha cai. Millie leva a maior fé nesse concurso. Não é uma piada para ela. É um ideal de vida.

— Nenhuma de nós é a concorrente perfeita — prossegue ela. — Acho que em relação a isso todas nós concordamos. O segredo é explorar nossos pontos fortes. Sem querer me gabar, acho que a minha entrevista já está no papo. Amanda, quando puser as botas ortopédicas, suas embaixadinhas vão deixar todo mundo de queixo caído.

Quase prendo a respiração, esperando que ela chegue a mim com alguma ideia brilhante.

— Hannah, não me leve a mal, mas eu já te vi de maiô, e você está podendo, garota. — O canto do lábio de Hannah treme, e, juro por Deus, se Millie conseguir fazer ela sorrir, isso não será menos do que um milagre. — Enfim, como já foi dito na apresentação, é o octogésimo primeiro aniversário do concurso...

— Espera aí. Qual é *o meu* ponto forte? — pergunto.

Ela sorri.

— Sua autoconfiança, claro.

Saio totalmente do ar. Como ela pode ver algo que não sinto? E de que adianta agir de um modo confiante, se eu não sou? Nunca pensei que me importasse com o que via no espelho. Mas Bo estragou isso. E deveria ser mais fácil gostarmos de nós mesmos quando outra pessoa gosta.

Mas isso não pode ser verdade. Por mais que eu tente me convencer de que a gordura e as estrias não importam, elas importam, sim. Mesmo que Bo, por

qualquer motivo, não dê a mínima, eu dou.

Por outro lado, tem dias em que não estou nem aí para nada disso e me sinto totalmente confortável no meu corpo. Como posso ser essas duas pessoas ao mesmo tempo?

— Tem mais alguma coisa a acrescentar, Will? — pergunta Millie.

Pisco uma vez. Duas.

— Ã-ã. Não, acho que não.

Hannah sai do reservado.

— Fui.

Amanda fica chupando o canudinho até o refrigerante fazer bolhas barulhentas no fundo do copo.

Eu me viro e chamo Hannah.

— O que te fez mudar de ideia? Quando Millie te convidou, você recusou, não foi?

Ela se vira para mim.

— Já sou chamada de bizarra todos os dias mesmo. Posso muito bem exibir a minha bizarrice em público.

— Que dose *cavalar* de sarcasmo — murmura Amanda, quando Hannah já está a uma boa distância.

Millie lhe dá um pontapé debaixo da mesa.

— Isso não foi nada simpático.

— E por acaso ela é? — rebate Amanda.

TRINTA E TRÊS



Dessa vez digo a Mitch que podemos nos encontrar na sua casa. Ele me convida para assistir a uns filmes, e eu presumo que seus pais vão passar a noite fora.

Quando a porta da sala se abre, encontro a versão feminina de Mitch usando uma camiseta amarelo-clara com gatinhos rolando entre fios de lã. A mulher que só pode ser a mãe de Mitch joga um pano de prato sobre o ombro e me dá um abraço.

— Palavra de honra! — exclama. — Mitch disse que você era bonita, mas não que era linda. — Ela me solta por um segundinho antes de segurar meu rosto e me puxar porta adentro.

A entrada da casa vira um gargalo de garrafa. Apertada e congestionada. Mas sua mãe não se afasta.

— Vamos dar uma olhada nesse rosto. — Ela passa os polegares pelas minhas bochechas como se estivesse secando lágrimas.

— Mãe!

Ela dá um passo atrás e vejo Mitch no estreito corredor, o rosto escarlate.

— Oi.

— Oi, Will. — Mitch pigarreia. — Hum, mãe, nós vamos para o meu quarto.

A mãe faz que sim.

— Deixem a porta aberta.

— Mãe, nós não vamos fazer nada demais! — Mitch acena para que eu o siga pela escada.

— Pelo Espírito Santo! — exclama ela atrás de nós.

Penduradas nas colunas da cama de Mitch estão as braçadeiras com *mums* texanos em miniatura que sua mãe usou no Homecoming do primeiro e do segundo anos do ensino médio. Os *mums* são uma dessas coisas tão especificamente sulistas, que eu os adoro e odeio. Os melhores são os feitos em casa, daqueles gigantescos, num fundo de cartolina, com longas correntes de fitas penduradas. Como são enfeites para o Homecoming, são confeccionados em cores escolares, e geralmente as fitas têm letras de purpurina formando as mais variadas palavras, como seu nome e o do namorado, ou o da mascote da escola. No passado, as garotas os prendiam na blusa, mas, como acontece com quase tudo no Texas, eles foram ficando cada vez maiores. Hoje em dia, são tão pesados que só podem ser usados pendurados no pescoço. E os rapazes — principalmente os jogadores de futebol americano, como Mitch — usam versões em miniatura nas braçadeiras. É tudo bem ridículo, mas de um ridículo assim bem ao estilo da Dolly.

As paredes do quarto exibem um monte de pôsteres de videogames, mas um em particular se destaca aos meus olhos. O torso de uma garota ocupa a maior parte. Ela segura uma metralhadora, com uma horda de zumbis às costas. Colado por cima do que quer que esteja usando, há um vestido de papel pardo até os

joelhos. Aponto o pôster.

— O que aconteceu ali?

— Argh, foi a minha mãe. É o meu game favorito, ou pelo menos era antes de lançarem a sequência, e ela sempre detestou o pôster. — Ele levanta o vestido de papel, revelando uma regata decotada e um shortinho verde-azeitona tão minúsculo que poderia se passar por uma calcinha. — Ela não achou a menor graça de eu ter uma garota seminua no quarto. Mesmo que seja em 2D. E disso ela não abre mão. Toda vez que eu arranco o vestido, ela cola um novo.

— Por que você não tira o pôster de uma vez?

Ele se senta na beira da cama.

— Sei lá. Gosto do game. Não ligo muito para a garota nua.

— Como assim?

Ele agita as mãos, como se tentasse apagar o que disse.

— Não é que eu não goste de garotas nuas. Quer dizer, eu não saio por aí atrás de garotas nuas. Eu... — ele respira fundo — ... quis dizer que jogo esse game porque a protagonista é fodona. Não porque está com a bunda de fora. — As três últimas palavras são sussurradas.

— Então, tá — murmuro. Puxo a cadeira em frente à escrivaninha e me sento, porque pega mal sentar na cama de um rapaz.

— E aí, quer ficar aqui e ver um filme, ou o quê? Também podemos sair. Imaginei que seria melhor a gente pegar leve.

— Um filme parece boa ideia.

— Tudo bem. Maravilha. Podemos assistir a um aqui no meu notebook. Ou na sala.

— Aqui tá legal. Ou na sala.

— Podemos sentar aqui na cama, ou eu posso sentar no chão e você senta no...

Sento ao seu lado na cama.

— Tranquilo. — Estou tão acostumada a ser eu a nervosa, a que precisa respirar fundo, que é quase um alívio não me sentir como se fosse cair de um penhasco a qualquer momento. — Não tem problema algum. Sentar na sua cama não vai me deixar grávida.

— Você deveria dizer isso pra minha mãe.

Dou uma risada.

— Bem, pelo menos nós deixamos a porta aberta para o Espírito Santo.

Ele reduz as luzes do quarto e pega o notebook, que coloca sobre uma pilha de travesseiros à nossa frente.

— Não sei se você gosta, mas eles fizeram um filme baseado naquele videogame, ou a gente pode alugar alguma coisa on-line.

— Estou meio curiosa para ver sobre o que é o filme dos zumbis.

Nós nos recostamos, iluminados pelo brilho do notebook. O filme é exatamente como o pôster do videogame anuncia, só que a protagonista não usa um vestido de papel pardo. Dá para notar que Mitch já assistiu esse troço centenas de vezes. Seus lábios se movem junto com os atores quando eles dizem suas falas favoritas. Ele ri alguns segundos antes de cada piada e faz uma careta antes de cada cena assustadora; como nunca fui muito fã de filmes de terror, fico grata pela advertência.

Quase perco a maior parte do final, porque, em vez do filme, meus olhos se fixam na mão de Mitch, que rasteja em direção à minha.

Eu deveria afastá-la.

Seu dedo mindinho roça no meu.

De repente, o notebook explode.

Quer dizer, o que explode é o hospital cheio de zumbis no filme, mas, como não estou prestando atenção, levo um susto tão horrível que solto um grito.

— Pelo Menino Jesus, a que tipo de tortura está submetendo a menina?!? — grita a mãe de Mitch.

— *Final Death 3!* — grita de volta Mitch.

— Eu estou bem, senhora! — grito eu para ela.

Passam os créditos, deixando o quarto bem escuro.

— Tá com fome? — pergunta ele.

Estou morta de fome.

— Eu comeria alguma coisa.

— Tem um quiosque de tacos na esquina com a Dawson. A gente pode dar um pulo lá e curtir um pouco antes de você ir para casa.

Sigo Mitch até a cozinha, onde sua mãe está digitando o valor de um recibo numa daquelas calculadoras velhas, com bobina.

— Estão com fome, crianças?

— Na verdade, acho que vamos dar um pulinho no Taki's Tacos, aqui na esquina.

Ela tira os óculos de leitura, que ficam pendurados no pescoço, quicando nos gatinhos e novelos de lã da blusa.

— Ora, mas por que fariam isso quando fui ao mercado hoje de manhã? Vou preparar uns sanduíches de salaminho. E também sobrou um pouco do ensopado de frango com espaguete. — Ela se vira para mim. — Modéstia à parte, o meu ensopadinho com espaguete é de comer rezando.

— Nós queremos sair um pouco, mãe. Por que o drama?

— Porque é um desperdício, só isso. — Ela torna a pôr os óculos. — Mas, ok, é noite de sábado. Esteja em casa antes da meia-noite.

O quiosque dos tacos fica num velho estacionamento. Ervas daninhas crescem por entre as rachaduras no asfalto, como um lembrete de que o forte aqui são mesmo os tacos e não o paisagismo. Ao lado do quiosque há um conjunto de brinquedos de playground enferrujados, que parecem ter sido tirados de um parque urbano e abandonados nesse estacionamento. Sentamos num banco à beira do círculo de luz lançado pelo Taki's, tentando nos afastar o máximo possível dos mosquitos.

Depois de comermos, damos uma volta pelos brinquedos. Sento num balanço, Mitch em outro. As correntes gemem sob o seu peso.

— Os tacos estavam uma delícia — digo.

Ele faz que sim.

— Gostou do filme?

— Foi... bem sangrento. Mas eu gostei.

— Você se inscreveu mesmo no concurso Miss Jovem Flor do Texas?

— Me inscrevi. Estou morta de medo. Preciso demonstrar algum talento, e não tenho nenhum.

Recuo no balanço e deixo que o impulso me empurre para frente, estendendo as pernas.

— Sem contar que várias outras garotas acabaram entrando só por minha causa. É como se eu devesse liderar o grupo. Mas nem mesmo sei o que eu estou fazendo. E me sinto responsável por elas, entende?

Mitch fica atrás de mim e me empurra com gentileza toda vez que o balanço volta.

— Talvez, se você se der ao trabalho de tentar entender seus próprios motivos, possa ajudar suas amigas a entenderem os delas.

Ele continua me empurrando enquanto assimilo a ideia.

— Olha só, Mitch...

— Sim?

— Você é craque no futebol americano, não é?

— É o que dizem.

— Aposto que vai descolar uma bolsa de estudos em alguma faculdade bem longe daqui.

Pela primeira vez, Mitch não responde.

— Que foi? — pergunto. — Não acha que vai?

— Sei lá. Acho que sim. — Ele para de me empurrar e se senta de novo no balanço ao meu lado, mas na direção oposta. — Eu nunca gosto do que deveria gostar. Sei que sou bom de bola. Mas essa temporada está parecendo mais uma obrigação que eu tenho que aturar.

Acho difícil entender isso. A ideia de que a pessoa possa ser muito boa numa coisa e mesmo assim não goste dela.

— Quando se é um homem vivendo numa cidade dessas, as pessoas esperam mil coisas da gente. Você tem que jogar futebol americano, caçar e pescar. Na infância, eu não tinha muitos amigos, mas contava com o Patrick. Nós íamos caçar nos fins de semana com os nossos pais.

— Você caça? — pergunto. Não deveria ficar surpresa. Milhares de pessoas caçam por aqui. É um nojo, mas não sou vegetariana, por isso não tenho moral para falar.

— Bom, mais ou menos — responde ele. — Eu participo de caçadas desde pequeno. Quando saía com meu pai, ele me deixava tomar meia lata de cerveja enquanto nós esperávamos que o animal da temporada aparecesse, qualquer que fosse. Mas, sempre que chegava a hora de atirar, eu errava. Durante um tempo, disse a ele que eu era ruim de mira. O velho ficava furioso comigo. Eu sempre errava o alvo. Por poucos centímetros. Até que ele começou a perceber que era de propósito.

Sinto uma onda de carinho por Mitch me encher o coração. Talvez sejam as coisas sobre as quais não queremos conversar que as pessoas mais querem ouvir.

— Estávamos na sétima série, e o velho fazendo a maior pressão em cima de mim. Patrick e o pai também estavam lá. Era a temporada dos cervos. Eu acertei um. — Ele se cala. — Foi por acidente. Era um macho enorme, com um porte altivo. Meu pai me deu um tapa nas costas. Mas lembro que eu estava me sentindo como se estivesse sufocando.

— Sinto muito. — Essas palavras parecem tão inadequadas. Como sempre soam quando alguém as diz em relação a Lucy.

Ele se levanta e puxa as correntes do meu balanço para trás. Sinto-o soltar um longo suspiro no meu pescoço.

— Sei que homem não chora, mas eu chorei muito naquela noite. E acho que foi aí que cheguei à seguinte conclusão: fazer bem uma coisa não significa que se tenha a obrigação de fazê-la. Só porque é fácil não quer dizer que seja certo. — Ele solta as correntes e meus pés tocam as estrelas.



Essa noite, eu sonho que estou dentro do videogame de Mitch, usando um shortinho minúsculo e uma regata esfarrapada. Meu corpo não é nenhum Photoshop ideal de mim mesma. As coxas continuam grossas, cheias de celulite, e os pneus na cintura se derramam sobre o cós do short. Meus cabelos ondulados e castanho-claros estão num daqueles penteados de cachinhos da Dolly do passado. Como a protagonista do game de Mitch, estou armada até os dentes, com munição e facas presas às costas e às coxas, além de uma bazuca encostada no ombro. Sou fodona. Uma gorda fodona.

Corro para dentro de um centro cívico abandonado. A porta de vaivém bate em meses de escombros acumulados quando entro. No começo elas avançam lentamente, mas então começam a se multiplicar. Misses zumbis. Por toda parte.

Espero até que cheguem quase perto demais antes de disparar a bazuca. Pronto. Partículas voam. Eu me abaixo. Estão mortas. Dessa vez, estão mortas mesmo.

Mas ainda restou uma. Que está ficando grisalha, vestida para o melhor dia da sua vida, com um longo de gala vermelho e rasgado. Sua coroa está amassada e quebrada, e a faixa é velha demais para se ler o que diz. Ela avança na minha direção, arrastando um dos pés pelo chão de mármore.

Recarrego a bazuca.

TRINTA E QUATRO

Há algumas coisas — como a parte em que as misses se exibem de maiô — em que nem cheguei a pensar antes de me inscrever no concurso. Mas para o que eu não me preparei mesmo foi o número de dança em grupo.

Eu, Millie, Amanda e Hannah estamos sentadas em fila, encostadas à parede dos fundos do Dance Locomotive, o único estúdio de dança que há em Clover City. Sei que isso não parece fácil, mas também não pode ser muito mais difícil do que ficar andando em círculos coreografados.

Minha mãe está usando uma saia comprida, um collant meio apertado demais, uma meia-calça cor da pele supercintilante e sapatos de dança pretos. Ao seu lado estão a Sra. Clawson, com um jogging turquesa que faz um barulhinho toda vez que ela respira, e Mallory Buckley, com uma calça de ioga branca e um sutiã esportivo rosa-bebê. Pego mamãe olhando para Mallory várias vezes com uma pontinha minúscula de desprezo e extraio um perverso prazer disso.

Todo mundo é sarado, bronzeado, com cabelos oxigenados, e veste conjuntinhos de ginástica. Enquanto eu estou usando a mesma calça de pijama com que dormi na noite passada. Amanda, de short de futebol, e Millie, com seu conjunto de lycra, estão um pouco mais preparadas, mas é Hannah quem nos desbanca, toda de preto com um black jeans e uma T-shirt.

— Vamos nos alongar, meninas. — Mamãe se senta à nossa frente, de costas para o espelho. Cada uma de nós fica na sua posição favorita. Inclusive a Sra. Clawson, que está de pé fazendo Moinhos de Vento. Está ofegante, com o rosto vermelho, enquanto conta quantas vezes respira a cada rotação. Como que por um milagre, seu permanente não se move um milímetro.

Mamãe está sentada com as solas dos pés se tocando, na postura da borboleta.

— O tema deste ano é: "Texas: Somos ou Não Somos os Bão?"

— É... — murmura Hannah —, a gramática dos *caipira* — diz a palavra imitando sotaque de jeca.

Amanda ri, e Millie dá um chute na sua canela com o pezinho minúsculo calçado com um Keds.

Tento alcançar os dedos dos pés, mas a barriga e os peitos ficam entre mim e as coxas.

— No fim do ensaio, cada uma de vocês sorteará algum tema relacionado ao Texas, para que possa planejar o traje do número de abertura. Pede-se a todas as candidatas que usem uma saia jeans, uma camisa xadrez e um par de botas de caubói. Tirando isso, vocês têm plena liberdade para criarem o que quiserem em homenagem ao tema. Por exemplo, quem sortear a flor símbolo do Texas, poderá usar um arranjo de lupinos azuis na cabeça. Essa é uma oportunidade para os jurados terem uma mostra da sua personalidade e verem se vocês desempenham bem a tarefa designada. Aproveitem, meninas.

Ellen está sentada na fileira da frente com Callie, que, naturalmente, vai

participar do concurso. Ambas usam conjuntinhos de ginástica com um chamativo logotipo da Sweet 16. Não nos falamos há duas longas semanas. A última vez que passei tanto tempo assim sem falar com Ellen foi quando os pais dela alugaram um trailer e a levaram para passear pela Costa Oeste. Escrevi uma carta para ela todos os dias em que esteve ausente, e, quando voltou, nossas mães deixaram que ela dormisse lá em casa durante duas noites seguidas.

Mas agora é muito pior. Pois ela está bem aqui, do outro lado do salão, e, se eu chamá-la, ela não vai responder. Já quase fui me desculpar mil vezes, mas, agora, deixei passar tempo demais. E uma parte de mim ainda acha — ou melhor, tem certeza — que eu tenho razão.

Levantamos para aprender a coreografia. Millie se inclina, ficando na ponta dos pés, e diz:

— Você deveria falar com ela.

— Do que está falando?

Ela puxa as mangas do agasalho.

— De Ellen.

— Todo mundo fazendo os passos da quadrilha! — Minha mãe ergue a voz para ser ouvida em meio à música country. — Cinco para a esquerda. Cinco para a direita. Bekah! — chama ela. — Vem cá para as meninas admirarem a sua técnica.

Bekah fica vermelha, mas obedece a mamãe. Só de olhar para ela já fico irritada, e não tenho nenhum bom motivo para isso. Ela é perfeita em tudo. E também é bonita. E humilde.

Passo a hora seguinte tropeçando nos pés, tentando acompanhar os mil e um passos e voltas, enquanto entramos e saímos dos túneis da quadrilha. Pego mamãe me olhando no espelho quando tropeço no salto plataforma de Amanda e caio de bunda no piso de madeira. No fim, mamãe tinha razão de chamar Bekah para ficar na frente, porque ela sabe o que está fazendo.

Termina o ensaio e estou suando em lugares que eu nem sabia que suavam.

Millie está com uma expressão enlouquecida no rosto e um largo anel de suor em volta do pescoço.

— Foi o máximo — declara. — Que ponto turístico você sorteou?

Mostro o papelzinho que retirei da urna.

— Cadillac Ranch. — Um lugar que só vi em fotos. Uma coisa que se precisa entender sobre o Texas é que ele é simplesmente enorme. Conheço mil pessoas que nunca sequer chegaram a sair do Estado. Já até ouvi dizer que, dependendo do ponto de partida, é possível dirigir durante um dia inteiro sem sair do Texas.

— E você?

Ela abre um sorriso.

— Tirei The Stockyards. O bairro histórico em Fort Worth. — Só Millie mesmo para transformar um mercado de agropecuária numa joia digna de um concurso. Se o otimismo da minha amiga fosse contagiante, eu até seria capaz de apostar que vou vencer esse troço.

TRINTA E CINCO

Ouvi dizer que nas escolas maiores os bailes não andam mais com essa bola toda. Acho que é porque têm alunos demais. Só que, para minha falta de sorte, na Clover City High eles ainda bombam. E, tirando os bailes de formatura, o mais badalado da cidade é o da Maria Cebola. Como uma moça não pode simplesmente convidar um rapaz para sair como se fosse uma coisa normal, as garotas não pouparam esforços para que seu convite para o Baile da Maria Cebola fosse o mais elaborado possível.

Até que, há três anos, Macy Palmer reinventou a roda ao convidar o namorado Simon para o baile usando como tema os "Doze Dias do Natal".* Eu não estou

* Referência a uma célebre canção natalina inglesa que enumera vários presentes dados por um rapaz à sua amada, entre 25 de dezembro e 5 de janeiro. (N. T.)

brincando: todas as manhãs o garoto chegava à escola e dava de cara com algum dos itens, que podiam ser as três galinhas ou os doze tamborileiros. E eles já eram namorados! Não ia suspeitar que ela fosse convidar outro cara. (Só para deixar registrado: os dois se formaram. Ela estava grávida de quatro meses, e ele com um pé fora de Clover City, graças a uma bolsa de estudos que descolou por ser fera no golfe.)

Depois disso, deixou de ser aceitável convidar um rapaz para ir ao Baile da Maria Cebola oferecendo um pote de biscoitos caseiros ou usando uma blusa com o número da camisa do time de futebol americano dele. Agora, não só você tem que tomar muita coragem para convidar o cara, como ainda por cima precisa fazer isso em grande estilo.

O primeiro ano não foi tão mau assim, pois Ellen ainda não tinha começado a namorar Tim. No ano passado, dei a desculpa de que estava doente. Mas, este ano, depois de tudo o que aconteceu, não estou vendo os banners e os cartazes anunciando a venda dos ingressos.

Após passar cinco horas transitando por um campo minado de convites para ir ao Baile da Maria Cebola — inclusive uma pirâmide de cheerleaders na hora do almoço —, ainda tenho uma hora livre. Sento-me à carteira ao lado de Amanda.

Ela levanta o rosto do celular.

— E então, convidou alguém?

— Não. E você?

— Negativo. Acho que vou deixar os convites serem feitos e fazer uma triagem entre os que sobrarem amanhã. Eu preferiria não me dar a esse trabalho, mas nós temos mesmo que convidar um rapaz para nos acompanhar ao concurso. Desse jeito, mato dois coelhos com uma cajadada só.

Seguro o rosto entre as mãos e solto um gemido. Tinha me esquecido dos acompanhantes. Minha carteira trepida como se tivesse levado um chute. Viro a cabeça na hora e vejo Bo andando até a carteira dele nos fundos da sala.

Sinto um prazer secreto ao vê-lo assim, com as roupas que escolhe a dedo no

armário todas as manhãs. E me pergunto se ele faz isso de caso pensado ou pega a primeira que a mão alcança, no escuro. Feito um zumbi. Ou talvez ele se levante bem cedinho e saia para dar uma corrida, ou coma ovos mexidos, ou alguma dessas coisas que as pessoas fazem pelas manhãs.

Ou talvez não seja mais da sua conta, digo a mim mesma.

— Millie convidou Malik. Do jornal — conta Amanda. — Ele é até charmoso, se você der um desconto para as sobrancelhas juntas. Ou se achar que uma sobrancelha em vez de duas é charmoso.

Viro o rosto para ela, grata pela distração, mas de repente sou atingida pela consciência da exata posição em que estou sentada. Talvez, se eu me empertigar um pouco mais, as gordurinhas nas costas desapareçam.

— E como ela fez isso?

Amanda começa a rir.

— Ela cantou para ele. Tocando ukulele.

Fico morta de vergonha pela garota. Provavelmente, todo mundo caiu na gargalhada.

— E depois? — sussurro.

— Ora, ele aceitou — diz Amanda, em tom de *"Dãã, por que ele não aceitaria?"*.

— Espera aí. Sério?

— E também vai acompanhá-la no concurso. Foi tão fofo. E ele até deu um beijo no rosto dela. Foi a coisa mais ousada que eu já tinha visto.

A aula continua se arrastando, e eu me pergunto o quanto sou idiota por esperar que Millie fosse humilhada. Se ela antes tivesse pedido a minha opinião, eu teria dito que a ideia era fofa, mas teria feito o possível para que não a pusesse em prática. Não por achar que ela não merece ir ao baile e ter um acompanhante, e sim por não querer que seja alvo de deboche. Nunca desejaria uma experiência dessas para ninguém. E, mesmo assim, Millie já passou por isso. Ela já serviu de exemplo de infinitas piadas.

Mas lá está a garota, totalmente na dela, sem dar a mínima para o que os outros vão pensar.

Quase me dói saber que ela está se aventurando de uma maneira tão corajosa. É como ver uma velha amiga de quem você se afastou e se lembrar de todas as experiências que compartilharam.

A aula acaba e sou empurrada pela porta por uma enxurrada de alunos. Posso ouvir Bo conversando com José Herrera sobre trigonometria e depois sobre uma festa.

No corredor, uma parede de garotas nos detém. Estão de mãos dadas, como numa partida de Red Rover.*

* Jogo em que os participantes de um time devem ficar de mãos dadas (como um cordão de isolamento), enquanto um participante do time adversário tenta romper o cordão. (N.T.)

— Desculpe pelo atraso — diz uma delas.

— Só vai demorar um minuto — acrescenta outra.

Bekah Cotter está atrás da galera, usando um shortinho jeans, sapatilhas douradas e uma T-shirt branca vários números acima do seu, com um nozinho amarrado às costas. Os dizeres em silkscreen são: *Vem ao Baile da Maria Cebola comigo...* Ela gira um bastão entre os dedos, esperando que o pessoal se aquiete.

Amanda está atrás de mim, flexionando os dedos dos pés.

— Só de olhar para esse short minha calcinha já entra na bunda.

Bekah respira fundo e, sem anunciar, gira o bastão no ar, atirando-o sobre o ombro para apanhá-lo em seguida, enquanto faz uma ginástica tão brusca e rápida que mal dá para acompanhar. É o máximo, e, ainda assim, nem um décimo tão complicado como o que já a vi fazer nas partidas de futebol americano. Seu talento vai arrasar no concurso.

Ela lança o bastão para o alto e faz o mesmo tipo de rotação doida, e então pousa de costas e pega o bastão no instante em que ele se encontra prestes a cair no chão. Quando seu traseiro está em pleno ar, fica claro quem ela vai convidar para o baile. Em cada um dos bolsos do shortinho jeans estão as letras *B* e *O* em glitter.

Os colegas da aula de história o empurram até a frente das garotas. Ele sorri, e mal tenho coragem de olhar quando Bekah segura sua mão. Bo dá uma olhada para o lado, e eu sei que me vê. Mas não há tempo para decisão ou pensamento. Ele concorda. E agora eles são Bekah e Bo. Bo e Bekah.

Empurro Amanda da minha frente e vou abrindo caminho por entre o tráfego de alunos que se dirigem ao estacionamento. Com os olhos fixos no chão, observo o mar de pés até encontrar um banheiro. Fico de joelhos e reviro a mochila, procurando uma coisa. O celular? Uma granada?

No fundo da mochila, encontro um marcador permanente. Retiro a tampa, me viro para o espelho e, como a pessoa totalmente sã que eu sou, começo a escrever na minha própria testa.

Eu não havia refletido sobre a logística de ir do ponto A ao ponto B enquanto estava escrevendo na testa. Só depois de me olhar no espelho é que me dou conta de que agora não tem mais volta. Mesmo que eu queira, acho que é chamado de marcador permanente por uma razão.

Andando até o estacionamento o mais depressa possível, jogo os cabelos por cima do rosto, como o Primo Coisa da Família Addams, confiando na visão que me resta por entre os fios e rezando ao Menino Jesus para não ser atropelada.

E lá está ele. Caminhando até o seu carro.

— Mitch! — grito. — Mitch!

Essa foi uma péssima ideia. Aliás, acho que é seguro dizer que todas as minhas ideias são péssimas.

Ele se vira.

— Will? — Seu rosto se contrai, deixando transparecer a preocupação. — Aconteceu alguma coisa? Você está bem?

Quando chego a alguns passos dele, jogo os cabelos para trás, deixando que veja meu rosto.

Sua preocupação se transforma em perplexidade.

— ʕ alobeC airaM on somaV

— Merda — murmuro. — Escrevi na frente do espelho.

Ele abaixa os olhos, tentando esconder o sorriso de mim, enquanto escava o cascalho com o dedão do pé.

— E então, topa? — pergunto. — Ir comigo ao Baile da Maria Cebola?

— Não sei. — Suas bochechas se inflam. Ele fica aliviado por eu não ter esquecido do aniversário dele. Sou um ser desprezível. — Você vai de vestido?

— Topa ir?

Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Tá, eu vou com você. — Ele estende a mão e esfrega minha testa com o polegar. — Isso é permanente, não é?

— Para sempre — respondo.

Seus olhos se iluminam.

Deveria ter acrescentado: "Como amigo." *Topa ir comigo ao Baile da Maria Cebola como amigo?* Mas agora é tarde demais. Não vou estragar a diversão dele, embora sinta medo de ter agido pensando só em mim.

TRINTA E SEIS



É noite de sexta e estou esparramada no sofá, assistindo a um programa de entrevistas que gravei, sobre gêmeas que alegam se comunicar telepaticamente.

Mamãe está na cozinha tingindo uma toalha para a mesa do júri.

O apresentador dá às gêmeas uma espécie de teste, com cartas de baralho, formulando perguntas que elas deveriam ser capazes de responder, graças às suas "habilidades". A primeira acerta só cinquenta por cento e culpa a diferença de fuso horário e o jet lag causado por voar da Louisiana para Nova York.

Quando o programa entra nos comerciais, mamãe se senta no sofá de dois assentos e desamarra o avental do pescoço.

— Ufa! — exclama. — Vou deixar aquilo de molho por um tempo. — Pega o controle remoto e põe a tevê no mute.

— Espera aí — digo. — Dá um pause. Não quero descobrir o que vai acontecer por acidente.

Ela mexe no controle por um momento antes de devolvê-lo para que eu aperte o pause.

— Vamos conversar um pouquinho.

O papo deve ser sobre o concurso e como não o estou levando muito a sério. Ou como ela acha que vou acabar sofrendo uma humilhação.

— Desde que Lucy faleceu, não recebemos mais a pensão dela.

Território totalmente diferente do que eu esperava.

— E o valor do seguro de vida não foi muito alto, mas bastou para nos sustentar durante os últimos meses.

Endireito as costas. Minha visão demora um instante a se ajustar.

— Nós vamos vender a casa?

— Não, não. Nada disso. Em alguns anos terminamos de pagar. Creio que posso aguentar as pontas até lá. Não quero que se preocupe com isso.

— Tá...

— Mas não tenho condições de arcar com o conserto do seu carro.

É isso. Sinto um desânimo mortal. Sei que é uma idiotice me preocupar com uma bobagem como um carro quando obviamente temos outras coisas para pensar, como comida, luz, gás... Ainda mais considerando que, em tese, não precisamos dele. Mas aquela latinha velha vermelha é a minha liberdade sobre rodas. Clover City vai ficar parecendo ainda menor e mais isolada sem a minha Jolene.

— Desculpe, querida.

— Quanto vai custar?

— Por volta de três mil dólares.

Faço que sim. Isso é, no mínimo, um ano de trabalho no Chili Bowl.

— Talvez, se a gente fizesse um cofrinho...? Poderia pôr os trocadinhos do dia nele...

Torno a me recostar e aperto o play na tevê. Se fosse uma filha melhor, eu responderia que está bem, que compreendo. Posso não ser a filha que ela esperava, mas ela nunca me deixa na mão.

As primas estão de volta. Pessoas na plateia riem baixinho enquanto elas obviamente erram uma pergunta atrás da outra.

Mamãe se levanta e torna a amarrar o avental no pescoço.

Antes de ir para a cama, sento à escrivaninha do quarto, com Riot enroscado no colo. Quase todos os meus e-mails são spams, mas, soterrado por baixo deles, encontro um enviado do e-mail de Lucy.

Meu estômago se enrola como uma espiral. Clico.

Mas é spam. Uma porcaria qualquer sobre taxas de juros.

Eu me recosto na cadeira e esvazio os pulmões. Se estou recebendo spams do e-mail da minha falecida tia, então talvez outras pessoas também estejam.

Saio da minha conta. Tento várias vezes, até que finalmente adivinho a senha de Lucy. *DUMBBLONDE9.* Uma das suas músicas favoritas da Dolly e seu número da sorte. Já estou prestes a fechar a conta, mas me distraio com as mensagens acumuladas durante meses. A caixa de entrada está lotada de e-mails não lidos, num verdadeiro lembrete de que somos seres passageiros num mundo permanente.

Clico em algumas. Não vejo nada que chame a atenção, até a quinta página. No espaço do assunto, topo com uma dizendo: NOITE DA DOLLY PARTON!

TRINTA E SETE

As estrelas de cartolina e as faixas de papel crepom penduradas do teto não bastam para me fazer ignorar o cheiro de suor e esquecer que nós estamos no ginásio. A música ecoa pelas paredes, lembrando a todos que este lugar não foi construído pensando-se na acústica.

— Ficou muito legal — grita Mitch no meu ouvido.

— É... Ficou, sim. — Só que não. Deve haver umas quinze pessoas dançando, enquanto as demais se espalham pela arquibancada. Há uma estranha tensão hormonal no ar que eu nunca tinha notado. Talvez porque os alunos estejam se pegando em público à vontade, de um jeito que jamais seria tolerado no horário normal das aulas.

Ellen está na arquibancada ao lado de Callie e do namorado. Tim está com o braço em volta do ombro de El, a cabeça tão inclinada para trás que acho que é capaz de estar cochilando. O namorado de Callie é superatencioso e fica passando a mão na coxa da garota de um jeito safado que me dá calafrios, enquanto ela e El trocam sussurros, compartilhando segredos, com certeza.

Pego Callie apontando para mim, e me viro.

— Vou dar um pulinho no banheiro.

Os lábios de Mitch formam uma pergunta, mas ele se limita a fazer que sim.

No banheiro, abro a torneira ao máximo e deixo que a água quente me escorra pelas mãos até ficarem vermelhas. É horrível não poder ir até lá e dizer a El que papel ridículo eu fiz ao convidar Mitch para o baile. Essa distância entre nós começou há meses. Sei disso. Mas talvez ela não saiba. Talvez a pessoa só note quando é ela que está sendo deixada para trás. Eu deveria ter segurado minha língua comprida e mantido o concurso em segredo, mas a inscrição de Ellen me fez sentir como se o time adversário tivesse vencido.

— Posso te dar um conselho?

Endireito as costas, o cérebro voltando da viagem.

— Oi, Callie.

Ela me observa no reflexo do espelho.

— Eu sei que a El foi muito legal contigo desde que vocês eram pequenas. Mas dizer a ela que não poderia entrar no concurso foi muita sacanagem.

Estou me sentindo nua. Como se, de algum modo, em meio a toda à sua raiva, El pudesse ter revelado cada um dos meus segredos e inseguranças.

— Escuta aqui, Callie, não te conheço, e nem tenho que conhecer muito para saber que não gosto de você. Portanto, cai fora e vai cuidar da sua vida.

— Tudo bem. — Ela levanta as mãos. — Sabe, ela está mesmo melhor sem você. Pelo menos agora você não está por perto para arrastar a El-bell pra baixo. — Ela dá meia-volta, mas torna a se virar de repente e acrescenta: — E sabe do que mais? Se você fizesse um mínimo esforço para se cuidar, ficaria surpresa de ver a diferença enorme que faria. E eu nem estou sendo grosseira, só honesta. — Ajeitando o decote do vestido, ela torna a arrumar os peitos no sutiã. — A

propósito, ao contrário do que você e suas amigas possam pensar, esse concurso não é nenhuma atividade extracurricular beneficente onde você recebe nota dez pelo empenho. — Callie se afasta. Ainda bem, porque estou a dois passos de quebrar o nariz dela.

A porta se fecha às suas costas, e eu fico ouvindo os saltos batendo no piso de vinil.

Talvez ela tenha razão. Talvez minha vida entrasse nos eixos se eu conseguisse perder cinquenta quilos. Prendo as lágrimas que brotam nos olhos. Talvez meu corpo e eu sejamos os únicos culpados.

Mitch está esperando fielmente por mim atrás do DJ, que não é realmente um DJ, mas um técnico de time de basquete universitário com um iPod e acesso às caixas de som.

Dou uma cotovelada no seu braço.

— Vamos dançar.

Ele me segue até a pista de dança, onde encontro Millie com o namorado, Malik. Amanda está ao lado deles.

Estou começando a adorar Amanda. Ela é ríspida, esquisita e o oposto de todo mundo que conheço. É o tipo de pessoa que vai fundo em qualquer situação e leva as brincadeiras longe demais. No momento, com a cabeça balançando e os braços e as pernas se agitando, ela quase parece uma daquelas bandas de um homem só, porém sem os instrumentos.

Apresento-os a Mitch, embora todos nós estudemos juntos há séculos.

Amanda me dá uma cotovelada e cochicha:

— Nada mau. Mas não se compara com o *Bundinha de Pêssego*.

— E você? Convidou alguém?

Ela se inclina para mim, sem parar de agitar a cabeça.

— Minhas opções eram limitadas, por isso decidi vir sozinha.

— Você não está sozinha! — grita Millie. — Está com a gente. Não é, Malik?

Malik segura a mão de Amanda.

— Sim, é claro.

Meu coração de manteiga se derrete. Porque, para mim, Malik e Millie são o rei e a rainha de todos os bailes, o do Homecoming, o de inverno, o de primavera e o de formatura combinados num só.

A próxima música começa a tocar, e é o tipo de lentinha que faz os casais esfregarem os umbigos. Como são seres humanos horríveis, Millie, Amanda e Malik nos abandonam, indo até a mesa dos salgadinhos e refrigerantes.

O espaço ao nosso redor não para de se encher de adolescentes no cio. Mitch deve notar o pânico no meu rosto. Ele segura meus braços, fazendo com que eu os passe pelo seu pescoço. Suas mãos fortes mal tocam minha cintura, mas mesmo assim contraio o estômago o máximo possível. Não consigo me controlar. E, no meio de todos aqueles amassos e beijos, começamos a dançar.

— Gosto de ir com calma — diz Mitch. Ele está um perfeito cavalheiro sulista com calça cáqui de vinco, camisa xadrez com botões de pressão imitando madrepérola e botas marrons.

Aos poucos, deixo que meu corpo relaxe contra o dele.

Dançamos devagar ao som de músicas rápidas e dançamos rápido ao som de músicas lentas, criando nosso próprio ritmo.

Patrick se aproxima de nós, tirando uma casquinha do maior número possível de garotas no caminho.

— Beleza, Mitch. Se eu fosse você, cara, tomava cuidado com essa aí. Ela é violenta. — E para mim: — O fabricante de bebês ainda funciona, caso esteja se perguntando.

— Que Deus nos proteja — comento, balançando a cabeça.

Patrick movimenta o corpo, flexionando os calcanhares.

— Ouvi dizer que você convenceu algumas amigas a participarem do concurso. Deveria perguntar a elas se sabem que é um concurso de beleza, não uma exposição agropecuária.

E vai embora antes que ele ou eu possa responder.

Mitch dá um passo à frente, mas aperto seu braço, puxando-o de volta.

— Você sabe que ele é podre, não sabe? — pergunto.

— Não estou tirando sua razão.

Só vejo Bo e Bekah durante uma música lenta, parecendo o tipo do casalzinho que posa para fotos de camisa branca e jeans, ou que sai de férias com a família no verão.

E que ódio que isso me dá.

Encosto o rosto no ombro de Mitch. Bo levanta os olhos, mas dessa vez não desvio os meus. Ali, na pista de dança do ginásio, nossos olhares se encontram. E eu imagino que somos ele e eu dançando, totalmente a sós. Não porque o salão esteja vazio, mas porque ninguém mais importa.

— Fui a um baile no ensino fundamental — conta Mitch. — Minha mãe me obrigou. Tive que usar aquele terno todo empetecado que a gente usa no domingo de Páscoa. Eu era o único garoto que estava produzido daquele jeito.

Meus olhos continuam em Bo, e tenho aguda consciência do incêndio que devora meu peito.

— Você teve um encontro? — Minha voz vem de muito longe.

— Ninguém chegava a ter encontros na época. Quer dizer, havia casais que se consideravam namorados, mas era só isso.

Bekah diz alguma coisa e, após um momento que me dói como uma despedida, Bo desvia os olhos. E os dois se afastam por trás de uma muralha de gente.

Fico olhando para o espaço vazio deixado por ele.

— Você dançava com alguém? — pergunto.

Mitch passa o dedo lentamente pela minha coluna, e sei que esse pequenino gesto é um grande avanço para ele.

— Não. Ficava a noite inteira sentado numa cadeira dobrável perto dos adultos que acompanhavam a molecada. Ou com uns garotos que treinavam arremessos na cesta de basquete do outro lado do ginásio. Mas dançar, não.

— Bom... — Levanto a cabeça. — Agora você está dançando.

Ele sorri.

— Valeu a pena esperar.

Mais tarde, quando nos dirigimos ao estacionamento com os sons do baile silenciando atrás de nós, meus sapatos de salto gatinha parecem querer se livrar dos meus pés, e Mitch estende o braço para mim. No baile, as regras não se aplicavam. Eu tinha permissão para encostar a cabeça no seu peito e deixar que

ele me abraçasse, porque era um baile e é isso que a gente faz nos bailes. Mas aqui, fora da bolha, é diferente. Não quero incentivá-lo a transformar nossa amizade em algo que não é.

Ele sorri. Passo o braço pelo dele, porque já estraguei coisas demais nos últimos tempos e não estou disposta a acrescentar essa noite à lista.

— Você ainda não está falando com a Ellen?

— Não. — Sem especificar as circunstâncias, eu tinha lhe contado sobre a nossa briga, e que fora feia. Não queria falar mais do que isso, e nem ele perguntou.

— Vocês sempre foram inseparáveis. Eu me lembro daquele dia, no sexto ano, em que estávamos lendo nossas dissertações sobre *When the Red Fern Grows*,* na frente da sala.

* Romance infantojuvenil do autor Wilson Rawls, sobre um menino que compra e adestra dois cães de raça. (N.T.)

Faço que sim.

— Ela sempre chorava quando nós chegávamos à parte em que o cachorro morre. — El detestou aquele livro. Não é do tipo de pessoa que lê uma história que a faça chorar e pensa que foi boa porque a comoveu. Não, livros e filmes que fazem Ellen chorar a enfurecem, como se fossem uma espécie de traição.

— E aí você terminou de ler a dissertação para ela.

— Ela tinha ensaiado dezenas de vezes na frente do espelho. Ficava furiosa quando começava a chorar. — Levanto a cabeça ao me dar conta de que estava o tempo todo encostada ao braço de Mitch.

Ele abre a porta do carro para mim.

— Por quanto tempo mais você vai deixar que role esse clima?

Por uma fração de segundo, penso que ele está se referindo a nós dois.

— Olha... — começa Mitch. — Obviamente eu não conheço a história inteira, mas as boas amizades são duradouras. Elas têm que sobreviver aos vãos, às fendas e às dificuldades da adolescência.

TRINTA E OITO

Amanda Lumbard é uma tremenda barbeira, mas, como Millie não vai poder usar a van da mãe hoje à noite, é a única de nós que dispõe de um carro que esteja funcionando e que tenha capacidade de acomodar as quatro confortavelmente.

— Foi muito legal da parte da sua mãe deixar a gente usar a van — diz Millie.

Amanda dá de ombros, o pé fundo no acelerador.

— Ela ficou animada quando soube que eu ia sair com umas amigas. Mesmo sendo numa noite de terça.

Balanço a cabeça. Não cheguei a dar todos os detalhes quando as convidei por uma mensagem de grupo.

EU: Meninas, acho que todas concordamos. Ainda falta resolver algumas questões antes do concurso. Vai ter um evento no mesmo estilo em Odessa amanhã à noite, e acho que a gente podia dar uma conferida para ver se pegamos algumas dicas.

HANNAH: Minha agenda está lotada.

EU: E também vamos precisar de uma carona. Meu carro está fora de circulação.

MILLIE: Estou aqui com a Amanda. Nós topamos. Ela pode dirigir. Mal podemos esperar!

HANNAH: Tudo bem. Eu vou.

A meia verdade é que estou me sentindo responsável pelas três, e achei que talvez estivéssemos mesmo precisando de umas dicas em relação ao concurso. Não estou tentando bancar a chefona, mas, se não tivesse sido eu a começar tudo isso, nós não estaríamos nesse barco.

A verdade inteira é que estou precisando de uma carona. É meio egoísta da minha parte, eu sei. Mas paguei para pôr gasolina no carro da Amanda, e encher tanque de van não sai nada barato. Portanto, até certo ponto, estou absolvida.

Enquanto nos distanciamos cada vez mais da cidade, fico ouvindo Millie e Amanda discutirem alguma série literária que estão lendo, sentada no banco traseiro com Hannah e uma folha amassada na mão.

NOITE DA DOLLY PARTON!
Venha torcer por sua sósia favorita da Dolly competindo pelo título de melhor periguete do Texas! A vencedora ganha o direito de ficar toda-toda e um suprimento de batons da Avon durante um ano, cortesia da nossa querida Kiwi Lavender! The Hideaway, esquina da Palmer com a Fourth, Odessa, Texas. As portas se abrem às 20! O show começa às 21!

Quando entramos no estacionamento, Millie se vira para mim.

— Tem certeza de que esse é o lugar certo?

Dou uma conferida na rua transversal e aponto o letreiro em néon rosa-choque com o nome piscando: THE HIDEAWAY. Reconheço o local da foto de Lucy que a Sra. Dryver me deu de lembrança.

— Tenho, é aqui mesmo.

— Que tipo de concurso rolaria num bar? Isso é um bar, não é? — pergunta ela.

Pigarreio.

— Acho que o melhor a fazer é não ter preconceitos. E eu não disse que era exatamente um concurso.

Hannah dá uma risada.

— Está com pinta de ser divertido.

Saímos do carro.

Amanda para no meio da poça de luz que pisca abaixo do letreiro.

— A van da minha mãe vai ficar segura aqui, não vai?

Nenhuma de nós responde.

Há uma curta fila diante da porta, com um grupo de gays à nossa frente. Ou caras que presumo que sejam gays. Vou parecer uma perfeita caipira por confessar isso, mas acho que nunca conheci um gay. Quer dizer, que fosse assumido. Tenho certeza de que há gays em Clover City, mas todos de que ouvi falar eram tratados como lendas urbanas ou advertências. Lucy tinha vários amigos gays em redes sociais, porque, como costumava dizer, Dolly Parton é a diva padroeira dos gays.

Há momentos na minha vida em que me sinto como se já soubesse tudo, como se já tivesse explorado tudo, sem deixar pedra sobre pedra. Mas coisas assim me lembram de como o meu mundo é pequeno.

— Gente, acho que os caras são gays — sussurra Amanda depois que eles entram no bar.

Hannah revira os olhos.

— Não diga! Sério?!?

Amanda nem se abala com o comentário.

— Como é que eles conseguem ter sobrancelhas tão perfeitas?

O segurança parado diante da porta é um tipo grandalhão, corpulento e barrigudo, mas só está usando uma calça jeans e um colete de couro.

É difícil imaginar Lucy nesse lugar, mas então lembro a sombra azul-turquesa que a vi usando naquela foto, e isso já não parece tão impossível.

— Identidade — rosna o sujeito.

— Hum, pra quê? — pergunta Millie.

— Só entra maior de dezoito — responde ele.

Sinto um desânimo mortal.

— Não era isso que o e-mail dizia — reclamo.

— Pois é o que eu estou dizendo — rebate ele.

Hannah passa por Millie e Amanda.

— Escuta aqui, moço, a gente se despencou de Clover City pra vir ao show. Tem noção da distância?

Ele solta um resmungo.

— Justamente — diz ela. — É claro que não tem, porque é um cafundó do Judas que ninguém conhece. Nós dirigimos por mais de duas horas para sair

daquele fim de mundo, e você não pode agora vir nos dizer que foi pura perda de tempo.

O sujeito umedece os lábios. Quase chego a pensar que Hannah conseguiu dobrá-lo. Afinal, é só olhar para nós: Millie está com um macacão de poliéster e Amanda usando um short de futebol — acho que pode até ser o mesmo de ontem. Não fazemos o tipo de garotas que vão a um bar para encher a cara. Bem, Hannah até que seria capaz.

— Nada feito — teima o cara. — Desculpe, meninas, mas não vai rolar.

— Dá só uma olhada nesse e-mail — insisto, como se fosse fazer alguma diferença.

Ele tira o papel da minha mão e fixa os olhos no alto da página, antes de dizer:

— Esse e-mail não é seu.

Engulo em seco.

— É da minha tia. Lucy.

Ele dobra o papel com cuidado e o devolve. Tira quatro pulseiras laranja fosforescentes do bolso do colete e as prende em nossos pulsos.

Meu queixo despenca.

— Se alguma de vocês der uma olhadinha sequer na direção do bar, vai ser explulsa na hora. — Ele segura meu braço enquanto as outras entram. — Lucy era gente finíssima.

Faço que sim e agradeço à minha tia em silêncio pelo pequeno milagre.

No salão, encontramos uma mesinha ao lado do palco, a léguas do bar. O garçom passa, dá uma olhada em nossas pulseiras e traz quatro garrafas de água mineral.

Millie puxa a cadeira para mais perto e ajeita os cabelos.

— Tem homem aqui que não acaba mais, hein?

Hannah dá uma olhada ao redor por um momento, e a expressão no seu rosto se transforma.

— Deixa eu ver aquele e-mail?

Eu me afasto dela.

— Como assim? Por quê? Não.

Ela estende a mão para o meu bolso e, embora eu empurre suas mãos, consegue arrancá-lo. Millie e Amanda estão cada uma no seu mundo, apreciando o panorama. Hannah dá uma segunda olhada no e-mail.

— Puta merda — murmura.

As luzes começam a se apagar.

— O que é?

Ela balança a cabeça.

— Ah, meu Deus. Você nem sabe, né? — Ela dá um tapa na mesa, soltando altas gargalhadas. — Millie, a sua mãe vai te fazer lavar os olhos com sabão quando você chegar em casa!

A boca de Millie forma um O, mas é tudo que vejo antes de todas as luzes se apagarem na boate, menos os tubos fluorescentes que contornam o balcão do bar.

Dos alto-falantes sai uma voz baixa e sensual:

— Vadias e vagabundos, divas e divos, bem-vindos à Noite da Dolly Parton na The Hideaway!

A galera vai ao delírio.

— A primeira a honrar o nosso palco hoje será a adorável Srta. Candee Disch![*] Vamos recebê-la com uma salva de palmas!

[*] Trocadilho com *candy dish*, bomboneira. (N. T.)

Um refletor ilumina o centro do palco onde está uma mulher alta, com uma peruca loura escandalosa, usando um longo de veludo verde-limão. A maquiagem é exagerada e os lábios, carnudos e delineados a lápis. A música começa, e bastam algumas notas para eu reconhecê-la: "Higher and Higher".

"Your love has lifted me", canta ela. "Higher, higher, and higher."[*]

[*] *Seu amor foi me elevando/ Cada vez mais alto.* (N.T.)

Então o ritmo acelera e, embora ela seja reta e magra, os quadris parecem mágicos quando começa a rebolar, e ela exibe no palco tudo a que tem direito. Fico totalmente fascinada. Tanto, que nem me lembro de observar a reação de minhas amigas. Canto junto com Candee Disch, e só quando ela está prestes a sair do palco é que percebo que Hannah está às gargalhadas.

Meus olhos já se acostumaram ao escuro. Millie se vira para mim, a boca ainda no mesmo formato de O de quando as luzes se apagaram.

— Willowdean, corrija-me se eu estiver errada, mas isso era um homem. E um homem muito bonito.

Dou uma olhada rápida ao redor. Homens de mãos dadas. Mulheres se abraçando.

— É melhor que o *Big Brother* — comenta Amanda.

A multidão aplaude e Candee Disch faz uma reverência.

— Agora, uma salva de palmas para a lendária Britney Swears![*]

[*] Trocadilho com o nome da cantora pop Britney Spears e o verbo to *swear*, na acepção de "xingar". (N. T.)

Outra mulher sai dos bastidores, e dessa vez percebo o contorno áspero do maxilar quadrado, os ombros largos e a leve sombra da barba por baixo da maquiagem, apesar da depilação bem-feita.

É um show de drag queens.

Endireito as costas na cadeira.

Sinto uma onda de excitação se espalhar pelo corpo. Pela primeira vez desde a noite em que me sentei na traseira da caminhonete de Bo para assistir à chuva de meteoros, eu me sinto como se minha vida estivesse acontecendo.

— Estou quase deslumbrada — declara Hannah.

Ficamos assistindo ao desfile de drag queens de todos os tipos, cores e tamanhos que dão tudo de si e esbanjam talento no palco daquela boatezinha fuleira nos confins do Texas. Elas usam vestidos cintilantes e sofisticados, saltos altíssimos e perucas insanas. Cada uma tem seu próprio tipo de beleza. Rola até um dueto com uma mulher travestida de Kenny Rogers, numa interpretação de "Islands in the Stream".

Mas a minha favorita é uma drag asiática mignon, com o nome de Lee Wei. Está usando um minivestido azul-claro com uns paetês tão longos que toda vez que ela se move é como se desse uma pincelada de cor no palco. Quando o refletor a ilumina e a música começa, basta uma nota para a boate inteira ir ao delírio. "Jolene."

Sei que é um clichê, mas, se tivesse que ouvir uma única música pelo resto da vida, seria "Jolene". Todo mundo adora, mas, para mim, só quem conhece as

mais profundas mágoas tem o direito de chamá-la de sua. Afinal, Dolly Parton — A Autêntica — canta para uma Jolene misteriosa que pensa que é mais bonita e melhor do que ela, implorando que não roube o seu homem. É irresistível e todo mundo sabe a letra, mas, para mim, o que vale é esse lembrete de que, seja você quem for, sempre haverá alguém mais bonito, mais esbelto ou mais inteligente. A perfeição não é nada mais do que um fantasma que perseguimos. Se eu tivesse voz para cantar, essa seria a música que apresentaria no concurso.

Quando a canção termina, seco as lágrimas que nem tinha notado que estavam escorrendo.

No fim da noite, nós quatro saímos da boate com uma expressão de pasmo, como se tivéssemos passado horas sentadas perto demais da tevê.

Quando estamos voltando para a van, alguém nos chama da porta dos fundos.

— Ei! Meninas!

Dou meia-volta. É o segurança de horas atrás.

— Podem ir — digo a Millie, Hannah e Amanda. — Volto num segundo.

O cara corpulento está sentado num banquinho, mantendo a porta aberta com as costas.

— Meu nome é Dale — diz ele. — Se divertiu com o show?

Faço que sim.

— Acho que é seguro dizer que foi uma experiência transformadora na minha vida.

— Parece algo justo a dizer sobre a maioria dos shows de drag queens.

Meneio a cabeça em direção à van.

— Minhas amigas também se divertiram.

— Lee! — ele chama alguém às costas, amassando a guimba de cigarro com o pé. — Querida!

Lee Wei, a drag queen que cantou “Jolene”, sai rebolando da porta dos fundos. Parece ainda mais baixinha e rechonchuda sem os saltos altos. Ela olha para nós dois e sorri, embora obviamente não faça a menor ideia de quem eu seja.

— Se lembra da Lucy? — pergunta Dale. — A que costumava vir aqui com Suze Dryver?

A mãe de El. Oh, Jesus. Como gostaria que El estivesse aqui. É a única coisa que poderia tornar essa experiência ainda mais perfeita.

Lee leva a mão ao peito.

— Ah, a gracinha da Lucy! É claro que me lembro. — Sua voz é mais grossa do que eu esperava.

— Essa é a sobrinha dela — informa Dale.

Concordo com a cabeça.

— Willowdean.

Sem hesitar por um segundo, Lee segura minha mão.

— Lamento demais — diz ela. — Ficamos muito tristes quando ela faleceu.

— Ob-brigada — gaguejo, e não sei por quê, mas acrescento: — Tenho me sentido muito perdida sem ela. Como se ela fosse uma bússola que eu nem sabia que tinha.

Lee faz que sim, e Dale aperta os lábios numa linha fina.

— Pode mandar um e-mail para a boate se precisar de alguma coisa — avisa

ele.

Lee se aproxima e sapeca um beijo na minha testa.

— Não há nada de bom em perder alguém — diz ela. — Mas talvez Lucy não devesse ser sua bússola para sempre. Talvez ela só tenha estado aqui para te orientar por um tempo, até você aprender a ser a sua própria bússola e encontrar o seu caminho no mundo. — Ela pisca para mim. — O universo é muito estranho.

Deixo Dale e Lee na saída do camarim e entro na traseira da van.

— O que eles queriam? — pergunta Amanda.

— Dizer que não posso voltar até fazer dezoito anos.

— Você está com batom na testa — avisa Hannah.

— Eu sei. — E minha vontade é deixá-lo lá para sempre, como uma bênção. A última permissão de que preciso para me tornar minha própria musa inspiradora.

TRINTA E NOVE

Uma semana se transforma em duas, e eu me dou conta de que, além de sempre almoçar com Mitch, tenho passado com ele quase todos os momentos que não dedico ao trabalho ou ao concurso. Quase chego a contar sobre o show das drag queens na The Hideaway, mas é como tentar explicar a cena favorita de um filme para alguém que nunca o viu — é impossível fazer justiça a ela.

Criamos uma espécie de rotina tranquila, em que vou à sua casa e fico vendo-o jogar videogame, às vezes até roubando o joystick da mão dele. Fico para jantar uma noite, mas tenho a sensação de estar ultrapassando um limite proibido.

Conforme descobri, Mitch e a mãe jantam juntos todas as noites, enquanto o pai faz a refeição com uma bandeja na frente da poltrona. Vejo-o chegar do trabalho, pegar uma cerveja e ficar esperando na sala que a comida lhe seja servida.

Jantamos nós três à mesa em total silêncio, somente os talheres raspando a louça dos pratos. Sinto vontade de perguntar a Mitch a razão de ser disso, mas tenho a impressão de que é um segredo que não devo conhecer.

Alguns dias depois, estamos à mesa almoçando, enquanto conversamos sobre o que pretendemos fazer após nos formarmos, quando ele mesmo toma a iniciativa de tocar no assunto.

— Não sei se posso deixar minha mãe — confessa. — Quer dizer, ele não chega a bater nela, nem nada. Mas eles não se falam. Nem uma palavra. E tenho a vaga esperança de que talvez o problema seja comigo, e aí, se eu for embora, as coisas vão melhorar.

— Por que eles não se divorciam? — O lar de uma mãe solteira foi tudo que conheci, e Lucy mais do que compensava a ausência de um pai vagabundo e aproveitador. Meu pai biológico foi um cara que passou pela cidade. Ele ficou por um tempo, mas não o bastante para se tornar mais do que um qualquer. Agora está em Ohio, Idaho ou seja lá qual for o estado famoso por suas batatas.

Mitch sorri de um jeito triste.

— Minha mãe não acredita em divórcio. E fica muito irritada quando toco no assunto.

Quando estou prestes a responder, Tim passa direto por nós.

— Espera um segundo? — peço, já me levantando para ir atrás dele. — Tim! — Olho em volta para ver se há algum sinal de Ellen enquanto o sigo até a fila da cantina.

Passo por três alunos do nono ano para me espremer atrás de Tim.

— Tim, por favor. Fala comigo.

Ele pega uma bandeja, e eu, outra.

— Nós também somos amigos — relembro.

Ele pega uma tigela de espaguete com queijo derretido no balcão.

— Eu sei disso, Will.

Torno a olhar para trás à procura de El, embora não a tenha visto no segundo tempo.

— Ela ficou doente hoje — informa ele.

A atendente me oferece um prato de peito de frango à milanesa, mas recuso com um gesto.

— Você tem que convencer El a falar comigo.

Ele faz que não com a cabeça.

— Quando é que alguém convence Ellen a fazer alguma coisa?

Ele tem razão.

— Por favor, Tim. Faz alguma coisa. Eu posso me encontrar com vocês um dia desses no estacionamento, ou, sei lá, de repente você pode marcar um encontro com ela no ginásio, e aí eu vou no seu lugar.

— Não vou enganar a Ellen para que ela fale com você. Não quero ficar no meio disso.

Tim paga pelo almoço enquanto a atendente dá uma olhada na minha bandeja vazia. Pego uma tigela de gelatina de limão e lhe entrego algumas moedas, sem esperar pelo troco.

— Não vai me dizer que ela não está infeliz sem mim.

— Tudo bem, eu prometo que vou tentar. Mas não vejo como isso vá fazer a menor diferença.

Balanço a cabeça mil vezes, fingindo que ele não disse a última frase.

— Obrigada. Muito obrigada.

— Eu odeio aquela tal de Callie — confessa ele.

Sinto uma onda de alívio no peito. Não há vínculo mais forte entre as pessoas do que um inimigo comum.

Volto apressada para a mesa onde deixei Mitch.

— Foi mal — peço.

Mas ele não está aborrecido.

— Não sou mais importante do que um súbito desejo de comer gelatina.

Enfio uma colherada na boca. Eu podia ter, pelo menos, pegado a de morango.

— Olha só — diz Mitch. — Sem querer forçar a barra, a minha mãe tem falado em fazer um *mum* pra você usar no Homecoming, e eu queria ter certeza de que não pegaria mal, sei lá.

Sorrio.

— Não, não “pegaria mal, sei lá”.

Os mensageiros do vento na porta do Chili Bowl tilintam muito raramente, o que significa que estou sempre correndo o risco de levar um susto quando isso acontece.

Ron, meu ex-patrão, entra no restaurante. Como o interior é igual a uma cabana de toras com acessórios vermelhos, ele fica parecendo uma bengala de Natal no meio de um depósito de madeiras, com essa camisa de listras vermelhas e calça branca.

— Ron — sussurro, contornando o balcão. — O que faz por aqui?

— Talvez eu queira comer um chili — responde ele, um pouco alto demais.

Cruzo os braços e lhe dou o melhor olhar de “até parece” do meu repertório.

— Tudo bem. — Sua voz cai alguns decibéis. — Olha, estamos desesperados e com o quadro de funcionários reduzidíssimo. Lydia está com uma carga horária de sessenta horas semanais para cobrir o seu turno, porque todo mundo que contratamos acaba encontrando coisa melhor e indo embora. Ela está ameaçando pedir as contas, e eu não posso me dar ao luxo de perdê-la.

Já estou fazendo que não com a cabeça antes mesmo de ele terminar.

— Me ouve. — Ele levanta a mão. — Você se demitiu às pressas. Posso estar velho, mas não sou burro. Não sei o que aconteceu, mas, seja lá o que for, prometo que os garotos vão se comportar como cavalheiros de agora em diante. Depois que você foi embora, encostei os dois na parede, Marcus e Bo, mas não consegui apurar nada. — Ele balança a cabeça, e vejo as rugas de exaustão ao redor da boca e dos olhos. — Dá mais uma chance pra gente. Estou te implorando, Will.

Abro a boca para dizer que não, mas não sai nada. Ron sempre foi muito bom comigo, e acho que devo a ele, pelo menos, fingir que vou pensar no assunto.

— Eu te dou uma resposta no fim de semana. Vou ter que pensar primeiro.

Ele levanta as mãos.

— Muito razoável. Muito razoável. — Tira a carteira do bolso traseiro da calça. — Vou querer um bowl de chili.

Só vejo mais alguns clientes até o fim da noite, o que me dá tempo de sobra para pensar. No começo, sou lógica. *Você não ganha metade do que ganhava no Harpy’s, e o seu carro ainda está preso na oficina. Pelo menos, lá o movimento é muito maior, o que faz o tempo passar mais rápido.*

Então, lembro como tenho me sentido sozinha nessas últimas semanas. Millie, Hannah, Amanda e Mitch são muito legais — maravilhosos, na verdade. Mas nenhum deles é Ellen. A ideia de voltar para o Harpy’s é tentadora como uma barra de chocolate num momento de tristeza. E não é só por causa de Bo. Também sinto saudades de Marcus e Ron.

Bo foi a razão de eu ter ido embora. A razão por que não aguentava mais trabalhar lá. Mas agora a raiva que me forcei a sentir parece falsa. Uma espécie de encenação do que eu achava que deveria ser. E é óbvio que ele também já me tirou da cabeça. Não tenho certeza, mas ouvi uns boatos sobre ele e Bekah. Se eu não ficar me lembrando dos beijos que trocamos, talvez até possa me convencer de que os dois formam um lindo casal. Têm química. E talvez essa ardência no peito que só pode ser de ciúmes finalmente passe.

Antes de sair do trabalho, faço uma faxina geral na loja e reabasteço o balcão de condimentos, embora já esteja praticamente completo. *Ainda estou pensando*, digo a mim mesma. *Ainda não me decidi.* Dou boa-noite a Alejandro e entro no carro da mamãe.

Em vez de dobrar à esquerda do Chili Bowl, meu pé afunda no acelerador e quase voo pela rua afora até o estacionamento do Harpy’s. Agora não posso mais voltar atrás.

As portas do salão de jantar estão trancadas, mas bato mesmo assim.

Marcus abre o cadeado e me deixa entrar.

— Opaaa. Olá! O que aconteceu, Will? Está cheirando a cebola.

Bo me observa de trás do balcão com os olhos arregalados e o queixo trêmulo.

Não consigo desviar os olhos dele.

— Ron está no escritório? — pergunto a Marcus.

Se ele tirasse os olhos do cadeado em vez de ficar mexendo naquele chaveirão, veria tudo que aconteceu entre mim e Bo, porque nesse momento está claro como água. Escancarado. Para quem quiser ver. Está ali, na cara, exposto como um coração durante uma cirurgia de peito aberto.

— Acho que sim. — Ele finalmente tranca a porta às minhas costas. — Mas você ainda não disse o que veio fazer aqui.

Não respondo. A montanha-russa no meu estômago me leva pela sala dos funcionários até o escritório de Ron. Dou uma batidinha na porta aberta.

Lydia, que está sentada num caixote diante da mesa dele, se vira ao me ouvir.

— Ah, graças a Deus. A caixa pródiga à casa torna! — Ela se levanta e pega seu maço de cigarros na mesa. — Vou deixar vocês a sós. — Depois de dar as costas a Ron, abre um sorrisinho minúsculo para mim e fecha a porta.

Sem me dar ao trabalho de sentar, vou logo dizendo a Ron:

— Quero um aumento. E também vou precisar de dois dias de folga para... resolver um lance meu aí.

Ron responde sem hesitação:

— Posso te dar um aumento de setenta e cinco centavos. E vou combinar um novo horário com você. A gente chega a um acordo.

— Beleza. — Não esperava que fosse ser tão simples assim. — Bem, então, negócio fechado.

— Você está voltando?

— Estou.

— Aquele chili estava horrível. Tentei comer o troço, mas Lydia tinha ânsias de vômito toda vez que passava pelo escritório. Acho que estava brincando, mas, enfim...

— Horrível é apelido.

Ele ri baixinho.

— Estou feliz por você ter voltado. — Ele se levanta e me leva pela cozinha até o restaurante. — Pode começar a trabalhar na segunda?

— Estarei aqui.

Ele estende a mão para mim e trocamos um aperto.

Volto para o carro enquanto o olhar de Bo me segue, e a sensação faz surgir uma bola de fogo no meu peito que se espalha como o raiar do sol.

QUARENTA

Avisei a Alejandro que vou embora, e ele me olhou com um ar de quem pergunta: “Mas por que demorou tanto?” Prometeu que eu sempre teria um emprego no Chili Bowl e me pediu para dar seu número a Ellen. Guardei o papelzinho dobrado no bolso e jurei esquecer que o tinha colocado ali. Estava uma pilha de nervos quando contei a Mitch que voltaria para o Harpy’s, mas ele deu de ombros e continuou jogando o videogame. Então me ocorreu que ele não tinha motivos para ficar chateado. Pela primeira vez, a omissão da minha história com Bo pareceu uma mentira.

Minha primeira noite no Harpy’s corre na mais santa paz. Marcus me bombardeia com mil perguntas sobre o Chili Bowl, tipo “Quem faz o chili?” ou “É verdade que eles não lavam as panelas?”.

Bo fica na dele, trabalhando na cozinha, mas entramos numa espécie de jogo de gato e rato com os olhos por cima dos balcões. Na hora do intervalo de Bo, Marcus se inclina para mim e diz:

— Ele quase foi demitido duas semanas depois de você ir embora.

— O quê? — Do jeito como Ron pintou a situação, não podia se dar ao luxo de demitir ninguém, portanto não posso imaginar o que Bo teria feito de tão grave assim para quase ser demitido.

— Ron mandou Bo ficar no balcão da frente enquanto ele trabalhava na cozinha, o que por si só já foi uma péssima ideia, e aí chegaram uns caras da escola em que ele estudava e Bo se recusou a atendê-los. Assim, na lata, disse que eles não eram bem-vindos. E os caras criaram o maior caso. Até os pais entraram na parada, e, pra encurtar a história, o único jeito de Bo não perder o emprego seria Ron colocá-lo de volta na cozinha.

— Nossa.

— O cara é muito louco. Tenho pra mim que ou ele vai se tornar um serial killer ou um astro do cinema. Com ele, não tem meio termo.

E eu gosto disso em Bo. Ou você está com ele, ou contra ele.

Marcus começa a falar sobre as mil faculdades que a namorada, Tiffanie, anda visitando e como ele pretende ir para alguma escola técnica perto da que ela escolher. Em nenhum momento se interrompe para me fazer uma pergunta ou pedir minha opinião sobre o que está dizendo, mas parece sentir um certo alívio por conversar com alguém que não fique enchendo seus ouvidos sobre os motivos pelos quais não deveria planejar a vida em função de uma namorada. Sei lá. Talvez os dois façam faculdade, se formem, se casem e sejam felizes para sempre. Só não quero entrar para a história como a idiota com quem ele trabalhou numa lanchonete que plantou as sementes da dúvida na sua cabeça.

Depois da limpeza, tiro a bolsa do armário e encontro um pirulito vermelho na prateleira. Tento não sorrir ao guardá-lo na bolsa.

Bo não faz comentários. Nem olha para mim. Mas, quando estamos indo para a porta, desembrulho o pirulito e o coloco na boca.

É um ramo de oliveira com sabor de cereja.

Quando chego em casa, encontro mamãe ajoelhada diante de um banquinho, Lacey Sanders de pé em cima dele com um vestido de baile e Bekah Cotter sentada no sofá, digitando no celular.

— Oi, Dumplin' — diz mamãe, com vários alfinetes presos nos lábios. — Lacey, como é que está essa bainha, querida? Não pode subir mais do que isso com aqueles saltos, ouviu?

Lacey estoura o chiclete e sopra uma bola.

— Sim, senhora.

Muitas coisas acontecem durante a temporada do concurso, mas mamãe reformando vestidos no meio da sala é novidade. E o pior é que, com Bekah aqui em casa, meu cérebro entrou no modo de alerta máximo daqueles videogames de Mitch, com letras vermelhas piscando acima da cabeça da garota: ALVO. ALVO.

Não pega nada bem ir para o quarto e deixar todas elas na sala, por isso me sento no sofá e estalo a língua até Riot sair do seu esconderijo.

Bekah levanta os olhos do celular e se vira para mim.

— Ah, oi. Você não trabalha no Harpy's? Deve conhecer o Bo. — Ela nem sabe que sou uma ameaça; como poderia saber?

Lacey gira o corpo e vejo a expressão apavorada de mamãe.

— Lacey, querida, você tem que ficar parada.

— Desculpe, Sra. D. — Ela sopra outra bola de chiclete.

Dou uma olhada no meu uniforme.

— Eu conheci o Bo no verão, e só voltei a trabalhar lá hoje. Por quê? — Meu tom é ríspido, mas Bekah parece não notar.

— Aquele cara é estranho — comenta Lacey.

— Ele vai ser meu acompanhante no concurso — informa Bekah. — Quer dizer, ainda não fiz o convite, mas acho que ele vai aceitar.

— Pois é... — diz Lacey para Bekah. — A timidez dele pode ser... — ela abaixa a voz — ... *uma merda*, mas, pelo menos, ele vai ficar bem de smoking. Talvez até te deixe fazer malabares... com o bastão dele.

Sinto vontade de vomitar. Nos sapatos dela.

— Meninas! — repreende mamãe, levantando a voz.

Bekah abre um sorriso.

— É que nós fomos juntos ao Baile da Maria Cebola — explica ela.

Ignorando os protestos de Riot, ponho-o debaixo do braço e me levanto para ir para o quarto.

— Belo vestido, Lacey.

Eu me sento na cama, ainda de uniforme, e escrevo mensagens para Ellen que nunca vou enviar. Dou uma olhada para ver se perdi alguma do Tim. Toda vez que o vejo na escola, espero algum tipo de olhar cúmplice, mas o máximo que ele me deu até agora foi um tímido aperto de mão.

Depois de um tempo, mamãe bate à porta e entra sem esperar que eu dê permissão.

— Estou reformando vestidos este ano para faturar um dinheirinho extra. —

Ela tira o elástico dos cabelos e os penteia com os dedos.

— Você podia ter, pelo menos, me avisado. — Bekah Cotter. No meu sofá. Não estou mais segura nem na minha própria casa. Mas, então, noto as olheiras fundas de mamãe. — Desculpa.

Ela faz que sim.

— Por pouco você não encontra a Ellen. Ela deu um pulo aqui com a mãe.

— Ela esteve aqui? — Na mesma hora meus olhos se enchem de lágrimas querendo se derramar.

— Só para fazer a bainha do vestido. Você conhece aquela menina. Pode comprar qualquer vestido de baile sem nem experimentar, e ainda assim cai como uma luva nela.

— Hum-hum. — Nem sei o que ela vai usar no concurso. Ou que talento vai apresentar. Ou se já começou a fazer o adereço para o número de abertura.

— Afinal, o que é que está havendo entre vocês duas?

— Eu e El? — Dou de ombros. — Só uma diferença de opiniões.

— Vocês vão fazer as pazes. Eu e Lu sempre fazíamos. — Ela avança mais alguns passos e se senta aos pés da minha cama. Tento me lembrar da última vez que a vi acomodada ali, mas nenhuma imagem me ocorre, e é como uma dessas lembranças que a gente pensa que são reais, mas não são, apenas gostaria que fossem. — Já pensou nos trajes que vai usar no concurso?

— Hum, não muito. — Mordo a pele ao redor da unha do polegar. — Mãe, você sente saudades dela?

— De quem?

Acho horrível que ela não saiba por intuição.

— Lucy.

— Lu. — Ela pronuncia o apelido como se soltasse o ar. — Sinto. É claro. O tempo todo.

Ficamos em silêncio por um momento.

— No ano em que venci o concurso, ela passou uma noite inteira acordada pregando lantejoulas no meu vestido. Que eu tinha comprado num brechó. Falei pra ela que ninguém notaria algumas lantejoulas faltando, mas ela nem se abalou, dizendo que a diferença entre a vitória e a derrota está nos detalhes.

As brigas entre as duas ocupam tanto espaço na minha memória, que às vezes chego a me esquecer de que, acima de tudo, elas se amavam.

Mamãe se levanta da cama.

— Os vestidos da butique da Cindy são caríssimos e ela teria que encomendar um para você, mas talvez nós mesmas possamos fazer um.

Quero me sentir grata por isso, por ela tirar a coroa de ex-rainha do concurso para ser só minha mãe. Mas não parece ser o suficiente.

— Às vezes — digo —, penso que não seria capaz de sentir mais saudades de Lucy do que já sinto, mas aí surge alguma coisa, como a necessidade de comprar um vestido, e eu me lembro de tudo que ela não vai estar aqui para ver.

Pela primeira vez em muito tempo, mamãe não diz uma palavra. Nunca me dei conta do quanto faltava na nossa relação até o momento em que Lucy já não estava mais aqui para preencher as lacunas. Agora, somos só nós duas, tateando no escuro.

QUARENTA E UM

Hoje é o dia do Homecoming, e a escola virou a maior muvuca. A agenda do dia está lotada de exibições de cheerleaders, competições e visitas de ex-alunos. Quando me sento ao lado de Mitch no segundo tempo, logo encontro na carteira um *mum* azul, amarelo e branco. Enorme. Longas fitas cintilantes adornam um buquê de crisântemos artificiais, com um casal fofinho de ursinhos de pelúcia colados: ele de uniforme de futebol americano, ela de vestido cor-de-rosa e tiara. Os *mums* são como a boa comida: os melhores são os feitos em casa.

— Uau! — Chego a perder o fôlego.

— Não gostou? — pergunta Mitch, que usa uma versão menor do meu *mum* na braçadeira de capitão. Está com o cabelo penteado e a camisa do time para dentro da calça. — Minha mãe, às vezes, exagera um pouco, e enfim, não posso nem...

Eu me sento pesadamente na carteira.

— Não, não é isso. Eu adorei. Nunca tinha ganhado um *mum*. Obrigada. De coração.

— Mas...?

Suspiro.

— Vou ter que trabalhar à noite.

Ele sorri, mas o rosto está contraído de decepção.

— Imagino que você não tenha como se livrar disso, não é?

— Quem me dera. — Estou sendo honesta. — Mas acabei de voltar ao Harpy's, e também vou ter que reservar um tempo para o concurso.

Ele aperta minha mão.

— Tudo bem. Pelo menos, amanhã é Halloween.

Por um momento, me distraio com a entrada de Ellen e Callie na sala, as duas rindo e trocando comentários sobre as fantasias que planejam usar amanhã à noite. Eu detestava me fantasiar com Ellen. Ela tinha mania de coordenar pares de fantasias que coubessem em nós duas, mas, por mais que tentasse, nunca dava muito certo. Ela nem se digna a olhar na minha direção.

Há mil coisas de que não consigo me lembrar. Como a tabela periódica. O aniversário da mamãe. Ou mesmo o segredo do cadeado do meu armário no Harpy's.

Mas, se há uma de que não consigo me esquecer, são as palavras que ela disparou contra mim à queima-roupa.

Talvez a nossa amizade tenha mesmo ficado no passado. Talvez estejamos empatando a vida uma da outra. Eu perco um milhão de coisas por sua causa.

Como eu odeio cada uma delas. Como eu odeio que ela pense que está melhor sem mim. Que me veja como uma gorda digna de pena que fica se arrastando nos seus calcanhares.

Eu sei que deveria me desculpar.

Mas talvez ela também devesse.

Uso o *mum* durante o dia inteiro. É tão grande que sou obrigada a pendurá-lo no pescoço. Hannah e Amanda debocham de mim; Millie acha adorável. Mas, no fim do dia, o peso do troço me deixa com o pescoço dolorido e os ombros curvados.

Para o Halloween, Ron nos pede para usar fantasias, pois a Associação de Pais e Mestres do ensino fundamental vai dar uma festa escondendo os doces nos porta-malas dos carros em nosso estacionamento. Como eu disse a Mitch durante o Mais Constrangedor Encontro de Todos os Tempos, o Halloween não faz muito o meu gênero. Com exceção das festas escolares, mamãe nunca me levou a parte alguma. Quer dizer, além da "festa da colheita" da igreja, que era só um disfarce para a do Halloween propriamente dita. Além disso, só podíamos nos fantasiar de personagens bíblicos. Para os garotos, isso não é um problema, mas para as meninas só resta Eva (alguém aí está a fim de usar um biquíni de folhas?), Ester, a Virgem Maria ou uma prostituta. E ainda por cima não tenho no meu arsenal outra coisa além da Betty da dupla Betty & Wilma dos Flintstones, que El e eu usamos há alguns anos.

Ron está todo de preto, como Zorro, com uma espada de plástico presa à cintura.

— Eu já tinha imaginado que nenhum de vocês iria se fantasiar. — Ele põe uma caixa de papelão em cima do balcão. — Trouxe uns chapéus e outros badulaques do teatro da igreja.

Marcus pega uma espécie de tiara com chifres de diabo na caixa e a inspeciona.

— O que é isso, alguma sobra do Auto do Inferno do ano passado?

Ron tira os chifres da mão dele e os recoloca na caixa.

— Vamos escolher coisas menos polêmicas. E os doces são só para as crianças, não para os adolescentes. — Ele sai da loja e vai até a máquina de pipoca que pôs na calçada, para distribuir sacos inteiros de brinde.

Bo tira um boné de maquinista listrado de azul e branco e passa a mão por cima do meu ombro para pegar um pirulito na tigela de doces. Apesar da ordem de Ron, Marcus coloca a tiara com os chifres, e eu pego a faixa de testa bordada de lantejoulas e enfeitada por uma longa pluma branca, no estilo das melindrosas.

Com exceção de um ou outro garoto querendo jantar, o Harpy's está sem movimento. Fico tão entediada que começo a limpar a geladeira dos funcionários. Quando termino, dou de cara com Callie e o namorado, Bryce, parados diante do balcão. Ele está de jeans e uma camiseta recortada para se parecer com a túnica do Peter Pan, enquanto ela tenta se passar por uma versão da Wendy, com uma camisolinha azul sexy.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Cada palavra cai como uma gota de ácido.

— Nossa! — exclama Callie. — A agressividade de alguém está elevada à enésima potência.

A campainha acima da porta tilinta, e a situação vai de mal a pior. Ellen está fantasiada de Tinker Bell, e, sinceramente, apesar de ser uma das garotas mais altas que conheço, ela fica perfeita na personagem. Tim está de Capitão Gancho e, ao contrário de Bryce, levou a produção muito a sério.

Ai, que ódio. Ter que ver a galerinha toda fantasiada — feito idiotas — da mesma história. Ter que ver El fazendo esse ar de que estou violando seu espaço pelo simples fato de respirar o mesmo ar.

Os olhos de Tim se arregalam por um segundo, enquanto El mantém os seus fixos no chão. Tento não soltar um "ah!". Foi ele quem bolou esse encontro. Foi ele quem convenceu El a vir aqui. Teria preferido que não trouxesse Callie e Bryce, mas essa é a minha chance e tenho que aproveitá-la.

Ellen levanta os olhos.

— Pensei que você não trabalhava mais aqui. — E é só o que ela tem a dizer. Depois de todas essas semanas de silêncio, é só o que ela declara.

— Voltei. — Apesar da nossa plateia, o momento parece extremamente pessoal. — Oi, Tim.

Ele me cumprimenta com a cabeça, sem fazer mais do que reconhecer a minha existência. Tenho vontade de chamá-lo de traidor, mas é óbvio de que lado ele está.

— Vamos nessa — diz El.

— É só isso? Eu não falo com você há semanas, e é só isso? — Posso sentir que agora Marcus e Bo também estão olhando.

Callie se vira para Ellen.

— Você não deve nada a ela.

Os olhos de El não se movem.

— Estou indo muito bem sem a gente se falar, portanto, sim, acho que é só isso.

Os quatro saem da loja e, nesse momento, Tim dá de ombros para mim.

Marcus e Bo têm juízo o bastante para não perguntar o que está acontecendo.

Marcus passa o intervalo no estacionamento, indo de uma caminhonete à outra com uma sacola de papel do Harpy's.

— Gostei da pluma — diz Bo, apontando para os meus cabelos.

Já tinha até me esquecido de que estou usando esse adereço. Não parava de pensar em Ellen. Não consigo acreditar no que aconteceu. Uma parte de mim se apegava à esperança de que encontraríamos um jeito de quebrar o gelo — e de que tudo ficaria bem. Mas não ficou. Levo a mão à pluma, que me faz cócegas nos dedos.

— Valeu. Obrigada.

— Fico feliz que você tenha voltado.

Balanço a cabeça. Também estou feliz. Esse pé-sujo é um pedacinho do meu mundo. E Bo também. Gostaria que não fosse verdade, mas é.

Ele tira o boné de maquinista e torna a ajeitá-lo na cabeça.

— E me desculpe por ter feito com que você quisesse ir embora.

— Tudo bem. — Fico arrumando sem parar a mesma pilha de sacolas da loja. — Tem sentido saudades da Holy Cross?

Ele sorri.

— Para ser franco, só do uniforme.

— Como assim? Por quê?

— Sei lá. É legal não ter que pensar no que vestir quando acordo. — Ele passa o polegar pelo lábio inferior. — Acho que dá pra dizer que não me sinto muito bem de manhã cedinho. — Ouvi-lo falar tanto depois de dois meses de silêncio é como ser pega de surpresa por um temporal depois de uma longa estiagem. — E o meu irmão está odiando. — Ele rói a pele em volta da unha do polegar por um segundo antes de acrescentar: — E foi por minha culpa que nós tivemos que sair de lá.

Já estou prestes a perguntar por quê, quando Marcus torna a entrar.

— Gente, as mães não estão fazendo a menor cerimônia com os doces!

Coro até a raiz dos cabelos, como se tivéssemos sido flagrados durante um amasso.

No fim da noite, saímos todos juntos do restaurante, Marcus e Bo zoando a fantasia de Zorro do Ron. Bo ainda está com o boné de maquinista, e não posso nem olhar para ele sem começar a sorrir feito uma perfeita idiota.

No estacionamento, deparo com Mitch encostado no meu carro.

Sei que é horrível da minha parte, mas não me agradou nada encontrá-lo ali. Sou dessas pessoas que não gostam que a comida se misture no prato. Quero que Mitch fique do lado de lá, não do lado de cá.

— Bom... — digo a Marcus e Bo. — Vejo vocês mais tarde. — E me viro para Mitch. Pode ser fisicamente impossível, mas sinto o peso do olhar de Bo nas minhas costas. — Hum, oi! Que fantasia maneira.

Mitch está vestido de Indiana Jones, com uma calça cáqui, uma jaqueta de aviador e um chapéu de aba larga.

— É noite de sábado — diz ele. — Halloween.

Começo a rir.

— No meu vocabulário, isso significa “quero ir para casa”.

— Negativo. Nem pensar! Vou te mostrar por que o Halloween é o máximo. Vamos. Entra aí.

— Não estou fantasiada.

Ele dá de ombros.

— Você pode ir de funcionária de lanchonete. Ou de enfermeira.

Meus sentimentos por ele passam do frio para o quente, do quente para o frio. Gostaria que não estivesse aqui. Gosto que esteja aqui. Ele está invadindo o meu espaço. Poderia chegar mais perto. Sinto um sorriso se esboçar nos meus lábios.

— Tudo bem. Então prove que eu estou errada.

QUARENTA E DOIS

De dentro do carro, mando uma mensagem para mamãe, avisando que vou voltar um pouco tarde, mas encontro outra à minha espera.

BO: Fico feliz que você tenha voltado.

Mordo os lábios e ponho o celular no porta-copo.

Mitch me leva até Stonebridge, o bairro mais chique de Clover City. Quer dizer, chique para os padrões de Clover City, mas foi construído na última década e tem portões. Que por sinal estão sempre abertos, mas, enfim...

Depois de estacionar aleatoriamente numa rua do bairro, ele joga uma fronha para mim.

— Espera aí. A gente não pode sair batendo de porta em porta a essa hora para pedir doces.

— Não é tão tarde assim.

— Já passou da meia-noite.

— Bom, mas nós vamos. — De repente, Mitch se vira e começa a voltar. — Esqueci uma coisa. — Dá uma corridinha até o carro e retorna com um chicote marrom enrolado em volta do pulso.

— Está tentando me assustar com esse troço?

— Como assim? É só para dar autenticidade à fantasia.

Caminhamos no meio da rua por algum tempo, procurando uma casa que ainda esteja com as luzes acesas. As calçadas são lisas, clarinhas, nem um pouco parecidas com as do bairro onde eu cresci, tudo remendado, o asfalto tomado de tapa-buracos. Todas as casas são amplas e imponentes, mas muito espremidas, com tirinhas ínfimas de grama bem tratada entre elas.

Quando esse bairro ainda estava em construção, mamãe e Lucy costumavam vir aqui de tantas em tantas semanas, comigo no banco traseiro. Ficávamos vendo as ruas sendo abertas e as mansões erigidas. Lembro que as novas placas de ruas me deixavam fascinada, como se assinalassem um território virgem recém-descoberto que éramos das primeiras a visitar. Eu não tinha conhecimento de como Clover City era pequena, mas, para mim, era aqui que viviam todas as pessoas glamorosas: estrelas de cinema, músicos, top models. E, na época, mamãe ainda era glamorosa para mim. Por isso, eu achava que um dia nós três teríamos uma mansão luxuosa.

Nossa primeira parada é uma casa de tijolos vermelhos, com uma ampla janela de sacada e um lustre cintilante visível da rua. Mitch toca a campainha, e me posiciono um pouco atrás dele. Já é tarde, e a pessoa que atender não vai ficar eufórica ao encontrar dois adolescentes parados do outro lado da porta.

Ninguém atende. Mitch toca de novo.

Começo a recuar na calçada.

— Não estão atendendo. Vamos embora.

— Espera! — pede ele.

A porta se entreabre e aparece uma mulher vestindo um roupão, com gotas

d’água escorrendo pelo pescoço e o cabelo enrolado numa toalha. Já tem muita idade para ser minha mãe, mas não o bastante para ser minha avó.

— Posso ajudá-los?

Mitch estende a fronha sem a menor hesitação.

— Doces ou travessuras!

A mulher faz um ar de quem acordou em outro fuso horário.

— Ah. — Ela levanta o pulso para dar uma olhada na hora, mas está sem relógio. — Tudo bem.

Ela fecha quase totalmente a porta e volta momentos depois com um pirex cheio de doces. Sem pensar duas vezes, despeja metade dentro da fronha de Mitch.

Ele me dá uma cutucada e, apesar de estar me sentindo uma idiota, abro minha fronha.

Ela despeja os doces restantes. Deve estar pensando que, se dois alunos do ensino médio têm coragem de ir pedir doces a essa hora da noite no bairro mais luxuoso da cidade, eles merecem mesmo ganhar alguns.

A Senhora do Roupão dá tapinhas na barriga.

— É melhor mesmo eu não ficar com tudo isso dentro de casa.

Mitch levanta a aba do chapéu.

— *Gracias, señorita.*

Quando estamos voltando pelo jardim, ele bate com o ombro no meu.

— Viu só? Foi divertido.

A maioria dos moradores que visitamos tem a mesma reação da Senhora do Roupão: ou demoram a atender, ou não atendem, ou até apagam as luzes quando nos veem diante da casa.

Em uma delas, somos recebidos por um velho de cueca. O rosto é marcado por uma quantidade de rugas tão fundas, que ele parece um boneco de cera se derretendo.

— Fora daqui, seus vândalos do inferno! — grita.

— Doces ou travessuras! — Mitch eleva a voz por causa dos latidos de um cachorro atrás do sujeito.

— Pois eu já mostro a vocês o que é uma travessura! — O velho escancara a porta, revelando uma espingarda ao lado. — Vou é passar chumbo grosso no rabo de vocês!

Mitch segura a minha mão.

— Corre, corre, corre!

Cruzamos o jardim em alta velocidade e dobramos a esquina, enquanto uma gargalhada sinistra ecoa atrás de nós.

Quando já estamos a uma distância segura, finalmente paro, com as mãos nos joelhos. Nós dois estamos ofegantes.

— Aquele. Babaca. Doido. — Respiro fundo. — Poderia ter nos matado.

— Que nada — diz Mitch. — Só quis dar um susto na gente.

Endireito as costas, deixando que os músculos se alonguem.

— Missão cumprida.

Exibo a fronha cheia de doces, muito mais pesada do que tinha esperado que ficasse.

Mitch levanta o dedo e estremece um pouco.

— Mais uma casa — pede. — Por favor?

Ao luar, ele parece diferente. Quase misterioso. Talvez até bonito. Deixo escapar uma risadinha.

— A última — respondo. — Escolha com sabedoria.

Ele escolhe uma mansão branca, com um longo jardim, no fim de uma rua sem saída.

Mitch toca a campainha e, depois de alguns minutos, uma mulher com cara de exausta, usando um chapéu de bruxa e um conjunto de moletom, atende a porta.

— Ah, que pena — murmura, antes que Mitch tenha chance de dizer "doces ou travessuras!". — Nossos doces já acabaram faz tempo.

— Indiana Jones! — grita um garotinho com uma fantasia de pirata alguns passos atrás dela. É uma fantasia feita em casa. Daquelas que são confeccionadas com grande atenção aos detalhes. — Irado!

Mitch abre um sorriso radiante.

— Tudo bem — respondo à mulher. — Estamos só brincando um pouco. Já está mesmo na hora de ir para casa.

Ela nos deseja uma boa-noite.

Já estamos na metade do jardim, quando ouvimos o garotinho gritar: "Ei! Ei! Esperem aí!" O Pequeno Pirata vem correndo na nossa direção com uma abóbora de plástico suspensa na mão. Quase escorrega ao parar diante de nós, e estende um doce para cada um.

— Obrigado, rapazinho. Sua fantasia de pirata é *muuuito* maneira. — Mitch não se dirige a ele como se fosse só um pirralho qualquer. Porque, para Mitch, ele não é. Para Mitch, todo mundo é alguém.

O garotinho volta correndo para casa, onde sua mãe espera à porta.

Sentamos no meio-fio com as fronhas caídas aos nossos pés. É a primeira noite do ano que mostra que o outono pode estar chegando, e uma brisa fria penetra até o fundo dos meus ossos sulistas.

— Eu não te disse que o Halloween é o máximo? — relembra Mitch.

Resolvo me deitar um pouco no gramado de algum rico (a verdadeira grama do Texas é áspera e marrom), entre a rua e a calçada.

— Foi legal.

— Quando aquele garoto me viu, ele viu o Indiana Jones. Não um cara que errou todos os lances na partida de ontem à noite. Ou que passa o dia inteiro jogando videogame. Para ele, eu era outra pessoa. — Ele se deita ao meu lado.

— Mas você não tem a sensação de estar se escondendo de si mesmo? — Eu me viro para ele; a grama espeta meu rosto. — Até entendo que uma pessoa não queira ser ela mesma. Mas não chega a ser quase mais triste fingir que é outra?

— Sei lá, acho que você deve ser quem quiser ser, até sentir que é a pessoa que está tentando se tornar, seja lá quem for. Às vezes, fingir que a gente é capaz de fazer uma coisa é meio caminho andado. — Ele se vira e apoia o corpo sobre o cotovelo. — Por exemplo, na primeira vez que falei contigo, você me apavorou. E ainda me apavora um pouco. Mas, quanto mais eu me comporto como se não apavorasse, menos apavora.

Entendo o que ele quer dizer, porque acho que brinquei de faz de conta a vida inteira. Não sei exatamente quando, mas, muito tempo atrás, decidi quem eu queria ser. E desde então venho me comportando como essa pessoa — seja ela

quem for. Mas acho que a encenação está perdendo a força, e não sei se gosto dessa que sou por baixo da outra. Quem me dera que houvesse palavras mágicas capazes de estender uma ponte entre quem eu sou e quem eu gostaria de ser. Porque esse lance de ficar fingindo ser alguém até poder chegar lá não está mais dando certo comigo.

— Que foi? — pergunta ele.

Faço que não com a cabeça e tapo a boca, sorrindo sob os dedos.

— Eu te apavoro, é? — A ideia me deixa encabulada, mas também tem um lado gostoso. Porque eu deixo de ser aquela que se assusta o tempo todo.

Mitch afasta minhas mãos do rosto. As palmas estão suadas, e percebo como ele está perto de mim. Dá para ver até os cravos do nariz.

— Acho que as coisas boas da vida são sempre meio assustadoras — diz ele.

Seus lábios roçam os meus. Fico imóvel enquanto ele passa o braço pela minha cintura. Não usamos a língua, só os lábios. Seus gestos trêmulos transmitem todo o terror e a euforia que tomam conta dele.

Mas não fico assustada. Nem um pouco. E é então que percebo que esse momento é uma farsa. Sei o que deveria estar sentindo, mas não estou.

QUARENTA E TRÊS

No dia seguinte, é como se tivessem jogado uma bomba atômica na nossa casa. Tudo começa no instante em que mamãe volta da igreja e decide experimentar o vestido do concurso.

— Dumplin'? — chama ela do quarto. — Filhota, meu zíper ficou preso.

E lá vou eu me arrastar escada acima. Desde que ela foi coroada, não houve um único ano em que o vestido não tenha cabido nela. Inclusive no ano em que me deu à luz. Pelo que Lucy contou, nossa casa virou uma academia 24h, sete dias por semana. Foi um sufoco, mas mamãe conseguiu.

Já vi tantas vezes esse vestido — com um corpete de lantejoulas verde-água e uma saia de chiffon —, que já nem consigo mais achá-lo bonito.

Como a casa é muito antiga, não há uma suíte no segundo andar, só um banheiro compartilhado no fim do corredor. É estranho pensar que os quartos de mamãe e de Lucy são os mesmos em que elas cresceram e passaram a vida inteira. Imagino as duas adolescentes batendo porta uma na cara da outra, ou entrando e saindo de fininho dos respectivos quartos. Já ouvi tantas histórias sobre a vida das duas antes de eu nascer, que às vezes me pergunto o que elas decidiram não me contar, e são essas lacunas que gosto de preencher.

Atravesso o corredor, seguro a maçaneta de vidro e abro a porta do quarto.

Ah, que merda.

Da porta, já dá para ver que o problema não é o zíper. Há um espaço de uns três centímetros entre as duas metades do vestido nas costas de mamãe.

Com a testa coberta de suor, ela acena para que eu me aproxime.

Finjo tentar puxar o zíper durante um ou dois minutos, antes de dizer:

— Hum... mãe... acho que o problema não é o zíper.

Ela se vira e dá uma olhada por cima do ombro, para poder ver o próprio reflexo.

— Puta que pariu! — exclama.

Minha mãe deve ter dito palavrões uma ou duas vezes na vida. E só de uma eu realmente me lembro.

— Pode puxar para baixo.

O zíper desliza como um suspiro de alívio.

Ela senta na beira da cama, segurando a frente do vestido contra o corpo.

— Tudo bem, vou ter que fazer um regime, bicicleta ergométrica e aulas de Pilates. — Ela pronuncia *Pileites*, o toque fanhoso em sua voz se tornando mais pronunciado com o aumento da ansiedade. — Acho que Marylou tem horário para uma aula que posso fazer amanhã à noite.

— Mas eu tenho que ir trabalhar — protesto. — Preciso do carro.

Ela olha para mim com as sobrancelhas erguidas, como se estivéssemos à beira do precipício e eu não compreendesse a gravidade da situação.

— Bem, filhota, vamos ter que dar um jeito. Você continua indo para a escola de carro, e eu fico com ele à noite. A maioria das meninas da sua idade nem

carro tem. Cada um dispõe do que a vida deixa e não se queixa.

Não me dou ao trabalho de discutir com ela.

Estou sentada na sala dos funcionários, cutucando a maçã que ela me deu quando me deixou aqui. Juro por Deus, assim que ela entrou no estacionamento, foi logo prendendo a respiração, como se fosse ganhar calorias extras só por respirar perto de tanta gordura trans.

Fiquei esperando que Mitch me procurasse ontem. Que me desse um telefonema só para dizer que estava tudo bem entre nós depois do Halloween. Ou, de repente, um daqueles de cliente, tipo pesquisa de satisfação, para dar uma nota ao meu atendimento, por assim dizer. Mas nada.

Acordei na manhã de ontem e precisei me convencer de que ele tinha mesmo me beijado. Não foi um beijo ruim. Só não foi de parar o coração, como os que Bo me dava.

Mas, hoje, ele está o mesmo de sempre. Sem fazer menção alguma ao Beijo. Começo a pensar que talvez ele tenha sido outra pessoa naquela noite, e que foi a magia do Halloween. Mas a culpa e o arrependimento que sinto são bem reais.

Então, já no fim do dia, quando nós fomos para o estacionamento, ele segurou minha mão com força. Foi difícil não sentir que não tínhamos pulado alguma etapa no caminho. Eu não iria embarcar em outro rolo que fosse pura ação, sem qualquer definição. Antes de eu ir para casa, ele me deu um livrinho de capa dura, *Mágica para Jovens dos Oito aos Oitenta*.

— Lembro de você ter comentado que precisava apresentar um talento. Para o concurso.

Guardei o livro na mochila e agradeci.

— Deixei um bilhete entre as páginas — acrescentou ele. — Mas lê depois.

Ouço uma batida à porta da sala dos funcionários, embora esteja aberta.

— Olá — diz Bo.

Sorrio involuntariamente.

— Oi.

— Eu quis ter certeza de que você chegaria bem em casa ontem à noite. — Ele fica brincando com os dedos, e então enfia as mãos nos bolsos traseiros da calça. — Fiquei meio preocupado de te deixar sozinha com aquele cara, mas depois o reconheci do baile. — Ele pigarreia. — Vocês devem ser muito íntimos, não?

Meu rosto começa a arder.

— Ah, sim. É, aquele era o Mitch.

Ele tosse na curva do braço dobrado.

— Legal.

Deixo escapar uma risadinha.

— Legal.

Ele se vira e volta para a cozinha.

Solto um lento suspiro pelos lábios franzidos. Acho que deve ter sido a interação mais calma que já tivemos. E eu me sinto como se estivesse pegando

fogo.

Depois de fecharmos a loja, a primeira coisa que noto é a ausência do carro de mamãe. Já estou ligando para ela antes mesmo de as portas dos fundos se fecharem.

— Alô? — Sua voz está bêbada de sono.

Droga.

— Mãe?

— Ah, Dumplin'! — Ouço-a pegando as chaves e fechando a porta de vidro. — Já estou indo, filhota!

A linha fica em silêncio.

Marcus e Bo olham para mim.

— Podem ir — digo.

Marcus indica o carro de Tiffanie, onde ela o espera.

— Quer uma carona?

— Obrigada, mas minha mãe já está vindo.

Os dois se entreolham.

— Eu espero com você — se oferece Bo.

— Eu posso esperar lá dentro — respondo. — Ron ainda vai ficar mais um pouco.

— Não me custa nada. — Ele tira as chaves do bolso. — Vamos esperar na caminhonete. — Ele deve ter visto minha expressão imóvel. — Só ficar lá. Eu até deixo o descanso de braço abaixado entre a gente.

Já acomodados, Bo cumpre sua palavra e abaixa o descanso entre nós.

Ficamos em silêncio por um minuto, ouvindo o zum-zum do trânsito às nossas costas. O cheiro dele me atinge, cereja artificial e loção pós-barba. Acho que parei de notar no verão, mas agora já faz um tempo desde que estive na caminhonete. Não entendo muito bem como uma coisa pode ser tão familiar e tão estranha ao mesmo tempo. Como um déjà-vu.

Começo a zapear algumas estações no rádio. Bo não diz nada sobre a iniciativa.

— Não posso mais ouvir Dolly Parton sem me lembrar de você.

Sinto um aperto no estômago e solto uma risada nervosa.

— Bem, sorte a sua por ela não tocar mais tanto assim. — Minha voz sai mais ríspida do que pretendi. Mas a verdade é que adorei a ideia de ter conquistado um espaço na sua memória. O problema é que não consigo pensar em Dolly sem me lembrar de El ou Lucy. E isso não me parece lá muito justo.

— Por que Dolly? — pergunta ele. — Não entendo muito bem. Ela é tão... artificial.

— Sim, os peitos são. Obviamente. — Fico fazendo desenhos com o dedo no descanso, enquanto procuro as palavras certas. — Ela é o tipo de pessoa que parece nunca ter tido um dia difícil na vida. Acho que Dolly é como um guru para mim. As músicas que ela canta são ótimas. Mas porque é *ela* quem canta. Com aquele penteado parecendo um pompom e aqueles peitos de silicone. Nunca vi outra pessoa conseguir viver exatamente a vida que escolheu viver, como ela.

Ele me observa, mas não faz comentários.

— É como se todos os dias fossem o Halloween para Dolly. — Relembro a

fantasia de Mitch. — Mas, para ela, não é um mundo de fantasias, não é um faz-de-conta. É a vida real. Exatamente como ela escolheu. — Paro de falar antes que meu discurso descambe para o brega.

— Hum. — Ele cruza os braços e se recosta mais no banco. — Sempre achei que ela tinha saído das páginas das histórias em quadrinhos. Mas talvez não tenha.

O letreiro do Harpy's se apaga e deixamos que o rádio fale por nós.

— Está sem carro? — pergunta ele depois de um tempo. — Que foi que houve?

Inclino a cabeça no descanso.

— Problema na ignição. Acho que começou há uns dois meses. — Será que é só isso? Parece ter sido há séculos que tudo aconteceu. Que me inscrevi no concurso. Que perdi Ellen. — Está na oficina desde então. Não tenho dinheiro para pagar o conserto.

— Sei bem como é isso — diz ele. — O dinheiro deveria tornar as coisas mais fáceis, mas sempre acaba fazendo o contrário. Gostaria que a economia se baseasse num sistema de trocas.

Suas palavras me irritam. Bo frequentou uma escola particular nos últimos anos, e isso não saiu de graça para os pais.

— Que foi? — pergunta ele.

Balanço a cabeça, teimosa.

— Não, fala — insiste Bo. — Desembucha.

Após um longo momento, respondo:

— Você foi aluno da Holy Cross. Entendo que esteja tentando ser gentil, mas não acho justo dizer que sabe o que é não ter um centavo.

— Uau. Esse é um preconceito e tanto.

Um par de faróis às nossas costas ilumina o interior da caminhonete.

— Pode ser. Mas você perguntou. Boa noite. Lembranças para Bekah.

Desço da caminhonete e bato a porta.

Ele abaixa o vidro.

— Para o seu governo — diz — nem todo mundo que frequenta uma escola particular é rico. Principalmente os garotos pobres que jogam basquete muito bem.

O vidro torna a subir, separando-o de mim, antes que eu tenha chance de responder.

Meu rosto arde de vergonha. Mas, principalmente, estou confusa. Por que ele não me contou que tinha bolsa de estudos?

Minha mãe sai do carro e dá uma corridinha até a janela de Bo. Fico olhando do outro lado da caminhonete enquanto ela bate no vidro com o indicador e começa a falar numa voz estridente que só usa para se comunicar com os "machos". Bo diz alguma coisa e o rosto de mamãe se ilumina, enquanto ela pousa a mão no seu braço e leva a outra ao peito.

— Que Deus te abençoe, Bo! — ouço-a dizer.

Ela volta para o carro e eu a sigo.

— Hum? Mãe?

Quando entramos, ela diz:

— Me perdoe, Will. Aquele tal de *Pileites* deixou meu bumbum em petição

de miséria, e eu apaguei feito uma lâmpada assim que cheguei em casa.

— Tudo bem — resmungo, enquanto ela manobra para a rua. — Mas que papo foi esse, agora?

— Aquele seu colega simpaticíssimo, Bo, não é esse o nome dele? — Ela ri e murmura com o canto da boca: — O queixo daquele garoto cortaria até vidro.

— Mãe.

— Eu expliquei que você e eu andávamos nos arrastando de um lado para o outro, dividindo o carro, e agradeci a atenção que ele me deu. — Ela vira na esquina, mas não num ângulo fechado o suficiente para desligar o pisca-pisca. — Mas aí ele disse que vocês trabalham no mesmo horário, e que poderia te levar para casa todas as noites.

— Mãe! Você recusou, não recusou? — Fico em pânico. *Clic*, *clic*, *clic*. O pisca-pisca continua ligado.

— Mas por que eu faria isso? Ele foi tão gentil de se oferecer. Não vou impedir o rapaz de fazer uma boa ação.

Suspiro. Um suspiro dramático, quilométrico.

— Willowdean, já chega de suspirar. Agradeça pelas coisas boas que a vida te dá. — Ela entra no jardim. — Principalmente se forem bonitas.

— Eu te odeio — respondo, saindo do carro.

— Ah, pobre coitada — diz ela atrás de mim. — E faça esse cabelo antes de ir trabalhar amanhã! Se penteie para a profissão que você quer ter e não a que tem. Quem anda bem penteada se destaca entre a mulherada.

QUARENTA E QUATRO

A campainha da aula de história toca e, mal entro na sala, a Srta. Rubio fecha a porta.

Paro. Bem ali, na carteira onde Amanda costuma se sentar, ao lado da minha, está Bo. Sinto o cérebro escorrendo pelas orelhas. Do fundo da sala, ela dá de ombros e diz por mímica labial: *Bundinha de Pêssego não quis sair.* Aceno para dizer que está tudo bem. Mas, na verdade, não está, por que, afinal, que negócio é esse?

Não temos lugares fixos na aula de história, mas, como ninguém trocou de carteira desde a primeira aula, ficou estabelecido não oficialmente. Conhecendo Amanda como eu conheço, deve ter rolado um confronto quando ela viu Bo na sua carteira, mas alguém tinha que ceder. E não foi ele.

Bo dá um meio sorriso quando me sento e diz:

— Willowdean. — E só. É a única palavra que pronuncia durante a aula inteira.

Quando a campainha toca, saio da sala o mais depressa possível.

Encontro Mitch no estacionamento. Seu rosto se anima, pois ele pensa que o sorriso idiota no meu é para ele. *Não,* tenho vontade de explicar. *Não me dê esse sorriso carinhoso. Eu não mereço.*

No dia seguinte, lá está Bo de novo na carteira de Amanda. Eu fico observando-o com o canto do olho enquanto ele passa os nós dos dedos pelo queixo. Sinto vontade de tocá-lo. Parece inevitável. Ele é um polo negativo, eu sou um polo positivo, e tudo que resta entre nós é uma questão de tempo.

Como ontem, ele diz meu nome no começo da aula, mas dessa vez acrescenta:

— Te vejo hoje à noite.

Sentindo um verdadeiro enxame de abelhas no estômago, escuto Bo assoviar na cozinha. Ele sempre assovia quando pensa que não tem ninguém ouvindo. Normalmente não é nenhuma música em particular, só uma lista aleatória de canções. Mas hoje ele está com os lábios franzidos, assoviando “Jolene”. O que me deixa com os joelhos bambos.

Ron sai do escritório e começa a cantar junto, enquanto reabastece o estoque de talões de pedidos. Faltando alguns minutos para a hora de fechar, Marcus pergunta em tom ríspido:

— Você não conhece nenhuma outra música?

O assovio se interrompe por um momento enquanto Bo vira um hambúrguer. O pão aterrissa no grill, chiando, e ele recomeça a assoviar.

Marcus nos observa com ar curioso quando, no fim da noite, vamos juntos para a caminhonete de Bo.

Entro na caminhonete no instante em que o celular toca. Ele atende, e eu fico só olhando enquanto ele escuta por um momento. Com a veia no pescoço

estufada, ele faz que não com a cabeça. Responde alguma coisa entre os dentes e desliga antes de se sentar ao volante.

— Quem era?

Ele morde a parte interna do lábio inferior por um momento.

— Meu irmão.

— Ah.

— Ele precisa que eu vá buscá-lo depois que te deixar em casa. — Ele olha adiante para o campo que fica atrás do Harpy's. — Nós andamos meio brigados.

Não tenho irmãos, mas sei como é viver em pé de guerra com uma pessoa que a gente vê todas as manhãs e todas as noites.

— Às vezes, sinto inveja dele — diz Bo. — Não foi a mesma coisa para ele quando mamãe morreu. Não sei até que ponto isso é verdade, mas às vezes acho que ele absorveu muito melhor o golpe do que eu.

Concordo com a cabeça. Eu conhecia Lucy de um jeito que mamãe jamais conheceu, e é difícil não sentir que o peso que carrego é maior por causa disso.

— Me perdoe — peço, enquanto afivelamos os cintos. Estou segurando essa batata quente há dias. — Pelo que falei sobre você ter frequentado uma escola particular.

Ele segura o volante e vira o pescoço ao dar marcha à ré.

— O que aconteceu? Você tinha uma bolsa de estudos, não tinha?

— Isso. — Adoro o jeito como ele dirige com uma das mãos na base do volante enquanto usa a palma para girá-lo ao virar, como se estivesse dirigindo um caminhão.

— À esquerda, na Rowlett — instruo.

— Eu estava no oitavo ano quando o pai de um aluno da Holy Cross me viu jogar. Modéstia à parte, acho que eu devia ser mesmo muito bom. Só que eu não sabia disso, porque ninguém dá a mínima para o basquete nesta cidade.

— Menos na Holy Cross — digo. A HC é pequena demais para ter um time de futebol americano, mas o time de basquete deles sempre vence o campeonato municipal, às vezes até o estadual.

— É, por isso acho que vários pais se reuniram e conversaram com o meu pai sobre a possibilidade de eu estudar lá. Mas nós não tínhamos como, principalmente depois do que tinha acontecido com mamãe. E os alunos do ensino médio não podem receber bolsas esportivas. Pelo menos, não segundo a associação atlética em que eles competem. Por isso, descolaram essa bolsa acadêmica para mim. E para o meu irmão também. Meu pai disse que eu não poderia ir, a menos que ele também fosse.

— Mas você não disse que tinha sido por sua culpa que vocês foram obrigados a sair? — Aponto para o meu jardim, algumas casas adiante. — A minha é aquela ali à esquerda.

— Eu estourei o joelho no fim da temporada no ano passado. Nós não tínhamos plano de saúde, por isso não sei quem pagou as despesas. Outros pais ricos, provavelmente. Mas eu não voltaria a jogar tão cedo.

O carro para diante da minha casa. Gostaria que o percurso até aqui tivesse sido três vezes mais longo.

— Mas a sua bolsa não era acadêmica? Eles não tirariam isso de você.

Ele cruza os braços.

— Depois da minha lesão, eu me meti numa briga com um cara do time. Collin, aquele garoto que apareceu no Harpy’s no verão.

— E a briga foi por causa de quê?

Ele balança a cabeça.

— Pelo mesmo motivo por que todos os caras brigam. Uma garota.

O clima na caminhonete fica pesado, e sinto isso até os ossos.

— Aquela que estava com ele?

— Amber. Nós namoramos durante dois anos. Mas eu fui uma merda de namorado para ela.

Sinto vontade de perguntar de que jeito, mas não sei se quero saber a resposta por enquanto.

— Eu quebrei a clavícula do Collin. E ele quebrou o meu nariz. Quando fomos nos matricular no ano seguinte, avisaram que a grana secou, o doador teve que suspender a doação. E agora meu irmão está com ódio de mim.

— Ele sente saudades da Holy Cross?

Bo sorri amarelo.

— Sente, ele era um verdadeiro rei por lá. Estava namorando a mesma menina desde o sétimo ano. Quem faz isso? — Ele balança a cabeça, ainda sorrindo. Posso ouvir o que ele não diz: que ama o irmão caçula demais e provavelmente jogaria até com o joelho arrebentado para deixá-lo feliz. — Ele agora está no nono, no primeiro ano do ensino médio. Ele reagiu à situação muito pior do que eu. E, como está com quinze anos e tudo é uma merda nessa idade, a namorada terminou com ele. Disse que não aguentava mais namorar a distância.

— A distância?

— Pois é, a escola ficava a dez minutos a pé da nossa casa.

— Caramba. — Minha mão paira sobre a maçaneta da porta.

— Posso te acompanhar até a porta? — pede ele.

— Não, não precisa.

— Faço questão — insiste ele.

— É que nós usamos a porta dos fundos.

— Por quê?

— Porque a da frente está emperrada. Há séculos.

— Mas por que vocês não mandam consertar? — pergunta Bo.

— Sei lá. É uma dessas coisas que a gente acaba nunca fazendo. E agora já estamos tão acostumadas, que nem incomoda mais.

Ele torce os lábios como se tivesse algo a dizer, mas fica em silêncio.

Saio da caminhonete e deixo a porta aberta por um momento quando uma ideia me ocorre.

— Por que você se sentou perto de mim nos últimos dois dias? Na aula. Você pode falar comigo no trabalho.

Ele faz aquele lance de passar os nós dos dedos no queixo.

— Acho que prefiro falar com você em todos os lugares.

Por trás da cerca do quintal, abro um sorriso.

Esvazio a mochila na cama, esperando conseguir fazer, pelo

menos, uma parte do dever de casa antes de pegar no sono. Aberto entre os livros didáticos está o manual de mágica que Mitch me deu. Puxo-o para o peito e deslizo até o chão. Há dias que me esqueci completamente do talento que preciso apresentar — aliás, me esqueci do concurso inteiro. A volta de Bo ao meu mundo, mesmo que de um jeito minúsculo, transforma o meu cérebro num vácuo onde nada mais existe, porque sou totalmente consumida.

Mas não quero isso. Não posso querer isso.

Folheando as páginas, encontro vários truques diferentes, mas nenhum de fato me atrai. Um bilhete desliza dentre as folhas, e eu o desdobro.

Will, quando eu era pequeno, tive uma fase de mágico em que usava capa e cartola em tudo quanto é canto. Achei que talvez um pouco de mágica no seu mundo poderia ser útil. — Mitch

Torno a guardar o bilhete entre as páginas e suspiro. Que ridículo. Eu, fazendo truques bobos. Mas o que me resta fazer? Não tenho nenhum talento que me defina, como Bekah, nem pratiquei qualquer atividade por tempo o bastante para poder, pelo menos, quebrar o galho agora.

Recosto-me na cama com o livro no colo e começo a praticar movimentos de truques com moedas. Parece acomodação. Uma oportunidade perdida. Mas nem por isso chega a ser um erro.

Tento reviver o ímpeto do entusiasmo que me fez entrar no concurso. Mas esse toque de mágica simplesmente evaporou.

QUARENTA E CINCO

No dia seguinte, quando vou buscar mamãe no trabalho dela, encontro-a com uma sacola de loja pendurada no braço. Ela a exibe ao entrar no carro.

— Antes de dizer qualquer coisa, me ouve.

— Tudo bem. — Mas não tenho como esconder a apreensão na minha voz.

— Debbie e eu demos um pulo em alguns brechós na hora do almoço. Eu sabia que você ainda não tinha comprado seu vestido, e ele precisa ser aprovado dentro de poucas semanas, por isso você não tem muito tempo. Talvez não se dê conta disso, mas não pode comprar qualquer coisa às pressas. Não é assim que funciona.

Sei que preciso de um vestido e que estou atrasada. Mas não há receita de desastre mais garantida do que minha mãe comprando roupas para mim. Eu já vi esse filme. Nós duas já vimos. E ainda temos as cicatrizes.

— Ele é bem simplesinho, mas podemos dar os nossos toques pessoais. Como se tivesse sido feito sob medida.

Prometo a mim mesma, pelo menos, experimentá-lo. Vou dar a ela o benefício da dúvida.

Mamãe deixa que eu me vista no quarto dela, para eu poder usar o espelho maior. Quando fecha a porta, percebo como é estranho que não fique comigo. Ela sai andando pela casa, trocando de roupa aos poucos, procurando uma meia sem par ou passando a ferro o uniforme. Não que jamais tenha me incutido vergonha da nudez. Mas chegou uma época, quando eu devia estar com uns onze, doze anos, em que ela parou de entrar comigo nos provadores e de escovar os dentes enquanto eu tomava banho. Talvez estivesse tentando ser sensível a algum anseio de privacidade que eu pudesse ter. Mas, no fundo, no fundo, acho que ela não está nem um pouco interessada em se lembrar do corpo que eu tenho.

Seja isso verdade ou não, ainda me magoa.

Mas, justiça lhe seja feita: o vestido não é horrível. É vermelho, daquele tom perfeito que é reservado aos esmaltes de unha sexy e aos carros esportivos, com um decote profundo e alças que escorregam dos ombros de propósito. Em mim, elas não ficam no ângulo reto que vejo nas atrizes e modelos, caem um pouco na curva, mas, mesmo assim, gostei.

Até o instante em que puxo o zíper.

E ele sobe.

Mas isso não significa que o vestido tenha ficado bem em mim.

Meu Deus. O fato de ter conseguido fazer com que o zíper fosse além dos quadris só pode ser uma lição de inércia ou força de vontade. O tecido se estica nas costuras, ameaçando se romper se eu sequer olhar torto para uma cadeira. E o busto é tão largo que dá até para enfiar os braços nele. (Se sentir frio, por exemplo.)

— Pronto — digo a mamãe em voz alta. — Pode entrar!

Ela fica atrás de mim, e observo nossos reflexos no espelho. Vejo seu olhar passeando pelo meu corpo, e os cantos de seus lábios se abaixando quando ela percebe como o tecido está querendo esgarçar nos quadris.

Nossos olhares se encontram, e ela resolve segurar a onda. Sua boca se curva num sorriso.

— Podemos alargar alguns centímetros. E apertar o busto. — A voz está muito alta e o sorriso largo demais, mas não me importo. Posso tirar tudo isso de letra. Porque, pelo menos, ela está se esforçando para enfrentar a minha realidade. — O que acha? — Puxa o decote do vestido para trás, apertando as sobras de tecido nos punhos.

Já dá quase para imaginar como ficaria e... gosto do que vejo.

— Ficou bom. Só vou usar por vinte minutos, não é? Dou meu jeito, pode deixar.



Estou na terceira fila do auditório da escola. Millie está ao lado, lendo um pocket, e do lado dela, Amanda, batendo com os pés no chão e tamborilando com os dedos na coxa.

Hoje é o dia em que vamos ter nossos talentos aprovados (ou não) para o concurso. Não tenho nada para apresentar além de um truque que aprendi no livro que ganhei do Mitch. As regras determinam que a candidata deve exibir uma amostra do talento, por isso estou contando que seja o bastante.

Hannah passa pelo corredor, espremendo-se entre Amanda e Millie.

— Vou cair fora daqui assim que aprovarem o meu talento.

— Não acha que seria mais educado ficar para assistir à apresentação das outras candidatas? — pergunta Millie.

Hannah se joga numa poltrona ao meu lado, sem se dignar a responder.

A paciência de Millie com Hannah está pouco a pouco se esgotando, e extraio um prazer perverso disso. Adoraria ver a baixinha bem-humorada soltando os cachorros em cima da rabugenta Hannah.

Assim que todas as candidatas se acomodam, mamãe faz seu discurso e diz que os trajes para a prova dos talentos precisarão ser aprovados ao mesmo tempo que o restante do guarda-roupa.

— As surpresas são apenas para a plateia — arremata.

A primeira a se apresentar é Bekah Cotter, que — tchan-ran! — gira um bastão como uma super-heroína diabólica. Só que, dessa vez, não está com o nome de Bo estampado na bunda. Sei que não se justifica que eu a deteste tanto. Ela não deve ter trocado mais de vinte palavras comigo, mas basta eu imaginar Bo de smoking, acompanhando-a ao concurso, para me transformar numa fera que cospe fogo.

Depois vêm cinco candidatas em sequência cantando temas de vários musicais, como *Os Miseráveis* e *Chicago*. A interpretação de *Chicago* de Karen Alvarez é considerada sexy demais, e lhe dão uma semana para apresentar outra música. Ela sai de cabeça baixa do palco, abraçada ao songbook. Dá para ver que está mortificada, mas o lance cheira a escândalo de concurso e eu adoro essas coisas.

— Amanda Lumbard — chama Mallory Buckley.

Millie bate nas costas de Amanda, que pega uma sacola embaixo da poltrona. Quando sobe ao palco, noto que não está usando as botas ortopédicas do Frankenstein. Um dos saltos é mais alto do que o outro, e é um modelo esportivo.

— Acho que não é muito tradicional, mas é o que sei fazer. — Sua voz sai um pouco trêmula. Ela se agacha e abre a sacola, de onde tira uma bola de futebol. Sem maiores rodeios, começa a fazer embaixadinhas, e depois vai passando a bola de uma coxa para a outra. É incrível. Ela consegue fazer, inclusive, com a cabeça e os ombros, sem deixar que caia em momento algum.

Lá está Amanda fazendo uma coisa que eu nunca sonharia em fazer, mesmo tendo as duas pernas do mesmo comprimento. Depois de mais alguns malabarismos, ela põe a bola debaixo do braço, pega a sacola e sai do palco.

Millie e eu aplaudimos freneticamente, e o restante do auditório fica em silêncio, enquanto o comitê chega a uma decisão.

Demora o dobro do tempo das outras candidatas, mas, por fim, mamãe anuncia, num tom de voz não muito impressionado:

— Bem, não é o tipo de atividade que estamos acostumados a ver, mas passa.

— Estou aprovada? — pergunta Amanda.

Mamãe faz que sim.

Amanda sorri, toda tímida e aliviada ao tornar a se sentar.

Em seguida, vem um monólogo — *Muito Barulho por Nada* — de Shakespeare, que é maravilhoso, mas os jurados vão boiar completamente.

— Willowdean Dickson?

Pego o material na mochila e atravesso o corredor em direção ao palco.

Quando eu era pequena, participei de várias peças na escola. As luzes intensas nunca me deixavam ver a plateia, e era o que tornava a experiência suportável para mim. Mas hoje o auditório é que está iluminado, e as luzes do palco, apagadas.

— Posso começar? — pergunto.

Tento não contar as candidatas na plateia, porque, se começar, não vou parar mais.

A Sra. Clawson, que está sentada ao lado da mamãe, dá o sinal com a cabeça.

Exibo uma garrafa PET vazia e tiro uma moeda do bolso.

— Vou fazer um truque. — O rosto da mamãe está impassível. — Pretendo fazer outros também, mas esse é só uma amostra. — Fico esperando que digam que está bem ou que não preciso me preocupar, mas a única resposta que recebo é um silêncio mortal.

Aqui vão os detalhes de como o truque é feito: pego uma garrafa de água vazia, em que fiz uma abertura com uma faca. Devo segurá-la de modo que a plateia não veja (óbvio!) esse corte na lateral. Depois de bater na garrafa e provar que é normal, mostro à plateia uma moeda de vinte e cinco centavos e a enfio depressa na abertura da garrafa. Tchan-tchan-tchan-tchan!

— Isso aqui que estou segurando é uma garrafa de água perfeitamente normal. Foi com a água dela que tomei minhas vitaminas hoje de manhã. — Se eu conseguir fazer aquela entonação bem própria dos mágicos, talvez ninguém note como sou canastrona. Bato com os dedos por toda a superfície. — Uma

garrafa comum, igual às outras.

Mostro a moeda. Na primeira fila, mamãe franze os olhos. Desatarraxo a tampa para mostrar que a moeda não passa pelo gargalo. O auditório faz o maior silêncio. Será por isso que os mágicos sempre contam piadinhas? Ou tocam aquelas músicas dramáticas, cheias de efeitos sonoros, como as dos filmes de ficção científica? Mostro a moeda mais uma vez antes de colocá-la entre os dedos como o livro ensinava e bato com ela na lateral, pela abertura.

— *Voilà!* — exclamo, o que até teria soado engraçadinho, se eu não tivesse falado antes da hora. Sacudo a garrafa, mas, além das gotas que restaram no interior, ela continua vazia. Não tive o cuidado de ver se estava batendo do lado certo.

— Tá no chão — avisa Callie da terceira fila, onde se senta ao lado de Ellen.

Ellen. Que está mordendo o lábio.

Sua presença na plateia. Meu talento de merda. O auditório com todas as luzes acesas. Estou perdendo tempo com esse concurso. Não acho que tenha sido isso que Lucy imaginou ao guardar aquele velho formulário na gaveta. E a culpa não é de ninguém, só minha. As lágrimas brotam nos cantos dos meus olhos, mas não deixo que escorram.

Olho para o chão e vejo a moeda caída aos meus pés. Rapidamente, eu me abaixo e a pego antes de enfiá-la do outro lado da garrafa.

O pior truque de todos os tempos.

O único aplauso vem de Millie. Obviamente.

— Ainda estou aprendendo — justifico.

Fico parada na beira do palco enquanto os membros do comitê — mamãe inclusive — discutem. Finalmente, ela anuncia:

— Aprovada. — Mas seu rosto diz tudo. Decepcionada. Muito mal impressionada.

Passo por Hannah e Millie ao voltar para a poltrona.

— Bem fraquinho — sussurra Hannah.

— Como se você tivesse planejado coisa melhor — rebato.

— Hannah Perez — chama mamãe.

Hannah atravessa o palco a passos duros, usando aqueles coturnos que as Forças Armadas põem à venda quando têm sobrando.

É então — graças ao garoto na cabine de som — a música que ela escolheu começa a tocar. É uma canção que me lembro de ouvir no toca-discos de Lucy: “Send in the Clowns”. É o tipo de melodia que entranha nos nossos ossos e deixa a gente triste, sem conseguir identificar o motivo.

A voz de Hannah está longe de ser excepcional, mas ela realmente interpreta a música. Como se fosse a compositora. O tema vai num *crescendo*, e sua voz também. E vou deixando de ver a Hannah de rosto azedo, dentes enormes e roupas pretas surradas, até ver apenas uma menina interpretando uma música de cortar o coração porque ela a entende, embora nós não.

A música é interrompida no meio, e segue-se um breve mutismo antes de o auditório irromper em aplausos.

Quando volta a ficar em silêncio, mamãe diz:

— Foi maravilhoso, Hannah. — Como se me alfinetasse: *É assim que se faz, Dumplin’*.

Hannah balança a cabeça e desce os degraus da escada de dois em dois. Sem agradecer. Apenas pega a mochila que está aos seus pés e sai.

Assisto a todas as apresentações. Callie traduz o tema de *Titanic* na linguagem de sinais, e tenho que admitir que é uma revelação. Millie toca no xilofone "Somewhere Over the Rainbow", de *O Mágico de Oz*, uma interpretação que não chega a ser impressionante, mas que garante sua classificação. E Ellen sapateia com tamancos de madeira ao som de uma canção folclórica alemã. Ela foi membro de uma equipe de sapateado até o sétimo ano, e continua sapateando tão mal como na época.

Isso me faz sorrir. Ela me vê, mas não me cumprimenta. Quando o número termina, bato palmas alto demais, e até mamãe se vira.

Já a caminho de casa, ela abaixa o volume do rádio diante da placa de *Pare* que fica em frente à nossa casa e diz:

— A aprovação do seu talento foi o primeiro e último favor que te fiz. — Respira fundo por entre os dentes. — Sei que você não leva esse concurso a sério, mas talvez pudesse, pelo menos, fingir que leva.

Ela tem razão. Não é justo com ela, nem com Amanda, Millie e Hannah. Quando entro no quarto, a primeira coisa que faço é sentar diante do computador com Riot enroscado aos meus pés e escrever um e-mail. No campo do assunto, digito: SOS.

QUARENTA E SEIS

À luz do dia, a The Hideaway não passa de um barzinho com pintura descascada e assoalhos encardidos.

Ao meu lado, Hannah não para de cambalear sobre um par de saltos dez.

— Não vou usar esses troços no concurso.

Lee Wei nos enfileira no palco, todas de salto alto, enquanto Dale, o segurança/dono, senta diante do bar, bebericando uma lata de cerveja. Mandei um e-mail para ele abrindo o jogo, muito mais do que tenho feito nos últimos tempos. Contei que tinha encontrado o velho formulário na cômoda de Lucy e expliquei tudo sobre Millie, Amanda e Hannah. *Já fui longe demais,* disse a ele. *E não só vou dar o maior vexame, como vou arrastar essas meninas comigo. Precisamos de ajuda. De um tipo que a gente não encontra em Clover City.*

Porque a verdade é que não temos a menor ideia do que estamos fazendo. Não sabemos como andar, fazer poses ou nos apresentar. Não quero subir naquele palco e ser a gorda que caiu de bunda no chão e conseguiu fazer alguns truques mal e porcamente. Não sou ingênua. Sei que não vou vencer. Nem quero. Mas quero chegar lá e provar que não há razão pela qual eu não possa ou não deva participar.

Do meu outro lado, está Millie, num silêncio totalmente atípico e com os joelhos imóveis.

— Você está bem? — sussurro.

Seus olhos se fixam no refletor escuro metros acima.

— Estou tentando me concentrar em não cair.

— Dobra os joelhos! — instrui Lee.

Hannah aponta o polegar na direção de Amanda.

— Não entendo por que ela não precisa usar esses instrumentos pontiagudos de tortura.

Amanda abre um sorriso inocente.

— Hannah — começa Millie. — Você sabe que...

Lee a interrompe em tom sério:

— Porque a vida não é um rio, e nem todos estamos indo na mesma direção.

Hannah revira os olhos.

— E, querida — acrescenta Lee —, você precisa melhorar um pouquinho esse seu humor.

Pedi a Lee e a Dale para sacrificarem a tarde de sexta, e aqui estão os dois se lamuriando.

— Vamos lá, pessoal.

— Acabar logo com isso — completa Amanda.

Lee pigarreia.

— A primeira coisa que vocês precisam definir é o modo de andar. O andar faz da mulher uma rainha. Porque, minhas amigas, não é o que sai da sua boca que causa a primeira impressão. Está tudo... — ela mexe os quadris para a

direita, e então para a esquerda — ... no balanço das ondas do mar.

Com o canto dos olhos, vejo Millie roendo as unhas sem parar.

Lee nos manda sentar enquanto mostra exatamente o que quer dizer, e soltamos suspiros de alívio quando nossos traseiros tocam as cadeiras. Ela rebola de um lado para o outro do palco, os saltos fazendo um *toc* definido a cada passo.

— Veem como estou caminhando com um passo à frente do outro? Finjam que é um teste de sobriedade...

— Elas são adolescentes — resmunga Dale.

— Então devem saber exatamente do que estou falando, não é, meninas? — A única que balança a cabeça é Hannah. — Então, vocês vão caminhar como se estivessem pisando numa linha amarela. Nada de passinhos de bebê. Cada passada deve ter, no mínimo, o comprimento do antebraço. — Ela dá mais uma volta. O jeito como esse travesti baixinho e gorducho se move num robe de seda e um par de saltos estratosféricos o transforma numa verdadeira diva. Talvez eu esteja vendo o que quero ver, mas é difícil pensar em Lee como sendo menos do que isso.

— Vocês não podem jogar todo o peso do corpo em cima do calcanhar. Não é justo fazer com que os pobres saltinhos sustentem vocês sem ajuda. Distribuam a função pelo resto do pé. Agora, quero ver uma de vocês tentar.

Levanto a mão. Posso fazer isso. Em grande estilo.

Dale solta um assovio.

Com cuidado, começo a avançar.

Lee faz um floreio com o braço, pondo o palco à minha disposição.

— Bota um som aí pra menina, Dale!

Respiro fundo. Não reconheço a música, mas basta ouvi-la para ignorar a dor nos dedos espremidos e a ardência nas solas dos pés. Os primeiros passos são tão longos como Lee mandou, embora lentos e hesitantes. Ela tem razão quando diz que o truque é pisar primeiro com os dedos e depois com o calcanhar, um pé na frente do outro. Faz com que os quadris balancem e põe o corpo inteiro em movimento, como uma bicicleta numa descida: depois que a gente começa, não consegue mais parar. Quando me viro para o outro lado do palco, Dale me brinda com um segundo assovio. Caminho com determinação e a consciência de que, se o salão estivesse lotado de gente, todos os olhos se colariam em mim.

Lee bate palmas e me abraça pela cintura. Quando encosta a cabeça no meu peito, por um breve momento lembro que ela é ele. Gostaria que todos os dias da minha vida fossem tão absurdos como esse. Queria que Lucy testemunhasse isso. Que visse que liguei todos os pontos espalhados da sua vida, até chegar aonde estou.

Fico assistindo enquanto Hannah caminha aos tropeções e leva não um, mas dois tombos. Ao voltar, arranca os sapatos na metade do palco e os joga na plateia vazia. Mas rindo o tempo todo, coisa que não posso dizer que a vi fazer muitas vezes.

O andar de Millie é comedido e cuidadoso. Lee é obrigada a ficar lembrando a ela que os olhos devem se fixar no horizonte e não nos pés. Volta e meia ela tem que levantar as mãos para se equilibrar, mas acaba conseguindo. E Amanda caminha tão à vontade com suas botas ortopédicas, que praticamente dispensa

orientações.

Antes de irmos para casa, sentamos um pouco no bar, enquanto Dale prepara drinques não batizados para nós e batizadíssimos para Lee.

Ela nos fala de tudo, desde maquiagem de palco até os tipos de roupas que expressam pontos de vista, até já ter tomado tantos drinques que encosta a cabeça no balcão.

— Gostaria de ter conhecido vocês quando eu era adolescente.

— Por quê? — pergunta Hannah. — Gosta de ser alvo de bullying?

— Não, não, é porque gostaria de ter tido amigas que corressem atrás das coisas proibidas. Eu tinha muito medo de mim mesma naquela idade. Medo de que todas as coisas grandes que eu queria fossem ficar só na vontade.

Dale contorna o outro lado do balcão.

— É melhor eu te levar para casa antes da hora de abrir o bar.

Lee se endireita.

— É melhor mesmo — concorda. — Olha só pra mim. Estou vivendo meu sonho. Apaixonada. Feliz. Mas esperei até que essas coisas acontecessem comigo. E vocês estão fazendo e acontecendo agora, indo à luta.

Ficamos bebericando nossos drinques por alguns momentos. Não digo nada, mas suas palavras despertaram algo dentro de mim. Como se eu estivesse usando um músculo de cuja existência já tinha até me esquecido.

— Obrigada por nos ajudar — agradece Amanda. — Embora eu não possa usar salto alto.

Com a ajuda de Dale, Lee desce do banquinho.

— Filhinha, você não precisa de salto alto. Você já é poderosa com o que a natureza lhe deu.

Ela caminha por entre nós e nos dá dois beijinhos. Millie faz menção de abraçá-la, e Lee não se afasta. Quando Dale a acomoda no carro, pegamos nossas coisas e entramos na van da mãe de Amanda.

Voltamos para casa em silêncio. Nem Hannah é capaz de fazer comentários ácidos. Millie nos pede para darmos uma parada numa papelaria, para comprar um cartão de agradecimento. Todas nós assinamos, e Millie promete colocá-lo nos correios.

Há algo diferente em nós. Dá para sentir. Não tem a ver com o andar, nem com as dicas de maquiagem. Não é uma coisa que se possa rotular ou fotografar, mas que fica lá no fundo como a sensação de ser o dia do seu aniversário — nada que seja visível, mas que intuitivamente se sente.

QUARENTA E SETE

— Dumplin’! Visita pra você!

Desço correndo as escadas. Bo se ofereceu para vir me buscar, mas eu disse a ele, de maneira muito explícita, que me mandasse uma mensagem quando estivesse estacionando. Acho que ele não é muito dado a seguir instruções.

Na noite passada, quando eu estava indo dormir, meu celular vibrou. Não deveria ter olhado, mas, por um segundo, achei que fosse Ellen.

BO: Oi, oi. Quer estudar praquela prova de história no fim de semana?

Respondi que sim, sem nem pensar se deveria fazer isso.

Agora Bo se encontra na cozinha ao lado da mamãe, que ainda está tomando café. Ela lhe dá as costas ostensivamente e mexe as sobrancelhas para mim.

— Vou estudar na casa do Bo, mãe.

O rosto dela está vermelho como se estivesse de porre.

— Comportem-se, vocês dois.

Bo abre a porta de vidro e espera que eu saia primeiro.

— Não se esqueça de pedir o orçamento ao seu pai, querido! — grita ela numa vozinha cantarolada para Bo.

Contornamos a parede e seguimos em direção ao jardim.

— Que orçamento? — pergunto.

— Ah, sim. — Ele faz um gesto em direção à casa. — Nós estávamos falando sobre a porta da sala. Meu pai é chaveiro. Mas ele também conserta portas.

Seguimos em silêncio na caminhonete durante algum tempo, até eu dizer:

— Minha mãe é doida de pedra. Desculpe.

— Vocês se parecem.

Tento engolir, mas minha boca está seca feito um deserto. Ninguém jamais tinha dito isso sobre mim e mamãe. Era sempre em relação a Lucy. *Você se parece com a sua tia.* Não me envergonho disso, mas gosto da ideia de ter puxado à minha mãe.

— No bom sentido — acrescenta ele.

Baseada no que Bo me contou sobre a bolsa de estudos, imaginei que não vivesse em nenhum dos bairros mais novos, mas não cheguei a esperar exatamente isso. A casa em que ele mora — com um gramado bem-cuidado — fica numa rua onde só se veem telhados afundados, tinta descascada e jardins com mato crescido.

Bo estaciona na entrada, o calçamento está decrépito.

— É aqui que eu moro.

Sigo-o pela trilha até a porta, onde está pendurado um cartaz com os dizeres: FIADO SÓ AMANHÃ!

O interior da casa é quente, mas não de um jeito desconfortável. Só tem um andar e é consideravelmente menor do que a minha. Os móveis devem ter, no mínimo, duas décadas, mas combinam entre si. Imagino como deve ser para a

madrasta de Bo viver numa casa que foi decorada pela mãe dele.

O lugar tem um cheiro forte de incenso que se harmoniza com o restante do ambiente. Fico me perguntando se Bo achou que a minha casa tem um cheiro parecido com o meu.

Não sei onde esperava que ele morasse, mas não era aqui.

— Deixa eu te apresentar para a minha madrasta.

Sigo-o pelo curto corredor que separa a porta da cozinha, onde há um incenso queimando. Ela está xingando o freezer da geladeira, os pés cercados por uma poça d'água com cubos soltos de gelo derretendo. Não está parecendo tão bem-cuidada como no dia em que a conheci no shopping, mas mesmo assim é uma mulher bonita, de um jeito muito diferente de mamãe. Uma beleza natural. Sem as unhas pintadas, a maquiagem e o laquê.

— Loraine — diz Bo —, a Willowdean veio estudar comigo.

Ela se vira depressa com um facão na mão.

— Ah! — Solta uma risada, abaixando o braço. — A menina com dois nomes. Eu me lembro de você.

Bo faz que sim com a cabeça.

Ela sorri e me abraça. Sem usar a mão que segura o facão.

Bo dá uma tossida.

— O freezer parou de funcionar?

Ela torna a levantar o facão, como se fosse apunhalar.

— Ah, congelou tudo. Tentei quebrar uma parte, para seu pai não ter esse trabalho. Ele foi chamado para fazer um serviço bem quando estava tomando café.

— Nós vamos estudar no meu quarto — informa Bo.

Os olhos de Loraine passeiam entre nós dois. Fico esperando que responda algo como *Seria melhor que estudassem aqui* ou *Deixem a porta aberta*, mas ela se limita a dizer:

— Me avisem se precisarem de alguma coisa.

O quarto dele não é sujo, mas bastante surrado. É como se cada uma de suas idades tivesse deixado vestígios por ali: pôsteres de bandas que até me surpreende que ele conheça, uma bola de basquete autografada na escrivaninha, um pote com pirulitos vermelhos sortidos, uma rede suspensa do teto cheia de bichos de pelúcia, uma camisa do San Antonio Spurs emoldurada.

Ele fecha a porta atrás de nós, e tenho a sensação de que todo o ar que restou para se respirar no mundo ficou trancado aqui dentro. Quando acabar, babau. Vai ser a morte de Willowdean Dickson no quarto de Bo Larson.

Sentamos em almofadas no chão com os livros e as anotações espalhados à nossa frente. Durante um tempo, conversamos sobre o que pode cair na prova, mas só consigo pensar em BO-BO-BO-O-QUARTO-DE-BO-ELE-DORME-AQUI-BO-BO-BO-É-AQUI-QUE-ELE-TIRA-A-ROUPA.

Bem atrás da sua cabeça, pendurado na maçaneta da porta, há um largo molho de chaves, com centenas delas penduradas.

— O que é esse chaveirão de zelador? — pergunto.

Ele dá uma olhada atrás de mim.

— Ah. Ganhei do meu pai. — Ele gira o corpo e se recosta na cama. Faço o mesmo. — Comecei a colecionar chaves quando era pequeno. Meu pai bolou um

jeito para ajudar ele a dar uma geral na caminhonete, dizendo que eu podia ficar com todas as chaves avulsas que encontrasse. Quase todas são peças que ficaram malfeitas ou velhas e não podiam mais ser usadas.

Estamos com as mãos espalmadas no tapete, a centímetros uma da outra.

— Você ainda ajuda seu pai?

Ele faz que não com a cabeça.

— As coisas mudaram quando comecei a estudar na Holy Cross. Estava sempre ocupado com os treinos de basquete. E com os amigos. Sei lá. Minha vida começou a parecer muito mais importante do que essas chaves bobas. Sabe quando a gente começa a fazer mil planos para o futuro e de repente o trabalho dos pais parece insignificante? E acho que eu também sentia vergonha dele. Fiquei tão acostumado a ver os outros pais na Holy Cross usando camisas polo e calças cáqui, que pedi a ele para não ir mais me buscar na caminhonete. — Ele balança a cabeça. — Eu era um babaca. E às vezes ainda sou.

— Acho que sentir vergonha dos pais faz parte do processo de amadurecimento, tanto como ficar mais alto.

Ele sorri com os lábios fechados.

— Eu adorava ver o velho abrindo cadeados. O jeito como ele ficava lá com o ouvido no troço, como se estivesse escutando sua música favorita. E, de repente, a gente ouvia aquele *clic*.

— Não sei se faz diferença, mas não acho que você seja um babaca. Pelo menos, não totalmente.

— Não foi só meu pai — continua Bo. — Minha ex-namorada também. Amber. Fui horrível com a garota. Ela fazia tudo para me apoiar. Não faltava a uma partida do meu time. Mesmo quando jogávamos em outra cidade, ela ia, se arranjasse tempo. E, em troca, eu dava uns amassos nela no escurinho do cinema ou me enfiava com ela na sala da casa do pai só para ver jogos de basquete na tevê. Como pensava que ela estava me usando como símbolo de status, não achava que isso importasse. Mas ela não estava recebendo nada de mim que não pudesse receber de um outro qualquer.

Sinto um gosto azedo na boca. Esse esquema me parece muito familiar. E não é nada que eu esteja a fim de relembrar.

— O que a Loraine faz?

Ele fica vermelho da cabeça aos pés e cobre o rosto com as mãos, por isso não posso vê-lo.

— Ela dá reuniões na casa das clientes e vende... certos acessórios.

— Espera aí. — Faço um esforço bárbaro para não rir. — Desculpe. O que foi que você disse?

Ele recosta a cabeça na cama.

— Ela dá reuniões na casa das clientes e vende certos acessórios.

— Tipo sex toys?

Ele fica ainda mais vermelho.

— Minha mãe trabalha num lar de idosos — conto a ele, tentando socorrê-lo, embora seu rubor seja a coisa mais fofa do mundo.

Ele se vira para mim, o vermelho começando a se apagar do rosto.

— Pensei que ela fosse a diretora do concurso.

— E é. Ela é a diretora do concurso que limpa a bunda das avós das

candidatas durante o dia.

— Nossa. Nunca teria imaginado.

Suspiro.

— Puro glamour.

— E aí, você se inscreveu mesmo naquele troço?

— Hum-hum. — Balanço a cabeça. — Por quê? — Todo mundo parece ter alguma coisa a dizer sobre a minha participação, e tenho certeza de que Bo não é exceção à regra.

— Bom, eu sempre achei que esses concursos eram uma idiotice, mas também pensava o mesmo da Dolly Parton.

Sorrio.

— Resposta certa.

— E a sua tia? — pergunta ele. — A que faleceu.

Engulo em seco.

— Ela não trabalhava. Era aposentada.

— Ah, então vocês já esperavam? Não que isso melhore as coisas. O que eu quis dizer foi que...

— Não. — Minha voz é suave, mas ele me ouve. — Nós não esperávamos.

Ele aguarda que eu fale.

— Ela era obesa. Não como eu. Pesava duzentos e vinte e cinco quilos. Teve um infarto. Mas ela cuidava de mim. Como uma segunda mãe.

— Gostaria que houvesse alguma coisa melhor para dizer do que "sinto muito".

Ficamos em silêncio por alguns minutos, observando as sombras criadas pelos galhos das árvores que o vento faz balançar por trás das persianas de PVC.

— Acho que ele ficou até feliz quando perdi a bolsa de estudos.

— Por que ficaria feliz com uma coisa dessas? — pergunto, sem ter a menor dúvida sobre quem é "ele". Bo cruza os braços e, nesse momento, sua mão roça a minha. Cada pequeno detalhe, as mãos se tocando, a porta se trancando, faz com que uma onda de calor suba pela minha coluna.

— Não feliz, exatamente. Mas aliviado. — Ele torna a encostar a cabeça e observa as minibolas de basquete penduradas nas correntes do ventilador de teto. Imagino que deva ser estranho viver neste santuário dedicado a um esporte que ele não pode mais praticar. — Acho que eu já estava com um pé fora da cidade. Era um bom armador. Bom o bastante para ser notado por algumas faculdades menores, e talvez ele também tenha percebido isso. Mas não era para eu ir embora de Clover City. Antes da Holy Cross, o que estava planejado era que eu viveria e morreria aqui, trabalhando com meu pai.

Cada palavra me é familiar. Sua verdade é a minha verdade. Há uma versão do futuro na minha cabeça em que fico aqui para sempre. Vendo minha mãe trabalhar até o último dia da sua vida. E aí eu fico sozinha naquela casa com a porta da sala emperrada, cheia de materiais do concurso e discos da Dolly Parton. Pois é, um futuro sombrio. Mas, mesmo assim, sinto um certo conforto por saber o que o futuro me reserva. Eu nunca soube o que é uma surpresa favorável na vida.

— Não culpo o velho — continua Bo. — A sensação de ver as pessoas irem embora é assustadora.

— É, eu entendo o que quer dizer. — Acho que talvez estejamos falando de um tipo diferente de perda. O tipo que não pode ser resolvido com uma passagem de avião.

Batem à porta.

— Entra.

— Oi, filho. — O pai de Bo é uma versão mais baixa dele. Parruda, com ombros largos. Ele me nota e cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Pai, essa é a Willowdean. Nós somos colegas de escola. E ela também trabalha no Harpy's.

Fico de pé.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Larson.

Ele faz um gesto dispensando a formalidade.

— Pode me chamar de Billy. — Vira-se para Bo. — Preciso da sua ajuda para trocar o pneu da caminhonete, e tem que ser agora.

— Claro. — Bo se levanta e promete voltar logo.

Fico parada no quarto por um momento. No quarto de Bo Larson. Sozinha. Na escrivaninha, ao lado da bola de basquete autografada, há três porta-retratos. O primeiro mostra uma foto de Bo tirada há alguns anos. Ele está com uma camisa da Holy Cross, segurando uma bola de basquete debaixo do braço. Parece bem mais jovem com o cabelo curto e o rosto sem barba, mas o contorno dos bíceps já antecipa o presente. Uma promessa do Bo que conheço hoje. A foto seguinte é antiga e está meio desfocada, como se tivesse sido tirada de um celular. Nela aparecem Bo, o pai e o irmão, Sammy. Bo não parece ter mais de nove anos. Os três estão na areia suja de uma típica praia texana, com o mar ao fundo. Bo está ao lado do pai, com os braços cruzados e as pernas bem afastadas. O Sr. Larson segura Sammy acima da cabeça como se fosse um haltere. O último porta-retratos é o da foto do casamento dos pais. E agora vejo de quem Bo herdou a altura. A Sra. Larson era, pelo menos, uns dez centímetros mais alta do que o marido. Ela está usando um vestido amarelo-claro, com uma saia rodada até os joelhos, um par de sandálias douradas e o cabelo solto sobre os ombros. É uma foto bem natural, onde ela aparece com a cabeça jogada para trás, rindo, enquanto o marido exibe o sorriso que tantas vezes já vi no rosto de Bo.

— Ela era linda. E uma típica escorpiana.

Eu me viro. Loraine está parada diante da porta, com um sorriso tranquilo.

— Desculpe — peço, sem saber direito pelo quê. — Estou esperando que Bo volte.

— Não tem do que se desculpar.

Mordo o lábio por um momento antes de perguntar:

— Você a conheceu?

— Só de passagem, mas, por tudo que ouço dizerem, era uma boa pessoa.

Olho para a foto mais uma vez.

— Vem tomar um chá gelado comigo — convida Loraine.

A maioria das mulheres no Sul tem o maior orgulho das suas receitas de chá gelado, que são passadas de geração em geração. Mas Loraine não é como a maioria. Ela põe chá em pó na água. Para mamãe, chá gelado feito com esses chás que já vêm prontos é quase tão ruim quanto a possibilidade de ser abandonada depois de uma noite de paixão.

— Quer com limão? — oferece Loraine.

— Quero, seria ótimo. — Espremo um limão no copo antes de dar um gole. *Delicioso.* Como lasanha gelada. Onde quer que mamãe esteja, acaba de desmaiar.

Loraine senta à minha frente com um copo para si mesma. É uma dessas pessoas que poderiam ter vinte e cinco ou quarenta e cinco anos, e ninguém perceberia a diferença.

— Qual é o seu signo, Willowdean?

— Signo?

— Seu signo do zodíaco. Astrologia.

— Eu... Ih, não sei. — De acordo com mamãe, a astrologia está a dois passos da possessão demoníaca. — Nunca prestei muita atenção nessas coisas.

Ela balança a cabeça, soltando um muxoxo.

— Nunca vou entender como as pessoas podem passar a vida inteira sem conhecerem os próprios signos. Que dia é o seu aniversário?

— Vinte e um de agosto.

— Ah! Uma leonina, mas passou raspando.

Eu me inclino para Loraine.

— O que isso significa? — Estou entrando num universo totalmente novo.

— Você, minha querida, é uma leoa. — Isso é dito com a mais extrema dramaticidade, mas não entendo o sentido da frase. Ela suspira. — Você é a rainha da selva, felina. A autoconfiança em pessoa.

Bom, pelo visto, a astrologia é uma tremenda furada.

Ela brande o dedo para mim.

— Não duvide das minhas palavras antes do tempo. Tem mais. Leão é um signo do fogo. Você ama profundamente, mas também se magoa profundamente. Mas nem sempre deixa que a mágoa transpareça, porque é uma vulnerabilidade. Você é como o sol. Está sempre aí. Mesmo quando não podemos te ver.

Ela acredita tão piamente nisso, que acho difícil não acreditar também. E eu não desgosto da ideia de ser do jeito que sou porque estava escrito nas estrelas.

— Entretanto... — lá vem o lado ruim da coisa — você também sente necessidade de aprovação. E essa falha é grande o bastante para te paralisar. Mas o que importa lembrar é que, apesar do signo, cada um faz o seu próprio destino.

É difícil não sentir o quanto essas palavras são verdadeiras.

— Como você sabe todas essas coisas?

— Todo mundo tem uma religião, não é verdade? — Ela dá de ombros. — Mesmo que não seja exatamente uma religião.

— Qual é o seu signo?

Ela sorri.

— Sagitário, mas o mais interessante é o signo de Bo em relação ao seu.

Fiquei vidrada. Agora ela me pegou. E ela sabe.

— Bo é de Aquário. Como o pai. Ensimesmado e reflexivo, mas com um bom coração.

Demoro um segundo para perceber que estou balançando a cabeça.

— De acordo com as estrelas, vocês dois formam um par perfeito. — Dá um gole no chá e pisca para mim.

Sei que *par* pode querer dizer qualquer coisa: amigos, colegas, sócios. Mas

isso não impede meu rosto de ficar quente como se estivesse queimado de sol.

Ela põe a mão no meu joelho.

— Ah, querida, você está bem?

Balanço a cabeça um pouco rápido demais.

— Você... Onde é o banheiro? — Meu rosto está pegando fogo.

Ela franze o cenho, preocupada.

— A segunda porta depois do quarto de Bo, à esquerda.

Fico de pé e dou as costas a ela, parada entre a cozinha e a sala de jantar.

— Gostei de conversar com você — digo.

Ouço a porta da garagem se abrir.

— Você é sempre bem-vinda para vir bater um papo comigo.

No banheiro, jogo um pouco de água no rosto. Quero acordar todos os dias como naquele filme, *Feitiço do Tempo*, e reviver esse dia uma vez atrás da outra.

Mas aqui, sozinha, é difícil não me perguntar se ele já trouxe Bekah para casa. Ou se Amber se entrosou com Loraine tão bem como sinto que nós duas nos entrosamos.

Bo está esperando no quarto. Ele trocou de camisa e colocou nossos livros e anotações em cima da cama. EM. CIMA. DA. CAMA.

Mas a porta está aberta, e eu sinto um certo alívio por isso. Afinal, como as pessoas podem funcionar numa situação dessas? Como conseguem pôr gasolina no carro, pagar as contas ou amarrar os sapatos quando estão apaixonadas? Ou poderiam estar apaixonadas. Ou estão apaixonadas. Ou entre uma coisa e a outra.

O celular vibra no meu bolso.

MITCH: O que vai fazer hoje à noite? Está a fim de ir comer uns tacos? Ver um filme?

Saio das mensagens.

— De quem era? — pergunta Bo.

— De ninguém em especial. Só minha mãe.

Estudamos durante as horas seguintes até escurecer e precisarmos acender o abajur da mesa de cabeceira. Trocamos de posição e nos recostamos nas almofadas em meio a um mar de papéis.

Quando ele me leva para casa, percebo que estou viciada no conforto da sua presença. Passei o dia inteiro sendo totalmente eu mesma. Nem filha, nem sobrinha, nem a gorda de quem as pessoas ficam amigas para salvar a própria aparência. Só Willowdean. E a sensação me faz sentir saudades de El. Mas já estou cansada desse lance de os outros me fazerem sentir assim. Estou pronta para ser eu mesma a me fazer sentir assim.

— Gostei da Loraine — digo a ele.

— Ela tem um jeitinho que conquista as pessoas. Cativante, como diz meu pai. Tentei ao máximo não gostar dela. Mas, quanto mais eu tentava, mais eu queria gostar. Ela não tenta bancar a minha mãe. Não como algumas mulheres fariam. Mas ela é outra coisa para mim. Não uma amiga, mas não uma mãe. Não sei.

É *assim* — essa descrição curta e exata — que eu me sinto em relação a Lucy. Mas não existe um termo específico para isso, e às vezes penso que é o que torna a dor de tê-la perdido tão difícil de aceitar.

Ele estaciona diante da minha casa.

— É isso que você costuma fazer aos sábados? Ficar estudando em casa? — Quero saber tudo sobre cada minuto da sua vida.

— Hum-hum — responde ele. — A menos que meu pai precise de mim.

— E nos domingos? — Esse é o nosso dia de folga no Harpy's, o que significa que é o único da semana em que Bo é um total mistério para mim.

— Vou à igreja. À missa.

— Espera aí, você é católico?

Ele traça desenhos com o dedo no volante.

— Sei lá.

— Como pode não saber?

A luz dos postes se reflete na correntinha de prata que aparece acima da gola da camiseta.

— O técnico sempre mandava a gente ir à missa durante a temporada, e acho que adquiri o hábito.

— Ainda bem que sem duplo sentido.

Seus lábios formam um sorriso meio torto.

— Sei lá, eu gosto da tradição da coisa.

— Sua família também vai?

Ele ri.

— Nem à força.

O silêncio da minha rua deserta entra pelas frestas da caminhonete.

— É melhor eu ir — sussurro.

Ele se inclina para mim e entrelaça os dedos na minha nuca, me puxando. Nossos lábios se roçam, tão de leve que chego a sentir cócegas. Mas não é exatamente um beijo.

— Quero te beijar. Quero te beijar em breve. — Suas palavras se derramam dentro da minha boca. — Mas dessa vez não vou dar mancada.

Tenho um milhão de perguntas para fazer, mas acho que por hoje basta.

Ele abaixa as mãos, deixando que os dedos deslizem pelo meu rosto.

— Vem à missa comigo amanhã.

Mordo os lábios.

— Tá.

QUARENTA E OITO

No instante em que entro, a realidade despenca ao meu redor. Mamãe está trabalhando no meu vestido e assistindo a um filme na tevê com o volume alto demais.

Tudo que eu mais quero é ligar para El e contar sobre cada segundo desses dois últimos dias. Lee Wei, Dale, Bo, Loraine. Tudo. Despenco numa cadeira da cozinha e passo as mensagens no celular até encontrar as últimas que trocamos há quase dois meses. Clico para escrever.

EU: Passei o dia com o Bo da Escola Particular. Ele gosta de mim, muito. Conversamos sobre tudo e sobre nada. Ele quase me beijou e foi o não beijo mais fantástico de todos os tempos. Estou tentando não pensar em Mitch. Ignorei as mensagens dele durante todo o fim de semana. Como pode o fato de eu ter passado um dia tão maravilhoso conseguir me fazer sentir uma pessoa tão horrível? Sinto falta de Lucy. E uma saudade gigante de você. Me perdoa. Por tudo que fiz de errado. TUDO.

Fico olhando para as palavras, imaginando o que poderia acontecer se eu apertasse o botão de Enviar. Acabo apagando o texto. O medo de El não responder é grande demais para correr o risco.

Bo me manda uma mensagem quando chega aqui em casa, e não poderia ter sido em melhor hora, pois mamãe está entrando no chuveiro.

— Volto mais tarde! — aviso em voz alta.

Se ela perguntar aonde vou, basta fingir que não ouvi por causa da água.

Não estou tentando esconder que vou sair com Bo, e sim que vou a uma igreja com ele, porque mamãe preferiria que eu não fosse à igreja alguma a que fosse a uma católica. O que não faz o menor sentido para mim. Católicos, evangélicos, batistas... todos acreditam nas mesmas coisas, só têm maneiras diferentes de expressá-las, na minha opinião, claro. Acho que somos batistas. Afinal, ela frequenta a Primeira Igreja Batista de Clover City, e eu também, nos feriados.

Usando uma calça cáqui passada a ferro e uma camisa polo preta, Bo está encostado na porta do carona, à minha espera. Estou me sentindo meio empetecada com o vestido preto que usei no serviço religioso de Lucy, mas é o único que tenho apropriado para ir à missa.

Ele abre a porta para mim, e passamos todo o percurso até a igreja com as mãos no descanso entre nós. Nada se toca além dos mindinhos, e a sensação é de uma centelha prestes a se inflamar numa labareda.

Nunca estive dentro de uma igreja católica na vida. Imagino que sejam essas construções antigas com confessionários, vitrais e bancos para se ajoelhar que a gente vê no cinema.

Mas a da Holy Cross é mais nova. Mesmo assim, tem tudo o que eu

imaginava. É mais silenciosa do que a igreja da mamãe. Mais tranquila. Nenhum voluntário vem nos receber falando em voz alta, tampouco há professores fofoqueiros de escola dominical.

É simpática.

Dos dois lados do altar há velas em copinhos vermelhos, mas nem todas estão acesas.

— Para que são as velas? — sussurro para Bo depois de encontrarmos assentos no meio da igreja.

— É para a gente deixar um dólar, ou qualquer quantia, na caixa de coleta e acender uma vela em memória de alguém. E acho que fazer uma oração também, se quiser.

A missa começa e, após alguns anúncios e hinos, o prato de coleta é passado entre os bancos, de mão em mão. Bo tira uma amassada nota de dez da carteira e a coloca no prato antes de passá-lo adiante. Padre Mike faz o sermão. Eu esperava que fosse em latim, mas não, é na nossa língua mesmo. Cada palavra é comedida. O lance todo é meio parecido com uma cerimônia, como a da passagem do nível de Margarida para o de Brownie, nos meus tempos de bandeirante.

Depois da missa, sigo Bo até a parte em que estão as velas, onde algumas pessoas se reuniram. Ele põe umas moedas na caixinha e me dá uma vareta para acender uma vela na chama da outra maior. Cada um de nós acende uma. Não chegamos a dizer para quem são, nem é necessário.

Imagino como seria fazer isso todos os domingos em companhia de Bo. Mesmo sem saber se acredito nesse ritual, gosto da ideia de fazer parte de alguma coisa. Ao lado dele.

Saímos para o estacionamento, onde os fiéis estão se confraternizando. Bo acena para alguns. Ele aponta para um sujeito de blazer azul-marinho e calça cáqui.

— Aquele é o meu técnico. — Sinto uma tristeza enorme por ouvi-lo falar do cara com tanta ênfase, no presente, como se ainda fosse seu técnico.

— Bo! — Demoro um momento para reconhecê-lo, mas é Collin. O cara que foi visitar Bo no Harpy’s. Ele dá uma corridinha até nós. — Oi — diz ele, apontando para mim. — Estou te reconhecendo.

Começo a me encolher.

Bo estende a mão, e os dois trocam um aperto tão firme que mais parece uma demonstração de força. Mas Bo não está irradiando aquela tensão sufocante da última vez que os dois se viram.

— O que tem feito, cara? — pergunta Collin.

Bo dá de ombros.

— Trabalhado. Estudado.

Outros caras do time estão se aproximando. E eu me sinto como um elefante branco — ou preto, já que é a cor do meu vestido.

Ele aperta a mão de cada um deles.

Os caras perguntam a ele sobre a escola, sobre o joelho, se vai fazer fisioterapia para voltar às quadras. Meus ombros relaxam um pouco, e quase começo a me sentir invisível.

De repente, Collin aponta para mim e pergunta:

— E essa aí? É a sua namorada agora?

Bo olha para mim e responde:

— Essa é a Willowdean. — Ele se vira para os amigos. — E eu estou fazendo de tudo para que seja. — Segura minha mão. E a aperta. Bem ali, na frente de todo mundo. Fico tão eufórica quanto envergonhada.

Alguns dos amigos assoviam quando ele se despede e voltamos para a caminhonete. De mãos dadas.

Entramos e ficamos esperando na fila para sair do estacionamento.

— O que foi isso?

Ele passa as costas da mão no queixo.

— Eu te disse que quero fazer as coisas do jeito certo. E já estou cansado de te manter em segredo. Aliás, nunca tive a intenção de fazer isso. Eu estava... sei lá. Às vezes, as coisas legais acontecem com a gente na pior hora possível. Você foi uma ótima coisa, Willowdean.

— E a Bekah?

— Que é que tem ela?

— Vocês não estão namorando?

Ele dá uma risada.

— Que nada. Só saímos algumas vezes. — Ele faz uma pausa. — Tudo bem. Acho que a gente meio que namorou. Mas eu estava tentando te esquecer. Ou te deixar com ciúmes, de repente. Sei lá. Não esperava que você fosse ficar vidrada naquele gigante, por isso acho que eu é que estava com ciúmes.

— Mitch. O nome dele é Mitch. Ele não é esse tipo de cara. É só um amigo.

Ele não responde por um momento.

— Nada além disso?

— Nada — respondo, como se a ideia me chocasse.

Sinto seu olhar em mim.

— Sei lá. — Ah, meu Deus. É claro que nós somos mais do que amigos. Pelo menos, na cabeça do Mitch. E acho que, às vezes, na minha também. — Nunca definimos o status da nossa relação, mas acho que ele gostaria disso.

— E você também gostaria? Com ele?

— Eu... não sei. Na maior parte do tempo, não. Mas não cheguei a dizer isso a ele. — Giro uma mecha de cabelo entre os dedos. — Mas e você e a Bekah? — Balanço a cabeça. — Nunca vai chegar a hora certa para nós, Bo.

— Eu não disse a ela que estávamos namorando, se é isso que quer saber.

— Mas então estavam fazendo o quê? Você pretendia dar um fora na garota?

— Ela e eu não somos namorados.

— E nem nós dois — rebato.

Com um movimento brusco, ele gira o volante e entra com a caminhonete numa rua sem saída. Para e puxa o freio de mão.

Bo desafivela o cinto de segurança e se aproxima.

— Eu quero mais. Com você. Eu quero segurar sua mão em público. Te levar para casa do trabalho e te dar um beijo de boa-noite. E ficar conversando no telefone até tão tarde que a gente acabe pegando no sono.

Mordo o lábio inferior para que pare de tremer. Há muitas razões para que a gente não dê certo. Sei que temos uma história juntos — há provas incontestáveis disso —, mas... Se eu fosse sacudir a Bola 8 Mágica, posso

praticamente garantir que ela me diria: *O prognóstico não é dos melhores.*

Mas Bo não se deixa abater.

— Você não me conhecia no ano passado, Willowdean. E fico feliz por isso. Eu era um otário. Só queria saber de ir embora desta cidade. Eu brinquei com você no verão. Sei disso. E não vou te perder de novo. Eu vou conversar com a Bekah e ser cem por cento honesto com ela. Não vai haver nenhum mal-entendido.

— Não é tão simples assim, Bo. Talvez até seja pra você, mas pra mim não é.

Ele franze os olhos.

— É isso que eu quero: que você seja minha namorada. Quero pôr um rótulo na nossa relação. Quero que todo mundo saiba exatamente o que eu sinto por você, Willowdean. Acho que isso é bastante simples.

Eu não deveria ceder, mas me aproximo para beijá-lo. Meus nervos estão à flor da pele, e este momento em que meu corpo vira uma mistura de caos e determinação é exatamente o que faltava com Mitch.

Ele se afasta.

— Primeiro, quero sua resposta.

Desvio os olhos, deixando que se fixem em mil lugares, menos nos dele. Não sei se posso enfrentar os olhares e os cochichos dos outros. Mesmo que consiga superar a repulsa por mim mesma quando ele me toca — me toca pra valer —, não acho que eu tenha coragem de enfrentar as pessoas sempre perguntando, com ar atônito, como se fosse o milagre da água e do vinho, como nós fomos acabar juntos.

E agora sei exatamente como Lucy se sentia quando decidiu que não poderia tomar o avião para Dollywood. Todos esses anos, pensei que ela só estava se sabotando, mas agora sei que não tinha escolha. Quando as opções da gente se limitam a sofrer em privado ou se envergonhar em público, não há escolha. Não posso entrar no avião.

Mamãe tem razão. Nunca vou ser feliz com este corpo. Não plenamente. Nunca vou confessar isso em voz alta, mas ela tem razão. Quero tanto provar que está errada, que quase chego a aceitar, mas em vez disso roo a pele em volta da unha do polegar e respondo:

— Preciso pensar.

Porque não posso suportar a ideia de dizer não a ele. Ainda não. Quero viver com a possibilidade do que poderia ser. Mesmo que seja só por alguns dias.

QUARENTA E NOVE

Só tive uma ressaca séria na vida. Ellen e eu fomos a um retiro na igreja da mãe do Tim, e ele, sendo o bom namorado que é, levou para a gente um cooler cheio de garrafas de vinho afanadas do pai. Ellen e eu servimos o vinho em copos descartáveis e ficamos tomando um atrás do outro até a mãe dela ir nos buscar na manhã seguinte. Nos sentamos no banco traseiro e pegamos no sono, aconchegadas uma à outra. Apagamos durante o dia inteiro e, quando acordamos, eu estava me sentindo como se tivesse hibernado. Tudo estava tão luminoso, e a única coisa que eu queria era me empanturrar de comida engordativa antes de voltar para a cama.

Na manhã de segunda, acordo de ressaca do fim de semana que passei com Bo. Meu corpo inteiro está mole, e sou obrigada a me levantar da cama em etapas. Um braço de cada vez, uma perna de cada vez.

Devemos ter passado umas oito horas estudando para a prova de história, mas mal me lembro das perguntas do resumo, que dirá das respostas. E minha tarde de sexta na The Hideaway mais parece uma vaga lembrança perdida em algum lugar do passado.

Quando Mitch entra na sala no segundo tempo, estou relendo minhas anotações, tentando recordar um pouco o que estudei. É como se meu cérebro tivesse decidido deletar informações para dar espaço aos acontecimentos dos dois últimos dias.

Quando o corpanzil invade a porta estreita, sua lembrança me atinge como uma chicotada. Mitch e eu vivemos nessa zona indefinida, mas acho que é bem mais indefinida para mim do que para ele.

— Oi — diz ele. — Te mandei várias mensagens no fim de semana.

— Ah, sim. Desculpe. Eu estava afogada num mar de anotações para a prova de história. Via suas mensagens, e aí pensava em responder quando terminasse de ler, mas esquecia. — Entrei em modo de blábláblá doido.

Seu rosto parece relaxado, mas os olhos estão tensos e concentrados.

— O concurso é daqui a duas semanas. Andei pensando... — Ele seca algumas gotas de suor da testa com as costas da mão. — Eu poderia ser o seu acompanhante. Fui ao concurso há uns anos, e sei que as candidatas precisam de um acompanhante. Eu poderia, sei lá, alugar um smoking. Acha que é bobagem? Na verdade, você é quem devia me convidar, mas você escreveu no rosto aquele convite para o Baile da Maria Cebola, então não sei. O que acha?

— Eu... Eu... Sim. Seria legal. Ótimo. — E já quero retirar o que disse. Isso é mais do que um gesto amigável. Ainda assim, pensando com todo o egoísmo, preciso mesmo de um acompanhante. E Bo não se ofereceu, não com todas as letras. Além disso, se não aguento a ideia de atravessar um corredor ao lado dele, como vou suportar que me acompanhe diante da cidade inteira?

— Tudo bem. Devo escolher alguma coisa que combine com o seu vestido? No estilo de um baile de formatura, de repente?

— Acho que preto cai muito bem. E pode ir de terno. Não precisa alugar um smoking.

Ele balança a cabeça.

— Ideia da minha mãe. Ela está toda animada.

Ah, meu Deus. A mãe dele.

— Que ótimo.

— Ela está adorando que você participe. Diz que é muito corajoso da sua parte.

Sorrio. Mas não quero que seja corajoso. Quero que seja normal.

Depois da aula, Millie me encontra no estacionamento, o que não é difícil, já que estou ali parada, na esperança de topar com Ellen sozinha.

Hoje, Millie está parecendo uma balinha de menta — até a mochila é verde. O cabelo está preso num rabo de cavalo com um elástico forrado de tecido combinando. Millie deve ser a única pessoa que conheço que ainda usa esse tipo de elástico.

— Oi! — diz ela. — A sexta foi maravilhosa.

— Foi mesmo.

Ela balança o corpo para os lados, torcendo as mãos.

— Eu... Minha família é meio religiosa. Na verdade, é muito religiosa. Meus pais também. Enfim, eles não ficariam lá muito satisfeitos se soubessem onde estive. E com quem a gente esteve.

Sinto os ombros se curvarem.

— Como assim?

— Estou dizendo isso porque... sempre achei que pessoas como Lee e Dale estavam erradas. Como se estivessem vivendo em pecado.

Detesto frases assim. El chamaria a isso de “vocabulário evangélico”. Coisas que aprendemos na igreja e são incutidas em nós até parecerem tão normais que esperamos que os outros que não vão à igreja entendam o que queremos dizer.

Millie balança a cabeça.

— Não estou conseguindo encontrar as palavras certas. O que estou tentando dizer é que gostei de Lee e Dale e me diverti naquela noite no The Hideaway. Fico pensando a respeito, e eles são boas pessoas. Gostaria que todo mundo pudesse ver isso. — Ela sorri. — Queria apenas que você soubesse.

Sinto meu peito se encher de um sentimento que só posso definir como sendo de orgulho. Aperto o ombro de Millie.

— Fico feliz.

— A-lá... as leitoas do concurso! — grita alguém do outro lado do estacionamento, interrompendo meu momento com Millie. — Oinc! Oinc!

— Vão pra merda! — grito. E, para Millie: — Desculpe.

Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha e dá um passo atrás.

— Não tem problema. Relaxa.

Eu sabia que isso acabaria acontecendo. Faltando duas semanas para o concurso, toda a atenção da cidade está concentrada em nós. E, no nosso caso, isso pode não ser bom.

Millie puxa as alças da mochila.

— Estava pensando em convidar você, Amanda e Hannah para uma festa do pijama. Amanda vai, mas acho que Hannah só vai topar se você for. E aí... está a fim?

Geralmente não vou a esse tipo de festa, a menos que as noites passadas na casa de El possam ser classificadas assim. Não acho a menor graça na ideia de dormir de camiseta e calcinha no chão da casa da Millie, enquanto os pais dela vêm vigiar a gente de tantas em tantas horas. Mas não tenho coragem de dizer não neste momento.

— Claro — respondo. — Estarei lá.



Na noite seguinte, quando vou buscar mamãe no trabalho, ela diz que fez alguns ajustes no meu vestido e pergunta se eu me importaria de, ao chegar em casa, experimentá-lo.

Mais uma vez, ela me deixa trocar de roupa sozinha no seu quarto. A metade de cima do vestido está simplesmente perfeita. Nem posso imaginar quanto tempo ela deve ter levado para acertar as barbatanas. Já a metade de baixo são outros quinhentos. Ela disse que alargaria a saia o máximo possível, mas ainda está superapertada. Mesmo assim, estou me sentindo bem nele. Nem constrangida, nem nada.

Mas vejo sua testa franzida.

— O corpete ficou bom — observo. — Aliás, ficou perfeito.

Ela pressiona minhas costas com a mão.

— Tenta ficar um pouco mais ereta.

Endireito a coluna.

Ela solta um muxoxo.

O som de sua decepção me dói como agulhas enfiadas debaixo das unhas.

— Mãe, ficou ótimo, tá? Adorei.

— Dumplin’ — diz ela —, está colado nos seus quadris feito camisa de força. — Ela passa os dedos pelas laterais. — Não posso alargar mais do que isso sem correr o risco de romper as costuras.

— Mãe, ficou bom. Só vou ter que usar por dez minutos.

Ela torce os lábios.

— Que foi? — Dou meia-volta para olhá-la, sem o reflexo entre nós. — Fala logo, mãe. Seja lá o que estiver pensando, pode dizer.

Ela faz um gesto, me despachando, e começa a guardar a caixa de costura na cômoda.

— Pensei... que você poderia se esforçar para perder uns quilinhos antes do concurso. — Ela se vira para mim. — Afinal, você está ou não levando isso a sério? Espero que entenda que não é uma piada. Só permiti que participasse porque esperava que o levasse a sério.

Suas palavras me deixam totalmente desorientada.

— Quer dizer que o vestido não coube porque você esperava que eu perdesse peso? — Faço um gesto, exibindo minhas formas. — Mãe, esta sou eu. Este é o meu corpo.

Ela nega com a cabeça.

— Eu sabia que você me interpretaria mal. Sempre vê o pior em tudo que eu digo. Não posso nem mais querer ajudar? Não sou a vilã da história.

— Então, quem é?

Ela fica em silêncio, e as palavras que não diz pairam entre nós como estalactites gigantescas prestes a se soltarem.

— Está apertado demais — diz ela, por fim. — Não vou aprová-lo para o concurso. Mas não por você ser minha filha. Agiria da mesma forma com qualquer candidata. É inapropriado.

— Mas eu estou me sentindo tão bem, mãe! — Minha voz começa pausada e calma. — Este vestido me faz sentir uma pessoa que eu nem sabia que poderia ser. Nunca tive nada parecido com ele. Mas, se quando você olha para ele, se quando olha para mim, só pensa que é uma pena que eu não tenha perdido alguns quilos, então, dane-se, mãe. Não posso fazer nada.

Continuo onde estou por um momento, esperando que ela vá embora. Então, lembro que sou eu que estou no quarto dela. Suspendo o vestido para não tropeçar na barra e deixo mamãe no quartinho solitário onde vai passar o resto da vida com a faixa, a coroa e o vestido verde-água.

CINQUENTA



Quando saímos do trabalho na noite de sexta, Bo me dá uma carona como tem feito nas últimas duas semanas, mas, dessa vez, não me leva para casa.

Paramos diante da casa da Millie. Ron nos deixou sair um pouco mais cedo, para eu poder chegar aqui antes da meia-noite.

Ponho no colo a sacola com as roupas e me preparo psicologicamente para *a hora de me socializar*.

O concurso se tornou algo precipitado para mim. Acho que minha intenção inicial ao me inscrever foi a certeza de que eu tinha um ponto de vista a provar. Não sei se era para mim mesma, para mamãe ou para a humanidade, mas, a cada dia que passa, eu me sinto cada vez menos como se tivesse algo a dizer.

— Vocês vão se reunir para ensaiar para o concurso?

— Não exatamente. Acho que é mais para planejar estratégias. Temos que nos manter unidas.

Ele franze o cenho, confuso.

— Vocês quatro entraram juntas no concurso?

Faço que sim.

— Eu apoio totalmente a ideia de que qualquer pessoa que queira tenha o direito de participar, mas por que é tão importante pra vocês?

Sorrindo, eu me viro para ele.

— É mais ou menos como você continuar indo à missa mesmo depois de ter saído da Holy Cross. É uma coisa que seus colegas fazem juntos, não é? Mas só porque você não está mais no time isso não significa que não deva mais ir. E só porque nós não temos o biotipo de misses isso não significa que não tenhamos o direito de participar.

— Acha que seria muito brega dizer que eu te acho dez vezes mais bonita e mais inteligente do que qualquer miss?

Meu rosto pega fogo.

— É, sim. Superbrega.

— Não sabia que as garotas ainda davam festas do pijama — diz ele.

— Pois é, mas acho que dão, sim. El e eu sempre dormíamos na casa uma da outra, mas nunca chamávamos isso de festa. — Nos últimos dias, contei tudo a Bo sobre mim e El, e como não estamos nos falando. Ele achou que superaríamos isso, mas não consigo concordar com esse prognóstico.

Abro a porta.

Ele segura a minha mão.

— Willowdean? Você já refletiu um pouco mais sobre o que conversamos? Sabe que eu não estava brincando, não sabe?

É impossível não responder que sim. Dizer a ele que eu quero ser sua namorada.

— Preciso de um pouco mais de tempo.

Ele balança a cabeça.

— Tudo bem. Tempo.

Amanda está parada diante da porta, o queixo tão caído que quase bate no peito. Às suas costas, Millie estica o pescoço.

— Ah! Meu! Deus! — exclama Amanda. — Era o *Bundinha de Pêssego*.

Digo *shhh* e faço um gesto, mandando as duas entrarem. A primeira coisa que me chama a atenção na casa de Millie é o fato de tudo combinar — das flores artificiais às almofadas, passando pela cor das paredes. Millie está usando um conjunto de moletom, meias e uma faixa de cabeça que a deixam parecida com um algodão-doce lilás. É como se ela tivesse pesquisado na internet "roupas para festas do pijama" e tirado essa pérola da capa de uma revista sobre recém-nascidos.

Amanda, só pra variar, está com um short de futebol e uma camiseta, mas descalça. É a primeira vez que a vejo sem as botas ortopédicas, e não quero bancar a idiota que fica encarando, por isso fixo os olhos no seu rosto, mas mesmo assim a estratégia parece óbvia.

— A verdade, somente a verdade — diz ela. — Ele te deixou aqui. Você estava no carro dele. Conta tudo.

Millie nos leva pelo corredor e passamos pela sala de tevê, onde seus pais assistem a uma série exibida pela BBC em que ingleses falam aos cochichos sobre coisas escandalosas, tipo quem vai servir a sopa de ervilhas ao lorde e à lady.

— Espera só até ouvir o fiasco do meu vestido do concurso. Tomara que vocês estejam tendo mais sorte que eu — comento.

Millie faz que não com a cabeça e segura minha mão, me puxando para a porta de um quarto que sei que é o dela porque tem um coração de madeira com seu nome pintado em letra cursiva.

Amanda tapa o riso.

— Que foi? — pergunto.

Millie fixa os olhos nos meus, e há um desespero neles que eu nunca tinha visto. Ela abre a porta do quarto e deparo com Hannah sentada num pufe lilás, toda vestida de preto. Ela nem levanta os olhos.

Millie pega minha sacola e a põe ao pé da cama.

— Senta aí.

Faço isso. No chão mesmo.

Millie senta numa poltrona de vime imitando um trono, no canto do quarto. Parece uma coisa saída de um lar de idosos, mas, de um jeito estranho, combina com ela. Gostaria de tirar uma foto de Millie sentada nessa poltrona régia com o conjunto de moletom combinando, o cabelo cheio de cachinhos e o nariz adunco.

— Você não pode falar sobre o concurso na frente dos meus pais.

— Por que não? — pergunto.

— Porque eles não sabem que ela vai participar — explica Hannah.

Com um largo sorriso, Amanda se senta no chão diante de Millie.

— Mas e aquele campo no formulário que exige a autorização dos pais? — É mais uma pergunta retórica, porque já sei a resposta. Nunca imaginei que Millie seria capaz de uma fraude dessas.

Ela umedece os lábios.

— Eu falsifiquei a assinatura da minha mãe.

Hannah está checando mensagens no celular, com a boca fechada, mas sorrindo.

O rosto redondo de Millie se contrai um pouco, as bochechas coloridas por um rosa-choque ainda mais forte do que o normal.

— Eu pedi a eles. Quando descobri que você ia participar.

Balanço a cabeça junto com ela, encorajando-a a me contar mais.

— E a minha mãe levou uns dias para pensar no assunto. Mas, no fim, não deixaram. Disseram que não podiam ficar com esse peso na consciência. Que as pessoas iam "caçoar" de mim, e que não era uma maneira cristã de eu aproveitar o meu tempo.

Hannah solta um bufo.

Reviro os olhos para ela. O que não faz a menor diferença, porque ela não levanta o rosto nem um segundo do celular.

— Mas o que vai fazer? O concurso é no fim de semana que vem. Você vai aparecer no jornal. E aí *todo mundo* vai ficar sabendo.

É claro que todas nós já fomos alvo de deboche algumas vezes, mas, assim que o jornal chegar às bancas, não haverá mais volta. Vamos ser um prato cheio para gente como Patrick Thomas pelo resto da vida.

— Eu... não sei. — Ela rói a pele ao redor da unha do polegar, os olhos fixos no meu rosto, à espera de uma resposta. Algo que lhe diga que tudo vai acabar bem.

Agora eu entendo. Entendo tudo que está em jogo para Millie, que não quer outra coisa senão sair da redoma de cristal em que os pais a enjaularam.

— Tudo vai acabar bem — garanto. — Muito bem.

— Acho que foi muito *fuderoso* da sua parte — diz Amanda. — Eu nunca teria imaginado que você tinha essa coragem dentro de si.

— Ah, acho que ela tem espaço para muitas outras coisas — murmura Hannah.

É a gota d'água. Já estou cheia desse comportamento.

— Qual é o seu problema? — disparo. — Tá aqui por quê, então? Não pode odiar alguma coisa na sua própria casa?

— Will — intervém Millie.

— É verdade — insisto. — Millie te convidou para vir à casa dela, e a única coisa que você fez desde que cheguei foi ficar com a cara enfiada no celular, ruminando.

Hannah finalmente levanta a cabeça, achando a maior graça.

— Você tá se lixando pra essas duas. Só tá aqui pra se sentir bem em relação a si mesma. Que timinho mais patético de idiotas somos nós.

Sinto as narinas se dilatarem.

— É verdade — continua Hannah. — É a única razão por que você está insistindo nesse circo de aberrações. Você pisou na bola com a sua melhor amiga, e agora só tem a gente.

— Parou! — ordena Millie, tentando aliviar a tensão. — Vamos falar sobre as perguntas da entrevista. Pesquisei algumas de concursos passados para a gente praticar.

— Não fala assim comigo como se conhecesse toda a história — digo a

Hannah. — Porque não conhece. — E para Millie: — Tem algum lugar onde eu possa trocar de roupa?

Millie aponta o banheiro em frente, no corredor. Todos os detalhes em lilás combinam, inclusive a prateleira em formato de casinha com o rolo extra de papel higiênico. Como no quarto de Millie, há vários quadrinhos bregas com citações inspiradoras. Minha favorita é: *O sorriso é uma curva que endireita tudo.*

Ainda sentada no trono de vime, Millie diz:

— Enfim, como está explicado naquela pasta que a gente recebeu, vai haver uma sessão de entrevistas na quinta anterior ao concurso. Os jurados vão nos dar notas e somá-las com a da entrevista ao vivo durante o concurso. Acho que são só uma ou duas perguntas.

— E não vamos ficar sabendo quais são com antecedência? — pergunta Amanda.

— Não — respondo, deixando aflorarem lembranças adormecidas de uma infância passada nos bastidores do palco. — É assim que eles gostam de tentar pegar as candidatas pelo pé.

— A entrevista é a parte que vale mais pontos, por isso, se a gente...

Millie é interrompida por uma batidinha à porta. Que se entreabre. Sua mãe, com um penteado alto o bastante para esconder mil segredos de família, está com os olhos úmidos, parecendo prestes a chorar.

— Estamos indo dormir.

— Tudo bem — diz Millie, mordendo tanto os lábios que chegam a desaparecer.

— Vou deixar o café da manhã pronto para vocês. Estamos muito felizes de ver Millie recebendo amigas em casa.

— Também estamos felizes por estar aqui — diz Hannah, a voz sem emoção.

Millie dá um sorriso forçado.

— Boa noite, mãe.

— Durma com os anjos, querida.

Depois de fechar a porta, discutimos a lista de pontuação e como é ridículo que a prova do maiô valha mais pontos que a do talento. Assim que Millie se certifica de que os pais estão dormindo, vamos para a sala de tevê e assistimos a alguns vídeos de antigos concursos que surrupiei da coleção da mamãe.

À medida que mais e mais beldades vão enfeitando a tela, fica cada vez mais claro que somos peixes fora d’água nesse troço. De vez em quando, aparece alguma ovelha negra, mas nunca alguém que se pareça com qualquer uma de nós quatro. O que faz com que eu me sinta minúscula, uma gotinha no oceano do concurso. E no ano que vem? E no outro? Em breve, vamos ser totalmente esquecidas, e, nesse caso, que sentido faz participar?

Millie passa a noite tomando notas febrilmente, enquanto Amanda faz perguntas tipo “E se o maiô entrar na bunda durante a prova do traje de banho?” ou “Vocês acham que já rolou alguma gafe, do tipo alguém pagar peitinho? Vai haver intervalos pra gente poder ir ao banheiro?”

Hannah levanta os olhos do celular e comenta:

— Isso é meio deprimente. Quer dizer, o concurso é o ponto alto da vida dessas garotas. Hoje em dia, as misses nesses vídeos são mães, talvez até avós, e

provavelmente essa foi a melhor coisa que fizeram na vida.

— Que exagero — reclama Millie, em voz baixa. — Só porque essas mulheres ficaram em Clover City ou se tornaram mães, donas de casa ou caixas de supermercado, isso não significa que a vida delas fora do concurso tenha sido um desperdício.

Hannah não responde, mas seus lábios quase tremem.

— Olha aqui, Hannah — acrescenta Millie. — Eu sei que as pessoas costumavam ser cruéis com você, mas...

— Vou dormir. — Ela põe o travesseiro debaixo do braço e volta para o quarto da Millie.

Depois que sai, espero que Millie diga alguma coisa sobre como Hannah é execrável, mas ela guarda seus pensamentos para si.

Continuamos nós três na sala por mais um tempo. Millie conta que usou o dinheiro do cofrinho que tem desde o primeiro ano do ensino fundamental para encomendar um vestido na butique da Cindy.

— Mandei pôr mangas nele, mas, na última hora, decidi que preferia organza em vez de cetim, por isso ele ficou quase transparente. Estou meio nervosa porque não sei como vai ficar em mim.

— Tenho certeza de que você vai ficar linda — digo a ela.

Millie sorri, balançando a cabeça. Está escuro, por isso não dá para ter certeza, mas seus olhos parecem úmidos. Sinto vontade de acordar seus pais e dizer a eles que a filha vai participar de um concurso de beleza e que vai vencer. Ou, pelo menos, venceria, se dependesse de mim.

CINQUENTA E UM

Deito no sofá, onde vou passar a noite, para descansar um pouco. Cochilo e acordo o tempo todo, como sempre acontece quando a gente dorme na casa de outra pessoa. Menos na da El. Lá, eu sempre conseguia pegar no sono.

Meia hora depois, ou talvez duas, não sei, escuto o assoalho rangendo quando alguém atravessa o corredor. Viro a cabeça para ver quem é. Passando por uma réstia de luar, Hannah se dirige à cozinha. Sem pensar duas vezes, empurro as cobertas e vou atrás dela.

Hannah para diante da geladeira, a luz branca transformando seu corpo numa silhueta.

Acendo a luz do teto.

Ela leva um susto e se vira, mas a tensão nos ombros relaxa quando me vê.

— Estou procurando uma garrafa de água.

— Então, por que pegou uma cerveja? — pergunto, apontando para a lata de Miller na mão dela.

— Encontrei na geladeira da garagem. Aí resolvi ver se tinha mais aqui. — Ela abre bem a porta da geladeira e mostra que não há nada além de água mineral e refrigerante diet para beber. — Mas ninguém vai dar por falta dessas aqui. — Ela aponta várias latas na prateleira. — Quer uma?

— Quero — digo, para minha surpresa. Aposto que a mãe da Millie não gosta nada da ideia de ter cerveja em casa, portanto, em teoria, estamos fazendo um favor ao Sr. e à Sra. Michalchuk. — Claro.

Sentamos no sofá, no escuro, bebendo nossas cervejas. O luar brilha na vidraça da janela, lançando um véu de prata sobre o chão acarpetado.

— Qual é a parada com aquele cara que te deixou aqui ontem? — pergunta Hannah.

— Que cara?

— Estou tentando ser simpática, tá? — É verdade. No escuro, ela parece ser uma versão menos hostil de si mesma. Como se ficasse mais à vontade quando ninguém pode vê-la. — Ouvi Amanda e Millie falando sobre ele quando foram dormir. *Bundinha de Pêssego*, é?

— Bo. — Se ela está disposta a retrair as garras, posso lhe dar algumas gotas da verdade. — Bo Larson. Nós trabalhamos juntos. Somos, hum, amigos.

— Ah... — Ela dá um longo gole na cerveja. — O Garoto do Banheiro. Tô me lembrando. Ele participa do meu grupo de estudos. Eu daria nota oito pra ele. E nem menos um décimo. Eu nem me amarro em homem, mas gosto de olhar pra ele.

Observo seu rosto no escuro. Será que a Hannah acabou de sair do armário? Não sei o que dizer ou fazer, mas sei que não me importo se ela gosta de meninos ou de meninas. Por isso, decido não dizer nada.

— É, ele é gostoso até demais. — Já eu não daria menos de dez. Um dez com

estrelinhas de glitter.

— Amigos, é? Não pareciam amigos quando vi vocês dois. — Posso ouvir seu sorriso. — E no banheiro das mulheres, ainda por cima.

Dou de ombros. O que é uma bobagem, pois ela mal pode me ver.

— Amizade colorida.

Ela solta um assovio.

Sinto uma ardência no rosto e no peito. Espero que seja da cerveja.

Ela abre uma segunda lata.

— Como foi que rolou?

— Temos tido idas e vindas. Sei lá. Está começando a ir mais longe, e ele quer que seja oficial. É uma idiotice, porque, por um lado, é óbvio que ele é tudo que eu quero, mas...

— Mas caras como Bo não namoram garotas como nós. — O jeito como ela diz isso não é mesquinho, nem grosseiro. É sincero.

— Exatamente. Não entendo por que ele gosta de mim, mas acredito que goste. Sinceramente. Só que não acho que os outros vão entender o que ele vê em mim.

— É uma situação difícil — diz Hannah. — As pessoas são podres. Basta pensar em gente como Patrick Thomas. Se você namorasse um cara como o Bo, isso seria um prato cheio pra ele.

É maravilhoso conversar com alguém que entenda. Talvez Hannah não saiba como é você se perguntar se vai caber numa poltrona com braços ou como todo mundo te olha quando o assoalho range sob seu peso como se o prédio inteiro fosse desabar. Ela pode não saber o que é entrar num shopping e ter certeza de que noventa por cento das roupas não vão caber, ou que até pensar em ir a um self-service é má ideia, porque um gordo num bufê faz com que os demais clientes sintam pena do dono do restaurante. Mas ela não está me dando tapinhas nas costas e me dizendo para fazer o que me deixa feliz. E isso me dá um certo alívio.

— Gostaria que a gente vivesse num universo paralelo em que ele pudesse ser meu namorado. — É a primeira vez que digo a palavra em voz alta, e um arrepio me corre pelo corpo até os dedos dos pés. — E ninguém tivesse que saber.

— Mas não é essa a razão de ser de rótulos como “namorados”? Facilitar as coisas para a sociedade? — Ela dá um gole. — Não é deprimente? Como se a humanidade inteira tivesse que andar por aí com etiquetas para todo mundo poder se sentir mais tranquilo? Acho que as coisas são menos assustadoras quando as pessoas sabem que nome dar às coisas.

Tomamos nossas cervejas em silêncio. Suas palavras soam certas, mas parecem erradas. Sim, os rótulos facilitam a compreensão, mas gosto da segurança de saber as coisas. Principalmente com Bo. É por isso que ainda não lhe dei uma resposta. Não suportaria lhe dizer não.

— Hannah, quero te fazer uma pergunta. É meio grosseira, mas não é essa a minha intenção. — Embora isso não melhore em nada a situação.

— Manda — diz ela.

— Por que você nunca usou aparelho?

— Por que eu deveria usar? — responde ela na mesma hora. Com voz mais suave, acrescenta: — De mais a mais, é muito caro. Minha mãe é cabeleireira.

Meu pai é mecânico. Nosso plano de saúde não é a oitava maravilha do mundo.

— Tem razão — concordo. — Quem manda na sua vida é você.

Ela pigarreia.

— Eu não quis bancar a escrota, você sabe, não sabe?

— Eu sei.

Ela ri.

— É difícil não mostrar as garras o tempo todo. Não tenho amigas como você. Não tenho ninguém para atravessar o corredor ao meu lado.

— Você tem amigas, sim. Não seja boba. — Mas basta eu fechar os olhos para vê-la na escola, usando preto da cabeça aos pés, com a boca esticada sobre os dentes, como se quisesse que as pessoas esquecessem sua existência.

— No início, minha intenção era sabotar esse concurso de dentro para fora. Foi a única razão por que me inscrevi. Não para ser a garota dentuça, mas para ser a garota que ferrou o concurso. — Ela se cala por alguns instantes. — Mas aí, minha mãe descobriu. Viu a pasta da inscrição. Ficou superorgulhosa de mim. E agora...

— E agora você não tem escolha senão ir em frente. — Faz sentido. Se as pessoas me tratassem com um décimo da crueldade com que tratam Hannah, eu também teria vontade de ferrar com o concurso em grande estilo.

— Vou dormir — diz ela. — Me dá suas latas. Eu jogo no lixo quando chegar em casa.

Dou o último gole na cerveja. Ela estende a mão e eu lhe entrego as duas latas. Sinto o sofá se remexer quando ela se levanta. Não sei onde está, nem se está virada para mim, mas digo:

— Sou sua amiga. Não estou dizendo isso para bancar a fofinha. Nem porque você disse que não tem amigas. Mas porque gosto de você. Gosto de conversar com você.

O silêncio é tão absoluto que, por um momento, chego a pensar que ela nem está mais na sala. Mas então, sua voz sai num sussurro:

— Tá.

Sinto saudades da Ellen. Nunca vou deixar de sentir. Mas também sinto um grande alívio por ter outra amiga com quem posso conversar sobre muito mais do que esse concurso idiota. Mesmo que seja apenas no escuro.

Quando chego em casa na manhã seguinte, encontro mamãe no quarto de Lucy. Nenhuma de nós tem vindo muito aqui desde que ela começou a transformar o cômodo num ateliê. Está totalmente absorta nos assuntos do concurso e eu muito ocupada com meus problemas pessoais. O quarto de Lucy acabou ficando em segundo plano. Por um momento me pergunto se, de vez em quando, ela dá umas fugidinhas até aqui, como eu. Só para ver Lucy. Só para ficar perto dela.

Mas hoje ela está com aquele conjunto ridículo da Juicy Couture, entre caixotes onde escreveu a palavra DOAÇÃO. Não veio aqui para visitar Lucy, mas para se livrar dela.

Quando mamãe se sente frustrada, resolve fazer uma limpa nos armários. E quem fica frustrada com essa limpa no quarto de Lucy sou eu. E esses dois sinais

negativos não resultam num positivo. Ela e eu ainda estamos pisando em ovos por causa do vestido, e, sinceramente, se ela não me deixar usá-lo, vou me dar mal. Não tenho outras opções. Uma gorda não pode entrar num brechó e, como num passe de mágica, encontrar um bom vestido que caiba feito uma luva.

E é isso que mais me irrita em relação ao vestido. Mamãe é a poderosa chefona. É ela quem dá as cartas. Ela só precisa dizer sim. Tenho tanto trabalho para encontrar uma calça jeans onde consiga espremer a bunda, que seria de esperar que ela desse uma festa por encontrar um vestido que não é nem hediondo nem colante e cujo zíper fecha. CUJO ZÍPER FECHA.

Mas o quarto. Lá está ela revirando tudo, remexendo nas coisas de Lucy, e cada gesto, por menor que seja, me dá a sensação de ter encostado sem querer numa boca acesa de fogão.

— O que está fazendo aqui? — Minha voz já sai alta e ríspida.

Ela me dá uma olhada.

— Não te ouvi entrar. — Torna a virar a cabeça. — Essas coisas não podem ficar aqui para sempre. Espero sinceramente que, quando eu morrer, você não deixe que as minhas se acumulem assim, durante meses.

— Mas essas coisas são *da Lucy*, mãe. Todos esses objetos pertencem a ela.

— Filhota — diz mamãe. — *Pertenciam.* Esses objetos *pertenciam* a ela. Já vai fazer um ano em dezembro. Não vou deixar tudo isso aqui como se fosse uma espécie de santuário.

Faço que não. Lágrimas me escorrem pelo rosto. Um ano. Um ano inteiro.

— Para — peço. — Por favor, para.

Ela finalmente se vira para mim. Com uma expressão de pânico no rosto. Acho que vou passar o resto da vida julgando mamãe em função do que ela fizer e disser nesse momento. Não temos esse tipo de relação. Não choro no seu ombro. Nós só passamos uma pela outra, mas nunca nos esbarramos.

Ela dá alguns passos na minha direção, as sandálias de ficar em casa batendo no assoalho.

Inclino o corpo para frente, esperando que ela me abrace. Não com os braços em volta da minha barriga, comentando como seus dedos quase se encostam. Um abraço de verdade. Onde eu possa me abandonar.

— Vou levar essas coisas para a casa de repouso no fim de semana. Se há alguma que você queira, a hora é agora. — Dá tapinhas no meu ombro. — Vou preparar o almoço antes de você ir para o trabalho.

Quando sai e fecha a porta, eu me jogo na cama de Lucy. A lembrança das últimas semanas toma conta de mim.

Não tenho um vestido. Tenho um namorado Não-Exatamente-Só-Talvez com quem não suporto ser vista em público, porque me sinto repulsiva quando penso em nós dois lado a lado. Mitch, com quem tenho sido péssima. Mamãe. Ellen. E a ausência de Lucy.

Preciso de Lucy. Ela deveria estar aqui para me dizer o que fazer. Alguma solução que nunca me ocorreria sem ela.

Penso nas coisas que posso mudar.

O vestido.

Eu poderia viver à base de alface até o concurso, e aí talvez ele coubesse, como mamãe imaginou. Mas e depois? O círculo vicioso das dietas, como

quando eu era mais nova. Perderia o peso para caber no vestido, mas e aí? E depois? Começaria a comer mil coisas além de alface, recuperaria todos os quilos perdidos e, de quebra, mais alguns extras.

Todas as dietas que mamãe e eu fizemos durante as temporadas do concurso passam pela minha cabeça como um sumário. Vigilantes do Peso no quinto ano. Barrinha de cereal no quarto. Salada no terceiro. E nada disso jamais funcionou.

Ela vence. Minha mãe sempre vence. Eu nem sabia que tudo isso não passava de uma espécie de competição com ela até esse momento. Mas estou perdendo. Não tenho vestido. Talento, quase nenhum. E um acompanhante que estou magoando sem ele nem saber.

Se eu participar do concurso, vou deixar meu ponto de vista claro — isso é indiscutível. Só que não vai ser algum pelo qual quero ser lembrada.

CINQUENTA E DOIS

À noite, sentada na sala dos funcionários, uso o espelho do pó compacto para examinar o anel verde ao redor do pescoço. Fecho o estojo como se fosse uma ostra, tiro o colar dourado e o coloco na mesa. A correntinha de metal é daquele tipo trançado que se vende nos quiosques dos shoppings, e o pingente exibe o nome *Dolly* em letras cursivas bem arredondadas.

Acabei enfiando de qualquer jeito no meu armário todas as coisas de Lucy que consegui pegar. Fiz o possível para reunir todos os itens de colecionador da Dolly, inclusive um par de sapatos com purpurina que ela usou num show em Las Vegas. As solas estão autografadas, com a letra bem característica, toda cheia de voltas, para provar sua autenticidade.

Bo se joga na cadeira ao meu lado.

— O que é isso?

Empurro a corrente com o indicador para que ele possa vê-la.

— Era da minha tia.

Ele faz que sim.

— Minha mãe está esvaziando o quarto dela. De novo. Ela tem feito isso aos poucos nos últimos meses. Mas acho que agora está levando a coisa a sério.

— Sinto muito. — Ele passa o dedo pela corrente. — Quando minha mãe estava morrendo, ela já foi dando uma esvaziada no quarto. Assim que descobriu que a doença era grave, começou a convidar pessoas para irem lá em casa, e ninguém saía de mãos abanando. Quando ela faleceu, só tinham restado algumas camisolas e pares de sapatos. — Ele se concentra no colar, balançando o queixo. — Fiquei meio irritado com ela. Mas, enfim, não acho que eu teria sido capaz de dar conta sozinho. Se dependesse do meu pai, ainda estaríamos usando o perfume dela como odorizador de ambiente.

Bo me observa por um momento antes de dar uma puxada na perna da minha cadeira, me trazendo para mais perto. Ele passa os braços pela minha cintura e eu relaxo contra seu corpo. Fico meio sem fôlego, mas a voz na minha cabeça que implora para eu não deixar que ele me toque já não passa de um murmúrio. Bo pressiona a boca nos meus cabelos, fazendo com que vibrações calmantes percorram meu corpo.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Mitch está parado diante da porta, com uma sacola de mercado na mão.

Levanto a cabeça tão depressa que bato no queixo de Bo.

— Desculpe — digo, mas não sei para qual deles. Uma onda de pânico incendeia meu corpo, me paralisando. — O que está fazendo aqui?

Bo se levanta, esfregando o ponto onde minha cabeça bateu.

— É melhor eu voltar para o trabalho. — Sua voz está rígida.

A tensão entre os dois zune como uma cerca elétrica.

Mitch não sai da frente da porta, obrigando Bo a se espremer ao passar. Ele fica olhando para Bo antes de entrar na sala.

— Um cara lá da frente disse que você estava aqui. — Ele joga a sacola na mesa, por um segundo chacoalhando o conteúdo. — Comprei alguns artigos de mágica. Para a sua exibição de talento.

Faço o possível para manter a voz tranquila.

— Senta aí.

Ele continua de pé.

— Quem era aquele cara?

— Bo. Ele trabalha aqui.

Suas sobrancelhas se emendam numa só.

— Você gosta dele?

— Como assim? A gente só estava conversando, Mitch. — Minha voz sai defensiva, porque estou mesmo me defendendo. Tá, nós nos beijamos uma vez. Ficamos de mãos dadas de vez em quando. Isso não faz de nós dois coisa alguma. Ou talvez faça. Ele não me pegou beijando Bo nem pelada, mas estou me sentindo tão culpada como se tivesse sido o caso.

— Você gosta dele? — insiste Mitch.

Afasto os cabelos para trás das orelhas e demoro um longo momento antes de responder:

— Gosto.

Ele balança a cabeça e abaixa a viseira do boné de beisebol.

— Boa sorte com o concurso, Will. — Dá meia-volta e sai pela porta mais próxima, que por acaso é a da saída dos funcionários.

Meu coração dói com a perda de um dos meus poucos e preciosos amigos, sabendo muito bem que, se alguém é culpado por isso, sou eu mesma.

Naquela noite, Bo me leva para casa em silêncio.

Já estou na metade do jardim quando escuto a porta ser batida e ele dizer:

— Gostaria que me desse uma resposta. — Ele contorna a frente da caminhonete.

— Como assim? — Volto até ele. — Tem que ser agora?

— Quero ficar com você. Mas não posso fazer isso, se você não deixar.

— Por quê? — Solto a sacola no chão. — Por que você quer ficar com *isto*? — Indico meu corpo com as mãos. E na mesma hora sinto ódio de mim. A única pessoa que está fazendo essa maldade com meu corpo sou eu mesma.

— Porque eu gosto de você. E acho que seria capaz de sentir ainda mais do que *isto*, Willowdean. Por que é tão difícil assim de acreditar? Quando não consigo dormir à noite, não é por causa do trabalho, da escola, da Amber ou da Bekah. É você que está me deixando louco.

Nego com a cabeça, não faz sentido.

— Você já pensou no que as pessoas vão achar? No que elas vão dizer quando nos virem juntos, de mãos dadas?

— Você nunca me pareceu ser do tipo que dá a mínima para o que os outros pensam. — Seu queixo treme por um momento antes de ele abaixar a voz e dizer: — Quero ir a todos os lugares com você. Quero exibir você. Quero vestir um terno barato e ser o seu acompanhante naquele concurso ridículo.

Meus dentes começam a bater. Estou me esforçando ao máximo para não chorar. Porque está tudo aí. Eu gosto do Bo. Ele gosta de mim. Mas há muito mais do que isso em jogo. Não posso acreditar que faça diferença para mim, mas não vou ficar magra tão cedo, e não deveria me importar. Estou furiosa por não ter me atirado nos braços dele, bem ali, no meu jardim.

Mas eu me recuso a odiá-lo por se tornar mais uma razão para as pessoas cochicharem pelas minhas costas.

— Não posso. Sei que vou parecer uma covarde, mas... — As lágrimas finalmente cumprem a ameaça.

Ele vem até mim, e, por causa da inclinação do jardim, ficamos da mesma altura, nariz com nariz.

— Willowdean Opal Dickson, você é linda. Foda-se qualquer um que já tenha te feito se sentir menos do que isso. — Seu peito fica ofegante. — Quando fecho os olhos, vejo você. Posso falar com você. De um jeito como nunca falei com mais ninguém.

Linda, foi o que ele disse. Gorda, é o que eu penso. Mas será que não posso ser as duas coisas ao mesmo tempo? Levo a mão ao rosto de Bo, e a tensão que borbulha sob sua pele diminui. Beijo-o nos lábios mais uma vez. E prolongo o beijo por um momento, relembrando todos os detalhes de tudo que eu não deveria ter o direito de receber.

— Não posso — sussurro, sabendo que estou falando sobre muito mais do que nós dois.

Dou as costas e pego a sacola.

Ele fica parado no jardim até eu apagar a luz do quarto, transformando a casa numa concha escura.

CINQUENTA E TRÊS

Na segunda, quando estou saindo da aula, Mitch segura meu braço. O Sr. Krispin já se mandou para a sala dos professores, e todo mundo foi embora. Estamos só nós dois.

— Queria dizer que acho que eu não devo ser seu acompanhante no concurso.

Olho para Mitch, mas ele só permite que nossos olhos se encontrem por um segundo antes de desviar os dele.

— Não vou mais participar do concurso. — Não tinha dito isso com todas as letras até este momento, mas tomei a decisão na noite de sábado, quando estava com Bo no jardim.

Dá para ver os pensamentos passando pelo rosto dele. O de tentar me convencer. O de me dizer para pensar no lado positivo. Mas ele não diz nada.

— E me desculpe — acrescento, tarde demais. — Não tive intenção de te magoar.

— Mas você gosta dele?

Faço que sim.

— Pedir desculpas não melhora as coisas — responde ele. — Eu teria sido um namorado muito legal pra você.

— Mais do que mereço.

Minha vontade é dizer que ele chegou muito perto, e que, se eu nunca tivesse conhecido Bo, teria ganhado esse páreo. Mas eu conheci Bo, e agora sei como é a gente ficar com os nervos à flor da pele só de ouvir o nome de uma pessoa.

Mitch enfia as mãos nos bolsos da jaqueta e vai embora.

Dou alguns segundos a ele, antes de seguir para a aula no outro lado do campus.

Caminho sem pressa. Prefiro me atrasar a ficar sem fôlego. Ninguém gosta de ver uma gorda bufando, esbaforida. A última campainha toca, e os corredores se esvaziam.

Então, Ellen sai da última sala à direita.

No começo, ela não me vê. Está secando os olhos. Chorando. Pode ser por mil motivos. Mas, seja lá qual for, não é nada que tenha chegado ao meu conhecimento.

Ela olha para trás e vê que a estou seguindo. Ela para, sem se dar ao trabalho de secar as lágrimas que escorrem pelo rosto. Talvez ela e Tim tenham terminado. Talvez ela tenha tido uma briga com as novas amigas. Talvez tenha se dado muito mal numa prova. Não sei. Esse é o momento para me aproximar. Para perguntar como tem passado e pedir desculpas por tudo.

Mas ela se vira e corre para o banheiro. O momento se perdeu.

Não fico para assistir às outras aulas. Esse dia já deu errado demais para eu correr o risco de continuar na escola. Quando chego em casa, encontro uma mensagem de Millie perguntando se deveríamos nos reunir para praticar os talentos. O concurso. Já nem importa mais. Quando eu me inscrevi, fiz isso por

Lucy. E com Ellen do meu lado. Mas Lucy está morta, e Ellen está mais distante do que nunca.

Mando uma mensagem para Millie, Hannah e Amanda.

EU: Não posso participar do concurso. Estou avisando em cima da hora, eu sei. Mas vou desistir. Vocês vão arrasar. Merecem participar. Vou ficar na plateia, torcendo por vocês.

Depois de ligar para o Harpy's e dizer que não vou trabalhar porque estou doente, desligo o celular e decido mantê-lo assim durante o resto da noite.



CINQUENTA E QUATRO

Passo a terça e a quarta fingindo que estou com febre e segurando um saco de minibiscoitos de chocolate que encontrei na despensa, de algumas temporadas atrás. Nossa casa não é bem abastecida em matéria de doces (surpresa!), principalmente com mamãe em plena Operação Entrar à Força no Vestido do Concurso.

Quando digo que não estou me sentindo bem, ela fecha a porta do meu quarto sem fazer perguntas.

— Desculpe, querida, mas, a essa altura, não posso me arriscar a pegar nada. Vai descansar. Tira o dia de folga.

Para mamãe, cada segundo não passado no transport da academia ou negligenciando o concurso faz com que soe um estrondoso alarme. Nossa casa está uma zona de guerra, com mil tecidos, adereços e lantejoulas, mas até que esse caos me dá uma certa sensação de paz.

Eu quero — ou melhor, eu preciso passar alguns dias na preguiça. Não tomo banho desde domingo, e é um estranho conforto saber que minha aparência está quase tão nojenta quanto me sinto. Quando Ron me deixou entrar de licença durante a semana do concurso, não devia ser isso que ele tinha em mente.

Na noite de quarta, o senso de liberdade começa a evaporar, e eu me vejo deitada de bruços na cama ouvindo um dos discos de Lucy, que, para falar sem rodeios, é um dos piores da Dolly Parton. As músicas que eu quero esquecer que ela gravou. Como “Me and Little Andy”. Fala sério, qual é a dessa música, Dolly? É sobre uma garotinha cujo cachorro está morrendo. Quem quer ouvir um troço desses?

A campainha da sala toca, interrompendo meu desabafo interior. Sorrio com o rosto no edredom. Não poderia ir atender nem que quisesse.

A campainha toca de novo. Mamãe não deve estar em casa. E de novo, e de novo.

Acabo me arrastando da cama e desço as escadas sem a menor pressa. Fico na ponta dos pés e dou uma espiada no olho mágico. *Suspiro.* Bato a cabeça na porta.

— O que você quer? — grito.

— Me deixa entrar — pede Hannah. — Por favor. — E toca a campainha uma vez atrás da outra. Umas nove, dez vezes.

— Vai pra porta dos fundos — grito finalmente.

Ela nem pergunta por quê.

Abro a porta para ela, que passa direto por mim. Riot a fareja por um segundo antes de sair correndo.

— Eu te liguei umas oitenta e cinco vezes este fim de semana — diz Hannah. — E olha que eu nem gosto de ficar no telefone. — Ela me entrega um Tupperware com um tipo de cozido. — Minha mãe queria que eu te trouxesse

um pouco do *sancocho* que ela preparou.

— Sua mãe? — Abro a geladeira e enfio o pote entre uma caixa de leite e uma jarra de suco de laranja. — Eu nem conheço a sua mãe.

— Pois ela virou sua fã número um por causa desse concurso idiota, por isso espero que você fique orgulhosa. — Ela se joga na cadeira da mamãe à mesa da cozinha. Acho que Hannah é o tipo de pessoa que pode ficar à vontade na casa de qualquer um, sem fazer aquela cerimônia toda que a maioria de nós faz quando vai a um lugar pela primeira vez. Ela se debruça sobre os cotovelos. — Você não pode sair do con... Espera aí, está ouvindo Dolly Parton?

Dou de ombros.

Ela olha para mim, e então percebe meu estado atual.

— Tem muita coisa errada com essa imagem.

Encho uma xícara com café frio e a coloco no micro-ondas.

— Se com "errada" você quer dizer "certa", então eu concordo.

— Quando foi a última vez que você tomou uma chuveirada?

O micro-ondas apita.

— Chuveirada é uma coisa muito subjetiva. — Dou de ombros. — Vamos para o meu quarto.

— Só se você tirar essa música horrível.

No quarto, levanto a agulha do disco, enquanto Hannah se esparrama na minha cama. Ela pega a Bola 8 Mágica na mesa de cabeceira e a sacode.

— Será que Will pirou geral? — Ela lê a resposta. — *Pode contar com isso.*

Eu me sento aos pés da cama e me deito de costas, atravessada nela. Talvez esse papo seja mais fácil se eu ficar olhando para o teto o tempo todo.

— Eu vou dar um chute: aconteceu alguma coisa com o Garoto do Banheiro.

— Garotos. Eram dois. E eu nem mesmo sei por que quis fazer isso. — Estendo os braços para fora da cama. — Talvez tenha achado que merecia as mesmas coisas que as outras garotas merecem. Sei lá. Mas sou diferente delas, e, mesmo que mereça as mesmas coisas, não significa que eu vá consegui-las. Subir naquele palco e competir com elas só serviria para provar isso.

— Não, senhora — diz Hannah. — Discordo totalmente. Você não merece vencer nada nem participar de qualquer concurso até ir à luta, batalhar. Talvez as gordas, as mancas ou as gengivudas e dentuças não costumem vencer concursos de beleza. Talvez não seja a norma. Mas o único jeito de mudar isso é marcando presença. Não podemos esperar as mesmas coisas que as outras garotas esperam até começarmos a *exigi-las*. Porque ninguém vai nos dar nada de bandeja, Will.

— Falar é fácil pra você. Eu entro numa sala e a primeira coisa que as pessoas notam é como eu sou enorme comparada com elas. Mas você só precisa ficar de boca fechada, e ninguém nota a diferença.

— Porra — reclama Hannah. — Golpe baixo. É verdade que eu posso ficar de boca fechada. Até ter que dizer alguma coisa. Experimenta só ser a filha lésbica de uma dominicana numa cidadezinha careta e conservadora do interior do Texas pra ver só uma coisa.

Balanço a cabeça.

— Desculpe. Eu estou péssima, e...

— E está projetando isso em mim etc., etc. Mas sair do concurso é fazer cagada. Se não vai participar por si mesma, então que seja por Amanda e Millie.

— Ela morde o lábio e olha para o espelho na frente da minha cama. — E por mim também.

— Vocês vão ficar muito bem sem mim.

— Não vamos, não. Millie não vai poder participar, a menos que você participe.

Eu me sento.

— Como assim?

— Os pais dela descobriram sobre o concurso — conta Hannah, com a maior naturalidade. — Millie implorou de joelhos. Disse a eles que a sua mãe é quem dirige o troço, e aí eles disseram que, se você ia competir, então ela também podia. Mas só se você competir — Ela se cala para dar efeito. — E aí, você resolve fugir da raia.

Sinto o peso da culpa no peito. Umedeço os lábios descascados. Aos poucos, começo a tomar consciência de como me sinto nojenta depois de passar o fim de semana inteiro sem tomar banho.

— Olha só, isso é uma merda, realmente, mas...

— Mas o quê? Por favor, me diz que você não é uma egoísta.

Ela tem razão. Isso não é uma piada para Millie. Ela passou a vida inteira tietando e estudando essas misses, até finalmente se permitir ser uma delas. Fico batendo com a perna na cama enquanto penso. Não sei se isso vai me valer um bom carma. Talvez eu esteja num estado de espírito muito negativo, mas devo isso a Millie. Se não pretendo ir à luta e pegar a vida pelos chifres como ela, deveria, pelo menos, fazer a gentileza de não atrapalhá-la.

Hannah põe a mão na minha perna, aquietando-a.

Eu me viro para ela.

— Vai ser um desastre completo — digo.

Ela sorri quase sem abrir a boca.

— Conto com isso.



CINQUENTA E CINCO

Os garotos são liberados da escola para viajar e competir nos jogos de futebol americano, por isso acho que não deveria me surpreender muito que as candidatas sejam dispensadas da sexta, véspera do concurso. O dia extra é passado entre provas de figurino exaustivas e entrevistas. Resumindo: bolhas nos calcanhares, metros de fita adesiva de dupla face e rios de lágrimas por toda parte. Isso não é um musical escolar de baixo orçamento. É o Concurso Miss Jovem Flor do Texas.

Na noite passada, Hannah me levou ao teatro comunitário, onde mamãe estava trabalhando, para que aprovassem meu guarda-roupa inteiro. Como eu não podia usar o vestido de gala, tive que pôr um preto de paetês no estilo "mãe da noiva" que encontrei no quarto da Lucy, numa das pilhas que mamãe separou para doar. Estava todo amassado, mas novo em folha, ainda com a etiqueta. Mamãe, Mallory Buckley e a Sra. Clawson me fizeram prometer passá-lo a ferro antes do sábado. Quanto ao traje de banho, minhas opções se limitavam ao maiô preto e ao vermelho de poás brancos que comprei no verão passado, mas até hoje não tive coragem de usar. Escolhi o vermelho. Se é pra fazer, faz direito.

De todo modo, o traseiro do preto está cheio de bolinhas.

O traje da prova dos talentos foi outro problema. Virei o quarto ao avesso até encontrar aquela faixa de melindrosa que eu tinha usado no Halloween. Coloquei o vestido preto do serviço religioso de Lucy, e mamãe concordou em me emprestar as luvas pretas de cetim se eu as devolvesse a tempo de ela poder usá-las na parte dos trajes de gala.

Na manhã de quinta, quando estou me vestindo, ela entra no quarto para ver o que vou usar na entrevista.

— Gosto dessa saia — diz ela. — Mas você podia colocar o blazer azul-petróleo que te dei de aniversário. — Dou uma olhada no espelho, considerando a sugestão, e concordo.

Vamos de carro até o Silver Dollar Banquet Hall, onde vão acontecer as entrevistas e o almoço. O ar-condicionado zumbe acima do vozerio fanhoso do rádio. Como o Dia de Ação de Graças já é na semana que vem, a temperatura está começando a cair, mas mamãe liga o ar no máximo porque está com *aquele* calor.

Estacionamos e ela veste o paletó *bois de rose*.

— Dumplin', eu te amo. Espero que me deixe orgulhosa.

Meu estômago dá mil cambalhotas de pavor. Não quero envergonhar mamãe. Nem em mil anos.

— Mas — acrescenta ela — não posso deixar que pensem que estou te dispensando um tratamento especial, por isso vamos ser estritamente profissionais até a noite de sábado depois do concurso.

— Certo — murmuro. — Estritamente profissionais.

E este lugar é mesmo estritamente profissional. As candidatas têm que fazer fila diante do salão de banquetes. Ninguém tem permissão de conversar até as entrevistas terminarem, o que não faz o menor sentido, já que não me parece ser o tipo de atividade em que se possa colar. Eles escolhem as perguntas de uma lista interminável e não fazem a mesma combinação para ninguém.

Depois das entrevistas vem o almoço, e, por fim, as candidatas têm permissão para arrumar seus espaços no vestiário. E é aí que a merda começa a feder. Amanhã será o dia da prova de guarda-roupa; a manhã de sábado está reservada para um ensaio rápido antes da apresentação, que começa pontualmente às sete da noite.

Estamos ridículas em último grau. Como se estivéssemos aqui para ter uma entrevista de emprego, e a única exigência fosse que as candidatas usassem um terninho de poliéster da mãe.

Fico assistindo enquanto as candidatas com sobrenomes começando por A, B e C entram e saem da entrevista. Algumas, com um largo sorriso. Outras, em estado de choque. E algumas às lágrimas. Sei que parece horrível, mas uma pequena parte de mim vê as que estão chorando como concorrentes eliminadas. Nem mesmo quero vencer, mas acho que há um instinto de sobrevivência em nós que entra em ação quando vemos outras pessoas falharem. Fico me sentindo um nojo; e extremamente humana.

Como estamos sendo chamadas em ordem alfabética, Ellen e eu — Dickson e Dryver — acabamos sentadas ao lado uma da outra. Toda vez que nossos ombros se roçam um milímetro que seja, ela se afasta de um jeito bem agressivo, como se tivesse levado um choque.

— Dickson? Willowdean Dickson?

Levo um susto e, por instinto, olho para El. Nossos olhares se encontram por um segundo, e vejo um lento sorriso se demorar nos seus lábios antes de ela perceber e desviar os olhos.

Vou me dar mal.

Mallory abre a porta para mim.

— Lembre-se — sussurra ela —, ninguém terá uma segunda chance de causar uma boa primeira impressão.

— Puxa, que encorajador — murmuro.

Os quatro jurados — que até agora eram anônimos — estão sentados em fila na frente do salão, por trás de uma mesa quilométrica.

Eles começam a se apresentar. Mas já sei exatamente quem são.

Tabitha Herrera. Proprietária não de um, mas de dois salões de beleza em Clover City: o Tabitha’s — um nome extremamente criativo — e o Tabitha’s 2. Tabitha faz de tudo, desde luzes até permanentes. Ela é o tipo de cabeleireira que tem a habilidade de controlar a mente da clientela. Você pode sentar na cadeira e jurar que veio fazer cachos, mas sair com um corte Chanel. E como isso faz parte do charme da Tabitha, ela te deixa pensar que a ideia foi sua. Ela tem uns peitos enormes e um megahair que combina com eles. Quando os nortistas pensam no Texas, é na Tabitha que eles pensam.

Dr. Mendez. Sei muito pouco sobre ele, a não ser que é o único ortodontista da cidade. Ele é da Filadélfia, de Boston ou de algum desses lugares em que as

pessoas vivem aos gritos, e sempre parece meio irritado com tudo. Mas, enfim, acho que, se eu saísse da Filadélfia ou de Boston para vir morar num cafundó desses, também viveria com os nervos à flor da pele.

Grená McCall. Não estou brincando, o nome é esse mesmo. Não, ela não é uma estrela pornô ou a protagonista da nova novela. Os pais são formados pela Texas A&M (as cores da universidade são o branco e o vinho, mas acho que "Grená" soava melhor), e é uma ex-Miss Jovem Flor do Texas que se tornou professora de jardim de infância. Ela conseguiu chegar ao concurso estadual, onde foi a segunda colocada. Mamãe — que só competiu no concurso local, porque eu tinha nascido —, nunca chegou a confessar que sente inveja da Grená, mas, sempre que diz o nome da mulher, faz um ar de quem levou à boca alguma coisa fervendo e está prestes a cuspi-la.

Clay Dooley. Ou melhor: Clay Dooley Ford. Provavelmente é o cara mais rico de Clover City. O cabelo está sempre penteado à perfeição, e o jeans é só um pouquinho menos justo do que um torniquete. As fivelas dos cintos são enormes, de ouro, e devem valer mais do que o financiamento da nossa casa. Clay Dooley é cem por cento texano. Ele é o estereótipo que os pais do Dr. Mendez devem tê-lo ensinado a odiar. O cara é tão rico, que tem até tempo de ser jurado em concursos como esse, porque não é ele quem ganha a grana: tem empregados para fazerem isso.

Eu me sento diante deles e nenhum levanta os olhos, com exceção do Dr. Mendez. Os outros três folheiam papéis entre si e murmuram algo sobre o modo como a candidata anterior se esquivou das perguntas.

Grená finalmente levanta os olhos e, quando me vê, arqueia uma sobrancelha perfeitamente depilada. Tanto Clay como Tabitha têm o mesmo tipo de reação, mas conseguem disfarçá-la um pouco melhor. E é então que me dou conta de que sou a primeira das... suspeitas improváveis, como vou nos chamar.

Penso em todos os bons conselhos que já recebi na vida. A maioria foi de Lucy. Mas nenhum deles serve, nenhum me ajuda neste momento. Então, sintonizo mamãe. Se ela estivesse no salão neste exato momento, o que diria? Se não estivesse dirigindo o concurso e fosse apenas minha mãe, o que me aconselharia fazer?

Sorria, diria ela. *E não se atreva a suspirar!*

Sorrio. Com tanta força, que as bochechas chegam a doer. E faço o possível para não suspirar.

— Willowdean Dickson? — pergunta Tabitha.

Balanço a cabeça. Sorrio. Não. Paro. De. Sorrir.

— Dickson — repete Grená. — Você não é a filha da Rosie, é?

— Sou — respondo. Ouço a voz de mamãe na cabeça: *Olha a educação.* — Senhora — acrescento. — Sim, senhora — corrijo.

Clay pigarreia.

— Muito bem, vamos pôr mãos à obra. Willowdean... — começa ele, segurando uma nota de dólar novinha em folha. — Se eu lhe desse este dólar, o que você faria com ele?

É uma pergunta capciosa. Ainda estou sorrindo. Um dólar. O que eu poderia fazer com o dólar do Clay? Bem, poderia dar para um morador de rua. Comprar um donut. *Sim, senhor, por favor, eu adoraria comprar um donut com o seu*

dólar.

Não, não. Tenho que voar mais alto. Caridade é óbvio demais.

— Eu daria uma passada numa papelaria e compraria uma caixa de canetas. Aí, na manhã do vestibular, iria para a porta de uma escola e venderia as canetas aos candidatos distraídos que tivessem esquecido as suas em casa. Por três dólares cada.

Os jurados ficam em silêncio por um momento, e então Clay solta uma risada.

Ao seu lado, Grená aperta os lábios.

— E o que faria com o dinheiro?

— Compraria mais canetas — respondo. Ela começa a anotar alguma coisa na folha de pontuação. — E depois, quando estivesse com uma boa quantia, doaria para uma instituição de caridade. Ou compraria uma cesta de Natal para uma família carente. — Criativa? Sim. Sensata? Sim. Abnegada? Sim.

Tabitha sorri para si mesma, e tenho a impressão de que até me dá uma piscadinha.

Quando os jurados terminam de escrever os comentários, Tabitha ergue o rosto.

— Temos mais uma pergunta para você. Qual é sua definição de lealdade?

É como se um aspirador sugasse toda a adrenalina do meu corpo. Não estou mais sorrindo.

— Lealdade. — Pronuncio a palavra sem pressa, tentando calcular quanto tempo me resta antes de ter que responder. — Lealdade é... Lealdade é dar uma força para quem precisa. É abnegação. É ficar do lado de alguém mesmo quando não se quer. — Ellen. Tudo que vejo é Ellen. — Porque se ama a pessoa.

Aquela noite em que ficamos deitadas na cama de El, conversando sobre a sua primeira noite, foi muito difícil. Eu me sentia como se estivesse com o estômago cheio de pregos, mas continuei ali, firme e forte. Ouvi cada detalhe, porque é isso que a gente faz pela melhor amiga. Sinto sua presença no corredor, pensando em mim. Pois, por mais zangada que esteja comigo, sei que está lá sentada se perguntando como estou indo diante desses jurados.

— A lealdade não é cega. — Embora eu preferisse que fosse. — Implica dizer a alguém que está errado, quando ninguém mais quer fazer isso. — Morro de vergonha por ter dito a El que não podia participar do concurso. Como se o fato de competirmos fosse estragar o que eu estava tentando demonstrar. Quando, na realidade, com ela, eu só fico mais forte. E sou a melhor versão de mim mesma.

Penso que meu mundo inteiro se estilhaçou em mil pedaços, e o único jeito de pôr tudo em ordem é recolá-los um de cada vez. E, para mim, o primeiro pedaço é sempre Ellen.

CINQUENTA E SEIS

É servido um churrasco na hora do almoço. Acho que o almoço deve ser alguma prova secreta da nossa nota final, porque não há proeza maior para uma sulista do que a capacidade de comer churrasco e se levantar da mesa sem manchas nas roupas. Depois do almoço, ainda temos que aguentar um discurso da Ruth Perkins, uma ex-Miss Jovem Flor do Texas de setenta e oito anos, que prefere não usar o microfone porque dá microfonia no aparelho auditivo. O que nos obriga a sorrir e balançar a cabeça, enquanto ela fala no tom de voz de quem conta um segredo.

Depois de um tempo, chega um momento constrangedor em que Ruth fica esperando pelos aplausos, sem que nenhuma de nós saiba se ela já acabou de falar. Por fim, batemos palmas, e a Sra. Clawson sobe ao palco para lhe agradecer e oferecer um buquê de flores.

— Muito bem, senhoritas — diz ela ao microfone. — Nenhuma de vocês pode sair antes de tirar uma foto para o jornal. Há cadeiras encostadas à parede, e vocês devem ocupá-las na mesma ordem alfabética em que foram chamadas horas atrás. Vocês têm cinco minutos para retocar a maquiagem.

Olho para Hannah, que está sentada ao meu lado, e arreganho os lábios.

— Tem alguma coisa nos meus dentes? — pergunto.

Ela faz que não.

— E nos meus?

— Nada.

Então nos separamos e nos dirigimos às nossas respectivas cadeiras, enquanto as demais rumam em peso para o banheiro. Espero que El venha se sentar ao meu lado. Não consigo obrigar meu cérebro a se concentrar no que eu poderia dizer, mas vou falar com ela. Tenho que falar.

Ela se joga numa cadeira ao meu lado, e lambe o polegar para tentar remover uma manchinha de gordura da lapela do blazer.

— Aposto que eles sabem como cortar manchas do enquadramento da foto — digo. — Ou tirar no Photoshop.

Ela continua lutando com a mancha, esfregando-a com uma obstinação que a torna cada vez pior, mas não responde.

Começam a nos chamar uma por uma, e passamos de uma cadeira para a outra cada vez que isso acontece.

Com duas garotas à minha frente, digo:

— Não queria mais que a gente continuasse brigada.

E espero pela resposta. Avançamos mais uma cadeira.

— Eu estava errada. — Mais uma cadeira. — Muito errada, e não suporto mais isso. Não aguento mais ficar sem falar com você todos os dias. Por favor, não fique zangada comigo.

— Willowdean? — chama Mallory.

Lanço um olhar para Ellen antes de me levantar. Ela vai ceder em breve. Tem

que ceder.

— Willowdean?

— Não é tão fácil assim. — A voz de El está rouca, como se não falasse há dias. — Nós estamos nos tornando pessoas diferentes.

— Isso não significa que não servimos para ser amigas uma da outra. — Penso que as partes da minha identidade que foram construídas a partir de lembranças ao lado de Ellen são as que mais aprecio. — Me perdoa? — peço. — Eu fui cabeça-dura.

Sento no banquinho diante do cenário. Mamãe fica atrás do fotógrafo. Ela faz um gesto com os indicadores, como se abrisse um sorriso no rosto. Está me dando uma ordem.

Respiro fundo e imploro a mim mesma para sorrir. Sorrir. Sorrir. Sorrir.

Ellen continua na cadeira encostada à parede, ainda esfregando em círculos a mancha de sangue com gordura do churrasco.

Não sorrio.

Depois das fotos, somos liberadas para arrumar nossos espaços no vestiário. O teatro comunitário no Centro da cidade foi projetado para sediar o concurso, e por isso o vestiário feminino é quatro vezes maior que o masculino.

Cada assento tem uma etiqueta. Encontro meu nome num pedaço de papel colado com durex a um canto do espelho. Só que, por cima do nome, está escrito DUMPLIN’ em pilô preto. Rabiscado às pressas, como se alguém tivesse que me identificar e não resistisse a usar meu apelido. Olho à direita e à esquerda para ver se encontro o culpado.

Ellen solta suas tralhas ao lado das minhas. Vejo seu nome colado ao espelho. Estamos novamente em ordem alfabética.

No reflexo, seu olhar encontra o meu. Ela revira a bolsa por um momento antes de tirar uma caneta. Esticando-se por cima de mim, pega o papel com meu nome. Fico só olhando enquanto ela escreve meu nome sem o Dumplin’ por trás, descola o pedaço de durex e o reaplica antes de colar a etiqueta novamente no espelho.

— Obrigada — digo.

Ela se senta no banquinho ao meu lado.

— É só uma palavra. Não significa nada, a menos que você deixe. — Ela se vira para mim. Seus olhos não chegam a se fixar nos meus. — Mas, se é algo que te magoa, então me magoa também.

Meu corpo inteiro relaxa, mas o queixo começa a tremer.

— Me perdoa?

— Me perdoa você também? — pede ela.

Balanço a cabeça.

— Não, não, eu é que tenho que pedir.

Só então ela levanta o rosto, nota meu queixo trêmulo e segura minha mão.

O vestiário começa a ficar cheio, à medida que as outras garotas vão entrando.

— Vem — chama ela.

Sigo atrás de El, que me leva pela mão até um surrado sofá de couro de dois assentos a alguns metros da mesa da diretora de palco.

Sentamos e, sem a menor cerimônia, El joga a perna por cima da minha.

— Tudo bem, pode falar.

— Tá. Eu fiquei muito zangada contigo por ter se inscrito no concurso. E aí você ficou zangada comigo por ficar zangada com você. E aí eu continuei zangada com você. E aí você continuou zangada comigo. — Balanço a cabeça. — Eu sei que as coisas já estavam indo nessa direção há muito tempo. Nós estávamos nos afastando cada vez mais.

Ela faz que sim.

— Isso me assusta. Não quero me sentir afastada de você. Mas de repente nós não deveríamos fazer tudo juntas. Talvez devêssemos ter um mínimo de privacidade.

— É difícil aceitar isso. — Procuro as palavras certas. — Quero ver você feliz. E fazendo novos amigos. Mesmo que seja gente como a Callie. Não quero sentir ciúmes de você. — Nunca tinha dito isso em voz alta. Acho que até pensar nisso me assustava, mas sei que é verdade no instante em que sai da minha boca. — Não quis dizer ciúmes no sentido possessivo e suspeito da palavra, mas às vezes acho que nossas vidas estão seguindo em velocidades diferentes, e é difícil não ter medo de que você me ultrapasse.

Ela solta um riso parecendo um soluço.

— Não vou te ultrapassar tão cedo. E, se está falando de sexo... É verdade que eu amo o Tim, mas tive que aprender muita coisa. — Ela dá de ombros, acrescentando: — Talvez eu sinta inveja de você, às vezes. Você não liga para pessoas como a Callie ou nenhuma das garotas com quem trabalho. Mas eu sinto necessidade de que elas gostem de mim. É o tipo da coisa que chega a me dar insônia. Eu nem acho elas descoladas. Mas sinto necessidade de que gostem de mim. Minha cabeça mantém uma espécie de registro de quantas pessoas me admiram, me adoram, e eu me importo com isso. Mesmo que não queira me importar.

Sorrio, e o nó no peito afrouxa um pouco.

— Você é a minha melhor amiga. Mesmo nestes últimos dois meses, sempre foi. E você nunca me tratou diferente. Não como os outros me tratam às vezes. E sei que sou boa em ser quem eu sou. Sou boa em dizer: “Essa sou eu. Me ama ou vai à merda.” Cê sabe, né? Mas... — Ah, meu Deus. Tem tanta coisa que não contei a ela. Começo pelo começo. — Eu conheci um cara no verão. Bo. O Garoto da Escola Particular. No trabalho. E a gente se beijou.

— E você não me contou? — Ela estapeia meu braço. — Poxa, Will!

Balanço a cabeça.

— Eu sei. Desculpe. Mas nós nos beijamos mais algumas vezes depois disso. E aí a coisa continuou rolando.

— Ah, meu Deus. Você transou com ele. Foi um espetáculo? Ainda estou zangada com você por não ter me contado.

Dou uma risada.

— Não, não, não transamos. Mas eu gostei do jeito como ficar com ele me fez sentir. — É como se minha cabeça fosse um carretel se desenrolando. — Mas aí... Alguma vez você sentiu medo quando Tim te tocou? Tipo assim, no

começo?

Ela encosta a cabeça no meu ombro.

— Ai. Senti, sim. Ele tocava a minha cintura, ou alguma espinha no meu queixo, e eu me fechava como uma perfeita paranoica.

Sou inundada pelo delicioso alívio do reconhecimento.

— Foi o que aconteceu quando Bo me tocou. Tipo, eu me sentia totalmente bêbada quando a gente se beijava. Mas aí ele colocava a mão nas gordurinhas das minhas costas ou no meu culote, e eu me fechava feito uma ostra.

— Não acredito que você tenha escondido isso de mim. — Sua voz é suave. — Eu deveria estar pau da vida com você.

— Eu sei, eu sei. Desculpe. Mas, enfim, a gente já estava nessa correria do concurso, não estava? E você disse que ia começar a fazer sexo com o Tim, e eu me senti como se fosse explodir. Mas não só por ciúme. Foi mais por me sentir criança e inexperiente. E eu não podia... aliás, acho que ainda não posso, pelo menos não cem por cento... me imaginar deixando que alguém me veja desse jeito.

— Ah, Will.

— E isso me irritou demais. Era como se eu estivesse te perdendo. Mas ao mesmo tempo estava me achando bizarra. Tudo isso me deixou na maior raiva, porque eu não queria ser uma daquelas garotas que se sentem mal em relação a si mesmas por causa de um cara.

Ellen se endireita e eu deito a cabeça no colo dela, enquanto faz cafuné nos meus cabelos. Então, conto tudinho, nos mínimos detalhes. Sobre Bo no shopping, e como ele não me disse que trocaria de escola. Sobre Mitch. E o baile. O Halloween. A volta ao Harpy’s. Bo, conto tudo sobre Bo. E como El gostaria demais dele. E o quanto ele quer ser meu namorado.

— Ele quer que tenhamos esse rótulo — conto a ela. — E você sabe que não vamos conseguir passar um dia na escola sem sermos ridicularizados. Ele não entende isso.

— Olha só — diz ela. — Tem muita gente no mundo que é babaca, tá? Não vou mentir em relação a isso, mas pensa em mim e no Tim. Ele é muito mais baixo do que eu. Pensa que as pessoas não zoam? Pois zoam muito.

É verdade, mas, até esse momento, não era algo que eu já tivesse ouvido El mencionar.

— Mas nem sempre a gente escolhe quem o coração quer. E, mesmo que sempre pudesse escolher, eu escolheria Tim. Todas as vezes. Por isso, você tem que pensar: uma relação é entre duas pessoas. Todos aqueles babacas na escola são espectadores entediados. Você e Bo atrás da caçamba no Harpy’s, aquilo sim foi o coração de vocês falando. Mas um namoro entre você e Bo. Uma relação fiel e exclusiva. Isso é a sua cabeça. Seu coração está totalmente a fim, mas isso não significa que você não tenha escolha. Pelo que parece, ele já fez a escolha dele.

Penso em como é fácil dizer isso na minha cabeça. Até mesmo em voz alta. Mas fazer, segurar a mão dele e dizer: “Eu mereço isso. Nós merecemos” — isso é apavorante.

— Eu estava com medo de que vocês tivessem terminado — digo a El. — Você e Tim. Eu te vi chorando no corredor outro dia.

A mão dela para por um momento. Ela dá uma fungada.

— Meus pais estão brigando de novo. Meu pai tinha ido passar a noite na casa do tio Jared. E voltou. Mas sei lá. Tenho a impressão de que agora é o fim da linha.

— Puxa, El. Sinto muito.

— Eu queria tanto te contar. Mas estava sendo teimosa. E burra.

— Não, eu é que devia ter ido falar com você quando te vi no corredor.

— Tudo bem — diz ela. — Não é a primeira vez. Algumas coisas não podem ser remediadas. Pelo menos, não para sempre.

A ideia faz meu coração se apertar. Eu ajeito as costas e ficamos ali por mais algum tempo, enroscadas como dois gatinhos.

CINQUENTA E SETE

Eu acabo passando o resto da tarde com Ellen e Tim. Quando eles me dão uma carona na volta, vejo a caminhonete de Bo estacionada na frente de casa.

— Hummm, aquele é quem eu penso que é? — pergunta El.

Ele está diante da porta da sala, com uma enorme caixa de ferramentas aos pés.

Tim estaciona no jardim, e El desce para eu poder me esgueirar pelo banco traseiro do Jeep.

Atravesso o jardim, sentindo Ellen nos meus calcanhares. Eu me viro abruptamente.

— Aonde a senhora pensa que vai? — pergunto a ela.

— Quero assistir, ué.

— Não. Negativo. Você vai para a *sua* casa.

— Me liga — pede ela. — NÃO. ESQUECE.

— Tá.

Ela me dá um abraço, e eu me demoro por um segundo longo demais, esperando que seu carinho penetre minha pele.

Aguardo o carro de Tim se afastar antes de dar os últimos passos até Bo.

— Isso é uma tentativa de invasão de domicílio, ou o quê?

Ele se vira bruscamente, como se não tivesse ouvido Tim me deixar em casa. Está com um cinturão de ferramentas em couro marrom pendurado na cintura.

— Juro que não.

— Ah, bom.

Seu sorriso é firme, mas nervoso.

— Eu saí com meu pai, para ajudar em alguns trabalhos dele, quando nós esbarramos com a sua mãe no posto de gasolina. Acho que eles andaram namorando no ensino médio.

Dou uma risada.

— Não me surpreende nem um pouco.

— Ela voltou a falar no problema da porta, e o meu pai... Bom, na verdade, eu me ofereci para vir consertar. Espero que não tenha pegado mal.

Sento nos degraus, e ele faz o mesmo.

— Só um pouquinho.

Sinto no peito o peso das palavras reprimidas que não sei como dizer.

— Você consertou?

— Foi a coisa mais fácil do mundo. Eu mal posso acreditar que vocês tenham deixado ficar assim durante tanto tempo.

Abraço os joelhos contra o peito.

— Era só pra não ter que atender.

Ele estende a mão às minhas costas e gira a maçaneta. A porta se abre.

— Agora, não tem mais desculpa.

— Pois é. — Aponto seu pescoço. — Esse cordão é o quê?

Ele o retira de baixo da camiseta e mostra a medalhinha.

— Santo Antônio. Dizem que ajuda a encontrar coisas perdidas.

— E o que você está procurando?

— Não sei. — Ele torna a enfiar a medalha por baixo da gola. — Acho que talvez já tenha encontrado. Mas tem dias em que acho que foi a coisa que me encontrou.

Balanço a cabeça. Há um certo consolo em saber que, para cada pessoa no mundo esperando ser encontrada, há alguém à sua procura.

— Willowdean?

— Diga.

Ele se levanta e pega a caixa de ferramentas.

— Você faz mais perguntas que perito de companhia de seguros.

CINQUENTA E OITO

Acordo e descubro que mamãe enfiou um exemplar do jornal por baixo da minha porta. Eu o desdobro e vejo o meu rosto, bem no meio da dobra. A manchete diz: CONCURSO MISS JOVEM FLOR DO TEXAS DE CLOVER CITY: QUEM É QUEM. A primeira página inteira exibe as fotos que tiramos ontem. Logo abaixo vêm nossos nomes, idades, pratos favoritos e definições de Clover City em uma palavra.

Desconfio que mamãe não tenha tido oportunidade de ver as fotos antes de o jornal sair. Mas, seja como for, lá estou eu. Com meu rosto nada sorridente.

No ensaio, passamos um tempão mofando, sentadas no auditório, aguardando os técnicos darem os últimos retoques na iluminação. Miranda Solomon, a musa do teatro comunitário de Clover City, se vira na poltrona e explica para mim, El, Hannah, Amanda e Millie que as candidatas passam metade dos ensaios finais tomando chá de cadeira, esperando que os técnicos façam seus ajustes. Ela dá de ombros.

— Faz parte do show.

Quando se levanta para ir ao banheiro, El se vira para mim com os ombros erguidos e a voz alta:

— Faz parte do show.

Callie está sentada algumas filas atrás de nós, com outra garota que reconheço da Sweet 16. Procuro me esforçar ao máximo para não dar uma de metidinha, mas não é nada fácil.

Tirando isso, as coisas estão muito quietas, o que é suspeito. Concursos são uma receita infalível para desentendimentos. Porque você tem que ser perfeita. E, como se não bastasse, a sua perfeição tem que ser a melhor de todas. Está todo mundo com os nervos à flor da pele. Principalmente Millie. Ela está balançando as pernas com tanta força, que dá para sentir as vibrações três poltronas adiante.

Ellen se vira para mim.

— E aí, vai mesmo fazer aqueles truques? Eu te amo, sou sua amiga, mas sua apresentação estava de doer.

— Bom, a essa altura do campeonato, não tenho escolha.

— Sei lá, mas... Acho que se você não quer ser desclassificada, então não tem mesmo.

A ideia de fazer algo totalmente diferente nem tinha me ocorrido.

— Mas não há nada que eu *poderia* fazer.

Ela continua sentada por um minuto, profundamente pensativa, mordendo uma mecha de cabelo. De repente, solta um gritinho e começa a cochichar no meu ouvido. Bastam três palavras para a ideia me conquistar. Ela se recosta na poltrona, esperando minha resposta.

Posso até imaginar a cena perfeitamente. Já que não tenho a menor chance de vencer o concurso, por que não tentar algo apoteótico?

— Eu poderia até...

— Millie Ranea Michalchuk!!! — chama uma voz irada dos fundos do teatro.

As vibrações que senti durante a última meia hora param, e o corpo inteiro de Millie se congela.

Estico o pescoço e vejo a mãe dela avançando em passos furiosos pelo corredor. O pai não está muito longe.

Viro depressa e dou uma cotovelada na barriga de Hannah.

— O que está acontecendo? — sussurro alto demais no ouvido dela.

Millie se espreme por entre nós para ir ao encontro da mãe no corredor. Levanta bem o queixo, tentando respirar pausadamente.

Os olhos de Hannah demoram um segundo para se ajustar.

— Xiii... — exclama ela, e esconde o riso no punho.

— *Xi* o quê?

— Eu menti. E feio.

Agora, todo mundo está olhando. Inclusive os técnicos da iluminação.

— Está brincando comigo?!? — pergunto.

— Millicent — diz a Sra. Michalchuk. — Você mentiu para nós. Descaradamente. — As lágrimas brotam nos cantos de seus olhos, e fica óbvio que ela não está usando rímel à prova d'água. O pai de Millie para atrás da esposa, de braços cruzados. — Você agiu por nossas costas depois que decidimos não assinar o formulário. Por quê? Por que fez uma coisa dessas?

— Isso é verdade? — Minha mãe está no palco, com uma prancheta enfiada debaixo do braço.

Com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo, Millie se vira para mamãe e diz:

— É. Eu falsifiquei a assinatura da minha mãe. — O rosto se contrai por um segundo, como se ela estivesse prestes a chorar. Torna a olhar para os pais. — Mas vocês estão errados. — Sua voz se suaviza. — Eu sei que querem me proteger. Eu sei disso. Mas... às vezes eu só preciso que me apoiem.

Mamãe franze o cenho.

— Vamos conversar no foyer.

Fico olhando enquanto Millie segue pelo corredor, mamãe rente nos calcanhares dela. Levanto da poltrona e passo por cima das pernas compridas da El.

— Aonde você vai? — pergunta ela.

— Ela precisa de ajuda — digo.

Corro pelo corredor e empurro a porta o bastante para que o auditório inteiro escute minha mãe dizer: "Sinto muito, mas não podemos permitir que você participe sem a autorização dos seus pais."

A porta se fecha atrás de mim.

— Millie tem que competir. — Os pais dela se viram. — Ela se esforçou demais — conto a eles. — E ela não é frágil. Não mesmo. Tem uma casca bem mais grossa do que vocês imaginam. Todo mundo neste auditório, até as garotas de pernas compridas e cabelos sedosos, sabe o que é ser objeto de deboche. Millie e eu sabemos. Amanda e Hannah. Ellen. — Aponto minha mãe. — Até minha mãe sabe. Mas a gente não pode viver com medo o tempo todo. Não precisa ser assim.

Millie segura minha mão e a aperta com força.

— Eu quero muito participar — pede ela. — Sonho em participar deste concurso desde que me entendo por gente. Não há nada no estatuto que diga que as gordinhas não podem participar. — A mãe dela faz uma expressão de desagrado ao ouvir a palavra e seca discretamente uma lágrima. — A única coisa que me impede de fazer isso é você, mãe.

A Sra. Michalchuk olha para o vasto banner do concurso pendurado sobre as portas do auditório e então para mamãe, que esboça um sorriso. O marido segura sua mão. Ela se vira para Millie e faz que sim com a cabeça.

Lado a lado, voltamos para o auditório, onde, obviamente, todas as outras garotas estavam de ouvido ligado na conversa. Algumas até se viram e dão sorrisos de encorajamento para Millie quando nos sentamos. Ellen segura minha mão, e depois a de Millie, que entrelaça os dedos com os de Amanda. Viro para o outro lado onde está Hannah, a palma para cima. Ela respira fundo antes de segurar minha mão.

Um vínculo mais poderoso do que qualquer coroa vibra entre nós cinco, e, pela primeira vez desde o começo do concurso, sei que sou eu que estou por cima.

Quando finalmente começamos a ensaiar, é a maior bagunça. Nenhuma de nós pratica os talentos. Não dá tempo. Callie escorrega na rampa durante o número de abertura. Todas nós erramos as deixas. Rolam tombos. Lágrimas. E até um ou outro machucado. No fim, sai tudo exatamente como eu já esperava.

Em casa, mamãe está jogada no sofá com uma garrafa de champanhe barato, como faz todos os anos. A essa altura, já não resta mais nada a fazer, e, mesmo que ainda falte alguma coisa, é tarde demais para se dar a esse trabalho: tudo que ela pode fazer é *deixar que a purpurina caia onde quiser* (palavras dela, não minhas).

Eu me sento à mesa da cozinha com uma caixa de papelão, alguns vidros de guache e um par de tesouras. Tenho que dar um jeito de criar um adereço para o número de abertura.

Não prestei a menor atenção ao tema sorteado, Cadillac Ranch, desde o dia do ensaio da coreografia. Normalmente eu acharia que um troço desses é pura frescura de concurso de beleza, mas até que é legal. Claro, o Texas tem mil pontos turísticos que todo mundo conhece de nome, mas também essas joias desconhecidas. Como as Luzes de Marfa, o Poço de Jacob, o Vale dos Dinossauros e até a escultura da Prada, que fica a algumas horas daqui. Acho que Cadillac Ranch se encaixa na categoria dos excêntricos. É a cara do Texas, mas, por outro lado, foge completamente ao estereótipo.

Cadillac Ranch é uma instalação de arte pública em Amarillo, composta por uma fileira de Cadillacs embicados ao lado da estrada. A pintura dos carangos já era há muito tempo, e por isso os visitantes são encorajados a soltar a imaginação com sprays de tinta. Pois é. Não faço a menor ideia de como criar um adereço decente que diga: “É óbvio que eu sou Cadillac Ranch.”

Mamãe entra na cozinha para pegar gelo — sim, ela toma champanhe com

uma pedra de gelo.

— Isso é para algum trabalho escolar? Você tem que descansar bastante hoje à noite, Dumplin’.

Ela vai me matar por não ter feito esse troço antes.

— É para o meu, hum, adereço do número de abertura.

Ela se senta ao meu lado.

— Ah, meu Deus.

Balanço a cabeça.

— Tudo bem — contemporiza ela. — A gente dá um jeito. — Mamãe dá uma olhadinha no papel com o tema. — Cadillac Ranch. — Fico só observando enquanto ela se levanta e pega um copo plástico no armário. Despeja um pouco de champanhe e o entrega a mim.

Pego o copo, mas não faço comentários. Não quero que ela mude de ideia por qualquer motivo.

— Você acha que a sua cintura passa por essa caixa?

Dou uma olhada nela por um segundo e tomo um gole de champanhe. Borbulha no meu peito.

— Acho que passa.

— Então dá um pulo na garagem e pega pra mim aquele rolo de elástico largo, a pistola de cola e a minha caixa com sprays de tinta.

Volto com os itens pedidos, e, em instantes, ela já está trabalhando na caixa, cortando-a com um estilete.

— Dumplin’, você vai ter o adereço mais espetacular daquele número de abertura.

Meu corpo inteiro vibra de satisfação, e dou outro gole no champanhe.

Algumas horas e uma garrafa depois, digo:

— Mãe?

— Sim, Dumplin’.

— Foi muito legal da sua parte deixar a Millie concorrer. Mesmo depois dela ter mentido.

Ela vira o copo num gole só.

— Millie é uma boa menina. Muito meiga. E tem um lindo sorriso.

Espero que ela diga algo sobre o tamanho de Millie e como está em desvantagem, mas ela se limita a abrir outra garrafa.

Pintamos em silêncio uma base branca no papelão, e, quando já está quase seca, sinto alguma coisa fria respingar no meu rosto. Passo o dedo na pele. Tinta.

— Ah, não, você não fez isso — digo, passando a tinta do dedo no nariz dela.

Começamos a soltar gargalhadas. Histéricas. Do tipo que a gente não consegue controlar. Do tipo que dói. Acho que estou bêbada. Mamãe certamente está. Mas estou me sentindo bem, e quem precisa dormir para ficar com uma cara boa quando se tem champanhe em casa?

Quando finalmente terminamos, à uma da manhã, saímos da cozinha deixando a mesa coberta de folhas de jornal manchadas de tinta e pedaços soltos de cartolina. Riot pula na mesa e fareja o projeto terminado. Seu rabo bate e desliza na maquete de cartolina coberta de tinta spray.

Experimento o adereço. Ele fica suspenso dos meus ombros por elásticos e vem até a cintura. É simplesmente ridículo. E simplesmente perfeito.

Antes de irmos dormir, abro a porta da sala. A rua está silenciosa e escura. Daqui de onde estou, a casa inteira parece cheia de novas possibilidades.

Mamãe apaga a luz do corredor atrás de mim. Fecho a porta e passo a tranca.

Já na cama, mando uma mensagem para Ellen com uma lista de todas as coisas que vou precisar para a apresentação do meu talento amanhã.

MAGNÍFICO, responde ela.

O champanhe que ainda corre pelas veias embala meu sono. É mesmo magnífico.



CINQUENTA E NOVE

ELLEN: Hoje é o dia do show, gente. HOJE É O DIA DO SHOW!!!

A mensagem de El é a primeira coisa que me faz sorrir. Mas acordo numa tremenda crise de insegurança. Será que a noite passada aconteceu mesmo? Olho para as mãos e vejo os pingos de tinta seca salpicados na pele.

Ainda faltam algumas horas até termos que sair, por isso tomo um banho bem demorado, daqueles que lavam até a alma, e enfio mil grampos no cabelo até conseguir montar uma espécie de penteado com os cachos caindo por cima da testa. Depois, passo esmalte roxo-escuro nas unhas com o maior capricho.

Abro o armário para ter certeza de que não esqueci nada do que vou precisar. Pendurado bem na frente e no centro está o vestido vermelho que mamãe comprou para mim. Levanto a capa de plástico e puxo a bainha, observando o brilho do tecido.

Mamãe bate à porta antes de entrar.

Fecho o armário.

Ela está toda maquiada, pronta para desempenhar o papel de apresentadora glamorosa por um dia.

— Está na hora. Vou te esperar no carro — avisa. Inclina a cabeça para o lado. — Seu cabelo... Está bonito. — E fecha a porta antes que eu possa agradecer.

Eu me sento na beira da cama por um momento. Pego a Bola 8 Mágica e dou uma boa sacudida.

É assim que tem que ser.

Abro a porta do armário.



O camarim está empesteado por uma névoa de laquê. Sério, sou obrigada a respirar pelo nariz, ou corro o risco de engolir vapores tóxicos. As bancadas estão repletas de itens de maquiagem, flores, ursinhos de pelúcia, potes de vaselina e bebidas energéticas.

As misses ensaiam os talentos. Cantando baixinho enquanto aplicam batom. Contando os passos da coreografia enquanto passam laquê no cabelo. Recitando monólogos enquanto põem rímel nos cílios.

Mal tenho tempo para absorver tudo isso. Vejo Millie nos fundos do camarim. O cabelo da garota. Está enorme! Tão enorme que até poderia servir de dublê da Rapunzel. Falando sério, ela deve ter ganhado uns quinze centímetros de altura, sem contar os saltos. Ela sorri e acena para mim.

Diante do espelho estão um singelo buquê de girassóis embrulhado em papel celofane amarrado com um barbante rústico, uma solitária rosa vermelha e uma garrafa de cidra.

Pego o cartão enfiado no buquê.

Toda a sorte do mundo! — Bo & Loraine

Colado ao caule da rosa está um Post-it que diz:

xoxo mamãe

Por fim, abro o envelope preso à garrafa de cidra.

Queria te dar da autêntica, mas o Dale disse que não. Desmancha-prazeres. Quebra tudo, garota! Um beijo, Lee (& Dale)

Gostaria que Lucy estivesse aqui. Não para me ver concorrer, mas para ver *isso*. Porque sinto que esse momento é tão dela quanto meu.

Mal acabo de me maquiar, a Sra. Clawson abre a porta e avisa:

— Dez minutos, senhoritas!

Ellen senta ao meu lado, celular na mão. Dois círculos perfeitos de blush colorem suas faces, mas o batom vermelhão manchou os dentes da frente.

— Tim — diz ela. — O idiota está com intoxicação alimentar. É, Will, fiquei sem acompanhante!

Esse concurso já me parecia uma causa tão perdida desde o começo, que nem me lembrei de ficar preocupada com o fato de não ter um acompanhante.

— Eu também.

El está respirando muito depressa. Já tinha me esquecido de como essas coisas a deixam nervosa.

— Mas tudo bem — digo. — Não se preocupe com os acompanhantes, tá? — Em voz mais baixa, acrescento: — Você e eu podemos ser as acompanhantes uma da outra. É assim que deveria ser mesmo, não é?

Ela morde o lábio inferior por um momento antes de concordar.

— Cinco minutos! — avisa a Sra. Clawson. — Hora de fazer fila, senhoritas.

Se há um Deus lá em cima, tenho certeza de que pôs os olhos em mim e em Ellen quando estávamos na fila dos embriões e disse: *Esses dois.* Dickson. Dryver. Não poderia ser mais perfeito.

Formamos uma fila por ordem alfabética nos bastidores, esperando nossas deixas. O tema sorteado por El foi o Dallas Cowboys, por isso ela está segurando um par de pompons azuis e prateados e usando um chapéu de caubói nas mesmas cores do time. E eu estou com meu Cadillac pendurado nos ombros. Estamos apertando a mão uma da outra com tanta força, que as coitadas chegam a estar brancas, sem circulação.

Tento me lembrar da coreografia que ensaiamos um milhão de vezes, mas de repente me deu um branco total. É como se a minha cabeça estivesse perdida no meio de um labirinto, e eu à procura de uma sombra.

Bekah Cotter estende um pote de vaselina para El.

— Passa nos dentes e nas gengivas — instrui. — Ajuda a sorrir.

El e eu nos entreolhamos e damos de ombros, antes de enfiar os dedos no pote e lambuzar os sorrisos de vaselina. O gosto é nojento.

— Obrigada — agradeço a Bekah.

Mallory está à nossa frente, usando fones de ouvido pretos.

— Vão, vão, vão!

Passamos correndo por ela, e, no instante em que as luzes se acendem sobre mim, a lembrança volta. Rodamos em círculos, de modo que cada candidata tem dois segundos e meio para dizer o nome.

A música termina e as luzes se apagam. Não consigo nem assimilar as coisas, de tão depressa que tudo acontece. É como se a vida tivesse virado um filme acelerado e todo mundo falasse com vozinha de duende.

Em seguida, vem a exibição dos trajes de banho.

Nem tinha me ocorrido que eu não contaria com a menor privacidade para vestir o maiô. Mas cá estamos nós, e privacidade que é bom, neca. Tiro as roupas da maneira mais estratégica possível, com o maiô parado na altura das coxas e a saia enrolada em volta da cintura. Por um momento, eu me permito dar uma olhada no camarim. E descubro que sou a única idiota que está espionando em vez de cuidar da própria vida. Vou ser totalmente honesta e dizer que peito por aqui é o que não falta, mas ninguém está dando a mínima.

Enfrento a situação e tiro a blusa. Depois de me sacudir toda para puxar o resto do maiô até em cima, ponho no alto da cabeça os óculos vermelhos em formato de coração que Bo me deu há meses. Já nem me lembrava mais deles, até a semana passada, quando resolvi dar uma limpa no armário.

Formamos filas nos bastidores, enquanto a Sra. Clawson nos vistoria, andando de uma ponta à outra, passando um jato de laquê nos nossos traseiros.

— Os maiôs não podem entrar no bumbum — explica.

Fico assistindo enquanto El vai para o palco. Sei que por dentro ela está morta de medo, mas esbanja segurança exibindo um biquíni verde e um par de espadrilles.

Sei também que não deveria, mas dou uma olhada nas minhas sandálias pretas e no maiô vermelho esticado por cima da barriga redonda. Mas não é nem isso que me incomoda mais.

Todo mundo tem alguma parte do corpo que não suporta. Eu até poderia sair por uma tangente e dizer que detesto o corpo inteiro, mas o que não suporto mesmo são as coxas. Coxonas de potranca, pernil de Natal, o nome que você quiser dar. Minhas pernas nem parecem pernas. A barriga eu tiro de letra, mas, nos raros momentos em que passo diante do espelho sem nada por cima da pele, só consigo ver dois barris de celulite que me carregam de um canto para o outro e ficam se roçando, criando uma assadura simplesmente infernal.

A Sra. Clawson bate no meu ombro, avisando que é a minha vez.

Respiro fundo e sorrio. *Sorria, Dumplin'*, escuto mamãe dizer.

Posso até estar me sentindo constrangida, mas me recuso a me sentir envergonhada.

Talvez seja porque não dá para ver a plateia. Ou talvez porque ninguém esteja gritando para eu sair do palco. O fato é que minhas coxas sobrevivem ao seu momento sob os refletores. Não fujo correndo como fiz naquele dia, na piscina. Ninguém me vaia. O mundo não acaba. A plateia não fica cega.

Há algo no biquíni que faz com que as mulheres achem que precisam *conquistar* o direito de usá-lo. E isso é um absurdo. Na verdade, o critério é muito simples: você tem um corpo, não tem? Então veste um e manda ver!

Amanda está esperando por mim nos bastidores.

— Você arrasou!

Aperto seu braço.

— Obrigada. Está pronta para a exibição de futebol?

Ela faz que sim. Seu rosto fica cor-de-rosa.

— Eu entrei no time de futebol — anuncia.

— É mesmo?

Ela abre um sorriso.

— Imaginei que, se poderia sobreviver ao concurso, também poderia entrar no time, mesmo mancando.

— Isso é incrível — digo a ela, enquanto Ellen vem ficar ao nosso lado.

Dos bastidores, observamos Millie, que entra no palco exibindo um maiô xadrez com um saiote e um par de saltos anabela. Está usando óculos de sol enormes e batom vermelho-cheguei, e até carrega uma bola de praia colorida debaixo do braço.

— Meu Deus — sussurra Ellen. — Ela nasceu para isso. Tem uma miss dentro daquela gordinha fofa.

Um sorriso lento e satisfeito se abre no meu rosto, e respondo:

— Não. Aquela gordinha fofa *é* uma miss.

SESSENTA



— Argh, mas que bela porcaria! — Meu crânio parece ter sido massacrado por um processador de alimentos. — Será que todas as perucas machucam tanto assim?

— É que essa deve ser um pouco pequena — explica Ellen. — Só pode. Eu peguei a única que encontrei no quarto da minha mãe.

El e eu nos apropriamos do banheirinho nos bastidores para eu poder me preparar para a prova de talentos. O cabelo dela está dividido em duas tranças, e ela conseguiu dar um jeito de se enfiar no traje que usava para sapatear no sétimo ano. (Embora a mãe tenha tido que costurar um pedaço de elástico na cintura.)

— Tudo bem, tudo bem. — Inspiro profundamente, tentando acalmar a tensão nessa minha cabecinha oca, e fecho os olhos. — Enfia logo a peruca.

Ellen veste a peruca loura na minha cabeça.

— Pronto — diz, depois de pôr o último grampo. — Entrou. Dá uma olhada.

Levanto a cabeça. No espelho, Dolly Parton olha para mim. Uma Dolly Parton gorda e adolescente.

— Ah, meu Deus! — exclama El. — Acho que você deve ser o meu animal de poder.



Espero nos bastidores do outro lado do palco, enquanto ela sapateia alguns compassos atrasada em relação à música, sem parar um instante de revirar os olhos. Se eu não estivesse tão nervosa, choraria de rir.

Tivemos o cuidado de nos esconder do outro lado para que ninguém me visse. Principalmente mamãe, a Sra. Clawson ou Mallory.

A música de El acaba alguns segundos antes de ela dar a coreografia por encerrada, então finalmente termina e faz uma reverência antes de correr para os bastidores.

— Mandou bem — diz. — Você vai bombar.

Pagamos vinte pratas ao cara da sonoplastia para ser nosso cúmplice.

— Fechado — disse ele. — Grana pra cervejinha.

Mamãe sai dos bastidores que ficam mais perto do auditório, do outro lado do palco.

— Foi maravilhoso, Ellen. E que malhação deve ser! — A plateia ri baixinho. — Agora, Willowdean Dickson apresentará um número de ilusionismo para nós.

Ah, sim, conseguir enfiar aquela peruca na minha cabeça foi mesmo um número de ilusionismo impressionante.

Entro no palco e vou para baixo dos refletores, as botas ecoando no chão. Minha sombra em formato de poncho franjado de camurça se estende para além da poça de luz.

Mamãe fica na boca do palco, segurando o microfone. Com os olhos

arregalados, o corpo retesado de tensão.

A música começa. São aqueles primeiros acordes que todo mundo no auditório já conhece tão bem. Dá para ver os jurados cochichando entre si na mesa com as luminárias cintilando.

Eu me viro para mamãe e levo à boca o microfone de brinquedo. A voz da Dolly canta "Jolene, Jolene, Jolene, Jolene, I'm begging of you, please don't take my man".* Mexo os lábios junto com cada palavra.

* "Jolene, Jolene, Jolene, Jolene, estou lhe implorando, por favor, não roube meu homem." (N. T.)

Fecho os olhos e revejo cada momento em que ouvi essa música. Viajando de carro pela estrada, com mamãe, Lucy e vovó, as janelas abertas, nós quatro arrastando as mãos pelo vento. Sentada no quarto de Lucy, enquanto "Jolene" jorrava do toca-discos. Deitada nos azulejos frios da cozinha de El enquanto a mãe dela cantarolava e preparava uma macarronada. No serviço religioso de Lucy. Na caminhonete de Bo. Na The Hideaway, vendo Lee se apresentar. Aqui, neste palco.

Canto "Jolene", e talvez seja minha imaginação, mas ouço algumas vozes na plateia cantando junto comigo. É o tipo de hino que ultrapassa todas as fronteiras, idiomas e religiões. *É "Jolene"*.

A música termina, e a plateia aplaude. Por um segundo, chego a ter a impressão de ouvir um *oinc!*, mas é logo abafado pelos aplausos.

No instante em que saio do palco, mamãe me segura pelo braço.

— O que foi isso? — Mas não tenho tempo de responder, porque ela já está correndo para anunciar a próxima candidata. — Bem, não foi uma surpresa? — vibra sua voz para a plateia.

Passo por Callie a caminho do camarim.

— Você sabe que vão te desclassificar por não apresentar o talento aprovado, não sabe?

— Valeu a pena — respondo, sem me dar ao trabalho de parar.

No camarim, desabo ao lado de Ellen. Ainda temos um tempinho enquanto as outras terminam de se apresentar.

Hannah passa por mim ao sair. Levanta a mão para me dar um toca aqui, sem dizer uma palavra.

Quando as apresentações terminam, há um intervalo antes da prova dos trajes de gala. Ajudo Ellen a pôr o vestido — um modelo frente única em tom coral, bordado com strass. Ela dá uma ajeitada no meu cabelo depois do estrago feito pela touca da peruca.

A Sra. Clawson enfia a cabeça pela porta e diz:

— Até agora, tudo dentro do esquema, senhoritas! Dez minutos! Willowdean, sua mãe quer dar uma palavra com você.

Sinto o rosto ficar vermelho. Algumas garotas fazem *oooooh* enquanto sigo a Sra. Clawson até o camarim privado de mamãe.

Bato à porta e, antes mesmo de afastar o punho, ela já abriu.

— Eu sabia que você ia aprontar alguma — diz, balançando a cabeça.

— Não, mãe, não foi nada disso. Não planejei nada. — Bem, pelo menos não até ontem.

Ela está segurando o vestido do concurso ao redor do peito.

— Você está desclassificada — avisa. — Não podemos permitir que chegue às finais. Não seria justo.

— Eu nunca venceria mesmo — respondo. — Mas por que não posso só subir no palco e dar uma andada?

— Simplesmente porque você infringiu as regras. Estou usando os mesmos parâmetros que usaria para qualquer candidata. Sinto muito, mas sua participação se encerra aqui.

Sei que é uma idiotice. Uma tremenda idiotice. Mas parte de mim está devastada por não chegar às finais. Depois de tudo que aconteceu, e faltando menos de uma hora para esse troço terminar. Mas não me sinto surpresa. Ou não deveria me sentir, pelo menos. Sabia que o que estava prestes a fazer seria punido com a desclassificação, mas, lá no fundo, contava que mamãe livrasse a minha cara.

Ela se vira de costas.

— Quer puxar o zíper?

O bendito não chega a emperrar tanto quanto da última vez, mas...

— Mãe, não consigo puxar mais do que isso — afirmo, categórica. Ainda estão faltando uns dez centímetros, mesmo que eu puxe com toda força. Mas o troço não sobe um milímetro. Fato.

Ela vira a cabeça e dá uma olhada no espelho.

— Não é possível. Não, não. Eu experimentei dias atrás. Tenho feito religiosamente as aulas de *Pileites* e de transport. — Acho que ela está prestes a ter uma crise nervosa, e, se isso acontecer, o concurso inteiro vai por água abaixo.

— Calma — peço a ela. — Nós vamos dar um jeito.

— Dois minutos! — avisa a Sra. Clawson do outro lado da porta.

Gotas de suor brotam nas têmporas de mamãe.

— Fica aqui. — E saio correndo. Sigo desesperada pelo palco até a oficina onde são feitos os cenários.

Serras. Furadeiras. Pregos. Martelos. Parafusos. Chaves inglesas. Alicates. Vou enchendo os braços com tudo que possa servir.

Quando corro de volta ao camarim, encontro mamãe à beira de um ataque de nervos.

— Dumplin’, eu tenho que entrar neste vestido. Eu uso todos os anos desde que venci. As pessoas estão esperando me ver com ele. É uma tradição.

— Vira de costas. — Jogo todas as ferramentas na bancada.

— Todo mundo vai notar. — Ela já está à beira das lágrimas.

— Não, não chora. Caber no vestido você não vai. Tá impossível.

Ela solta um gemido.

— Mas isso não significa que a gente não possa criar a ilusão.

Pego dois grampos gigantes que vi os técnicos carregarem nas bermudas, meio parecidos com aquelas pinças dos cabeleireiros. Eles usam esses troços para quebrar mil galhos, tipo prender fios ou juntar pedaços de madeira enquanto a cola seca.

— Olha só, mãe. Você não pode se virar no palco, entendeu? Tem que ficar paradinha no mesmo lugar.

Ela faz que sim.

Prendo um dos grampos atrás do bustiê e ponho o vestido por baixo dele. E faço o mesmo com o outro lado.

Sua respiração se tranquiliza por um momento quando ela nota a diferença no espelho.

— Está vendo? Ficou ótimo.

Ela respira fundo e coloca a coroa sobre o penteado impecável.

— Perfeito, Dumplin'. — Ela se vira para mim, a expressão hesitante. — Você detesta esse apelido, não detesta?

Sorrio.

— Não tanto quanto no passado.

— Posso parar de te chamar...

— Não. Acho que já o assumi. — Às vezes, descobrir quem você é implica entender que o ser humano é um mosaico de experiências. Eu sou Dumplin'. Will e Willowdean. Gorda. Feliz. Insegura. Corajosa.

— A cortina vai subir! — avisa a Sra. Clawson.

Mamãe se vira para o espelho mais uma vez.

— Obrigada, obrigada, obrigada. Eu te amo, Willowdean. — Ela pressiona os lábios vermelhos na minha testa. — Minha doce Dumplin'. — Sai correndo pela porta, e, quando anuncia as primeiras candidatas e seus acompanhantes, corro para o camarim.

Debaixo da bancada está minha mochila, e enrolado dentro dela o vestido vermelho que mamãe comprou para mim. Aplico uma segunda camada de batom e coloco o vestido pela cabeça. Calço os sapatos e ajeito as tiras nos calcanhares. Tentando puxar o zíper no caminho, corro até Ellen, que está esperando na fila, atrás da Callie.

— Puxa meu zíper? — peço, ofegante.

Ela faz isso sem hesitar.

— Você está linda.

Sorrio, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Eu sei.

— Ellen — diz Mallory, observando sua prancheta. — Onde está o seu acompanhante? — Ela se vira para mim. — E Will, você está descla...

— Sou eu a acompanhante dela.

— Ellen Dryver — chama mamãe do palco.

Mallory arregala os olhos quando dou o braço a Ellen e entramos juntas.

— E acompanhando Ellen está Timothy...

Avançamos rebolando pela rampa até a frente. Caminho pondo um pé adiante do outro, como Lee ensinou.

A boca da mamãe está aberta, mas então se curva num sorriso amarelo.

— E, acompanhando Ellen, está Willowdean Dickson.

Solto o braço de Ellen para que ela dê uma voltinha na beira do palco, e depois voltamos para os bastidores.

Assistimos juntas às outras candidatas. Amanda com o irmão mais velho. As botas ortopédicas estão enfeitadas com uma renda igual à do vestido — ideia da Millie, é claro. Malik atravessa o palco de braços dados com Millie como um perfeito cavalheiro. E, naturalmente, Hannah. Acompanhada por Courtney Gans. Courtney é um desses nomes geniais que podem ser de homem, mas nesse caso

não é. A acompanhante de Hannah, que imagino ser de outra cidade, pois nunca a vi antes, usa o cabelo louro penteado para trás e preso num coque bem-feito. Que complementa muito bem seu smoking estruturado. E, o melhor de tudo, Hannah, com um longo preto de alcinhas, coturnos e sem uma gota de maquiagem, não está infringindo nenhuma regra.

Todas nós caminhamos rebolando, as passadas com os dedos dos pés jogando os quadris de um lado para o outro, como Lee nos ensinou.

Hannah sai do palco pela direita, onde já esperamos por ela. Courtney dá um beijo no seu rosto antes de dizer:

— Te vejo lá fora mais tarde.

Assim que Courtney se afasta, Ellen solta uma gargalhada e bate nas costas de Hannah.

— Você é diabólica, hein?

Está escuro, portanto não dá para saber, mas tenho certeza quase absoluta de que Hannah fica vermelha.

Continuo nos bastidores, vendo o resto do concurso. Assisto à sessão de Perguntas & Respostas, e algumas candidatas me surpreendem com tiradas quase filosóficas, enquanto outras gaguejam. Amanda conta uma piada com um trocadilho simplesmente infame, que mata os jurados de rir. Millie encanta a todos com sua risada contagiante. Hannah é irônica como sempre, mas deixa a plateia profundamente pensativa.

Donna Lufkin deixou os tamancos de jardinagem em casa. Está usando um macacão colante cor de ameixa e espera nos bastidores à minha frente, montando guarda à coroa.

Mamãe continua parada no mesmo ponto debaixo dos refletores, sem se mover, como se estivesse com torcicolo. Ela está linda. E não só vista de frente. Mesmo com todos aqueles grampos segurando o vestido nas costas, ela está maravilhosa.

Este momento. É a representação mais verdadeira da minha mãe que eu já vi. Acho que, às vezes, a perfeição que vemos nos outros é feita de mil pequenas imperfeições, porque tem dias em que a porcaria do zíper do vestido não sobe de jeito nenhum.

SESSENTA E UM

Fico tempo bastante para saber que Millie — a nossa Millicent! — é a segunda colocada. Ela segura o buquê de rosas e dá um aceno perfeito de miss. Mas não fico para a coroação da vencedora. Nem preciso.

Quando estou indo para o foyer com a garrafa de cidra que ganhei de Lee e Dale, vejo Mitch com um grupo de caras do time. Eles venceram a partida da semana passada, por isso vão participar do estadual no Dia de Ação de Graças.

Patrick Thomas é o primeiro que me nota.

— Amarelou? — diz para me zoar. — Não aguentou a pressão?

Mitch balança a cabeça, com uma expressão resignada.

— Não foi ela que...

Levanto a mão para interrompê-lo.

— Ninguém acha a menor graça em você, Patrick. Será que é tão difícil perceber? Ninguém está rindo. Nem mesmo seus amigos.

Patrick franze o cenho por um segundo, e então dá de ombros antes de se virar.

Mitch balança a cabeça uma vez. Demoro mais um momento, esboçando um sorriso.

A plateia no auditório irrompe em aplausos no instante em que me viro para ir embora.

Caminho os três quarteirões com o vestido e os saltos altos. Adoro este meu vestido. Quero sempre olhar para ele pendurado no armário e me lembrar desta noite de novembro em que fiquei sob os meus próprios refletores. O vento me empurra, ondulando o tecido, enquanto avanço pelas ruas da minha cidadezinha.

O sininho tilinta acima da minha cabeça quando abro a porta e deparo com o Harpy’s ocupado pelas dez pessoas de Clover City que não compareceram ao concurso.

— Uau — diz Marcus, entregando o recibo a um cliente. — Está parecendo outra mulher, Will.

Ao ouvir meu nome, Bo contorna o balcão com um pirulito de cereja pendurado na boca manchada de vermelho.

Coloco a garrafa de cidra no balcão.

Ele desamarra o avental do pescoço e o deixa pendurado na cintura. Seus lábios se curvam num largo sorriso.

— Willowdean — diz.

Suspiro.

AGRADECIMENTOS

Sou uma mulher de sorte. Acordo todos os dias e faço aquilo que amo e em que acredito. Não estaria nesta posição sem o apoio e a orientação de várias pessoas maravilhosas.

Alessandra Balzer, você é o tipo de editora com quem os escritores sonham em trabalhar, e eu agradeço todos os dias pelo fato de que esta tem sido minha realidade. Obrigada por investir na Willowdean e por saber o que eu queria dizer antes mesmo que eu soubesse como fazer isso.

Molly Jaffa, acredito sinceramente que você moveria uma montanha por mim, se pudesse. Obrigada por manter minha vida em movimento, e por aquele empurrãozinho extra no livro quando eu estava me sentindo meio desesperada. Você é minha agente e amiga, e sou grata por ambas as coisas.

Caroline Sun, você é a feiticeira que fica escondida nos bastidores. Obrigada por tudo que faz.

À equipe de marketing da The School & Library (Patty Rosati e Molly Motch!), sou eternamente grata por ter todos vocês na minha equipe.

Aurora Parlagreco e Alison Donalty, eu não poderia ter desejado uma capa mais perfeita. Minha paixão por seu design é maior do que eu posso expressar. Ruiko Tokunaga, agradeço por fazer uma capa perfeitamente táctil.

Há muitas pessoas na Balzer+Bray/HarperCollins/Epic Reads/HCC Frenzy a quem devo um mundo de gratidão: Susan Katz, Kate Jackson, Andrea Pappenheimer, Kerry Moynagh, Heather Doss, Donna Bray, Kelsey Murphy, Nellie Kurtzman, Booki Vivat, Margot Wood, Alexei Esikoff, Suman Seewat, Aubry Parks-Fried, Jennifer Sheridan, Kathy Faber e todos aqueles de que posso ter me esquecido (porque tenho certeza de que me esqueci!), sua bondade e fé no meu trabalho foram inestimáveis. É uma honra trabalhar com seres humanos tão dedicados.

Jessica Taylor, por sempre me ler e por me deixar mostrar meu lado mais íntimo e terrível. Haja cupcakes!

Jeramey Kraatz, obrigada por sempre ser meu cúmplice e por viajar a outro estado comigo para ver Dolly Parton — um dia de que nunca vou me esquecer.

Natalie Parker, é claro que sou grata por sua honestidade e senso de justiça, mas principalmente por sua amizade e por sempre me deixar ir com você aos lugares sem ser convidada.

Corey Whaley, obrigada por todas as horas passadas lendo no Skype e conversando sobre tudo em geral e nada em particular.

Tessa Gratton, por me tirar do buraco negro do segundo livro e por passar duas semanas comigo dentro de um carro e ainda me amar no fim.

Kristin Treviño (e todo mundo na Irving Public Library!), tudo que vocês fazem é incrível, e sou muito grata por todas as oportunidades que tive de participar.

Jenny Martin, a querida amiga de minha cidade natal. Obrigada por sempre

torcer por mim.

Como disse Joe Cocker: *I get by with a little help from my friends*. Katie Cotugno, Adam Silvera, Bethany Hagen, Jennifer Mathieu, Kristin Rae, Sarah Combs, Christa Desir, Michelle Krys, Amy Tintera, Kari Olson, Jen Bigheart, Caron Ervin, Preeti Chhibber, Stef Hoffman, Courtney Stevens, Ashley Meredith, John Stickney, Hayley Harris, Jeffrey Komaromi e Asher Richardson. Todos os blogueiros, bibliotecários, professores e leitores. Minha comunidade Lone Star, OneFourKidLit, #Lufkin6, The Fourteenery e The Hanging Garden. Obrigada a todos vocês.

Mamãe, papai e Jill, obrigada por sempre serem meu lar e por acreditarem em mim e nos meus sonhos mais loucos.

A Dolly Parton, por nunca se desculpar por ser quem é e por todos os sucessos que grava. A sua música era o combustível que faltava a este livro.

A Ian, por sempre me amar.

Aos jovens gordos, magros, altos, baixos, e todos que ficam entre um extremo e o outro: ainda bem que não há gente exatamente igual. O mundo seria extremamente tedioso.



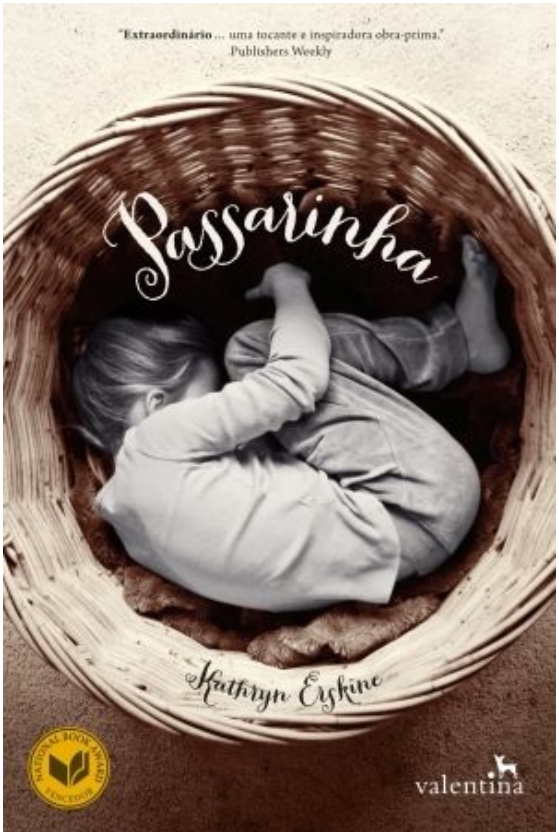
JULIE MURPHY

Vive no norte do Texas com o marido que a ama, o cachorro que a adora e os gatos que a toleram. Quando não está recordando deliciosos momentos de sua vida como bibliotecária, escrevendo ou mesmo tentando recolher animais abandonados, Julie pode ser encontrada assistindo a filmes feitos para a TV, caçando a perfeita fatia de pizza caprichada no queijo e planejando sua próxima grande aventura turística. Após abandonar a profissão de bibliotecária (quanta saudade!), Julie agora é escritora em tempo integral. Seu aclamado romance de estreia se chama *Side Effects May Vary*.
Visite Julie em juliemurphywrites.com

Sumário

Créditos
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Dois meses depois
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três

Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um
Agradecimentos
Julie Murphy


"Extraordinário ... uma tocante e inspiradora obra-prima."
Publishers Weekly
Passarinha
Kathryn Erskine
valentina

Passarinha

Erskine, Kathryn
9788565859141
180 páginas

Compre agora e leia

No mundo de Caitlin, tudo é preto e branco. Qualquer coisa entre um e outro dá uma baita sensação de recreio no estômago e a obriga a fazer bicho de pelúcia. É isso que seu irmão, Devon, sempre tentou explicar às pessoas. Mas agora, depois do dia em que a vida desmoronou, seu pai, devastado, chora muito sem saber ao certo como lidar com isso. Ela quer ajudar o pai - a si mesma e todos a sua volta -, mas, sendo uma menina de dez anos de idade, autista, portadora da Síndrome de Asperger, ela não sabe como captar o sentido.

Caitlin, que não gosta de olhar para a pessoa nem que invadam seu espaço pessoal, se volta, então, para os livros e dicionários, que considera fáceis por estarem repletos de fatos, preto no branco. Após ler a definição da palavra desfecho, tem certeza de que é exatamente disso que ela e seu pai precisam. E Caitlin está determinada a consegui-lo. Seguindo o conselho do irmão, ela decide trabalhar nisso, o que a leva a descobrir que nem tudo é realmente preto e branco, afinal, o mundo é cheio de cores, confuso mas belo.

Um livro sobre compreender uns aos outros, repleto de empatia, com um desfecho comovente e encantador que levará o leitor às lágrimas e dará aos jovens um precioso vislumbre do mundo todo especial dessa menina extraordinária.

* VENCEDOR do National Book Award, 2010
* FINALISTA do Redbridge Children's Book Award (Reino Unido), 2012
* FINALISTA do UKLA Award (Associação Literária do Reino Unido), 2012
* VENCEDOR do International Reading Association Award, 2011
* VENCEDOR do Crystal Kite Award, 2011
* HONRA AO MÉRITO do Golden Kite Award, 2011
* VENCEDOR do Southern Independent Booksellers Award, 2011
* OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS da American Library Association's, 2011
* MELHOR ROMANCE PARA JOVENS da American Library Association's, 2011
* OBRA EXTRAORDINÁRIA no Bank Street Best Children's Books, 2011
* OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, Capitol Choices, 2011
* VENCEDOR do Dolly Gray Children's Literature Award, 2012

Compre agora e leia


Fernanda Belém
As Quatro Estações do Amor
Ah, o verão!
Misture as praias de Búzios, novas amizades,
noites estreladas e muita azaruja.
Nessas férias, o que não vai faltar é beijo na boca!
valentina

Ah, o verão!

Belém, Fernanda
9788565859196
230 páginas

Compre agora e leia

Misture as praias de Búzios, novas amizades, noites estreladas e muita azaração. Nessas férias, o que não vai faltar é beijo na boca!

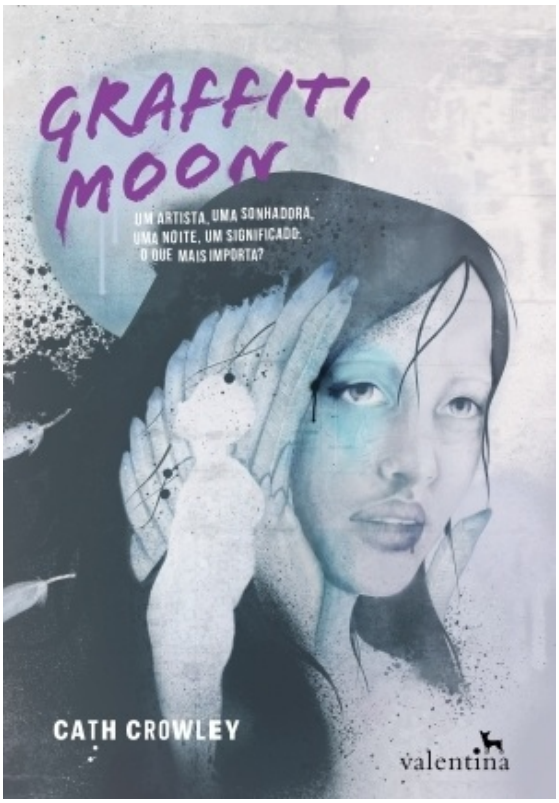
Uhuuu! Enfim, férias! Camila (ou Mila para os íntimos) estava preparada para curtir com as amigas o verão carioca. Festinhas, clube, praia, noitadas, churrascos... ufa! E Mila também não queria perder a oportunidade de se aproximar e conhecer melhor Rafael, o menino com quem tanto sonhava. Mas como na vida nem tudo são flores, a mãe de Camila já havia bolado outra ideia para o mês de janeiro: viajar. O destino? Búzios.

Além de não poder colocar em prática o plano arquitetado para conquistar o coração do Rafa, Mila também teria de conviver com Juliana, uma menina que era o oposto de todas as amigas do seu grupo. Arrasada, partiu para Búzios (fazer o quê?) acreditando que aquelas férias seriam as piores da sua vida. Ela só não imaginava que...

Que onda aquele verão reservava para ela? Novas amizades, calor, praia, gargalhadas, micos homéricos e muitos, muitos frios na barriga e arrepios no pescoço. Quem nunca viveu um amor de verão descobrirá com a Camila como é passar por essa experiência que dá uma vontade danada de viver de férias para sempre. Quem sabe como é, com certeza terá um prazer enorme em relembrar aquele pôr-do-sol e as noites estreladas de um verão inesquecível.

Três amigas, dois corações apaixonados e um romance inesquecível. Ah, o verão promete!

Compre agora e leia


GRAFFITI MOON
UM ARTISTA, UMA SONHADORA.
UMA NOITE, UM SIGNIFICADO.
O QUE MAIS IMPORTA?
CATH CROWLEY
valentina

Graffiti Moon

Crowley, Cath
9788565859271
215 páginas

Compre agora e leia

O ano letivo acabou, aliás, o último ano do ensino médio. Lucy planejou a maneira perfeita de comemorar: essa noite, finalmente, ela encontrará o Sombra, o genial e misterioso grafiteiro, cujo fantástico trabalho se encontra espalhado por toda a cidade. Ele está de spray na mão, escondido em algum lugar, espalhando cor, desenhando pássaros e o azul do céu na noite. E Lucy sabe que um artista como o Sombra é alguém por quem ela pode se apaixonar — se apaixonar de verdade.

A última pessoa com quem Lucy quer passar essa noite é o Ed, o cara que ela tem tentado evitar desde que deu um soco no nariz dele no encontro mais estranho de sua vida.

Mas quando Ed conta para Lucy que sabe onde achar o Sombra, os dois de repente se juntam numa busca frenética aos lugares onde sua arte, repleta de tristeza e fuga, reverbera nos muros da cidade. Mas Lucy não consegue ver o que está bem diante dos seus olhos.

Uma aventura emocionante e perigosa como um grafite clandestino. Uma noite de arte e poesia, humor e autodescoberta, expectativa e risco e, quem sabe, amor verdadeiro.

Compre agora e leia


MINHA VIDA MORA AO LADO
UM GAROTO.
UM VERÃO.
UM SEGREDO.
UMA DECISÃO.
Huntley Fitzpatrick
valentina

Minha vida mora ao lado

Fitzpatrick, Huntley
9788565859714
328 páginas

Compre agora e leia

"Minha mãe nunca ficou sabendo de uma coisa, algo que ela reprovaria radicalmente: eu observava os Garrett. O tempo todo."

Os Garrett são tudo que os Reed não são. Barulhentos, caóticos e afetuosos. São de verdade. E, todos os dias, de seu cantinho no telhado, Samantha sonha ser uma deles, ser da família. Até que, numa noite de verão, Jase Garrett vai até lá e...

Quanto mais os adolescentes se aproximam, mais real esse amor genuíno vai se tornando. Contudo, precisam aprender a lidar com as estranhezas e maravilhas do primeiro amor. A família de Jase acolhe Samantha, apesar dela ter que esconder o namorado da própria mãe.

Até que algo terrível acontece, o mundo de Samantha desmorona e ela é repentinamente forçada a tomar uma decisão quase impossível, porém definitiva. A qual família recorrer? Ou, quem sabe, Sam já é madura o bastante para assumir suas próprias escolhas? Será que está pronta para abraçar a vida e encarar desafios?

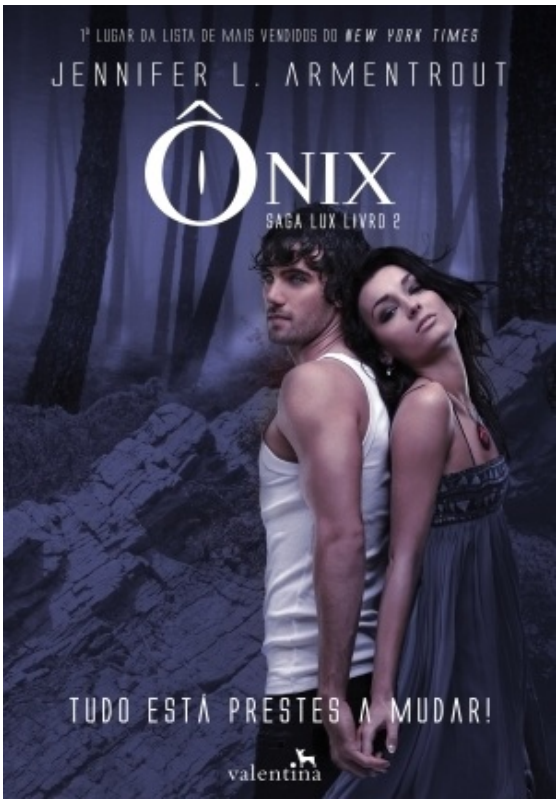
Quem você estaria disposto a sacrificar pela coisa certa a se fazer? O que você estaria disposto a sacrificar pela verdade?

É um livro encantador sobre a família, o amadurecimento, a lealdade, o primeiro amor e, principalmente, sobre como ser sincero com alguém que amamos demais sem trair grandes verdades. Cada escolha uma renúncia. Cada escolha uma consequência: bem-vindos à vida!

Melhor Romance Juvenil pela YALSA (Young Adult Library Services Association)

Finalista do Prêmio RITA (Romance de Estreia)

Compre agora e leia


1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES
JENNIFER L. ARMENTROUT
ÔNIX
SAGA LUX LIVRO 2
TUDO ESTÁ PRESTES A MUDAR!
valentina

Ônix

L., Armentrout, Jennifer
9788565859905
416 páginas

Compre agora e leia

Tudo está prestes a mudar!
Estar conectada a ele é uma droga!
Graças ao seu abracadabra alienígena, Daemon está determinado a provar que o que sente por mim é mais do que um efeito colateral da nossa bizarra conexão. Em vista disso, fui obrigada a dar um "chega pra lá" nele, ainda que ultimamente nossa relação esteja... esquentando.
Algo pior do que os Arum ronda a cidade.
O Departamento de Defesa está aqui. Se eles descobrirem o que o Daemon pode fazer e que nós estamos conectados, vou me ferrar. Ele também. Além disso, tem um garoto novo na escola que, tal como a gente, guarda um segredo. Ele sabe o que aconteceu comigo e pode ajudar, mas, para fazer isso, preciso mentir para o Daemon e ficar longe dele. Como se isso fosse possível!
Até que, de repente, tudo muda.
Vi alguém que não deveria estar vivo. E tenho que contar ao Daemon, mesmo sabendo que ele não vai parar de investigar até descobrir toda a verdade.
Ninguém é o que parece ser. E nem todo mundo irá sobreviver às mentiras.

Compre agora e leia